

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA DIAS ANTONIO

**O SENSACIONALISMO NO JORNAL *ULTIMA HORA*-RJ: SINAIS E ÍCONES DO
ESQUADRÃO DA MORTE (1968-1969)**

CURITIBA
2017

MARIANA DIAS ANTONIO

**O SENSACIONALISMO NO JORNAL *ULTIMA HORA*-RJ: SINAIS E ÍCONES DO
ESQUADRÃO DA MORTE (1968-1969)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em História no programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Paraná, na Linha de Pesquisa Cultura e Poder.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Plaza Pinto

CURITIBA
2017

Catálogo na publicação
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Antonio, Mariana Dias

O sensacionalismo no jornal Última Hora-RJ : sinais e ícones do Esquadrão da Morte (1968-1969). - Curitiba, 2017.
269 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Plaza Pinto.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas. Universidade Federal do Paraná.

1. Esquadrão da morte. 2 . Fotografia 3 . História Cultural – Brasil. 4 .
Jornalismo - Brasil - Cultura . I Título.

CDD 981



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em HISTÓRIA
Código CAPES: 40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MARIANA DIAS ANTONIO**, intitulada: **"O SENSACIONALISMO NO JORNAL ULTIMA HORA-RJ: SINAIS E ÍCONES DO ESQUADRÃO DA MORTE (1968-1969)"**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO.

CURITIBA, 22 de Fevereiro de 2017.

PEDRO PLAZA PINTO
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

ROSANE KAMINSKI
Avaliador Interno (UFPR)

RODRIGO RODRIGUES TAVARES
Avaliador Externo (UFPR)



AGRADECIMENTOS

Nomear e agradecer a todas as pessoas que contribuíram para a realização desta pesquisa, direta ou indiretamente, constitui uma tarefa árdua, sobretudo num espaço restrito, havendo sempre o risco de pessoas importantes não serem mencionadas.

Inicialmente, deixo aqui meu eterno agradecimento a meu orientador e professor, Pedro Plaza Pinto, que desde o início mostrou-se presente e cordial. Pelas orientações, sugestões, leituras, incentivo, amizade, confiança e comprometimento para que esta pesquisa se realizasse.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço pela bolsa de mestrado que viabilizou a realização desta pesquisa. Agradeço também a Maria Cristina Parzwski, secretária do PPGHIS, pelos auxílios e cuidados durante esta trajetória. À professora Rosane Kaminski e ao professor Rodrigo Rodriguez Tavares, agradeço pelos comentários e sugestões apresentados no exame de qualificação, os quais contribuíram de forma significativa e positiva na confecção desta pesquisa. Aos professores Renan Frighetto e Fátima Fernandes, por terem me acolhido na linha de pesquisa e confiado em meu trabalho. Ao professor Marcos Bretas, por me auxiliar no envio e sugestão de bibliografias, contribuindo ainda que à distância para a realização desta dissertação.

Ao fotógrafo Edgar Moura, que se dispôs a responder prontamente dúvidas e questionamentos sobre a prática do fotojornalismo da época. A Sandra Amado e Daniel Amado, filhos do repórter Amado Ribeiro, por toda a atenção, conversas enriquecedoras e o envio de materiais, meu eterno agradecimento. A Marina Takami, pelas dicas de leitura sobre a área de fotografia, que enriqueceram meu conhecimento sobre o tema, deixo aqui meu agradecimento. Aos meus colegas de seminário e aulas, que me proporcionaram divertidos momentos e amenizaram a saudade de casa. Devo aqui um agradecimento especial a Andréia, Gabriel, Lucca, Luciane, Moisés, Priscila, Roberta e, claro, ao pessoal da Amena, que me renderam boas risadas e boas rodas de conversa regadas a etílicos e cafeína.

A Renan, meu companheiro, debatedor, crítico e incentivador, agradeço pelo amor, carinho, paciência e compreensão sempre presentes durante todo este tempo e muitos outros que virão. Aos meus pais, José Eduardo e Rita, por sempre apoiarem e acreditarem em mim. A eles, agradeço com todo o meu amor.



Otávio Câmara de Oliveira, *Ultima Hora*, 27 de julho de 1970

RESUMO

O presente trabalho analisa a representação do Esquadrão da Morte pelo jornal carioca *Ultima Hora* no período de 1968 e 1969 com destaque para os sinais e ícones do grupo de extermínio presentes nas reportagens e suas fotografias. Inicialmente a pesquisa trata das origens e influências do jornal *Ultima Hora*, apresentando aspectos como seu público-alvo e sua linha editorial. Num segundo momento, apresentamos as origens do Esquadrão da Morte na cidade do Rio de Janeiro, grupo que pretendia eliminar marginais considerados "irrecuperáveis" como forma de barrar a criminalidade crescente na cidade. Abordamos, concomitantemente à história do grupo, sua repercussão midiática e os critérios de exterminabilidade utilizados contra suas vítimas através da *sujeição criminal*. Posteriormente analisamos cinco reportagens sobre o grupo, confrontando as fotografias capturadas durante a cobertura do evento e o jornal impresso, para evidenciar os processos envolvidos na confecção da reportagem, como triagem de dados, redação e intervenções técnicas sobre a fotografia, que resultam na produção de uma das fontes documentais mais abundantes para se abordar o Esquadrão da Morte: os jornais.

Palavras-chaves: representação. jornalismo. fotografia. Esquadrão da Morte. *Ultima Hora*.

ABSTRACT

This work analyses the representation of the Esquadrão da Morte through the newspaper *Ultima Hora* from Rio de Janeiro in 1968 and 1969 highlighting the signs and icons of the death squad presented in the news and their photographs. Initially the research brings the origins and influences of the newspaper *Ultima Hora*, showing aspects like its target audience and the editorial line. In a second moment, we present the origins of the Esquadrão da Morte in Rio de Janeiro city, group that intended to eliminate marginals considered "unrecoverable" as a way to detain the growing criminality in the city. We show, concurrently to the group history, its mediatic repercussion and the exterminability criteria used against its victims through the *criminal subjection*. Later we analyse five news about the group, confronting the photographs captured during the news coverage and the printed newspaper, to evidence the processes regarding the news making, like data sorting, writting and technical interventions on the photograph, that produce one of the most abundant historical sources to study the Esquadrão da Morte: the newspapers.

Keywords: representation. journalism. photography. *Esquadrão da Morte*. *Ultima Hora*.

ÍNDICE DE IMAGENS

<i>Figura 1 - Jornal A Noite, 4 de abril de 1937</i>	40
<i>Figura 2 - Primeira página do jornal Última Hora, de 12 de Junho de 1951</i>	46
<i>Figura 3 - Logotipo do jornal Última Hora, de 13 de Junho de 1951</i>	47
<i>Figura 4 - Última Hora, 24 de agosto de 1954 - Morte de Getúlio Vargas</i>	52
<i>Figura 5 - Última Hora, 4 de julho de 1956, p. 8, com duas fotos e recorte de jogador de basquete (lateral sup. esq.)</i>	56
<i>Figura 6 - Última Hora, de 1 de outubro de 1955, p.16. Recortes fotográficos</i>	57
<i>Figura 7 - Última Hora, 23 de julho de 1951, p. 8. Sequências fotográficas: salto com vara (lateral esq.), e reação de jogador após gol (lateral inf. esq.)</i>	58
<i>Figura 8 - Fotografia (ICO-UH-1035-026) com correções de contraste e nitidez com o uso de tinta hidrossolúvel (aprox. da fotografia à direita para evidenciar detalhes)</i>	59
<i>Figura 9 - Fotografia (ICO-UH-1035-005). Realces no rosto do indivíduo fotografado com o uso de corretivo a base de água</i>	60
<i>Figura 10 - Fotografia (ICO-UH-1033- s.n.) com adição de elementos informativos através de colagem sobre a foto</i>	60
<i>Figura 11 - Levantamento da tiragem dos vespertinos cariocas, por Marialva Barbosa (reprodução)</i>	61
<i>Figura 12 - Última Hora, 2 de abril de 1964</i>	65
<i>Figura 13 - Última Hora, 25 de junho de 1957, p.9 - Um mês após a posse de Krueel como chefe do DFSP, o jornal enfatiza positivamente sua postura, relatando seu cotidiano e mostrando seus feitos no cargo</i>	81
<i>Figura 14 - Pequena chamada na capa do jornal Última Hora, edição de 26 de fevereiro de 1958, sobre a morte de Edgar Faria de Oliveira, motorista da TV Tupi</i>	84
<i>Figura 15 - Fotografia (ICO_UH_1035_086) publicada na capa do Última Hora, de 26 de fevereiro de 1958 sobre a morte de Edgar de Oliveira, motorista da TV Tupi</i>	85
<i>Figura 16 - Capa do Última Hora, de 28 de agosto de 1964, sobre a morte do detetive Milton de Oliveira Le Cocq</i>	88
<i>Figura 17 - Reportagem sobre a morte do detetive Milton de Oliveira Le Cocq. (Última Hora, de 28 de agosto de 1964, p.7)</i>	89

<i>Figura 18 - Fotografia (ICO_UH_1038_047) publicada na capa do Ultima Hora, de 28 de agosto de 1964, sobre a morte do detetive Milton Le Cocq</i>	90
<i>Figura 19 - Ultima Hora, de 29 de agosto de 1964 (p.10): reportagem sobre a morte de Milton Le Cocq; na coluna estreita (lado direito), entre a foto de sua mãe no velório e a foto do detetive, a carta assinada por "João Ninguém"</i>	92
<i>Figura 20 - Ultima Hora, de 5 de outubro de 1964 (p.1): manchete sobre a morte de Manoel Moreira, o Cara-de-cavalo</i>	94
<i>Figura 21 - Ultima Hora, de 5 de outubro de 1964 (p.12): reportagem sobre a morte de Manoel Moreira, o Cara-de-cavalo</i>	95
<i>Figura 22 - Insígnia da Scuderie Detetive Le Cocq</i>	98
<i>Figura 23 - Ultima Hora, 28 de junho de 1968 (p.1). Chamada de capa com o corpo da vítima</i>	118
<i>Figura 24 - Ultima Hora, 28 de junho de 1968 (p.10). Notícia de alta saliência enfatizando as duas vítimas</i>	119
<i>Figura 25 - Ultima Hora, de 2 de outubro de 1968 (p.6): notícia de alta saliência sobre a execução de Morcêgo, enfatizando os cartazes e concedendo a autoria diretamente à Polícia</i>	120
<i>Figura 26 - Ultima Hora, de 8 de outubro de 1968 (p.1): chamada de capa enfatizando as mãos atadas da vítima</i>	121
<i>Figura 27 - Ultima Hora, de 8 de outubro de 1968 (p.8:): reportagem de alta saliência com fotos da vítima e insígnia da Scuderie le Cocq</i>	122
<i>Figura 28 - Ultima Hora, 11 de outubro de 1968 (ed. matutina, p.1)</i>	146
<i>Figura 29 - Ultima Hora, 11 de outubro de 1968 (ed. vespertina, p.1)</i>	147
<i>Figura 30 - Fotografia não publicada do estivador Hugo Carmêlio de Deus (ICO-UH-1034-097)</i>	148
<i>Figura 31 - Fotografia não publicada da vítima de Belford Roxo (ICO-UH-1035-067)</i>	149
<i>Figura 32 - Fotografia não publicada da vítima de Belford Roxo (ICO-UH-1035-089)</i>	150
<i>Figura 33 - Fotografia (ICO-UH-1035-064) publicada no Ultima Hora, 11 de outubro de 1968, (ed. vespertina, p.6, 2º caderno)</i>	154
<i>Figura 34 - Ultima Hora, 11 de outubro de 1968 (ed. vespertina, p. 6, 2º caderno)</i>	155
<i>Figura 35 - Ultima Hora, 14 de outubro de 1968 (ed. matutina, p.1)</i>	160

<i>Figura 36 - Fotografia (ICO-UH-1034-091) publicada no Ultima Hora, 14 de outubro de 1968, (ed. matutina, p.1)</i>	<u>161</u>
<i>Figura 37 - Ultima Hora, 14 de outubro de 1968 (ed. vespertina, p.1)</i>	<u>162</u>
<i>Figura 38 - Fotografia (ICO-UH-1035-081) não publicada da vítima</i>	<u>163</u>
<i>Figura 39 - Ultima Hora, 14 de outubro de 1968 (ed. vespertina, p.6, 2º caderno)</i>	<u>164</u>
<i>Figura 40 - Fotografia (ICO-UH-1034-092) publicada no Ultima Hora, 14 de outubro de 1968, (ed. vespertina, p.13, 1º caderno)</i>	<u>168</u>
<i>Figura 41 - Fotografia (ICO-UH-1034-078) publicada no Ultima Hora, 14 de outubro de 1968, (ed. vespertina, p.13, 1º caderno)</i>	<u>168</u>
<i>Figura 42 - Fotografia (ICO-UH-1034-090) publicada no Ultima Hora, 14 de outubro de 1968, (ed. vespertina, p. 13, 1º caderno)</i>	<u>170</u>
<i>Figura 43 - Fotografia (ICO-UH-1034-096) publicada no Ultima Hora, 14 de outubro de 1968, (ed. vespertina, p.13, 1º caderno)</i>	<u>171</u>
<i>Figura 44 - Verso da fotografia ICO-UH-1034-092 com o registro do Arquivo Técnico do Ultima Hora (reprodução)</i>	<u>174</u>
<i>Figura 45 - Ultima Hora, 22 de fevereiro de 1969 (ed. vespertina, p.1)</i>	<u>178</u>
<i>Figura 46 - Ultima Hora, 22 de fevereiro de 1969, (ed. vespertina, p.6, 2º caderno)</i>	<u>182</u>
<i>Figura 47 - Sobreposição do fator de corte da fotografia ICO-UH-1034-078 nas edições de 14 de outubro de 1968 (superior) e 22 de fevereiro de 1969 (inferior)</i>	<u>183</u>
<i>Figura 48 - Sobreposição do fator de corte da fotografia ICO-UH-1035-064 nas edições de 11 de outubro de 1968 (esquerda) e 22 de fevereiro de 1969 (direita)</i>	<u>184</u>
<i>Figura 49 - Ultima Hora, 23 de julho de 1969, (ed. matutina, p.1, 1º caderno)</i>	<u>187</u>
<i>Figura 50 - Fotografia (ICO-UH-1034-081) publicada no Ultima Hora, 23 de julho de 1969, (edições matutina e vespertina, ambas na p.1, 1º caderno)</i>	<u>190</u>
<i>Figura 51 - Ultima Hora, 23 de julho de 1969, (ed. vespertina, p.1, 1º caderno)</i>	<u>191</u>
<i>Figura 52 - Sobreposição do fator de corte da fotografia ICO-UH-1034-081 nas edições matutina (superior) e vespertina (inferior) de 23 de julho de 1969</i>	<u>194</u>
<i>Figura 53 - Ultima Hora, 23 de julho de 1969, (ed. vespertina, p.6, 2º caderno)</i>	<u>197</u>
<i>Figura 54 - Fotografia (ICO-UH-1034-059) publicada no Ultima Hora, 23 de julho de 1969, (ed. vespertina, p.6, 2º caderno)</i>	<u>199</u>

<i>Figura 55 - Fotografia (ICO-UH-1034-040) não publicada - Última Hora, 23 de julho de 1969</i>	<u>200</u>
<i>Figura 56 - Última Hora, 4 de agosto de 1969, (ed. vespertina, p.6, 1º caderno)</i>	<u>204</u>
<i>Figura 57 - Fotografia (ICO-UH-1034-027) publicada no Última Hora, 4 de agosto de 1969, (ed. vespertina, p.6, 1º caderno)</i>	<u>207</u>
<i>Figura 58 - Desenho linear com base na Fotografia ICO-UH-1034-027</i>	<u>208</u>
<i>Figura 59 - Folhas 6 e 7 da edição vespertina - Última Hora, 4 de agosto de 1969, 1º caderno</i>	<u>210</u>

ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1 - Relação de fotografias (AESP - Setor iconográfico - fundo Ultima Hora) e jornais (AESP - Setor hemeroteca - fundo Ultima Hora) com as respectivas matérias_____	114
Tabela 2 - Quadro comparativo com algumas características das notícias sobre o Esquadrão da Morte antes e depois do AI-5_____	130
Tabela 3 - Análise dos componentes visuais da notícia (textuais e não textuais)_	140
Tabela 4 - Análise dos componentes visuais da notícia - FUZILADO TEVE OS OLHOS ARRANCADOS, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1968_____	151
Tabela 5 - Análise dos componentes visuais da notícia - Esquadrão desafia a Lei: Mais 3 mortos, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968_____	158
Tabela 6 - Análise dos componentes visuais da notícia - MATADORES CUMPRIRAM A PROMESSA SANGRENTA; ROSA VERMELHA EXECUTOU 3 NO FIM DE SEMANA, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968_____	165
Tabela 7 - Análise dos componentes visuais da notícia - ESQUADRÃO DA MORTE: PRÊSA NA BAIXADA A SUCURSAL Nº1, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1969_____	176
Tabela 8 - Análise dos componentes visuais da notícia - Desmantelada uma sucursal dos assassinos oficiais; ESQUADRÃO DA MORTE: CHEFE ERA UM PERITO, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1969_____	180
Tabela 9 - Análise dos componentes visuais da notícia - Caveira mata um de dois nomes, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969_____	188
Tabela 10 - Análise dos componentes visuais da notícia - Caveira enforca e fuzila um, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969_____	192
Tabela 11 - Análise dos componentes visuais da notícia - "GANG" DA CAVEIRA MATOU UM HOMEM DE DOIS NOMES, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969____	195
Tabela 12 - Análise dos componentes visuais da notícia - Executado mais um na praça do Cai-duro, Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1969_____	205

LISTA DE SIGLAS

ABI - Associação Brasileira de Imprensa

AESP - Arquivo Público do Estado de São Paulo

AI-14 - Ato Institucional nº 14

AI-5 - Ato Institucional nº 5

BN - Biblioteca Nacional

CEV-Rio - Comissão Estadual da Verdade - Rio de Janeiro

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito

CSN - Conselho de Segurança Nacional

DCDP - Divisão de Censura de Diversões Públicas

DFSP - Departamento Federal de Segurança Pública

DICS - Departamento de Informações, Correspondentes e Sucursais

DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda

DOPS - Departamento de Ordem Política e Social

DP - Delegacia de Polícia

DSI - Divisões de Segurança e Informações

E.M. - Esquadra Montada

EM - Esquadrão da Morte

GB - Guanabara

GDE - Grupo de Diligências Especiais

IBAD - Instituto Brasileiro de Ação Democrática

INPS - Instituto Nacional de Previdência Social

IPES - Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais

IPM - Inquérito Policial-Militar

JK - Juscelino Kubitschek

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PNI - Plano Nacional de Informações

SFICI - Serviço Federal de Informações e Contra-informações

SDE - Serviço de Diligências Especiais

SNI - Serviço Nacional de Informações

TVRAMA - Turma Volante de Repressão aos Assaltos a Mão Armada

UH - *Ultima Hora*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - DA PRIMEIRA À <i>ULTIMA HORA</i>	22
1.1 FOTOJORNALISMO: ANTECEDENTES, INSERÇÃO E RENOVAÇÃO NA IMPRENSA BRASILEIRA	25
1.2 O SURGIMENTO DO <i>ULTIMA HORA</i> E O MITO DA RENOVAÇÃO DA IMPRENSA BRASILEIRA	38
1.3 <i>ULTIMA HORA</i> : A IMAGEM EM FOCO	53
1.4 O <i>ULTIMA HORA</i> E O REGIME AUTORITÁRIO: OS EMBATES POLÍTICOS E A CENSURA	62
CAPÍTULO 2 - ESQUADRÃO DA MORTE: DA NARRATIVA JORNALÍSTICA À NARRATIVA HISTÓRICA	75
2.1 A EMERGÊNCIA DOS GRUPOS DE EXTERMÍNIO: SUJEIÇÃO CRIMINAL, EXTERMINABILIDADE E O ESQUADRÃO DA MORTE PELA IMPRENSA	77
2.2 QUANDO A EXCEÇÃO VIRA REGRA: AS PRÁTICAS DE EXTERMÍNIO E AS BRECHAS JURÍDICAS DO ESTADO DE EXCEÇÃO	104
2.3 A SEÇÃO POLICIAL DO <i>ULTIMA HORA</i> E O ESQUADRÃO DA MORTE	108
CAPÍTULO 3 - SINAIS E ÍCONES DO ESQUADRÃO: DA CAPTURA FOTOGRÁFICA À PUBLICAÇÃO	133
3.1 CRITÉRIOS E PARÂMETROS PARA ANÁLISE ICONOGRÁFICA E TEXTUAL	137
3.2 "FUZILADO TEVE OS OLHOS ARRANCADOS", 11 de outubro de 1968	143
3.3 "MATADORES CUMPRIRAM A PROMESSA SANGRENTA; ROSA VERMELHA EXECUTOU 3 NO FIM DE SEMANA", 14 de outubro de 1968	157
3.4 "Desmantelada uma sucursal dos assassinos oficiais; ESQUADRÃO DA MORTE: CHEFE ERA UM PERITO", 22 de fevereiro de 1969	175
3.5 "'GANG DA CAVEIRA' MATOU UM HOMEM DE DOIS NOMES", 23 de julho de 1969	186
3.6 "EXECUTADO MAIS UM NA PRAÇA DO CAI-DURO", 4 de agosto de 1969	203
3.7 ASPECTOS GERAIS SOBRE AS REPORTAGENS	211
CONSIDERAÇÕES FINAIS	212
FONTES CONSULTADAS	218
BIBLIOGRAFIA	231
ANEXO 1 - ENTREVISTA COM SANDRA AMADO BRAGA RIBEIRO DA SILVA E TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS	238
ANEXO 2 - ENTREVISTA COM EDGAR PEIXOTO DE MOURA E TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS	243
ANEXO 3 - LEVANTAMENTO DE DADOS PARA A ELABORAÇÃO DA TABELA 2	250
ANEXO 4 - TRANSCRIÇÃO DAS REPORTAGENS ANALISADAS NO CAPÍTULO 3	254

INTRODUÇÃO

Analisar a representação do Esquadrão da Morte pelo jornal carioca *Ultima Hora* no período de 1968 e 1969 significa compreender elementos anteriores à repercussão das execuções sumárias no referido periódico. Destarte, traçar brevemente a origem e influências do jornal significa também trazer aspectos que irão permear e balizar as hipóteses e fontes aqui apresentadas. Conhecer as motivações que fomentaram o surgimento do jornal, marcado por anseios e apoio de origem política, o público-alvo e a linha editorial do veículo servirá como eixo fundamentador para traçar a história do *Ultima Hora* na imprensa brasileira e sua posição dentro do *campo* jornalístico do referido período para que seja possível analisar pontualmente a representação do grupo partindo das fotografias inicialmente capturadas pelo fotógrafo na cena do crime e os processos envolvidos na confecção da reportagem, abarcando aspectos como triagem de dados, redação e diagramação da notícia final.

A escolha do recorte entre 1968 e 1969 não foi ao acaso. Neste período temos um aumento das execuções sumárias pelo suposto grupo de extermínio denominado como Esquadrão da Morte, cuja prerrogativa pautava-se no extermínio de marginais como forma de diminuir a criminalidade no Rio. A formação do grupo remonta ao ano de 1957, no Rio de Janeiro, quando o então chefe da Polícia Federal e general do Exército Amaury Kruel aprova a proposta de Cecil de Macedo Borer, do Serviço de Vigilância, em criar um grupo especializado na polícia carioca que combatesse a crescente criminalidade no Rio de Janeiro. Denominado pela grande imprensa como Grupo ou Serviço de Diligências Especiais (GDE e SDE, respectivamente), este dava a seus integrantes a liberdade de empregar todos os métodos para refrear a criminalidade. Oficialmente o grupo tinha o nome de TVRAMA - Turma Volante de Repressão aos Assaltos a Mão Armada e resultava da transferência inicial de sete policiais para a Seção de Diligências Especiais do Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP), tendo o investigador e policial Eurípedes Malta de Sá como líder nomeado através de um ato reservado.¹ O grupo

¹ ULTIMA HORA. Multiplicam-se as Quadrilhas de Bandidos num Desafio Audacioso à Ação da Polícia! **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 28 ago. 1957. p.6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=41398>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

passou a ser alcunhado na imprensa inicialmente como "comando suicida", "os suicidas" (ambos pelo *Ultima Hora*)² e "turma suicida" (*Jornal do Brasil*).³ O termo "Esquadrão da Morte" tornou-se recorrente nas páginas policiais a partir da década de 1960, mas pode ser encontrado esporadicamente em registros anteriores.

O surgimento do Esquadrão da Morte (EM) no Rio de Janeiro – tal como se referem os jornais da época – se deu em meados da década 1960, através de um grupo liderado por Milton de Oliveira Le Cocq, mais conhecido como *O Gringo*. O grupo de Le Cocq foi responsável por deter e eliminar vários bandidos e marginais, obtendo grande notoriedade na imprensa. Entretanto, a morte de Le Cocq em 27 de agosto de 1964 pelo bandido Manoel Moreira (o Cara-de-cavalo) forneceria elementos necessários para que os esquadrões da morte no Brasil ampliassem sua atuação. Um ano após sua morte é criada a *Scuderie Detetive Le Cocq*, que tinha como finalidade vingar e homenagear o detetive morto. A *Scuderie* se aproveitou da postura adotada pelo governo nos anos de chumbo, que fazia "vista grossa" diante dos abusos policiais e das execuções sumárias, fazendo com que a recorrência destas mortes subisse drasticamente e outros grupos passassem a copiar seu método de execução, espalhando-o por todo o país. É digno rememorarmos para tal ocasião um excerto de *A Verdade da Repressão*, de Antonio Cândido, onde este menciona que a polícia de um soberano absoluto é ostensiva e brutal pelo fato deste não se preocupar em justificar seus atos, por mais absurdos que sejam, e que em um Estado Constitucional a repressão tem que ser mais requintada e sutil para se misturar organicamente com a sociedade, estabelecer uma rede de espionagem e de delações anônimas como base para o Estado. Neste último caso, que se aproxima muito de nosso objeto de pesquisa, a polícia assume um duplo posicionamento, bifurcando-se numa parte visível e legalmente estabelecida – como é o caso da corporação policial, suas siglas, lemas e distintivos – e numa parte oculta, formada por grupos que se situam igualmente fora e dentro do ordenamento jurídico: dentro por estabelecer "a ordem e a segurança pública" e representar um

² ibidem.

³ JORNAL DO BRASIL. AUTOR DE UM CRIME DE MORTE E DE ASSALTO RECENTE. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 out. 1957. p.12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&PagFis=79618>. Acesso em: 25 fev. 2016 (material protegido por direitos autorais).

agente público, e fora devido aos abusos cometidos em busca desta ordem.⁴

Com a proliferação das execuções, a imprensa sensacionalista teve a chance de desenvolver material propício para conquistar público e aumentar sua vendagem. Na presente pesquisa, consideramos como sensacionalista a modalidade de imprensa que prioriza a cobertura de crimes e hiperboliza a violência, ocorrendo também a valorização da emoção e de conteúdos descontextualizados, a exploração do extraordinário e do sofrimento humano, a troca do primordial pelo supérfluo, a inversão do conteúdo pela forma, o denunciismo e a banalização da violência.⁵ É importante ressaltar que não há uma "fórmula pronta" para o sensacionalismo, mas inúmeras possibilidades conforme Marcia Franz Amaral apresenta em sua obra *Jornalismo Popular*:

São muitas as formas de popularização da mídia costumeiramente tratadas sob o rótulo sensacionalista. O sensacionalismo tem servido para caracterizar inúmeras estratégias da mídia em geral, como a superposição do interesse público; a exploração do sofrimento humano; a simplificação; a deformação; a banalização da violência, da sexualidade e do consumo; a ridicularização das pessoas humildes; o mau gosto; a ocultação de fatos públicos relevantes; a fragmentação e descontextualização do fato; o denunciismo; os prejulgamentos e a invasão de privacidade de [sic] tanto de pessoas pobres e como de celebridades, entre tantas outras.⁶

O jornalismo popular, por sua vez, é caracterizado por buscar a empatia do público-alvo ao relacionar e abordar temas que envolvam seu cotidiano, apresentando anúncios de produtos que compõem o dia-a-dia das camadas mais baixas, conexão com o local e o imediato e preços acessíveis.⁷ Desta maneira, é necessário pontuar que o sensacionalismo trata-se de uma estratégia mercadológica utilizada não apenas pelo *Ultima Hora*, também categorizado como um jornal popular, mas por outros periódicos como uma forma de atrair público. No caso do *Ultima Hora*, o teor sensacionalista voltou-se especialmente para a seção policial.

É neste contexto que o objeto de estudo desta pesquisa se insere. Carregado de sinais e ícones do Esquadrão, os crimes registrados pelas lentes e pela redação do *Última Hora* alternavam entre o relato e o apelo visceralmente

⁴ CANDIDO, Antonio. A verdade da repressão. **Revista USP**, n.9, mar/abr/maio 1991, p.27-30. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25544>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

⁵ AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 21.

⁶ ibidem.

⁷ ibidem, p. 16.

sensacionalista dos textos e imagens impactantes, uma fórmula ousada e perigosa – e às vezes necessária, levando em conta o público-alvo do jornal, atraído por seu estilo "espreme que sai sangue". A utilização dos termos "sinais" e "ícones" é digna de observação em nossa pesquisa: "sinais" referem-se às pistas, indícios deixados pelo Esquadrão da Morte próximos aos corpos das vítimas, que permitiam inferir a autoria; "ícones" referem-se a signos propositalmente criados para aludir ao grupo, como por exemplo os cartazes deixados no local do crime, próximos ao corpo da vítima, contendo um crânio e duas tíbias desenhadas e as iniciais "E.M".⁸

A escolha do vespertino carioca *Ultima Hora* deve-se, sobretudo, à disponibilidade de fontes para a presente pesquisa, que busca analisar o processo de confecção e alteração do evento narrado tendo como foco central as imagens fotográficas inicialmente capturadas pelo fotógrafo durante a cobertura do evento e a maneira com que estas são trabalhadas no interior da notícia como um todo.

As edições compreendidas entre os anos de 1968 e 1969 encontram-se disponíveis *on-line*⁹ pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo no Fundo *Ultima Hora - UH Digital*; uma base de dados que compreende, até o momento, as edições publicadas entre os anos de 1955 e 1969,¹⁰ separadas por data, mês, ano, edição (vespertina, matutina ou extra) e caderno. Algumas das demais reportagens citadas nesta pesquisa, fora do recorte compreendido entre 1968 e 1969, foram consultadas no repositório da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional,¹¹ com o uso da tecnologia *DocPro*, que realiza buscas de caracteres contidos na imagem digitalizada do documento por meio do recurso OCR (*Optical Character Recognition*). O sistema de busca disponível no site oferece a possibilidade do visitante pesquisar os documentos digitalizados por periódico, período e local. É importante salientar que, por se tratar de um sistema de busca de caracteres através de similaridade tipográfica, alguns termos encontrados podem não corresponder de fato ao termo inicialmente buscado.

⁸ Os cartazes também podiam conter mensagens e a escrita variava, compreendendo inclusive o motivo que fez com que o Esquadrão liquidasse a vítima ou uma listagem dos próximos a serem executados.

⁹ O site com a base de dados do *UH Digital* pode ser acessado pelo seguinte endereço: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pesquisa.php>.

¹⁰ Exceto os anos de 1957, 1958, 1959 e 1960.

¹¹ O site com o repositório da *Hemeroteca Digital* da Biblioteca Nacional pode ser acessado pelo seguinte endereço: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>.

As fotografias deste trabalho atualmente encontram-se sob a guarda do Arquivo Público do Estado de São Paulo, mas foram adquiridas inicialmente pela Secretaria de Estado da Cultura, em 1989. O "Fundo *Ultima Hora*", presente no acervo iconográfico do Arquivo Público do Estado de São Paulo, é composto por cerca de 166.000 fotografias, 500.000 negativos e 2223 ilustrações (entre charges e caricaturas). As 166.000 fotografias encontram-se higienizadas e separadas em 5 catálogos temáticos: Futebol, Geral, Nominal, Polícia e Política. Nosso objeto de pesquisa está disponível no catálogo Polícia, localização UH-1558, referência Esquadrão da Morte, e localização UH-1559, referência Esquadrão da Morte.¹²

A importância deste resgate histórico deve-se tanto à temática escolhida – o Esquadrão da Morte durante os anos de 1968 e 1969 – quanto à metodologia empregada – a representação destes grupos por meio de fontes fotográficas e de imprensa. Os Esquadrões da Morte foram, desde seu início, acompanhados e divulgados pelo *Ultima Hora*, de modo que este se apresenta como uma importante fonte documental. Naquele período a imprensa era vista como uma fonte objetiva de informação, espelhada nos moldes de uma pretensa imparcialidade, inspirada pela imprensa norte-americana. Além disso, há certa necessidade de se apresentar uma pesquisa histórica deste recorte em especial utilizando este viés, em que o fotojornalismo, visto como um meio de comunicação da época e questionado com a metodologia adequada que considere suas limitações, apresenta um ponto de vista, uma representação, dentre as inúmeras possíveis sobre um caso, havendo a interlocução da História com a Comunicação, Jornalismo, Fotografia e Sociologia. Desta forma, é por meio desta interlocução e interdisciplinaridade que este estudo se projeta, ao considerar a construção das notícias do EM pelo *Ultima Hora* através da metamorfose das fotografias e suas respectivas notícias, se fundamentando em bases semiológicas e sociológicas.

A fotografia não é meramente uma produção ingênua de imagens, automática, mecânica. Também não é mera reprodução da realidade, mas sim uma linguagem estruturada de formas e significação produzida pelas interpelações objetivas e subjetivas do fotógrafo, seja a fotografia artística, documental, midiática

¹² Os catálogos do Acervo Iconográfico do AESP encontram-se disponíveis no site: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/iconografico/catalogos#ancora>>, acessíveis ao usuário mediante cadastro gratuito.

ou amadora.¹³ No caso do fotojornalismo, a fotografia é também um dispositivo político, crivado de pequenas manobras persuasivas e, portanto, produto de um movimento histórico e de sua necessidade e intencionalidade no meio.

Nesta pesquisa iremos analisar, substancialmente, as alterações e representações do Esquadrão da Morte no *Ultima Hora*, confrontando as fotografias inicialmente capturadas pelo fotógrafo durante a cobertura da notícia com a fotografia já publicada no jornal, acompanhada de elementos textuais como títulos, chamadas, legendas, realces, entre outros. Como autores de referência para esta pesquisa, podemos destacar as contribuições de Marialva Barbosa,¹⁴ Michel Misse,¹⁵ Pierre Bourdieu,¹⁶ Lorenzo Vilches,¹⁷ Roland Barthes¹⁸ e Johanna W. Smit,¹⁹ servindo estes de apoio e ponto de partida para os demais autores e conceitos que serão apresentados oportunamente.

Alguns cuidados a respeito de termos e grafias serão tomados. Como exemplo de alguns destes, utilizaremos o termo “Esquadrão da Morte”, com

¹³ BAURET, Gabriel. **A Fotografia: história, estilos, tendências, aplicações.** trad. J. Espadeiro Martins. Lisboa: Edições 70, 2015. p.10.

¹⁴ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000.** 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

¹⁵ MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro.** 1999. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia), Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999; _____. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 8, n. 3, p.371-385, jan. 2009. p.375. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/4865>>. Acesso em: 24 Jul. 2016; _____. A categoria "bandido" como identidade para o extermínio. Algumas notas sobre sujeição criminal a partir do caso do Rio de Janeiro. In: BARREIRA, Cesar; SÁ, Leonardo; AQUINO, Jânia Perla de. (org.) **Violência e dilemas civilizatórios - as práticas de punição e extermínio.** Campinas: Pontes Editores, 2011. p.31-57.

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. Quelques propriétés des champs. In: _____. **Questions de sociologie.** Paris: Les Éditions de Minuit, 1984. p.113-120; _____. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer.** trad. Sergio Miceli. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996; _____. **Sobre a televisão** seguido de: A influência dos jornalismo, e, Os Jogos Olímpicos. trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997; _____. O campo econômico. **Revista Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 4, n. 6, p.15-57, abr. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1930/1697>>. Acesso em: 5 fev. 2016; _____. **O Poder Simbólico.** trad. Fernando Thomaz. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

¹⁷ VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística.** 3. ed. Barcelona: Paidós Comunicación, 1997.

¹⁸ BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984; BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa.** 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p.353-368.

¹⁹ SMIT, Johanna W. A análise da imagem: um primeiro plano. In: _____. (coord.) **Análise documentária: a análise da síntese.** Brasília: IBICT, 1987.

maiúsculas, para especificar o grupo descrito pelo jornal, munido de representações específicas como insígnias, cartazes, emblemas e alcunhas dos seus “relações públicas”, que contatavam delegacias de polícia e redações dos jornais por telefonemas avisando que outra execução fora consumada; e “esquadrão da morte”, com as letras iniciais minúsculas, sendo grupos de extermínio em seu âmbito geral. Outra recorrência que possa soar estranha ao leitor diz respeito ao *Ultima Hora*, visto que diversas fontes apresentam a *Ultima Hora*, referindo-se com artigo feminino à *marca* do jornal de Samuel Wainer; entretanto, mencionaremos o periódico empregando o artigo masculino para nos referirmos ao *Ultima Hora* enquanto *jornal* e objeto de estudo. Alguns outros termos poderão sofrer alterações na grafia, sendo devidamente apresentados e explicados, conferindo ao leitor uma exposição clara e fluída. É importante salientar que os termos “notícia”, “reportagem” e “matéria” não apresentam distinção de significado na presente pesquisa, sendo usados apenas como forma de evitar repetições.

Por fim, apresentaremos uma breve estrutura da dissertação, composta por três capítulos, apresentando também as respectivas fontes primárias utilizadas em cada momento.

No primeiro capítulo, intitulado *Da primeira à Ultima Hora*, apresentaremos brevemente as características do fotojornalismo da década de 1950 e aprofundaremos esta análise sobre o *campo* jornalístico na mesma época, quando o *Ultima Hora* foi criado. Trataremos das estratégias adotadas pelo periódico, suas características e do valor que esse agregou sobre a mensagem fotográfica e o seu uso no jornalismo, além de abrir espaço para as questões e interesses das camadas populares. Apresentada a sua inserção no *campo* jornalístico, seguiremos a discussão para a década de 1960, marcada pelo contexto do regime autoritário brasileiro de 1964, quando o jornal passa por obstáculos no que tange à liberdade de expressão, sobretudo por seu posicionamento contrário ao regime, denunciando abusos e desafiando as imputações do governo.

No segundo capítulo, buscamos apresentar o surgimento do Esquadrão da Morte no final da década de 1950 através das lentes e notícias do *Ultima Hora*. Trataremos, quando necessário, dos dispositivos legais que viabilizaram as práticas do grupo de extermínio e seu desenvolvimento nos anos seguintes junto à noção de exterminabilidade. Em seguida serão analisadas brevemente dez reportagens conduzidas pelo então repórter e chefe da seção policial do *Ultima Hora*, Amado

Ribeiro, a fim de compreender algumas estratégias de representação do Esquadrão no periódico. Amado Ribeiro²⁰ constitui-se como um agente importante nesta pesquisa,²¹ dada sua atuação direta ou indireta durante a confecção das reportagens policiais sobre os Esquadrões da Morte e sua postura conciliadora e de boas relações com os agentes policiais, essencial para se obter informações de ocorrências/diligências em primeira mão.

O terceiro capítulo encerra a discussão sobre a representação do Esquadrão da Morte no *Ultima Hora*, através de uma análise pontual e mais aprofundada do tema por meio de cinco reportagens compreendidas nos anos de 1968 e 1969 com suas respectivas fotografias inicialmente capturadas durante a cobertura dos crimes. O capítulo aborda inicialmente os aportes teóricos e metodológicos que serão utilizados para as análises, apresentando aspectos relevantes e essenciais para dialogarmos com as fontes. Este momento final da pesquisa demonstrará de forma prática as diferentes maneiras em que o grupo de extermínio foi apresentado pelo jornal, através de elementos que alteram, reorientam, enfatizam ou suavizam um ou mais aspectos, explorando a fotografia como ponto nodal desta análise de representações culturais e históricas.

²⁰ Amado Ribeiro nasceu em 30 de junho de 1929, na cidade de Paraíba do Sul, Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira aos 18 anos em Belo Horizonte, como freelancer, escrevendo para colunas com temáticas diversificadas. Entrou no *Ultima Hora* no fim da década de 1950, atuando inicialmente como repórter e posteriormente como chefe da seção policial, acompanhando reportagens e fatos de grande repercussão na história do Rio de Janeiro como a "Operação mata-mendigos" (1962-1963), a denúncia dos abusos contra internos no presídio da Quinta da Boa Vista (1963-1964), a perseguição e morte de Manoel Moreira, o Cara-de-cavalo, os crimes cometidos pelo suposto grupo Esquadrão da Morte, entre outros. Amado Ribeiro faleceu em 1º de fevereiro de 1992, no Rio de Janeiro, ainda exercendo sua profissão como Diretor-Editor Geral, no jornal *O Povo na rua*. DA SILVA, Sandra Amado Braga Ribeiro. **Entrevista concedida a Mariana Dias Antonio sobre dados pessoais de Amado Ribeiro**. Três Rios, 31 mai. 2016. Entrevista por e-mail; ULTIMA HORA. Deputados decidiram: DEVASSA NAS CÂMARAS DE TORTURA, JÁ. *Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1963. p.1 Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/386030/89894>>. Acesso em: 1 mar. 2017; ULTIMA HORA. CARA-DE-CAVALO MORREU ATIRANDO: -LEVO UM COMIGO PRO INFERNO *Ultima Hora* (Matutino), Rio de Janeiro, 5 out. 1964. p.9. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=5&mes=10&ano=1964&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 1 mar. 2017.

²¹ Além de sua posição e atuação profissional no *UH*, Amado Ribeiro escreveu, em coautoria com Pinheiro Júnior, o romance *Esquadrão da Morte*, em 1969, também analisado e utilizado em nossa pesquisa, precisamente no capítulo 2 (Cf. 2.3 A seção policial do *Ultima Hora* e o Esquadrão da Morte).

CAPÍTULO 1 - DA PRIMEIRA À ÚLTIMA HORA

Este primeiro capítulo visa apresentar as condições da fundação do jornal *Ultima Hora*, criado num contexto de efervescências políticas, econômicas e sociais e viabilizado por um apoio de origem política. Trataremos também do público-alvo – uma vez que o jornal se diferenciou dos demais ao buscar "dar voz" às camadas populares –, de sua linha editorial, dos repórteres e fotógrafos que compunham a equipe além de suas características gráficas. Para estes aspectos, valemo-nos, sobretudo, das contribuições de Helouise Costa, Marialva Barbosa, Silvana Louzada, Ana Maria de Abreu Laurenza e Ana Paula Goulart Ribeiro.

A obra *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*, de Marialva Barbosa, nos permitirá obter um ponto de partida para apresentarmos a mítica que envolve o jornal *Ultima Hora* quanto à sua suposta inovação no *campo* jornalístico, servindo como eixo inicial para a apresentação de sua história bem como as características gerais do fazer jornalístico da época.

Em *Prata da Casa: fotógrafos e fotografia no Rio de Janeiro (1950/1960)*, Silvana Louzada apresenta um levantamento dos fotógrafos de imprensa nas décadas de 1950 e 1960, mostrando também como se deu a interação entre imprensa e fotografia, revolucionando o fazer jornalístico do período através de jornais que marcaram época, como o *Ultima Hora*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*. A comunicóloga apresenta a temática, também, através da sociologia de Pierre Bourdieu, conceituando o *campo* jornalístico e suas práticas.

Em *Lacerda x Wainer: O Corvo e o Bessarabiano*, Ana Maria de Abreu Laurenza aborda a disputa entre Carlos Lacerda e Samuel Wainer, através de uma perspectiva política e de imprensa, que tem como pano de fundo as principais características dos jornais *Tribuna da Imprensa* e *Ultima Hora*, fundamentais para compreendermos o motivo dos desafetos e desavenças entre os dois empresários, sobretudo para algumas das crises que o *Ultima Hora* enfrentou (como foi o caso da CPI da *Ultima Hora*, que resultou na prisão de Wainer em 1953).

O artigo de Ana Paula Goulart Ribeiro, *Clientelismo, corrupção e publicidade. Como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950*, aborda de que maneira as influências dos *campos* político e econômico eram latentes na imprensa, além da própria estrutura do *campo* jornalístico da

época, quando a maioria dos jornais eram dirigidos por famílias de classe alta e estreitamente vinculados aos interesses do governo.

A articulação e comunicação entre História e Sociologia se faz indispensável, uma vez que todo evento histórico se pauta e se constitui através de agentes sociais e todo evento sociológico se insere num contexto histórico.

A Sociologia pode ser definida como o estudo da sociedade humana, com ênfase em generalizações sobre sua estrutura e desenvolvimento. A História é mais bem definida como o estudo de sociedades humanas (ou culturas) no plural, destacando as diferenças entre elas e as mudanças ocorridas em cada uma com o passar do tempo. Por vezes, as duas abordagens têm sido consideradas contraditórias, porém é mais útil tratá-las como complementares.²²

Com base no excerto supracitado, é importante considerar que a imprensa enquanto objeto de análise histórica constitui-se como meio de difusão cultural. Com base nas asserções de Nicola Abbagnano, entende-se cultura sendo "[...] o conjunto dos modos de vida criados, adquiridos e transmitidos de uma geração para a outra, entre os membros de determinada sociedade",²³ como a formação coletiva e anônima de um grupo social nas instituições que o definem, o que não deve ser confundido com a construção e formação do indivíduo enquanto ser humano (em sua singularidade, material e espiritual).²⁴

Levando em consideração as relações entre a História e Teoria Social tratadas por Peter Burke em *História e teoria social*, apresentaremos, quando necessário durante o desenvolvimento deste capítulo, as contribuições do sociólogo Pierre Bourdieu acerca da noção de *campo* e as dinâmicas de consagração que nele ocorrem. Para que não ocorram dubiedades diante do termo citado aleatoriamente, como campo enquanto local, espaço físico, e o *campo* de Bourdieu, o conceito sociológico será mencionado em itálico e, quando necessárias, realizadas as respectivas observações.

²² BURKE, Peter. **História e teoria social**. trad. Klauss Brandini Gerhardt; Roneide Venâncio Majer. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2012. p.16.

²³ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p.228.

²⁴ *ibidem*.

Para o sociólogo francês, o *campo*²⁵ consiste num espaço abstrato onde ocorrem e se desenvolvem disputas entre seus participantes, abarcando uma série de elementos que definem e permitem seu funcionamento. Em linhas gerais, todo *campo* desenvolve uma *doxa*, uma espécie de senso comum tacitamente aceito entre os participantes que define os limites do pensável e do impensável; uma *illusio*, certo senso de pertencimento ao jogo e de que vale a pena disputar seus capitais específicos; e um *nomos*, conjunto de regras tacitamente aceitas que regem as disputas ali travadas. A distribuição desigual de capitais específicos molda a topografia social dos *campos*, ou seja, estabelece as posições e tomadas de posição dos agentes na hierarquia do *campo*, além do poder de definição das estratégias e movimentos legítimos de suas disputas.²⁶

As dinâmicas de consagração no *campo* jornalístico seguem princípios próprios; neste caso específico temos como elementos de consagração majoritários o reconhecimento entre os pares – empresas jornalísticas, repórteres, fotógrafos, diagramadores – e o reconhecimento pelo público. Veremos, no desenvolvimento deste capítulo, as estratégias utilizadas pelo *Ultima Hora* para impor-se dentro do *campo* jornalístico da década de 1950. Apresentaremos também aspectos visuais do jornal a fim de ambientar o leitor para o terceiro capítulo, que consistirá na análise do material iconográfico.

Tomaremos como ponto de partida para este primeiro capítulo a inserção e desenvolvimento do fotojornalismo no Brasil no início do século XX, modalidade jornalística que se consolida na década de 1950 através de um processo gradativo de assimilação e expansão em boa parte das empresas jornalísticas do país. Apresentado todo o contexto de consolidação não apenas de uma modalidade jornalística – o fotojornalismo –, mas também da formação do *campo* jornalístico brasileiro, trataremos da história e surgimento do jornal *Ultima Hora* através de suas características gráficas e a reverberação que o mesmo trouxe dentro de um contexto político e cultural, chegando até o recorte específico desta pesquisa (a imagem

²⁵ Para Peter Burke em sua obra *O que é História Cultural?*, a teoria dos *campos* constitui uma importante ferramenta metodológica porque consegue abarcar as especificidades de um determinado nicho cultural/social. Para maiores informações sobre definição de História Cultural, Cf. BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p.76-82.

²⁶ BOURDIEU, Pierre. Quelques propriétés des champs. In: _____. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984. p.113-120; THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, n. 40, p.27-56, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

construída pelo jornal sobre o Esquadrão da Morte entre os anos de 1968 e 1969), que será desenvolvido em capítulos posteriores. No que diz respeito aos períodos e modalidades de narrativa jornalística, as definições cronológicas aqui apresentadas não servem para delimitar de forma precisa e categórica o começo ou fim de uma vertente jornalística; é importante salientar que os processos históricos são constituídos, *a priori*, de continuidades, rupturas, avanços e retrocessos e, portanto, são aqui apresentados de forma aproximada com o objetivo de situar historicamente o leitor. Como afirmado por March Bloch "a história se encontra desfavorável às certezas".²⁷ Le Goff, em sua obra *História e Memória*, confirma que a cronologia é um fio condutor da História, estabelecendo pontos de partida cronológicos e facilitando inferências historiográficas.²⁸

1.1 Fotojornalismo: antecedentes, inserção e renovação na imprensa brasileira

Tanto no cenário mundial quanto no cenário brasileiro, a história do fotojornalismo encontra-se diretamente relacionada com o surgimento da fotografia e suas técnicas. As primeiras câmeras²⁹ fotográficas consistiam em um cômodo hermeticamente fechado, composto por três paredes escuras e uma branca ao fundo, onde, através de um pequeno orifício, se projetava a imagem do objeto que se pretendia reproduzir. A fotografia envolve tecnicamente dois processos: o físico e o químico (e atualmente o digital).³⁰ O físico engloba questões de ótica e mecânica, ao considerarmos a fotografia como imagem – ou aquilo em que luz a incide e torna visível – projetada através de uma lente (conjunto ótico) em uma caixa – câmera – cujos mecanismos ajustam diferentes aberturas e ajustes focais. O químico consiste na reação entre a luz e o suporte gelatinoso, composto por celulose, sais halóides (geralmente brometo de sódio ou iodeto de potássio, dependendo da emulsão

²⁷ BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.1.

²⁸ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. 2. reimpr. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p.12.

²⁹ Opto, para esta pesquisa, pela grafia *câmera* enquanto produto mercadológico e já estabelecido comercialmente ao invés de *câmara*. Esta escolha se dá pelo período a ser estudado – a inserção no fotojornalismo brasileiro no século XX –, tendo em vista que o termo *câmera* já havia se consolidado desde sua chegada ao país.

³⁰ Para esta pesquisa, cujo recorte histórico compreende os processos fotográficos no final da década de 1960, iremos considerar apenas os processos físico e químico.

desejada) e nitrato de prata.³¹ Juntos, estes dois processos permitem que o operador controle o dispositivo (câmara) conforme a necessidade e sua intencionalidade na apropriação do objeto capturado, através do contraste, luminosidade, distância focal, velocidade do obturador, etc. A invenção da fotografia foi uma sucessão e acumulação de descobertas que remontam ao século IV a.C., perpassando por várias contribuições até a primeira imagem fotográfica surgir em 1826 por meio das pesquisas de Joseph Nicéphore Niépce e a fotografia propriamente dita em 1839, por Louis Daguerre.³²

De acordo com Jorge Pedro Sousa em *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*, o jornal sueco *Nordisk Boktryckeri-Tidning* realizou a publicação de fotografias impressas diretamente no papel de imprensa em julho de 1871,³³ através da técnica *halftone*³⁴ (meio tom), por Carl Carleman, utilizada até hoje por empresas de comunicação visual e impressão de jornais e revistas. Alguns trabalhos utilizam Jorge Pedro Sousa para atribuir a primazia da reprodução fotográfica por meio do *halftone* ao *Nordisk Boktryckeri-Tidning*,³⁵ mas o autor evita

³¹ DESILETS, Antoine. **A técnica da fotografia**. trad. Francisco Felipe Serra da Cruz. Sintra: Europa-América, 1971. p.135-136.

³² Muitos pesquisadores refutam a ideia da primeira imagem fotográfica ser de autoria do inventor francês Joseph Nicéphore Niepce, em 1826. O motivo mais provável – e plausível – pelo qual a invenção não seja atribuída a sua pessoa é que o tempo de exposição do suporte fotográfico de Niepce à luz era excessivamente alto (cerca de oito horas), a imagem não continha meios tons (elemento distintivo entre as gravuras e fotografias) e sua perenidade era muito baixa (elas desapareciam em poucos meses, por serem termossensíveis, e Niepce ainda não havia descoberto um fixador químico eficiente na época). Com base no *Jornal do Commercio*, a chegada do daguerreótipo ao Brasil ocorreu em 16 de janeiro de 1840, quando Louis Comte teria registrado o Paço Imperial e suas adjacências, sendo esta considerada a primeira fotografia em solo brasileiro. Fontes: JORNAL DO COMMERCIÓ. Photographia. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 17 jan. 1840. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_03&PagFis=57>. Acesso em: 17 jul. 2016 e JORNAL DO COMMERCIÓ. O Daguerrotypo. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 20 e 21 jan. 1840. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_03&PagFis=69>. Acesso em: 17 jul. 2016.

³³ SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. p.42.

³⁴ Pela técnica de impressão *halftone* a formação da imagem se dá pelo uso de minúsculos pontos de diferentes tamanhos e espaçamentos que causam a ideia de cores sólidas, noção de profundidade, sombras e jogos de luz.

³⁵ BONI, Paulo César; ACORSI, André Reinaldo. A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo. **Libero**, São Paulo, v. 9, n. 18, p.127-137, dez. 2006. p.128 Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/4629/4355>>. Acesso em 05 nov. 2016; GIACOMELLI, Ivan Luiz. **A transição tecnológica do fotojornalismo**: da câmara escura ao digital. Florianópolis: Insular, 2012. p.46; PERES, Rafaella Lopes Pereira. **Os olhos no outro**: estudo

termos que remetam a tal primazia e é cuidadoso em especificar a publicação da fotografia "conjuntamente com o texto",³⁶ diferenciando a simples publicação de fotografias (caráter meramente ilustrativo) e o fotojornalismo propriamente dito (caráter informativo). A simples reprodução fotográfica por *halftone* já aparecia na primeira edição do jornal *Canadian Illustrated News*, em 30 de outubro de 1869.³⁷ Pouco a pouco, a técnica expandiu-se por todo o mundo, chegando ao Brasil.

No Brasil, o primeiro jornal a explorar a fotografia em suas publicações foi o *Correio da Manhã*, em 1902,³⁸ mas só a partir de 1905 que o periódico começa a criar uma relação entre as imagens e as notícias, de forma que a fotografia pudesse exprimir visualmente o evento relatado, especialmente na cobertura de crimes.³⁹ Ainda sobre esta questão, Ivan Luiz Giacomelli em sua obra *A transição tecnológica do fotojornalismo: da câmara escura ao digital* completa esta ideia ao dissertar que as primeiras fotografias presentes nos meios de comunicação impressos no início da década de 1910 visavam apenas ilustrar o texto da reportagem, não havendo a preocupação – e talvez sequer a percepção – de que a fotografia, técnica categorizada *a priori* como artística, poderia acrescentar informações a um texto jornalístico ou até mesmo contar de forma ilustrada um relato sobre determinado assunto, subestimando sua importância enquanto linguagem visual.⁴⁰ Somadas a estes fatores, as limitações do manuseio e transporte das câmeras fotográficas faziam com que os jornais selecionassem seus profissionais mais em função da força física do que em função de seu conhecimento técnico, uma vez que os equipamentos fotográficos eram demasiadamente desajeitados e pesados para

da sensibilidade na imagem fotográfica de pessoas de diferentes culturas. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2009. p.31.

³⁶ SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. p.42.

³⁷ LIBRARY AND ARCHIVES CANADA. **Canadian Illustrated News, 1869-1883**. Disponível em: <<http://www.bac-lac.gc.ca/eng/discover/canadian-illustrated-news-1869-1883/Pages/canadian-illustrated-news.aspx>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

³⁸ LOUZADA, Silvana. **Prata da Casa: fotógrafos e fotografia no Rio de Janeiro (1950/1960)**. Niterói: Editora da UFF, 2013. p.58.

³⁹ *ibidem*, p.176.

⁴⁰ GIACOMELLI, Ivan Luiz. **A transição tecnológica do fotojornalismo: da câmara escura ao digital**. Florianópolis: Insular, 2012. p.48-49.

deslocamentos durante o expediente. Destarte, sem conhecimento suficiente sobre fotografia e sua técnica, o objetivo dos fotógrafos consistia em conseguir fotos que fossem claras e fáceis de reproduzir, como Gisèle Freund aponta:

O assunto era de pouca importância para estes primeiros fotorepórteres, de quem os editores mediam o sucesso da fotografia em termos de clareza e conveniência para reprodução. Figuras políticas e sociais, que foram as suas primeiras vítimas, não tardaram a tratar com desprezo estes profissionais. Nenhuma de suas fotos recebia crédito de autoria, e por quase meio século o fotógrafo de imprensa foi considerado inferior, uma espécie de criado que recebe ordens, mas que não tinha iniciativa. [tradução nossa]⁴¹

No que diz respeito à imprensa brasileira nas décadas de 1900 a 1920, suas inovações não ficaram restritas à fotografia e à diagramação dos jornais, mas atingiram também a forma de redigir os textos. Com colunas mais agradáveis esteticamente, os jornais buscavam aproximar-se do grande público através de relatos detalhados sobre o evento noticiado por meio de uma narrativa literária.⁴² Assim, os jornais apresentavam ao seu público leitor notícias em que este pudesse identificar elementos comuns à sua própria realidade, por meio do texto e da imagem fotográfica. Tomamos, como exemplo, a descrição feita por Nelson Rodrigues durante um desastre de trem no Rio em 1925 (na época, Nelson era repórter do jornal *A Manhã*), que apresenta perfeitamente a lógica do jornalismo literário enquanto manobra mercadológica e ideológica. Mercadológica por aumentar significativamente a vendagem dos exemplares, e ideológica por conseguir atrair os leitores através da tragédia e da verossimilhança.

⁴¹ "The subject was of little importance to these first photoreporters, whose editors measured the success of a photograph in terms of its clarity and suitability for reproduction. Social and political figures, who were the first to be victimized, quickly learned to despise photographers. Reporters had difficulty getting them admitted to help cover stories. None of their photographs were signed, and for almost half a century the press photographer was considered inferior, a kind of servant who took orders, but who had no initiative." FREUND, Gisèle. **Photography and Society**. Boston: David R. Godine Publisher, 1980. p.113-114.

⁴² Consideramos, dentro deste contexto, o jornalismo literário sendo uma categoria de narrativa de imprensa na qual o autor tece opiniões e sensações próprias sobre o fato, a fim de dar maior veracidade à notícia e causar maior empatia no leitor, podendo ser também chamada de literatura não-ficcional, literatura da realidade, jornalismo diversional, reportagem-ensaio ou jornalismo de autor. O antigo modelo de jornalismo literário (anterior a esse período) era composto integralmente de contos ficcionais, como meio de entretenimento, chamado também de Folhetim, tendo grande circulação no Brasil do século XIX tanto na forma de revistas quanto de jornais. Para maiores informações a respeito das publicações dos primeiros folhetins no país e como estes propiciaram uma mudança das relações entre o público brasileiro e as leituras, Cf. SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces**, Fortaleza, n. 1, p.44-56, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

No meu primeiro mês de redação, houve um desastre de trem que assombrou a cidade. Morreram cem pessoas. Quando nós, da reportagem, chegamos, muitos ainda agonizavam; e uma moça, com as duas pernas esmagadas, pedia pelo amor de Deus: "Me matem, me matem". Eu via, atônito, os vagões trepados uns nos outros. Lá estava a locomotiva entortada. Um trem cavalgando outro trem. E o pior era a promiscuidade de feridos e mortos. De vez em quando, uma mão brotava das ferragens. E um colega tropeçou numa cabeça sem corpo.⁴³

A mescla de realidade e fantasia por meio da inferência de características psicológicas e físicas cria um mapa imaginário daquilo que ocorreu: é o que Walter Lippmann chama, em sua obra *Opinião Pública*, de *pseudoambiente*, que consiste numa representação mental criada pelo receptor de uma mensagem sobre um fato ou evento que ele não presenciou.⁴⁴ Assim, as tragédias cotidianas somadas ao estilo do periódico e o apelo ao imaginário oscilavam entre fantasia e realidade.⁴⁵ Somada a tais características, a incorporação de elementos visuais completa a ambientação para o leitor, tornando a leitura fácil e visualmente atrativa. A edição e a estrutura do jornal também oferecem uma segunda forma de ambientação através da disposição em colunas, das ilustrações, as rupturas e retomadas da narrativa e as terminologias utilizadas, que compunham um conjunto gráfico em sua totalidade, concedendo maior fluidez à leitura.⁴⁶ O *pseudoambiente* também pode ser enfatizado através dos estudos de Marialva Barbosa, considerando os meios e efeitos que a leitura oferece ao leitor, conforme segue:

A leitura se faz também pela apreensão de um outro sentido: a visão. Não apenas porque muitos destes leitores são parcamente alfabetizados, mas porque a materialização do acontecimento, através da imagem, produz um sentido de realidade que a descrição textual sozinha não contém. A narrativa detalhada e coloquial se faz necessária para que produza ele mesmo, leitor, o seu texto, a partir de sua imaginação criadora.⁴⁷

⁴³ RODRIGUES, Nelson. **O reacionário**. Memórias e Confissões. Rio de Janeiro: Record, 1977. p.201-202.

⁴⁴ LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. trad. Jacques A. Wainberg. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p.31.

⁴⁵ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.53.

⁴⁶ *ibidem*, p.56.

⁴⁷ *ibidem*, p.56.

Se antes a fotografia era meramente ilustrativa, agora esta passa a auxiliar na recriação do acontecimento, somando junto ao texto da notícia uma outra forma de linguagem. De acordo com Helouise Costa:

Assume-se que a imagem fotográfica é construída segundo uma estruturação ideológica explícita. A grande imprensa passa, então, a utilizar cada vez mais a fotografia, respaldando suas manifestações ideológicas na pretensa imparcialidade da imagem fotográfica.⁴⁸

As limitações de transporte e manuseio do equipamento fotográfico seriam superadas a partir de 1925, quando a Leica⁴⁹ revolucionou o mercado de câmeras fotográficas devido ao baixo peso do equipamento, alta velocidade de captura, lentes cambiáveis e uso de filme de 36 poses. Desta forma, os repórteres – em sua maioria trabalhando como freelancers – podiam fotografar com rapidez e discrição. Exemplo desta discrição foi Erich Salomon, na Alemanha, que fez uso de tal praticidade para criar uma nova forma de trabalho no fotojornalismo, capturando fotografias de figuras políticas e fatos do cotidiano sem ser notado. Os flagrantes – ou, como diria Bresson, os *instantes decisivos*⁵⁰ – revelavam uma espontaneidade nunca vista antes. O olhar e atuação de Salomon fizeram com que a imagem anteriormente degradada do fotógrafo, sem objetivo e ávido apenas por captar qualquer ilustração de página, fosse transformada e reformulada para a imagem de um fotógrafo inteligente, politizado e culto, pronto para desvelar os fatos e atender as exigências sociais do momento, promovendo assim a consolidação da carreira de fotojornalista na década de 1930.⁵¹

⁴⁸ COSTA, Helouise. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: COSACNAIFY, 2004. p.101

⁴⁹ Empresa alemã fundada em 1914 por Ernst Leitz com a proposta de fabricar câmeras leves, compactas e próprias para o uso profissional fora de estúdio.

⁵⁰ "De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório". CARTIER-BRESSON, H. **O instante decisivo**: 1952. Tradução livre de Paulo Thiago de Melo, Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downloads-uteis-o-instante-decisivo.pdf>>. Acesso em: 09 dez. 2015.

⁵¹ COSTA, Helouise. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: COSACNAIFY, 2004. p.99.

A atividade de um fotógrafo de imprensa que queira ser mais que um artesão é uma luta contínua pela imagem. Do mesmo modo que o caçador vive obcecado por sua paixão pela caça, o fotógrafo vive a obsessão pela foto única que deseja obter. É uma batalha contínua. Há que lutar contra os preconceitos que existem por causa dos fotógrafos que ainda trabalham com flashes, pelear contra a administração, os empregados, a polícia, os guarda-costas; contra a luz deficiente e as grandes dificuldades que surgem na hora de tirar fotos de pessoas que não param de se mover. Tem que captá-las no momento preciso em que não se movem. Também tem que brigar contra o tempo, pois cada periódico tem um prazo de entrega ao qual ele tem que se antecipar. Antes de tudo, um repórter fotográfico deve ter paciência infinita, não ficar nervoso; deve se colocar na corrente dos acontecimentos, e inteirar-se a tempo de onde eles se desenrolam. Se necessário tem que recorrer a todo tipo de argúcias, embora nem sempre se saia bem. [tradução nossa]⁵²

No cenário internacional, a evolução do fotojornalismo tomou força com as revistas ilustradas na Europa, especialmente na França – que passou a ser o centro de desenvolvimento do fotojornalismo em função da ascensão nazista na Alemanha – e, logo depois, nos Estados Unidos. Neste, através da forte influência germânica (E. Salomon) e francesa (revista *Vu*), surgem as revistas *Time* (1923)⁵³ e *Life* (1936),⁵⁴ que, ao contrário do desinteresse que a *Vu* recebeu dos patrocinadores na França, prosperaram com a publicidade norte-americana. Além do mercado e demanda favoráveis, estas revistas possuíam temática diversificada, tornando os periódicos americanos acessíveis para todos os públicos. No Brasil, a fotografia de imprensa teve similar trajetória.

⁵² "La actividad de un fotógrafo de prensa que quiera ser más que un artesano, es una lucha continua por su imagen. Del mismo modo que el cazador vive obsesionado por su pasión de cazar, igual vive el fotógrafo con la obsesión por la foto *única* que aspira obtener. Es una batalla continua. Hay que luchar contra los prejuicios que existen a causa de los fotógrafos que aún trabajan con flashes, pelear contra la administración, los empleados, la policía, los guardianes; contra la luz deficiente y las grandes dificultades de moverse. Hay que captarla en el momento preciso, cuando no se mueve. También hay que pelear contra el tiempo, pues cada periódico tiene un *deadline* al que hay anticiparse. Ante todo, um reportero fotógrafo debe tener una paciencia infinita, no ponerse nunca nervioso; debe estar al corriente de los acontecimientos y enterarse a tiempo de dónde desarrollan. Si hace falta, hay que recurrir a todo tipo de argucias, aunque no siempre salgan bien". SALOMON apud FREUND, Gisèle. **La fotografía como documento social**. trad. Josep Elias. 14. reimpr. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011. p.105.

⁵³ TIME. You Can See the Whole First Issue of TIME Online. Here's How. **TIME**, Estados Unidos, 3 mar. 2017. Disponível em: <<http://time.com/4684747/first-issue-vault/>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

⁵⁴ COSGROVE, Ben. LIFE's First-Ever Cover Story: Building the Fort Peck Dam, 1936. **TIME**, Estados Unidos, 16 nov. 2012. Disponível em: <<http://time.com/3764198/lifes-first-ever-cover-story-building-the-fort-peck-dam-1936/>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

Primeiro são colunas densas, feitas de palavras, só. Depois começam a aparecer timidamente rostos, retratos. Até que a fotografia se apossa das páginas de imprensa: foto-chamada, informação sintética, notícia, que se abre no visual, quase palpável. E o leitor, de informado apenas torna-se – ou pelo menos tem essa impressão – participante.⁵⁵

Os repórteres fotográficos no Brasil não possuíam formação adequada para o exercício das atividades, tampouco dispunham de equipamentos adequados, diferentemente dos repórteres franceses ou norte-americanos. Tal realidade perdurou por vários anos entre as revistas brasileiras até que, com a reforma da revista *O Cruzeiro* (em meados da década de 1940), o status da profissão modificou-se de forma satisfatoriamente positiva e com considerável rapidez, dadas as condições periféricas do Brasil em relação ao eixo fotojornalístico norte-americano e europeu. Segundo José Medeiros, os repórteres do *O Cruzeiro* reformularam a utilização da fotografia na revista sob a orientação de estrangeiros, principalmente com o ingresso de Jean Manzon⁵⁶ no quadro de funcionários, permitindo o ensino e uso de técnicas fotográficas para a equipe da revista.⁵⁷

É somente em 1943 que o jornalismo enquanto educação formal surge no país, junto à Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, e em 1947 em São Paulo, na Fundação Cásper Líbero, transformada posteriormente em Faculdade de Comunicação da Universidade São Bento. A ausência da fotografia enquanto disciplina de formação ocorria devido à proximidade das grades de jornalismo com as humanidades, sobretudo a Filosofia; assim, a fotografia era negligenciada por seu caráter técnico.⁵⁸

Tal desenvolvimento técnico e profissional da carreira e do fazer jornalístico não se passam, no entanto, num cenário político plenamente favorável. A imprensa começa a retomar estreita – e conflituosa – relação com o poder político no período historicamente denominado Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas, ao mesmo

⁵⁵ BRILL apud COSTA, Helouise. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: COSACNAIFY, 2004. p.103.

⁵⁶ Jean Manzon nasceu em Paris (1915), trabalhou nas revistas francesas *Vu*, *Paris Match* e *Paris Soir*; em 1943 chega ao Brasil para trabalhar na revista *O Cruzeiro*, trazendo as novidades técnicas para a fotografia de imprensa nacional.

⁵⁷ MEDEIROS apud COSTA, Helouise. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: COSACNAIFY, 2004. p.103-104.

⁵⁸ COELHO, Maria Beatriz. **Imagens da Nação**: brasileiros na fotodocumentação de 1940 até o final do século XX. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Edusp, 2012. p.119.

tempo em que a ideia de jornalismo literário começa lentamente a se dissolver em busca de uma pretensa imparcialidade, espelhada no modelo norte-americano. Somado a este fator, o período é marcado por uma notável instabilidade política, que irá reverberar de forma considerável nos meios de comunicação.

A complexidade das relações políticas, que se inicia com a coalizão de forças que assume o poder em 1930, se reflete na própria configuração do jornalismo no Rio de Janeiro, que funciona nas cercanias de poder. Ainda que haja a clara utilização dos meios de comunicação – inclusive os mais modernos, como o rádio – para atingir um público agora identificado como massa, há também o alinhamento dos dirigentes das principais publicações com o regime. Ainda que haja encampação de alguns periódicos, perseguição de outros tantos, há mais proximidades, acordos e relações conjuntas entre os homens de governo e os homens de imprensa do que divergências.⁵⁹

De acordo com Marialva Barbosa, o Estado Novo contribuiu para consolidar determinadas ideologias no país. A primeira é de que os homens são diferentes por natureza, havendo necessidade de um líder, responsável pela criação de leis e pela educação dos demais. A segunda refere-se à noção de sociedade de massas, caracterizada pelo amorfismo, generalização e anonimato destes componentes.⁶⁰

Neste período, os jornais passam a focar a política e o Estado ganha cada vez mais visibilidade e espaço, seja pelo próprio alinhamento político dos jornais, seja por coerção exercida sobre eles. Desta forma, o leitor retorna para uma posição periférica, tal como ocorreu no início da imprensa no Brasil.⁶¹ A população passa então a ter visibilidade por outros canais de comunicação que estavam surgindo no período, como o rádio, a televisão e o cinema. Em vista de assegurar a homogeneidade do Estado nos meios de comunicação, Vargas decreta, no final do ano de 1939, a criação do DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda, a fim de propagar os ideais estadonovistas às massas. Vale salientar que o DIP foi fruto do aperfeiçoamento de outros departamentos criados por Vargas, remontando a um

⁵⁹ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.p.103.

⁶⁰ *ibidem*, p.105.

⁶¹ No Império, a imprensa chega ao país com a demanda de se ter um veículo de comunicação para tratar e atender estritamente questões políticas e diplomáticas da Corte Portuguesa, que havia chegado ao Brasil em 1808. Desta forma, eventos locais ou fatos diretamente ligados à sociedade brasileira eram, em sua maioria, negligenciados da pauta jornalística. SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.19-20.

período anterior ao de 1939.⁶²

A censura era um gesto, entre outros, que participava de um processo presente e gradativo durante todo o governo de Vargas, em busca de promover, propagar e controlar sua política de governo. Assim, o Decreto-Lei 1.915, de 27 de dezembro de 1939 (cria o Departamento de Imprensa e Propaganda e dá outras providências), teria como finalidade fundamental:

[...] centralizar e coordenar a propaganda nacional, interna e externa, e servir como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas; [...]; **fazer a censura do teatro, do cinema, das funções recreativas e esportivas, da radiodifusão, da literatura social e política da imprensa**; estimular a produção de filmes educativos nacionais e classificá-los para a concessão de prêmios e favores; **colaborar com a imprensa estrangeira para evitar a divulgação de informações nocivas ao país**; [...] [grifos nossos]⁶³

O ideal nacionalista do Estado Novo vê o DIP como um meio controle das massas, com fins à legitimação de uma identidade genuinamente brasileira. O órgão, que dispunha de várias divisões e serviços auxiliares,⁶⁴ tornar-se-ia demasiadamente hostil tanto para os meios de comunicação, que veriam suas pautas constantemente ameaçadas pelo controle do governo, quanto para a própria população, que se sentiria fortemente manipulada e conduzida pelo autoritarismo do Estado Novo. Com a imagem política consideravelmente desgastada, Getúlio Vargas é deposto do poder pelos militares que compunham seu próprio ministério em 29 de outubro de 1945, dando fim ao regime político.⁶⁵ Em função da expansão das redes de TV e outros meios, as vendagens da revista *O Cruzeiro* começam a

⁶² Em 1931 foi criado o DOP - Departamento Oficial de Publicidade e, em 1934 o DPDC - Departamento de Propaganda e Difusão Cultural. No início de 1938, o DPDC transformou-se no DNP - Departamento Nacional de Propaganda que, finalmente em 1939, deu lugar ao DIP. Para mais informações: ARAÚJO, Rejane. Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro - DHBB**. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC (Verbete). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

⁶³ BRASIL, **Decreto-Lei nº 1.915**, de 27 de dezembro de 1939. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1915-27-dezembro-1939-411881-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

⁶⁴ No Decreto-Lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939, dispunham-se cinco divisões, sendo: "[...] a) Divisão de Divulgação; b) Divisão de Rádio-difusão; c) Divisão de Cinema e Teatro; d) Divisão de Turismo; e) **Divisão de Imprensa** [...]", além de "[...]Serviços Auxiliares, que são os de Comunicações, Contabilidade e Tesouraria Material, Filmoteca, Discoteca, Biblioteca" [grifo nosso].

⁶⁵ FAUSTO, Boris. O controle da opinião pública. In: _____. **História do Brasil**. 13. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. p.375-377.

declinar, fazendo com que a revista *Manchete* ocupasse seu espaço. A revista *Manchete* exaltou a figura de Juscelino Kubitschek de forma semelhante à que será praticada pelo jornal *Ultima Hora* (1951) com a figura de Getúlio Vargas, como veremos a seguir. O declínio da revista *O Cruzeiro* foi inerente à fase experimental e fervorosa da imagem no Brasil nos idos da década de 1950 com a popularização da imagem televisiva.

O gênero revista ilustrada se esvaziou com o desenvolvimento da TV. Decaíram ou desapareceram, como foi o caso das revistas *O Cruzeiro*, *Paris Match*, *Life*. O que aconteceu então com o fotojornalismo, seja no Brasil, seja no mundo, foi que ele abandonou o caminho da imagem, no qual estava sendo definitivamente derrotado pela televisão e se voltou para o texto.⁶⁶

A necessidade de reformulação da imprensa surge com o furor progressista de Juscelino, no qual palavras como "desenvolvimento" e "modernização" se tornam regra. À luz desta inventiva, os jornais cariocas de maior tiragem buscam na imprensa internacional os aspectos fundadores de um novo jornalismo para o Brasil, tanto pelo conteúdo quanto pela estética.

Uma série de mudanças começa a ocorrer, sobretudo, a partir dos anos 1950,⁶⁷ especialmente com as influências norte-americanas que resultariam no uso do *lead* e do *copy-desk*, por exemplo. O *lead* consiste na primeira parte da notícia, disposta em realce com relação ao restante do texto, respondendo a algumas perguntas básicas: o quê, quem, quando, onde, como e por quê; com o propósito de dar ao leitor um panorama geral sobre o fato. O *copy-desk*, ou revisão de texto, consistia num corpo editorial que pudesse controlar e rever os conteúdos antes que estes fossem publicados.⁶⁸ Para Marialva Barbosa, é neste momento em que o

⁶⁶ FUNARTE. **José Medeiros** - 50 anos de fotografia. Rio de Janeiro, 1986. p.13.

⁶⁷ A nível de exemplo, citamos o caso do *Jornal do Brasil* a partir de 1959, quando Amilcar de Castro, artista plástico neoconcretista, designer gráfico e escultor mineiro propôs mudanças para reestruturar completamente a primeira página (capa) do jornal, a criação de um caderno voltado para notícias sobre artes, cinema e teatro (o Caderno B), a separação dos classificados passando a ter um caderno próprio (Caderno C), eliminação dos "fios" das colunas de textos e implantação de uma diagramação vertical. FONSECA, Letícia Pedruce. **A Construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX**. 2008. Dissertação (Mestrado em Design), Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 214p.

⁶⁸ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 157; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 31, p.147-160, 2003.

processo de autonomização do *campo* jornalístico em relação ao literário começa a ser construído, tendo como base fundamental de sua legitimação a ideia de neutralidade, conferindo ao *campo* as condições necessárias para seu reconhecimento perante a sociedade, que tomaria seus agentes como vetores de informação.

De início, apenas o *Diário Carioca* adotou o *copy-desk* e, posteriormente, por convenção e necessidade, os demais jornais. No período em questão o *campo* jornalístico buscava desprender-se das características do jornalismo literário, típico das décadas de 1910 e 1920. Somado a este fator, a modernização gráfica, editorial, empresarial e redacional pretendia a enunciação da "verdade e dos fatos" de forma oficializada, constituindo um registro dos acontecimentos daquele tempo "isento" de dubiedades, metáforas e jogos de palavras típicos dos antigos jornais literários. Não que esta nova fase não carregaria em si os jogos de palavras, metáforas e o sensacionalismo, mas que este recurso seria usado apenas para atrair o leitor.

Os jornais, ao priorizarem, a partir daí, um conteúdo enfeixado pela ideia de imparcialidade contida nos parâmetros do lide e na edição, no qual o corpo de *copy-desk* ganha destaque, e ao promoverem a padronização da linguagem, constroem para a imprensa o espaço da neutralidade absoluta. Com isso, passam a ter o reconhecimento do público como lugares emblemáticos para a difusão da informação, ainda que a carga opinativa não tenha sido alijada nas publicações.⁶⁹

Entretanto, é preciso lembrar que cada indivíduo interpreta o mundo de acordo com suas próprias inferências e, portanto, corre o risco de chegar a uma conclusão distinta diante de uma leitura. Neste aspecto, a imprensa consegue – através de um veículo cultural – auxiliar ou até mesmo condicionar a formação de opinião do leitor, tornando-se também um instrumento de poder. Ao descrever os fatos que supostamente ocorrem no mundo narra-se também a realidade deste, onde a notícia é imaginada pelo leitor por meio de contextualizações e descrições do jornal. Assim, o leitor depreende o mundo conforme sua visão de mundo, que por sua vez é transpassada de várias outras visões, influências e interações. A escrita

Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2186/1325>>. Acesso em: 5 fev. 2016. p.149.

⁶⁹ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1900-2000. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.151.

contida no jornal é a mesma, assim como o repórter que a escreveu e o redator-chefe que a avaliou. No entanto, a massa de leitores é bem diversificada.

O pseudo ambiente é um composto híbrido de "natureza humana" e "condições". Para mim isso mostra a futilidade de pontificar sobre o que o homem é e sempre será considerando o que observamos o homem fazendo, ou sobre quais são as condições necessárias da sociedade. Pois não sabemos como os homens se comportarão em resposta aos fatos da grande sociedade. Tudo o que realmente sabemos é como eles se comportam em resposta ao que pode ser adequadamente denominado como a mais inadequada imagem da grande sociedade. Nenhuma conclusão sobre o homem ou a grande sociedade pode honestamente ser tirada com base em evidências deste tipo.⁷⁰

Desta maneira, é necessário assumir que cada indivíduo se baseia não em um conhecimento direto e determinado, mas através de imagens feitas em sua cabeça ou transmitidas a ele.⁷¹

A imprensa passa a ter o reconhecimento do público como meio legítimo de difusão da informação (seja através de notícias, seja através de conteúdo publicitário). Sua função política é feita de forma indireta, pois o jornalista que a enuncia não ocupa um núcleo político ativo, não exerce nenhuma função política de fato e não é diretamente ligado a um comando de mesma natureza.⁷² O que pode supostamente ocorrer – como de fato se consuma – é que o jornal segue por conveniência econômica e/ou ideológica, muitas vezes, uma vertente, podendo se posicionar contra ou a favor de determinado grupo da sociedade. Este posicionamento se dá pelo poder da palavra: de *quem* a detém, de *quem* a enuncia e de *quem* a autoriza; ou seja, não se trata apenas do discurso, mas da formalização e sua *maneira* de ocorrer.⁷³

⁷⁰ LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. trad. Jacques A. Wainberg. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p.37

⁷¹ ibidem.

⁷² BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 152. É importante enfatizar também que as ligações entre o campo jornalístico e o campo burocrático (Estado) no Brasil de 1950 se operam de diversas formas: sistemas de concessão pública, controle das cotas de papel, financiamentos/subsídios do Estado ou empresas privadas, fiscalização governamental dos meios de comunicação, publicidade governamental e corrupção. Para maiores informações, Cf. RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Clientelismo, corrupção e publicidade: como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?. **C-legenda**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 1-15, fev. 2011. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/336>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

⁷³ "O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja

O poder das palavras é apenas o poder delegado do porta-voz cujas palavras (quer dizer, de maneira indissociável, a matéria de seu discurso e sua maneira de falar) constituem no máximo um testemunho, um testemunho entre outros da garantia de delegação de que ele está investido.⁷⁴

Estando contra ou a favor, a imprensa sempre esteve intimamente ligada às questões políticas no Brasil. Não é por acaso que o *Ultima Hora* nasceu fruto destas relações.

1.2 O surgimento do *Ultima Hora* e o mito da renovação da imprensa brasileira

"Moderno", "pioneiro", "inovador", "revolucionário". Estes são alguns dos termos que aparecem nas diversas obras sobre o jornal *Ultima Hora*, reforçando o que Marialva Barbosa chama de "mítica da renovação". De acordo com a pesquisadora:

Falar do jornal fundado em 12 de junho de 1951 por Samuel Wainer é se referir a vários discursos míticos: o do jornal que por ser dirigido por um "verdadeiro jornalista" passa a valorizar o profissional e é capaz de revolucionar a forma de fazer jornalismo até então; o do jornal que renova a imprensa brasileira, introduzindo inovações nunca antes percebidas; o do jornal que materializa mais do que qualquer outro meio de comunicação as suas relações com as cercanias de poder; entre diversos outros.⁷⁵

De modo geral, o *campo* jornalístico carrega estes mitos, onde a imagem da profissão é apresentada por meio de preceitos e depoimentos pessoais e assimilada pelo grupo como sendo comum a todos, auxiliando na criação de uma imagem quase que sacralizada diante da atividade profissional de jornalista, enfatizando dificuldades do cotidiano, como a baixa remuneração, periculosidade, horários desregrados, escassez de recursos, entre outras.⁷⁶ Dentre estes discursos míticos, os que causam mais ruído em nossa pesquisa são aqueles sobre as inovações

produção não é da competência das palavras". BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. trad. Fernando Thomaz. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p.15.

⁷⁴ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p.87.

⁷⁵ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.168.

⁷⁶ *ibidem*, p.101.

gráficas e uma suposta revolução no fazer jornalístico levada a cabo por um único protagonista, o *Ultima Hora*. É necessário levar em consideração que grande parte das obras sobre o jornal foram escritas por jornalistas que ali trabalharam ou tiveram como fontes primárias a coleta de depoimentos de ex-jornalistas do *UH*. Adicionalmente, há um retorno constante de diversos autores à biografia de Samuel Wainer, *Minha Razão de Viver*, que, apesar de conter dados de grande relevância para compreendermos sua história, não deixa de ter um tom nitidamente celebrativo sobre o *Ultima Hora*. É importante pontuar que inevitavelmente utilizaremos *Minha Razão de Viver* como forma de evitar citação indireta por terceiros. Ainda a respeito da supracitada obra, o ex-repórter Moacir Werneck de Castro menciona que esta deve ser lida com reserva e que Wainer exagerou na autoflagelação:

Creio ter uma explicação para isso. Embora uma jornalista fizesse as vezes de entrevistadora, Samuel na verdade se entregou a um monólogo febril para o gravador, que rendeu cerca de 1.200 laudas datilografadas. Destas, o jovem e competente jornalista Augusto Nunes extraiu umas 400 de texto para o livro. Augusto Nunes era de outra época, e fez a seleção de um ponto de vista técnico, digamos assim, retirando para o livro o que lhe pareceu mais interessante. Provavelmente no que sobrou estariam coisas muito importantes, inclusive para a história da UH.⁷⁷

A respeito das renovações gráficas e do fazer jornalístico pode-se afirmar que, na realidade, o jornal conseguiu assimilar bem as várias experiências acumuladas em diversos jornais entre as décadas de 1920 e 1950.⁷⁸ Como exemplo, uma forte ênfase nos aspectos visuais já podia ser encontrada nas edições de domingo do jornal *A Noite* entre 24 de janeiro de 1937 e 22 de julho de 1945,⁷⁹ que trazia fotomontagens, recortes complexos, instantes fotográficos e predominância da linguagem fotográfica anos antes da fundação do *Ultima Hora*. Abaixo, selecionamos um exemplar do dia 4 de abril de 1937 do jornal *A Noite* (Figura 1), a fim de ilustrar tal ênfase visual em um veículo anterior ao vespertino de Samuel Wainer.

⁷⁷ CASTRO, Moacir Werneck de. Samuel e Lacerda ficaram fascinados um pelo outro. In: BARROS, Antonio Theodoro de Magalhães; CASTRO, Moacir Werneck de; et al. **A Última Hora de Samuel Nos Tempos de Wainer**. Rio de Janeiro: ABI-Copim, 1993. p.79-85. p.85.

⁷⁸ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1900-2000. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.173.

⁷⁹ O espaço de tempo descrito no texto compreende o tempo em que o caderno dominical do periódico circulou, explorando a linguagem visual e fotográfica de forma ímpar se comparado com as edições dos demais dias da semana.



Figura 1 - Jornal A Noite, 4 de abril de 1937. Fonte: Biblioteca Nacional Digital - Brasil.⁸⁰

⁸⁰ A NOITE. A Noite, Rio de Janeiro, 4 abr. 1937. p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/348970_03/42038>. Acesso em: 21. out. 2016.

O vespertino⁸¹ *Ultima Hora* circulou pela primeira vez no dia 12 de junho de 1951, fruto de ligações políticas com Getúlio Vargas e do grande sonho de seu fundador, Samuel Wainer, trazendo uma modalidade jornalística que pudesse atender às camadas menos influentes da sociedade. O jornal rodava diariamente, com exceção dos domingos.

No que diz respeito às origens de Samuel Wainer, trata-se de um assunto ainda controverso. A primeira versão de sua autobiografia indica que Wainer nasceu em São Paulo, no bairro do Bom Retiro; a segunda, de 2005, com dados que foram suprimidos da primeira edição, revela que ele nasceu na Bessarábia (hoje República Moldova), na cidade de Edenitz, em 19 de dezembro de 1910, de onde emigrou aos dois anos de idade com seus pais, Jaime Wainer e Dora Wainer, para o Brasil em função das perseguições aos judeus na Europa Oriental.⁸² As duas versões possuem em comum a precária condição social de sua família. Wainer iniciou sua carreira jornalística no *Diário de Notícias*, ainda como estudante de Farmácia, curso que nunca terminou. Em 1938 fundou a revista mensal *Diretrizes* – produzida e editada no apartamento de Antônio José de Azevedo Amaral, seu principal viabilizador financeiro –, transformada em semanário três anos mais tarde. Sua linha editorial de oposição ao regime de Getúlio Vargas resultaria em diversas edições apreendidas pela fiscalização do DIP. Uma entrevista com o ex-ministro do Trabalho Lindolfo Collor, em 1944, renderia a suspensão do suprimento de papel⁸³ e o

⁸¹ Na década de 1960 o jornal passaria a ter duas edições diárias no Rio de Janeiro: as vespertinas e matutinas, que se diferenciavam por sutis alterações na diagramação, tamanho e disposição de notícias e fotografias. Ao longo da década de 1950 e início de 1960, o *Ultima Hora* abriu várias sucursais em todo o território nacional, dentre as quais podemos citar: Belo Horizonte, Brasília, Campinas, Curitiba, Londrina, Porto Alegre, Recife, Santos, Santo André e São Paulo, sendo esta última a segunda a ser inaugurada, em 1952. ULTIMA HORA. Editôra ULTIMA HORA S/A. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 17 jan. 1963. p.4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=86414>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

⁸² FERRARI, Danilo Wenseslau. **A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937 - 1944)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p.43; MEDEIROS, Benício. **A Rotativa Parou!** Os Últimos Dias da Última Hora de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.52.

⁸³ O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) trazia em seu 2º artigo: "proibir a entrada no Brasil de publicações estrangeiras nocivas aos interesses brasileiros, e interditar, dentro do território nacional, a edição de quaisquer publicações que ofendam ou prejudiquem o crédito do país e suas instituições ou a moral;" [grifo nosso]. Embora o decreto-lei não explicitasse, o órgão também tinha controle sobre a quantia de papel para impressão destinado aos jornais e revistas, uma vez que, naquele período, tais suprimentos só eram fabricados fora do país e necessitava-se do aval de importação do governo. O Decreto-lei nº 1.915 de 27 de dezembro de 1939 na íntegra encontra-se disponível no site: <

fechamento da revista, culminando no exílio de Wainer primeiramente no Chile e posteriormente nos Estados Unidos, trabalhando como correspondente do *O Globo* até o fim do Estado Novo, quando retorna ao Brasil.⁸⁴

A proposta de criação do *Ultima Hora* surgiu dois anos após uma entrevista com Vargas realizada por Wainer (na época repórter do *O Jornal*, um dos vários periódicos pertencentes à cadeia *Diários Associados*). Em sua autobiografia *Minha Razão de Viver*,⁸⁵ o repórter relata que no carnaval de 1949 estava de passagem no Rio Grande do Sul para realizar uma matéria sobre a cultura de trigo a pedido de Assis Chateaubriand, dono da cadeia de jornais *Diários Associados*. A bordo de um Cessna bimotor, Wainer sobrevoava a fazenda de Getúlio Vargas, quando resolve descer nela em busca de uma entrevista com o ex-presidente. A entrevista não apenas ocorreu como sua repercussão rendeu frutos para a carreira jornalística de Wainer e contribuiu para o retorno político de Vargas na campanha presidencial que aconteceria no ano seguinte, em 1950.⁸⁶

Ao retornar para São Paulo sem a matéria encomendada por Chateaubriand, Wainer deixa um exemplar da entrevista sobre a mesa de seu chefe, entrevista esta que renderia a tiragem de 180.000 exemplares, uma vendagem significativa se comparada à média do jornal, de aproximadamente 9.000 exemplares.⁸⁷ A visibilidade política proporcionada pela entrevista contribuiu para a vitória de Vargas na campanha presidencial de 1950.

A posse do novo presidente ocorreu no dia 31 de janeiro de 1951, sob forte celebração popular. A imprensa, como era de se esperar, reagiu de forma negativa, anunciando o fato com a maior discricção possível. Wainer, ainda na condição de repórter dos *Diários Associados*, viaja para Petrópolis com o objetivo de realizar a cobertura da primeira reunião ministerial com o presidente eleito; ao fim da reunião,

1939/decreto-lei-1915-27-dezembro-1939-411881-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 7 jan. 2016.

⁸⁴ LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda x Wainer: O Corvo e o Bessarabiano**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 1998. p.48.

⁸⁵ Esta referência é constantemente utilizada por terceiros para relatar o episódio. O caráter literário será mantido, mas recomenda-se a leitura cautelosa das motivações, atitudes, descrições e afirmações categóricas de Wainer reproduzidas indiretamente.

⁸⁶ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver: memórias de um repórter**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988. p.19-21.

⁸⁷ *ibidem*. p.25.

é convidado a jantar com a família presidencial e, logo após, durante uma conversa com Vargas, é encorajado a montar seu próprio jornal. Tendo o aval e apoio do presidente, Samuel Wainer conseguiu em poucos meses angariar os recursos necessários para que o *Ultima Hora* fosse criado.⁸⁸

Uma das barreiras de entrada ao *campo* jornalístico, a necessidade de possuir capital econômico,⁸⁹ seria superada por meio de manobras políticas com o auxílio de três financiadores: os banqueiros e empresários Walter Moreira Salles, Euvaldo Lodi e Ricardo Jafet. Posteriormente, com a oficina de impressão garantida, Wainer recorreu também a Juscelino Kubitschek, na época governador de Minas Gerais.⁹⁰ Em sua autobiografia *Minha Razão de Viver*, Wainer descreve que próximo ao lançamento do jornal, antes mesmo do *Ultima Hora* circular, o bessarabiano tivera inúmeros sinais de que a luta seria difícil, pois os outros jornais já acompanhavam a movimentação do *UH* com olhares hostis, prontos para realizar o cerco, e ele próprio tinha ciência de ser um estranho naquele ambiente até então aristocrático, onde os outros donos de jornais fariam de tudo para expeli-lo.⁹¹ O relato exemplifica a observação de Moacir Werneck de Castro acerca da autoflagelação de Wainer.

Apesar da precária rotativa do futuro jornal *Ultima Hora* – um *off-set* da marca *Duplex* que tinha capacidade para imprimir não mais que 20.000 jornais/hora com 12 páginas cada –, Wainer tratou de montar a equipe do jornal com profissionais que já possuíam considerável experiência, escalando inicialmente Octavio Malta (futuro braço-direito de Samuel Wainer) e João Etcheverry como repórteres, os chargistas Augusto Rodrigues e Lanfranco Vaselli (conhecido como Lan) e o artista gráfico Andrés Guevara, que trouxe as novidades assimiladas

⁸⁸ *ibidem*. p.125-130.

⁸⁹ "A estrutura do campo e a distribuição desigual dos recursos (economias de escala, vantagens tecnológicas, etc.) contribuem para assegurar a reprodução do campo, através das 'barreiras à entrada', resultantes da desvantagem permanente que os novos que entram devem enfrentar, ou do custo de exploração que eles devem quitar." BOURDIEU, Pierre. O campo econômico. **Revista Política & Sociedade**, Florianópolis, v.4, n. 6, p.15-57, abr. 2005. p.27. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1930/1697>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

⁹⁰ LEMOS, Renato. Samuel Wainer. In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro - DHBB**. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC (Verbetes). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/wainer-samuel>>. Acesso em: 28 mai. 2016.

⁹¹ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988. p.135.

durante sua atuação na imprensa argentina.⁹² O nome do jornal, segundo Wainer, dava "a ideia de imparcialidade, de urgência, de notícia acontecendo",⁹³ tendo seu e logotipo desenhado por Andrés Guevara, com letra glamurosa, "letra de mulher",⁹⁴ sem acento ou artigo definido.

Vendido a 1 Cruzeiro (CR\$),⁹⁵ o primeiro exemplar do *Ultima Hora* (Figura 2) traria em suas páginas indícios de diversas estratégias empregadas para conquistar público, mercado e seu lugar no *campo*. O mais notório é a reprodução da carta de Getúlio Vargas dirigida a Samuel Wainer, dando as boas-vindas ao jornal, em uma coluna do lado esquerdo da primeira página. Inicialmente, Vargas agradece a notificação do surgimento do *Ultima Hora*, se referindo a Wainer como um estimado amigo e elogiando o novo empreendimento, idealizado por um jornalista "[...] sereno, inteligente, objetivo, sempre capaz de bem escolher os assuntos, expô-los com clareza, simplicidade e elegância, sentindo o que diz e sabendo dizer o que sente"⁹⁶ e que, por estes motivos, o jornal haveria de ser um novo marco na imprensa do país. O presidente tece algumas considerações sobre a opinião pública, relatando que aceitava críticas e oposições vindas da imprensa, desde que estivessem alicerçadas na verdade, na justiça e na imparcialidade; também afirma que o jornalismo desempenha um grande papel social, por esclarecer e orientar a opinião

⁹² *ibidem*, p.133-135.

⁹³ WAINER *apud* PINHEIRO JUNIOR, José Alves. **A Ultima Hora (como ela era)** - História e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. p.21.

⁹⁴ *ibidem*.

⁹⁵ Conforme pesquisado na hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital - Brasil, disponível em <bdigital.bn.br/hemeroteca-digital/>, os jornais que circulavam no Rio de Janeiro em junho de 1951 – mês e ano de lançamento do *Ultima Hora* – possuíam valores parecidos entre si, oscilando entre CR\$0,50 (cinquenta centavos de Cruzeiro) a CR\$1 (um Cruzeiro). Jornais cariocas do período: *A Manhã* - CR\$0,50; *A Noite* - CR\$1; *Correio da Manhã* - CR\$1; *Diário Carioca* - CR\$1; *Diário da Noite* - CR\$1; *Diário de Notícias* - CR\$1; *Jornal do Brasil* - CR\$1; *O Fluminense* - CR\$0,80; *Tribuna da Imprensa* - CR\$0,80. Desta forma, o *Ultima Hora* se inseria neste mercado com um preço competitivo, não recorrendo à baixa de preços enquanto estratégia de ataque frontal aos dominantes do mercado. Para estratégias de entrantes (*challengers*) e dominantes no *campo* econômico, Cf. BOURDIEU, Pierre. O campo econômico. **Revista Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 4, n. 6, p.15-57, abr. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1930/1697>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

⁹⁶ A carta, na íntegra, escrita por Getúlio Vargas pode ser encontrada em *Minha Razão de Viver* (1988) e no primeiro exemplar do *Ultima Hora*, em: VARGAS, Getúlio. **Coluna de Ultima Hora. Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 12 jun. 1951. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=1>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

pública, auxiliando o governo na missão de servir e suprir as necessidades e anseios populares. Ao final da carta, reproduzida na íntegra, há a assinatura de Getúlio Vargas como forma de autorizar e atestar o valor do jornal diante dos demais meios de comunicação da época.

Para Pierre Bourdieu, em *Razões Práticas*, se o nome próprio garante a individualidade do ser em sua unicidade biológica, independentemente dos espaços sociais possivelmente ocupados por este, a assinatura autentica sua identidade, podendo ser usada como forma de transferência de capitais simbólicos (autoridade, notoriedade, influência) entre *campos* distintos.⁹⁷ Na mesma obra, em outro texto, o autor discorre sobre as dinâmicas de consagração exercidas pelo Estado, entre elas a nomeação e o atestado, que:

[...] pertencem à categoria dos atos ou discursos *oficiais*, simbolicamente eficientes porque realizados em situação de autoridade, por pessoas autorizadas, "oficiais", agindo *ex officio* como detentores de um *officium (publicum)*, de uma função ou de um cargo atribuído pelo Estado.⁹⁸

A assinatura do indivíduo Getúlio Dornelles Vargas, presente na carta, se confunde, perante o público do jornal, à assinatura do indivíduo instituído como presidente da República do Brasil, como forma de mobilização de capital simbólico para o periódico. Cabe observar que a eficiência do ato é parcial, uma vez que realizado por pessoa autorizada, mas não em situação de autoridade, tendo em vista que a carta não é um documento oficial.

Ao lado da supracitada carta, há a manchete impactante de um acidente na Central do Brasil, com os seguintes dizeres: "NOVA TRAGÉDIA A QUALQUER MOMENTO; DESMORONA A CENTRAL". No final da página, uma nota com a chamada "Intercâmbio de '*Ultima Hora*'", anunciando um acordo firmado entre o *Ultima Hora* e outros jornais do país,⁹⁹ concedendo a estes os direitos de reprodução exclusiva e total de suas reportagens.

⁹⁷ BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação. trad. Mariza Corrêa. 4. reimpr. São Paulo: Papirus. 2014. p.77-78.

⁹⁸ *ibidem*, p.113.

⁹⁹ *Correio do Povo e Folha da Tarde*, de Porto Alegre (RS); *Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite*, de São Paulo (SP); *Folha de Minas*, de Belo Horizonte (MG); *A Tarde*, do estado da Bahia; *O Povo*, de Fortaleza (CE); *Folha da Manhã e Folha da Tarde*, de Recife (PE); e *O Jornal e Diário da Tarde*, de Manaus (AM). Fonte: ULTIMA HORA. Intercâmbio de 'Ultima Hora'. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 12. jun. 1951. p.1. Disponível em:

GETÚLIO: Nenhuma Contradição Existe Entre o Exercício da Crítica Honesta e as Atribuições do Poder Público

A TRAGEDIA

A QUALQUER

DESMORONA A CENTRAL

Ultima Hora

LEIA NA PÁG. 7

150 MILHÕES DE CRUZEIROS ARRANCADOS AO BRASIL

650 AÇÕES DE DESPEJO A MÉDIA MENSAL EM 1951

Orgia de Dolares

No Cambio Negro do Turismo

Intercambio de "Ultima Hora"

EXTRA SENSACIONAL

ULTIMA HORA Divulgou, Ainda Na sua Edição Extra, Sensacional Documento Sobre o Atual Momento Político - Aguardem a Edição ULTIMA HORA de 15/6/51

Figura 2 - Primeira página do jornal *Ultima Hora*, de 12 de Junho de 1951. Fonte: Biblioteca Nacional Digital - Brasil.¹⁰⁰

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=1>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

¹⁰⁰ ULTIMA HORA. *Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 12 jun. 1951. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=1>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

Na lateral inferior direita da capa há também uma chamada com os termos "EXTRA! SENSACIONAL", mencionando que o jornal divulgaria ainda às 16 horas do dia 12 de junho de 1951 uma edição extra sobre o atual momento político. A chamada com os supracitados termos em caixa alta e relativo destaque na capa evocam o teor sensacionalista do periódico, através da intensificação e da ênfase sobre o evento divulgado.

Próximo ao centro da página há o logotipo do jornal na cor azul e ao lado o seu slogan, contido em uma espécie de *ex-libris*: "Um jornal vibrante, uma arma do povo". Entre o primeiro e o segundo dia de circulação, (respectivamente os dias 12 de junho de 1951 e 13 de junho de 1951), a imagem junto ao slogan é alterada: de uma pessoa inicialmente empunhando um jornal enrolado, passa a ser uma pessoa carregando um jornal próximo ao peito e uma ferramenta de trabalho na outra mão, apoiada sobre o solo (Figura 3).¹⁰¹



Figura 3 - Logotipo do jornal *Última Hora*, de 13 de Junho de 1951. Fonte: Biblioteca Nacional Digital - Brasil¹⁰²

É digno de nota que, a partir do quarto dia de circulação, o jornal alterou o fundo de seu logotipo (de uma tipografia azul chapada em fundo branco para uma tipografia branca estampada sobre um fundo azul e branco listrado horizontalmente), além de suprimir o *ex-libris* com o slogan, cujo espaço, vez ou outra, passou a ser

¹⁰¹ De acordo com a iconografia comunista, a foice e o martelo representam a classe trabalhadora agrícola e industrial, respectivamente. Pontualmente para o *ex-libris* das primeiras edições do *Última Hora*, há possíveis relações com as representações do partido comunista, no qual o homem retratado empunhava em um primeiro momento um jornal, em posição de ação, golpeio, para posteriormente segurá-lo próximo ao peito e com a outra mão segurar uma ferramenta que evoca uma foice ou marreta, junto ao slogan "Um jornal vibrante, **uma arma do povo**" [grifo nosso]. O jornal, que se posicionava a favor do povo e era categorizado como de esquerda, poderia ter realizado esta relação intencionalmente. No entanto, é necessário que se façam futuras pesquisas com base nestes elementos para que se possa comprovar ou falsear tal hipótese, balizando-se também nos ícones e símbolos da ideologia política comunista.

¹⁰² ULTIMA HORA. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1951. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=49>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

preenchido com a indicação da edição (1ª Edição, 2ª Edição) ou o valor do jornal (1 Cruzeiro, 2 Cruzeiros), por exemplo. Isso evidencia a grande preocupação do periódico com a estética visual, que mudava constantemente e em poucos dias sem que houvessem problemas de logística atrelados à confecção e/ou alteração do layout. A fim de ilustrarmos esta preocupação, podemos citar a edição publicada em 16 de janeiro de 1963, em que o jornal dispõe de uma coluna intitulada "Mudanças no padrão 'UH'" na lateral esquerda da capa a fim de apresentar seus novos colunistas e as alterações ocorridas nas páginas 3, 4 e 5 através de alguns exemplos.¹⁰³ Na segunda página há também as boas-vindas do presidente da ABI - Associação Brasileira de Imprensa, Herbert Moses, mencionando que o aparecimento de um jornal como o *Ultima Hora* é um evento que motiva a alegria de dirigentes e associados.¹⁰⁴

Destarte, o jornal apresentava diversos elementos que permitiam sua consagração dentro das variadas esferas em que a imprensa atua, diretamente ou indiretamente. Para Pierre Bourdieu, em *Sobre a televisão*, assim como o *campo* literário ou o *campo* artístico, o *campo* jornalístico possui uma dinâmica própria e de caráter cultural, que inclui o reconhecimento entre os pares, através de direitos e deveres (deontologia) que fundamentam as reputações e a honorabilidade profissional. O *campo* jornalístico, no entanto, também se sujeita às influências do *campo* político, como a própria posição ideológica do veículo de comunicação (em apoiar ou não determinados ideais ou figuras políticas), ou até mesmo subvenções ou censuras diretamente advindas ao Estado; ou às influências do *campo* econômico, tais como audiência (no que diz respeito ao jornalismo televisivo), acesso (*internet* ou mídias sociais), vendagem (sobre o jornalismo impresso) e seus anunciantes, que buscam através do público-alvo de cada veículo de comunicação qual seria o mais apropriado para anunciar seus produtos ou serviços.¹⁰⁵

¹⁰³ ULTIMA HORA, Mudanças no padrão "UH". *Ultima Hora*, 16 jan. 1963. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=86383>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

¹⁰⁴ ULTIMA HORA. Saudação da A.B.I. *Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 12. jun. 1951. p.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=1>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

¹⁰⁵ Para mais informações, Cf. BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão** seguido de: A influência dos jornalismo, e, Os Jogos Olímpicos. trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

Desta forma, a carta de Getúlio Vargas dando as boas-vindas ao jornal, a saudação do presidente da Associação Brasileira de Imprensa Herbert Moses, o "intercâmbio" com outros veículos de imprensa do país estabelecendo o direito de reprodução das notícias do *Ultima Hora* em suas páginas, e o apreço aos problemas e cotidiano das camadas populares atestavam – e seu slogan enfatizava – ao leitor que o periódico era confiável e autorizado nas esferas política, administrativa e midiática.

O que os jornais pretendem é não apenas atuar no campo político, lugar onde se geram problemas, programas, análises, comentários, conceitos e acontecimentos, entre os quais "consumidores" devem escolher, mas, sobretudo, conseguir mobilização cada vez maior do público. Quanto maior a sua audiência, maior o seu poder de divulgação e a lógica da conquista do próprio poder.¹⁰⁶

Os elementos contidos em suas páginas somam-se a elementos logísticos que auxiliaram na divulgação e consagração do periódico. No dia de lançamento do *Ultima Hora*, Wainer e sua equipe decidem que os exemplares do jornal iriam ser distribuídos diretamente por oito caminhonetes da própria frota do *Ultima Hora*, ato incomum para a época. O repórter João Etcheverry sugere a Wainer fazer as caminhonetes desfilarem pelas avenidas Atlântica e Rio Branco, umas das mais movimentadas do Rio de Janeiro, a fim de dar visibilidade ao potencial público leitor. Na manhã de 12 de junho de 1951, a rotativa começara a imprimir os primeiros exemplares do *Ultima Hora*, mas, por problemas técnicos, teria seu funcionamento interrompido várias vezes. O problema e o clima de tensão persistiriam o dia todo no parque de impressão, terminando as notáveis 80.000¹⁰⁷ unidades apenas às oito horas da noite. Para um jornal que deveria circular durante o dia, o *Ultima Hora* seria um completo fracasso; no entanto, Wainer decide distribuir o jornal na saída do estádio do Maracanã, durante um amistoso internacional entre Vasco e Arsenal,¹⁰⁸ e

¹⁰⁶ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.153.

¹⁰⁷ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver: memórias de um repórter**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988. p.142.

¹⁰⁸ Jogos do CR Vasco da Gama no Estádio Jornalista Mário Filho – Maracanã – Levantamento histórico e estatístico. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/vasco/upload/downloads/20150807214829_532882.pdf>. Acesso em 21 dez. 2015.

concentrar os esforços da equipe para a edição do dia seguinte.¹⁰⁹ Apesar do surgimento turbulento do jornal, em poucos meses o *Ultima Hora* alcançava a média de 18.000 exemplares vendidos por dia.¹¹⁰ Juntamente com o apoio aberto a Vargas, o jornal operava como "porta-voz do povo", ao denunciar certas irregularidades na prestação de serviços à população através das seções "Tendinha de reclamações" e "Fala povo", evidenciando sua postura popular com um caráter organicamente empresarial. Suas páginas enfatizavam o cotidiano do leitor. Para Marialva Barbosa, com base em Pierre Bourdieu:

Considerando que as relações de comunicação dependem fundamentalmente do que foi acumulado material ou simbolicamente pelos agentes envolvidos, é preciso ainda perceber que está em jogo não somente a participação efetiva do campo político, mas o uso de uma categoria particular de sinais e, deste modo, da visão e do sentido de mundo social.¹¹¹

Desta forma, a lógica do jornalismo popular subverte a de priorizar o interesse político ao basear-se no entretenimento e na mistura de gêneros através da fusão de fontes populares, valorizando o cotidiano e a fruição individual da subjetividade. O interesse do público pela notícia é suplantado não pelo teor e fidelidade da notícia, mas pela forma que esta é apresentada e problematizada.¹¹²

O uso de cores em suas tipografias,¹¹³ colunas bem espaçadas, chamadas que despertavam a curiosidade do leitor por meio de uma carga sensacionalista disputavam lugar com amplas fotografias, que eram cortadas e colocadas de forma que a imagem pudesse complementar a fala do repórter que cobria determinada

¹⁰⁹ Sobre as estratégias de distribuição do *Ultima Hora*, de forma mais geral, "[o] esquema de distribuição era dinâmico, original e criativo. Para compensar a falta de impressoras mais rápidas e modernas com que os outros concorrentes já contavam, Samuel decidiu antecipar os fechamentos e inventou um sistema que batizou de 'distribuição pulverizada', usando, conforme o caso, até motoristas de táxi para fazer com que a *UH* chegasse às bancas antes de outros jornais." MEDEIROS, Benício. **A Rotativa Parou!** Os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.54.

¹¹⁰ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver:** memórias de um repórter. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988. p.145.

¹¹¹ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa:** Brasil, 1900-2000. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.154.

¹¹² *ibidem*.

¹¹³ No que diz respeito às fotografias, todas elas eram impressas em preto e branco. Apenas as tipografias de títulos ou traços horizontais de quebra/divisão de colunas eram impressos coloridos, normalmente em tons chapados de azul.

notícia, além do *copy-desk* e a diagramação, buscando o máximo aproveitamento do espaço físico do jornal, configurado no formato standart.¹¹⁴

Além de disciplinar repórteres e redatores, obrigando-os a limitar o tamanho de seus textos ao espaço reservado nos espelhos das páginas, o principal é que a diagramação reduzia os custos industriais dos jornais. Havia a vantagem adicional de obter velocidade na impressão: o tempo perdido com a composição ou recomposição do material, as vezes desperdiçado, foi ganho na circulação do jornal.¹¹⁵

Somado aos elementos estéticos, outro fator que conseguiu chamar a atenção do público-leitor da época foram as colunas, que reuniam diversas personalidades brasileiras abordando os mais variados assuntos. Dentre as colunas que surgiram em toda a trajetória do jornal, podemos destacar: "A Vida Como Ela É",¹¹⁶ de Nelson Rodrigues; "Barômetro Econômico", normalmente redigido por Otávio Malta no Rio de Janeiro e Ciro de Pádua em São Paulo; e, sobretudo, "O Dia do Presidente", inspirada na imprensa norte-americana, que narrava o cotidiano de Getúlio Vargas com base em entrevistas feitas por Luís Costa, reportando as ações do presidente. Esta coluna deixaria de existir um dia após o suicídio de Vargas (Figura 4) em 24 de agosto de 1954. A edição deste dia renderia a tiragem recorde de 800.000 cópias do jornal.¹¹⁷ Em 25 de agosto de 1954, o jornal encerra a coluna, porém com um título diferente do usual: "A Última Noite do Presidente".¹¹⁸ A postura pró-getulista do jornal é novamente evidenciada neste momento, uma vez que com a morte de Vargas a coluna é extinta; ou seja: "O dia do presidente" se referia a uma pessoa física em particular – Getúlio Dornelles Vargas – e não ao posto de líder do Poder Executivo Nacional – o Presidente da República.

¹¹⁴ O formato standart, adotado pela maioria dos jornais de grande circulação impressos em rotativas, possui uma área útil de impressão – mancha gráfica – de 525mm por 297mm e uma área total de 560mm por 320mm. Este padrão mescla a distribuição vertical com a horizontal em busca de um layout mais limpo e atraente para a leitura, além de maximizar a área útil do periódico.

¹¹⁵ BARROS *apud* LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda X Wainer**, O Corvo e o Bessarabiano. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 1998. p.77.

¹¹⁶ Em 1991, o slogan do *Ultima Hora* seria reapropriado pelo programa televisivo "Aqui Agora" da rede SBT, bem como o nome da coluna de Nelson Rodrigues, compondo o slogan "**um jornal vibrante, uma arma do povo**, que mostra na TV **a vida como ela é!**" [grifos nossos].

¹¹⁷ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988. p.205.

¹¹⁸ COSTA, Luis G.M. A Última Noite do Presidente. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 25 ago. 1954. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=20254>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

"ULTIMA HORA" HAVIA ADIANTADO, ONTEM, O TRÁGICO PROPÓSITO

MATOU-SE VARGAS!

EXTRA

TIRAGEM: 130.320 ANO LV - São de Janeiro, 24 de Agosto de 1954 - Nº 277

2 Última Hora

Director-Responsável: RANTON COELHO - Redactor: SAMUEL WATNER - Director Administrativo: ROSAYUA CUNHA

O PRESIDENTE CUMPRIU A PALAVRA:

"SÓ MORTO SAIREI DO CATETE!"



A Mensagem Que Vargas Deixou Pouco Antes de Desfechar Contra o Peito o Tiro Fatal: "A SANHA DOS MEUS INIMIGOS DEIXO O LEGADO DE MINHA MORTE. LEVO O PEZAR DE NÃO TER PODIDO FAZER PELOS HUMILDES TUDO AQUILO QUE EU DESEJAVA."

AS 8,30 HS. DA MANHÃ DE HOJE O MAIOR LÍDER POPULAR QUE O POVO BRASILEIRO JÁ CONHECEU ENCERROU DE MODO DRAMÁTICO SUA GRANDE VIDA

UM TIRO NO CORAÇÃO — O GENERAL CAIAO AINDA ENCONTROU COM VIDA O PRESIDENTE — DESOLACAO NO CATETE

Neste nefasto Dia de São Bartolomeu, precisamente às 8,35 horas, praticou o suicídio o Presidente Getúlio Vargas, com um tiro de revólver no coração, quando se encontrava em seu quarto particular, no 3.º andar do Palácio do Catete.

O General Caiado de Castro, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, correu para os aposentos presidenciais, ao ouvir o disparo, e ainda encontrou o Presidente Vargas agonizante. Chamou às pressas a assistência pública, que dentro de cinco minutos já se encontrava no Palácio do Catete.

Mas o grande Presidente Getúlio Vargas já estava morto. Não pode ser descrito o ambiente no Palácio Presidencial. Tudo é consternação. Membros da família do Presidente, serventes, militares que guardam o Palácio choram a morte do insigne brasileiro.

O povo em massa acorre para o Palácio do Catete, estando repletas as ruas que dão acesso à casa em que se matou, vítima da ignomínia e das campanhas infamantes de adversários políticos, o maior estadista que o Brasil teve, neste século. Cenas de profunda dor estão sendo assistidas na rua. Lê-se o pesar no rosto do povo. O povo brasileiro chora a perda do seu Presidente, por ele recolhido, por ele eleito e que — na crise gerada por seus inimigos — só saiu do Catete morto.

Figura 4 - *Última Hora*, 24 de agosto de 1954 - Morte de Getúlio Vargas. Fonte: Biblioteca Nacional Digital - Brasil.¹¹⁹

¹¹⁹ ULTIMA HORA. Matou-se Vargas! *Última Hora*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1954. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=20229>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

Desde a primeira edição, o *Ultima Hora* procurou explorar e evidenciar a importância da imagem fotográfica ao leitor como elemento informativo, especialmente na seção de esportes e na folha policial. Conforme aponta Pinheiro Junior em *A Ultima Hora (como ela era)*, Wainer sabia que o *plus* de seu jornal era a seção policial, sendo esta um dos maiores motivos de suas altas tiragens,¹²⁰ concluindo que a emoção dos crimes era um dos principais motivos para o sucesso de vendas dos jornais no geral, já que todos eles tinham que pungir o leitor e fazê-los parar nas bancas e comprar o jornal. No caso do *Ultima Hora*, a diagramação atraente, as fotografias dinâmicas e seu vocabulário reforçavam esta estratégia do apelo sensacionalista.

1.3 *Ultima Hora*: a imagem em foco

Através de sequências fotográficas inicialmente inseridas na seção "Esportes", o periódico possibilitou ao público a popularização da imagem associada ao relato jornalístico, aproximando o fato noticiado e o leitor. Desta forma, o repórter e o fotógrafo transpõem sua experiência diante da cobertura da matéria, relatando a cena com auxílio da fotografia. Esta recriação, supostamente fiel, do relato do repórter com o auxílio do suporte fotográfico evidencia o que ocorreu *como foi*: "[o] que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente".¹²¹ Barthes ressalta em sua obra *A câmara clara*, que a fotografia não só reproduz o objeto fotografado como também possui a capacidade de transformá-la dependendo da intencionalidade de quem a produz:

[...] como se eu tivesse de ler na Fotografia os mitos do Fotógrafo fraternizando com eles, sem acreditar inteiramente neles. Esses mitos visam evidentemente (é para isso que serve o mito) a reconciliar a Fotografia e a sociedade (é necessário? – Pois bem, é: a Foto é perigosa) dotando-a de funções, que são para o Fotógrafo outros álibis. Essas funções são: informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade.¹²²

¹²⁰ JUNIOR, Pinheiro. **A Ultima Hora (como ela era)** - História e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. p.57.

¹²¹ BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.13.

¹²² *ibidem*, p.48.

Anteriormente ao surgimento do *Ultima Hora*, a maioria dos jornais que circulavam no país utilizavam majoritariamente fotografias no estilo "boneco":¹²³ fotos tradicionais de personalidades, normalmente de rosto (primeiro plano)¹²⁴ ou parte superior do corpo (plano americano)¹²⁵ que não acrescentavam informações à notícia por serem inexpressivas e estáticas, ou seja, não registravam uma ação direta do assunto fotografado. A fotografia de imprensa apresentada pelo *Ultima Hora*, no entanto, facilitava a compreensão da reportagem através da harmonização e aglutinação entre textos e imagens, propiciando uma leitura fluída para um público que não estava completamente familiarizado com a fotografia como elemento informativo. Além disso, as reportagens com alta saliência chamavam a atenção do leitor, tanto por suas fotografias quanto por sua composição agradável, que tornava a leitura mais dinâmica. Consideraremos para esta pesquisa saliência como uma série de recursos empregados nos elementos textuais e não textuais da notícia para atrair a atenção do leitor, definindo uma ordem e hierarquização de leitura para a página, podendo envolver elementos como tamanho, perspectiva, contraste, entre outros. A reportagem de alta saliência ocupa parte considerável da folha do jornal, com chamadas de texto e fotografias/imagens grandes. Por baixa saliência consideramos notícias apresentadas por meio de pequenas notas, usualmente situadas em regiões periféricas do jornal e desprovidas de fotografia, tendo pouco ou nenhum destaque na folha.

De acordo com o Censo de 1950, mais da metade da população (50,6%) era analfabeta; entretanto, parte da população considerada alfabetizada também possuía dificuldades na leitura. O conceito utilizado pelo IBGE em suas estatísticas considerava alfabetizada a “pessoa capaz de ler e escrever pelo menos um bilhete simples no idioma que conhece”.¹²⁶ Dessa forma, se considerarmos o teor de escrita

¹²³ LOUZADA, Silvana. *Ultima Hora: em cena a modernidade fotográfica*. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.5, n.6, p.161-187, jan/ jun 2009. p.164. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/2941/2491>>. Acesso em: 06 Dez. 2015.

¹²⁴ O primeiro plano consiste no enquadramento de um assunto com o objetivo de dar destaque a seus elementos em detrimento dos demais elementos presentes na composição fotográfica.

¹²⁵ O plano americano normalmente enquadra a pessoa priorizando a região do tronco e cabeça, através de um corte na região entre os joelhos e a cintura.

¹²⁶ BRASIL. Ministério da Educação. **Mapa do Analfabetismo no Brasil**. Brasília: INEP, 2003. Disponível em: <<http://www.oei.es/quipu/brasil/estadisticas/analfabetismo2003.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2016.

presente num jornal da década de 1950 ou 1960, a taxa de analfabetismo e o rigor de classificação do IBGE, podemos constatar que o acesso e compreensão destes periódicos por grande parte da população na época analisada tornava-se dificultosa. Assim, a utilização da fotografia e a disposição dos textos em colunas mais amplas e com fontes mais espaçadas permitiam um melhor entendimento da notícia.

O jornal também explorava a linguagem visual através de fotomontagens, recortes e, como apontado por Silvana Louzada,¹²⁷ através das sequências fotográficas introduzidas pelo jornal no fazer jornalístico da época (respectivamente Figuras 5, 6 e 7).

De acordo com Silvana Louzada, para a realização das fotografias sequenciadas o jornal precisou importar câmeras especiais que realizavam o avanço contínuo do filme automaticamente (as câmeras usualmente utilizadas para o fotojornalismo necessitavam de avanço manual, como era o caso da Leica e da Rolleiflex).

Havia duas câmeras com esse mecanismo no mercado. A Foton, fabricada a partir de 1948 pela empresa norte-americana Bell & Howell, aceitava filmes comuns de 35 mm e 36 poses. O avanço contínuo do filme era de 4 a 6 quadros por segundo, uma velocidade muito alta, inclusive para os parâmetros atuais. Com essa velocidade era possível fazer de 10 a 15 tomadas sequenciais. Havia ainda uma outra câmera, a Robot II, produzida pela fabricante alemã Otto Berningde 1939 até 1951, que trabalhava com filmes de 24 mm. Segundo relatos, as duas foram utilizadas por *Ultima Hora*.¹²⁸

Com câmeras adequadas para a captura instantânea dos acontecimentos, o jornal passou a explorar cada vez mais a linguagem fotográfica não apenas na seção esportiva, mas também na cobertura de eventos políticos, cobertura de crimes, acontecimentos sociais e eventos culturais. Somado a este fator, as legendas fotográficas por vezes apelativas e a tecnologia de impressão da época possibilitavam ao leitor imagens mais nítidas e o aproximavam dos fatos por meio da descrição de elementos.

¹²⁷ LOUZADA, Silvana. Última Hora: em cena a modernidade fotográfica. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.5, n.6, p.161-187, jan/ jun 2009. p.178. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/2941/2491>>. Acesso em: 06 Dez. 2015.

¹²⁸ Ibidem, p.172.

Provável um Flamengo x Santos Quinta-Feira Dia 12 no Maracanã



HOJE EM 8. JANUÁRIO:
Treino Público da Seleção Brasileira Contra o Bangu

O "March-Treino" está marcado para às 16 horas — Apresentação em Oitenta Todos os Jogadores — Natchon Problem de Oitenta Tântos — Os Partidos de Entada Serão Abertos de Quarenta Horas

Seleção e Programa

Atuará com 20 jogadores, sendo 12 brasileiros e 8 estrangeiros. O programa de jogo será de 40 minutos, com 15 minutos de intervalo. O jogo será disputado no ginásio do Bangu, às 16 horas.

DESPEDIDA DE GRILOS NOS ARES KUBROS DA COSTA

HOJE A NOITE NO MARACANAZINHO O BRASIL X RUSSIA (URSS) OFICIAL

Antes de "Russo" e "Muro" de Baço Depo de Vitória Das Sarrísticas Bôno as Faltas e de Boreto Ante os Partidos — Tudo os Grupos Vitorioso, Inclusive o Grupo dos, Bôno, em Alto — A Repre-

BRASIL a noite de 8 de janeiro após a partida de hoje, a noite de 8 de janeiro, em Maracanãzinho, o Brasil enfrenta a Rússia (URSS) oficialmente. A partida será disputada às 21 horas, com o Brasil em campo às 20 horas.

Os Russos Com o Gigante dos Brasileiros

O Brasil enfrenta a Rússia (URSS) oficialmente. A partida será disputada às 21 horas, com o Brasil em campo às 20 horas.

Empatou a Portuguesa Com Campeão Tcheco: 1x1

PRIMA LIGADA — O jogo de hoje, disputado no ginásio do Bangu, terminou em empate por 1 a 1. O time português enfrentou o campeão tcheco.



SOLO MENTE NA DIVISÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA

O jogador brasileiro foi destaque durante o jogo, mostrando grande habilidade técnica.

REINA, HOJE, A ARGENTINA PARA ENFRENTAR AO BRASIL

ARGENTINA e Brasil se enfrentam hoje no Maracanãzinho. A Argentina será a favorita para vencer o jogo.

"PLACARD" DE ONTEM

O placard de ontem foi muito interessante, mostrando a evolução do jogo.

Ultima Hora

Mais de Três Dezenas de Atletas Receberam as Medalhas da Primeira Rústica Ex-Combatente!

Os atletas receberam suas medalhas em uma cerimônia emocionante.

Figura 5 - Última Hora, 4 de julho de 1956, p. 8, com duas fotos e recorte de jogador de basquete (lateral sup. esq.). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo - Fundo Última Hora.¹²⁹

¹²⁹ ULTIMA HORA. Hoje a Noite no Macaranãzinho o Brasil X Rússia (URSS) Oficial. Última Hora, Rio de Janeiro, 4 jul. 1956, p.8. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=4&mes=7&ano=1956&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 6 jan. 2016.

Oscar Santamaría Termino, Bem, o Plantão

Aptos Para Hoje,

EDGARD, PAMPOLINI E JOÃO CARLOS

SEM QUALQUER PROBLEMA A EQUIPE ALVINEGRA PARA O JOGO COM OS BANGUENSES — O DESEJO DE UM É O DESEJO DE TODOS: REABILITAÇÃO

Edgar, campeão brasileiro de 1954.

Pampolini, campeão brasileiro de 1954.

João Carlos, campeão brasileiro de 1954.

NÃO É FALTA DE ESPÍRITO DE LUTA NEM DE CONJUNTO

Alguns jogadores alvinegros em partida com o Botafogo. — À esquerda, Edgar; — À direita, Pampolini e João Carlos.

João Carlos

o capitão alvinegro, João Carlos, em uma partida com o Botafogo.

SPORT SCORE

TRÊS O GOLFE

Um dos melhores jogadores de golfe do mundo brasileiro, o Sr. João Carlos, campeão brasileiro de 1954, está em uma partida com o Botafogo.

Ultima Hora

NOS ESPORTES

Rua de Janeiro, 21 - 1º Setembro de 1955 - N. 1.313

UM EXEMPLO: O TERRITÓRIO DO AMAPÁ

PRIMEIRO EXEMPLO

Hilton Gosling, campeão brasileiro de tênis de 1954.

A PALAVRA DE TIM

"O Botafogo é um Grande Quadro; Mas Acredito no Sucesso do Bangu..."

ADONAS DA SILVA

SOPRINI VELAS

Adonas da Silva, campeão brasileiro de vela de 1954.

O América Não Criará Obstáculos a Cacá

Comunicado do América sobre a saída de Cacá.

O Grande Problema do Alvirubro - O Mesmo Quadro Contra o 'Glorioso' - Hilton Gosling

Um grande problema do Alvirubro é o mesmo quadro contra o 'Glorioso' - Hilton Gosling.

SEM FUTEBOL TAMBÉM SE VIVE

Atletismo nos Jogos da Primavera.

HOJE É DIA DE NORMA E POETSCHER

Norma e Poetscher, atletas alvinegros.

ANTIMUSTAND

Antimustand, atleta alvinegro.

Qual o Clube Mais Querido do Brasil?

Qual o Clube Mais Querido do Brasil?

Hoje, no Auditório da Mundial a 8ª Apuração

WALDEMAR VEREIS CARLOS GRACE

Waldemar Vereis Carlos Grace, atleta alvinegro.

QUESTÃO DE ESTILO

Questão de estilo, atletas alvinegros.

ANTIMUSTAND

Antimustand, atleta alvinegro.

ANTIMUSTAND

Antimustand, atleta alvinegro.

WALDEMAR VEREIS CARLOS GRACE

Waldemar Vereis Carlos Grace, atleta alvinegro.

Figura 6 - *Ultima Hora*, de 1 de outubro de 1955, p.16. Recortes fotográficos. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo - Fundo *Ultima Hora*.¹³⁰

¹³⁰ ULTIMA HORA. O Grande Problema do Alvirubro - O Mesmo Quadro Contra o 'Glorioso' - Hilton Gosling. *Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 1 out. 1955. p.16. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=1&mes=10&ano=1955&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 6 jan. 2016.

GANHOU OS TRÊS TÍTULOS MAS NÃO LEVOU A TAÇA

GRANDE RECORDE OBTVEU O 4x200 DO FLUMINENSE

Cole e Marek Curioni de Relay Masculino - 7'24" e Esquadra Alameda - Tardinho, Cezar de Azeite e Teodoro de Barros Freitas

Com o 4x200 e outras respectivas performances conquistadas na tarde de ontem pelo Fluminense de natação, o clube carioca conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Na tarde de ontem, o Fluminense conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Com o 4x200 e outras respectivas performances conquistadas na tarde de ontem pelo Fluminense de natação, o clube carioca conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.



Thiago Patrício após finalizar o revezamento feminino de 4 x 200 metros livres

PEPITO CAMPEÃO SEM COROA

Presidente do Fluminense Futebol Clube

Presença em Pepito Aguiar. O novo título não tem nada de novo em si, mas o fato de ser o primeiro título conquistado pelo Fluminense em 13 anos é o que conta. O jogador foi campeão em 1938, 1945 e 1949.

Com o 4x200 e outras respectivas performances conquistadas na tarde de ontem pelo Fluminense de natação, o clube carioca conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

OS CAMPEÕES DA JUVENTUDE

Peppito Aguiar - Campeão Juvenil - Lucas Ezequiel Dain Títulos - Dacia Proença venceu Pólo Masculino



Lucas Ezequiel Dain Títulos

VITÓRIA DO FLUMINENSE NO CAMPEONATO DE JUNIORS

Indice Técnico Fozes Elevado - Apenas 2 Retardos

Na tarde de ontem, o Fluminense conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Com o 4x200 e outras respectivas performances conquistadas na tarde de ontem pelo Fluminense de natação, o clube carioca conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Na tarde de ontem, o Fluminense conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Com o 4x200 e outras respectivas performances conquistadas na tarde de ontem pelo Fluminense de natação, o clube carioca conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Na tarde de ontem, o Fluminense conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Com o 4x200 e outras respectivas performances conquistadas na tarde de ontem pelo Fluminense de natação, o clube carioca conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Na tarde de ontem, o Fluminense conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Com o 4x200 e outras respectivas performances conquistadas na tarde de ontem pelo Fluminense de natação, o clube carioca conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Na tarde de ontem, o Fluminense conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Com o 4x200 e outras respectivas performances conquistadas na tarde de ontem pelo Fluminense de natação, o clube carioca conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

AZULEJOS

VENDEDORES: R. PIRATINI, 1381 (Entre Avenida Brasil e a Mar)

SÃO PAULO PRESENTE NO MARACANA

2.000 Corredores Participaram, Subida, Pólo Masculino

Os paulistas participaram da maratona de São Paulo no Maracanã. O evento contou com a presença de milhares de corredores e espectadores.

ROUPAS ESPORTE

ORIENTE



Na tarde de ontem, o Fluminense conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Com o 4x200 e outras respectivas performances conquistadas na tarde de ontem pelo Fluminense de natação, o clube carioca conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Na tarde de ontem, o Fluminense conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Com o 4x200 e outras respectivas performances conquistadas na tarde de ontem pelo Fluminense de natação, o clube carioca conquistou o primeiro título de sua história, o primeiro em quatro anos de existência, por 13 segundos, após ter sido campeão em 1938, 1945 e 1949.

Figura 7 - Última Hora, 23 de julho de 1951, p. 8. Sequências fotográficas: salto com vara (lateral esq.), e reação de jogador após gol (lateral inf. esq.). Fonte: Biblioteca Nacional Digital - Brasil.¹³¹

¹³¹ ULTIMA HORA. Grande recorde obteve o 4x200 do Fluminense. Última Hora, Rio de Janeiro, 23 jul. 1951. p.8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=983>. Acesso em: 6 jan. 2016.

Durante a confecção e diagramação da folha do periódico, outros ajustes eram realizados como uma espécie de edição. Estes de retoques e correções tinham a finalidade de tornar a imagem mais nítida (Figura 8), conferindo profundidade, realce de bordas e contraste entre o fundo e o assunto fotografado (Figura 9), uma vez que as rotativas da época não possuíam controle de brilho, contraste de sombras, meios tons e destaques, por exemplo. Além disso, a adição de balões informativos (Figura 10) inseria elementos escritos diretamente na fotografia não apenas para tornar a visualização mais didática como também para poupar espaço na mancha gráfica, permitindo maior liberdade de trabalho em suas adjacências, como pudemos constatar em algumas fotografias extraídas do acervo iconográfico do Fundo *Ultima Hora*.



Figura 8 - Fotografia (ICO-UH-1035-026) com correções de contraste e nitidez com o uso de tinta hidrossolúvel (aprox. da fotografia à direita para evidenciar detalhes). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo/ Setor iconográfico (reprodução).



Figura 9 - Fotografia (ICO-UH-1035-005). Realces no rosto do indivíduo fotografado com o uso de corretivo a base de água. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo/ Setor iconográfico (reprodução).



Figura 10 - Fotografia (ICO-UH-1033- s.n.) com adição de elementos informativos através de colagem sobre a foto. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo/ Setor iconográfico (reprodução).

Tais estratégias conseguiram alcançar considerável público. Conforme aponta Marialva Barbosa em um levantamento entre os anos de 1951 a 1960 sobre a tiragem dos vespertinos cariocas, envolvendo os seguintes jornais: *Última Hora*, *Tribuna da Imprensa*, *O Globo*, *A Notícia* e *Diário da Noite*. Ao observarmos a tabela (Figura 11), somente o jornal *Última Hora* e o jornal *O Globo* tiveram um aumento contínuo de suas tiragens ao longo deste período, ao passo que os demais vespertinos foram gradativamente perdendo público.

TIRAGEM DOS VESPERTINOS CARIOCAS

(em mil exemplares)

Jornais/Ano	1951	1952	1953	1954	1955	1958	1960
<i>Última Hora</i>	-	70	85	92	92	105	117
<i>Tribuna da Imprensa</i>	30	25	25	40	40	24	18
<i>O Globo</i>	100	120	100	110	110	187	218
<i>A Notícia</i>	120	130	130	95	60	58	56
<i>Diário da Noite</i>	95	129	88	75	90	70	40

Figura 11 - Levantamento da tiragem dos vespertinos cariocas, por Marialva Barbosa (reprodução). Fonte: BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.155.

Ao passo que o sucesso do vespertino dá a impressão de uma grande vitória para Wainer e sua equipe, os opositores do jornal o viam como um perigo eminente, não apenas para os empresários e donos de jornais, mas também para o futuro governo, que o veria como um jornal de posicionamento político de esquerda. Ao longo da década de 1950, uma antiga inimizade entre Wainer e Lacerda¹³² se torna

¹³² Carlos Frederico Werneck Lacerda iniciou sua carreira jornalística pouco antes da Revolução de 1930, quando começou a trabalhar no *Diário de Notícias*. Ingressa em 1929 na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, onde entrou num grupo liderado por professores marxistas, abandonando o curso em meados de 1932 por se envolver demasiadamente com os movimentos políticos. Lacerda ficou marcado por ter ideias radicais não apenas como jornalista, mas também na área política, motivo de ter sido preso várias vezes. Sua antipatia a Vargas é demonstrada já no início de 1931, quando, com outros comunistas, passa a incentivar trabalhadores desempregados do Rio de Janeiro e no litoral paulista de Santos a realizarem marchas em busca de seus direitos. Com grande talento jornalístico, começa a colaborar com várias publicações para *O Jornal*, de Assis Chateaubriand, onde, mais tarde, ocuparia cargo de secretário de redação. Ao mesmo tempo, colaborou com a revista de Samuel Wainer, *Diretrizes* (revista de esquerda) em 1938, período ditatorial varguista. Após alguns embates e divergências de origem ideológica, rompe com os grupos de esquerda em 1939, partindo gradativamente para o posicionamento político de direita. Em 1945 é eleito vereador no Rio de Janeiro e, em 1949, inaugura a *Tribuna da Imprensa*. A ruptura com Samuel Wainer ocorre quando

cada vez mais evidente, sobretudo com a CPI do *Ultima Hora* e a depredação do *Tribuna da Imprensa* pela própria população no dia seguinte ao suicídio de Vargas, sob a acusação de que o jornal de Lacerda difamara a imagem de Getúlio a ponto deste suicidar-se. Posteriormente, com a deflagração do regime autoritário em 1964, o jornal sofreu novamente represálias, como veremos no subcapítulo seguinte.

1.4 O *Ultima Hora* e o regime autoritário: os embates políticos e a censura

Moacir Werneck de Castro salienta que a campanha movida por Lacerda marcou o *Ultima Hora* de forma perene, deixando um estigma sobre o jornal, marginalizando-o durante todo o governo João Goulart. Especificamente sobre a censura durante o regime autoritário trataremos de elementos diretamente relacionados à imprensa e, quando presentes, apenas os casos – ainda que poucos e esparsos – sobre o *Ultima Hora* carioca. O autor destaca as acusações lançadas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) de que o jornal seria “conciliador e oportunista”, mas tal postura não garantiria a confiança dos setores mais conservadores para com o *Ultima Hora*.

Muito embora tivesse recebido sem hostilidade o lançamento do IPES e do IBAD, converteu-se em alvo do fogo concentrado dessas organizações. O IBAD elaborou uma lista negra de firmas que “ajudavam os comunistas a manter a Última Hora”.¹³³

Criado ao longo de 1961, o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) teve ampla aceitação dos jornais de grande circulação como o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Correio da Manhã* e o *Ultima Hora*. A necessidade de sua criação surgia da visão de que as relações econômicas dentro e fora do país não deveriam ficar

este publica a entrevista com Getúlio Vargas no antigo jornal onde Lacerda fora secretário de redação (*O Jornal, dos Diários Associados* de Assis Chateaubriand), anunciando que o ex-ditador voltaria ao poder nos braços do povo. Sua inimizade se torna mais evidente quando Samuel Wainer funda o *Ultima Hora*, em 1951, levantando a bandeira populista de Vargas. Em 1953 ocorre uma das piores disputas entre os dois jornalistas, quando Lacerda acusa Wainer de falsidade ideológica e de ter adquirido empréstimos de forma ilícita para fundar seu jornal. O episódio rendeu uma CPI do *Ultima Hora* e a prisão temporária de Wainer, posteriormente absolvido por inconsistência de provas. Fontes: LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda x Wainer**: O Corvo e o Bessarabiano. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 1998. p.36-42; WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988. p.180-181.

¹³³ CASTRO, Moacir Werneck de. Samuel e Lacerda ficaram fascinados um pelo outro. In: BARROS, Antonio Theodoro de Magalhães; CASTRO, Moacir Werneck de; et al. **A Última Hora de Samuel Nos Tempos de Wainer**. Rio de Janeiro: ABI-Copim, 1993. p.79-85. p.83.

apenas nas mãos dos políticos, cabendo ao órgão a função de fiscalizar e levantar dados para os setores empresariais.¹³⁴ Operando em consonância com o IPES, o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), criado no final da década de 1950, possibilitava aos intelectuais da classe empresarial estabelecerem ligações com empresários, militares e indivíduos que possuíam altos cargos públicos, além de mobilizar a população em geral. O instituto influenciou o legislativo e os governos estaduais, intervindo em questões eleitorais – tanto nacionais quanto regionais – e apoiando alguns sindicatos. Outra atividade do IBAD consistia em censurar grupos econômicos, como foi o caso do Grupo Ducal, de José Luiz Moreira de Souza, por manter relações comerciais com o jornal *Última Hora*.¹³⁵

O texto de Moacir Werneck de Castro é iluminador ao mostrar que a condição de *persona non grata* de Wainer e seu jornal não seria fundada com o regime autoritário de 1964, mas apenas enfatizada. Da mesma forma, o autor evidencia manobras de autocensura em período anterior ao enrijecimento das atividades censórias do governo, salientando que “[e]ram constantes as recomendações de Samuel para manter o jornal numa linha cautelosa”.¹³⁶

Devido à ligação direta com a política de caráter populista, o *Última Hora* sofreu os reflexos do regime autoritário já nos primeiros instantes de sua deflagração, em 31 de março de 1964. A redação do jornal foi depredada e incendiada na madrugada de 1º de abril de 1964 por grupos que simpatizavam com o golpe. O periódico não se intimidou e publicou no dia seguinte, em poucas páginas (quatro, no total) escritas e impressas com o que restou da área de impressão do jornal, uma tiragem extra (Figura 12) mencionando que, aproveitando-se da confusão causada pelos festejos da chamada "vitória da democracia", um grupo supostamente ligado à antiga Invernada da Olaria (grupo policial criado em 1962 no estado da Guanabara para reduzir a criminalidade local), realizou uma vindita fria, provavelmente pelo fato de anteriormente o jornal ter denunciado suas inúmeras

¹³⁴ DREIFUSS, René Armand. **1964: A Conquista do Estado** - Ação Política, Poder e Golpe de Classe. 3. ed. vários trad. Petrópolis: Vozes, 1981. p.163.

¹³⁵ *ibidem*, p.167.

¹³⁶ CASTRO, Moacir Werneck de. Samuel e Lacerda ficaram fascinados um pelo outro. In: BARROS, Antonio Theodoro de Magalhães; CASTRO, Moacir Werneck de; et al. **A Última Hora de Samuel Nos Tempos de Wainer**. Rio de Janeiro: ABI-Copim, 1993. p.79-85. p.83.

ações violentas. Ao fim da reportagem, o jornal demonstra resistência, deixando a seguinte mensagem: "A fúria dos terroristas foi inútil. ULTIMA HORA continua".¹³⁷

Na edição de 23 de maio de 1964 – exatos 54 dias após o golpe – Manoel Bispo (pseudônimo do redator-chefe Octavio Malta) escrevia sob o título "A Liberdade e o Cérebro Eletrônico", demonstrando os temores do jornalista diante da possibilidade de que o novo regime se tornasse tal qual ou pior o que ocorreu no Estado Novo.

Há 19 anos a imprensa brasileira voltou a ser livre: a lição de dez anos de censura, de opressão, de vindita, foi demasiado amarga para nos deixar molemente envolver outra vez nas sombras de uma ditadura semelhante. E não creio que o Governo do honrado Presidente Castelo Branco deseje isso. Sem a liberdade de crítica, sem jornais livres, sem a influência da imprensa aconteceria, no seu Governo, como na ditadura, as mesmas prevaricações, as mesmas deformidades oficiais, as mais odiosas injustiças, os desaforos mais torpes, os mesmos sórdidos sintomas da imoralidade.¹³⁸

Entre os jornais de grande circulação da época, o *UH* se destaca por não apoiar o regime,¹³⁹ fato que rendeu a Wainer a cassação de seus direitos políticos,¹⁴⁰ forçando-o a se refugiar no Chile e posteriormente partir para um exílio de quatro anos em Paris.

¹³⁷ Fonte: ULTIMA HORA. Vindita Fria. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 2 abr.1964. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=2&mes=4&ano=1964&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 05 jan 2016.

¹³⁸ BISPO, Manoel. A Liberdade e o Cérebro Eletrônico. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 23. mai. 1964. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&PagFis=99772>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

¹³⁹ São considerados como jornais de grande circulação da época (eixo Rio-São Paulo) os periódicos com tiragem acima de 40 mil exemplares, conforme o Anuário Brasileiro de Imprensa - 1953/1954 levantado por Ana Maria de Abreu Laurenza e a tiragem dos matutinos e vespertinos cariocas por Marialva Barbosa. Desta forma, compreendemos como jornais de grande circulação o *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro), *Diário da Noite* (São Paulo), *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro), *Folha de São Paulo* (São Paulo), *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), *O Dia* (Rio de Janeiro) e *O Globo* (Rio de Janeiro) e *Ultima Hora* (Rio de Janeiro). Fontes: BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.155; LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda x Wainer: O Corvo e o Bessarabiano**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 1998. p.52.

¹⁴⁰ A lista dos cassados políticos com a vigência do Ato Institucional nº 1 pode ser encontrada na íntegra no site: <http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao_10.htm>. Acesso em: 28 mai. 2016. Na lista, constam os nomes de Samuel Wainer e João Pinheiro da Silva Neto.

JANGO NO RIO GRANDE E MAZZILLI EMPOSSADO

ULTIMA HORA DEPREDADA E INCENDIADA

JANGO DISPENSA SACRIFÍCIO DOS GAÚCHOS

As 13h de hoje o Prefeito Severo Chaves, de Porto Alegre, foi a seguinte sala oficial, encerrando as atividades da "Bêta da Legalidade".

"As primeiras horas de hoje, o Presidente João Goulart chegou a Porto Alegre. Depois de fazer algum tempo, seguiu viagem. Antes examinou, com autoridades militares, amigos e correligionários, as condições de reunir ao processo golpista e decidiu dispensar o sa-

crífico de novo gaúcho e brasileiro".
O Deputado federal Buzato pediu ao povo gaúcho e brasileiro, e todos os patriotas, que enfrentem com serenidade e calma esta difícil passagem.

Encerrando a "Bêta da Legalidade" agradeceu a todo o povo gaúcho e brasileiro, que compareceu em massa à sede do Prefeituro de Porto Alegre para assistir com a paz ao golpe de Figueira para manter a legalidade".

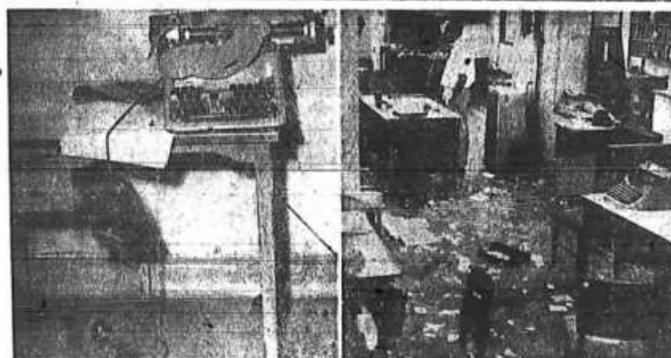


Foto e foto de reportagem de ÚLTIMA HORA em situação de destruição, após o ataque à sede e o fogo por um grupo de manifestantes que, conduzindo milhares de pessoas, apreendeu o edifício e o incendiou. A destruição foi total, incluindo a destruição de todos os equipamentos e móveis. A foto mostra o estado de destruição.

ANO XIII — Rio de Janeiro, Quinta-Feira, 2 de Abril de 1964 — N.º 4.318

Última Hora 30 (CRUZEIRO)

A VINDITA FRIA

A redação de ÚLTIMA HORA foi atingida, ontem, por uma explosão de violência selvagem, sem precedente na história de nosso País. Aproveitando-se da confusão que tomou conta da Cidade e das manifestações que surgiram ao cair da tarde, bandos de lacraças, transportados em cerca de sessenta carros, tanto particulares como de praça, se empenharam na destruição metódica de tudo quanto encontraram no interior de nossa redação, cujas partes foram arrancadas. Máquinas, mesas, vidros, telefones, papéis, bem como viaturas do serviço de reportagem e distribuição, que se achavam estacionadas na rua ou guardadas na garagem — nada escapou à pilhagem e à destruição. Numerosos carros foram incendiados, com risco de propagarem o fogo a todo o prédio.

elementos estavam, em seguida, comissionando o assalto, matando a inteligência, máquinas e "playboys" — a conhecida massa composta das tropas da choque do Exército. Vires foram disparadas barras de ferro utilizadas para substituição de prisioneiros.

NÃO se trata de uma ação decorrente do atualismo político ou da transição primitiva: foi uma vindita fria. Foi, por outro lado, uma ação teleguiada. Lá estavam, desde o início na televisão e no rádio, os elementos que preparavam a "justiça" do momento. Lham os desportistas e frustros, eram os portavozes daqueles cujas idéias foram cantadas pelo nosso jornal em reportagens e campanhas de repercussão nacional, sempre orientadas na defesa das grandes causas populares: da justiça social e da emancipação de nosso País.

O atentado foi praticado de modo a poder passar como uma ação espontânea de elementos que festejavam a chamada vitória da democracia. Mas, na verdade, foi preparado com requintes de técnica terrorista do MAC. Horas antes, pararam em frente à nossa redação um carro que transportava "observadores" — e esses eram, como se constatou, elementos da famigerada Intervenção de Olaria, cujas violências foram denunciadas por ÚLTIMA HORA, em memoráveis reportagens. Os mesmos

Os prejuízos materiais sofridos por ÚLTIMA HORA foram de vulto incalculável no momento. Apelamos para a justiça no sentido de que nos sejam ressarcidos e indenizados os responsáveis pela violência. Aos nossos leitores pedimos o compreendido, o apoio e a solidariedade que nunca faltou, certos de que reiteradas as lutas técnicas que apresenta esta edição.

A lista das territorialidades foi publicada em ÚLTIMA HORA continua.

TÔDA FROTA DE REPORTAGEM DESTRUÍDA A BALA E A FOGO

Figura 12 - Última Hora, 2 de abril de 1964. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo - Fundo Última Hora (Hemeroteca).

Durante o regime autoritário, as ameaças à liberdade de expressão e livre circulação de informações no jornal se enfatizaram, seja com a presença de censores nas redações, seja através de bilhetinhos e telefonemas ao jornal. Além disso, as sucursais foram lentamente sendo sufocadas pela crise financeira, uma vez que o *Ultima Hora* passou a perder anunciantes para outros veículos de imprensa. Como resultado, Wainer venderia a sucursal de São Paulo em 1965 para Octavio Frias de Oliveira, dono do Grupo Folha da Manhã,¹⁴¹ e retornaria em 1968¹⁴² para o Brasil, retomando o controle do jornal e fechando as demais sucursais espalhadas pelo país para manter apenas a edição carioca.¹⁴³

A atividade censória passa por várias reorganizações e centralização ao longo do regime autoritário iniciado em 1964. Surge o Serviço Nacional de Informações (SNI), criado no governo de Castello Branco¹⁴⁴ através da Lei nº 4.341, de 13 de junho de 1964,¹⁴⁵ que tinha como objetivos fundamentais coordenar e fiscalizar assuntos ligados à Segurança Nacional, operando também em proveito do Conselho de Segurança Nacional. Inicialmente o SNI utilizava dados obtidos pelo Serviço Federal de Informações e Contra-informações (SFICI), agora incorporado ao SNI, e pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES), e tinha como função

¹⁴¹ KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda** - jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo Editora, 2012. p.238.

¹⁴² Moacir Werneck de Castro e Ana Maria de Abreu Laurenza divergem quanto ao ano de retorno. Para estes autores, Wainer retornara ao Brasil em 1967. Cf. CASTRO, Moacir Werneck de. Samuel e Lacerda ficaram fascinados um pelo outro. In: BARROS, Antonio Theodoro de Magalhães; CASTRO, Moacir Werneck de; et al. **A Última Hora de Samuel Nos Tempos de Wainer**. Rio de Janeiro: ABI-Copim, 1993. p.79-85. p.84; LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda x Wainer: O Corvo e o Bessarabiano**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 1998. p.49.

¹⁴³ "Eu estava convencido de que pelo menos a *Ultima Hora* carioca não poderia ter um final assim melancólico. Àquela altura, os jornais que fundara em outros Estados haviam sido transferidos para outros proprietários ou, simplesmente fechados – mas, nesses casos, não me senti tão intimamente envolvido. A *Ultima Hora* do Rio era diferente: ali começara a minha grande aventura, ali estava boa parte da minha vida; não se tratava, portanto, de um jornal qualquer. Decidi prolongar sua sobrevivência até que pudesse vendê-lo em condições que não fossem demasiado inglórias." WAINER, Samuel. **Minha razão de viver: memórias de um repórter**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988. p.273.

¹⁴⁴ Humberto de Alencar Castello Branco foi um dos articuladores do golpe ocorrido em 31 de março de 1964 e o primeiro presidente militar durante o governo autoritário no Brasil, empossado em 15 de abril do mesmo ano permanecendo até 15 de março de 1967 e considerado o verdadeiro instaurador do regime autoritário. Isto se deve ao fato que, durante seu governo, foram editados os quatro primeiros Atos Institucionais, a Lei de Imprensa e a Constituição Federal de 1967, dispositivos fundamentais para os seguintes anos do regime que seriam marcados pela dura repressão e restrições democráticas. NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014a. p.80.

¹⁴⁵ BRASIL. **Lei nº 4.341**, de 13 de junho de 1964. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4341.htm>. Acesso em: 9 mar. 2016.

levantar informações sobre o governo, setor público no geral e relatórios externos de países aliados ou não. De acordo com o §1º da Lei nº 4.341, o SFICI passaria, a partir da decretação da lei, a integrar a Secretaria-Geral do Conselho de Segurança Nacional. O Serviço Federal de Informações e Contra-informações foi o primeiro serviço de inteligência brasileiro, com atividades diretamente vinculadas ao poder Executivo e criado em 1946 pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra. Através do Decreto-Lei nº 9.775, de 6 de Setembro de 1946, foi criado o Serviço Federal de Informações e Contra-informações, vinculado ao Conselho de Segurança Nacional (CSN). Entretanto, o SFICI só foi realmente estruturado em 1956, durante o governo JK, e permaneceu como o principal órgão de segurança nacional até 1964, tendo como foco o combate às atividades de grupos de esquerda e visando a permanência de Estado democrático de direito.¹⁴⁶

Em síntese, o IBAD funcionaria como uma unidade tática e o IPES como centro estratégico, sendo ambos cruciais para a obtenção de dados e pesquisas para a formação e funcionamento do SNI. Desde seu surgimento, o SNI passou por reformas e adequações que tinham como objetivo aprimorar o controle e coleta das informações em âmbito nacional. Por meio do Decreto-Lei nº 200, de 25 de fevereiro de 1967,¹⁴⁷ promove-se uma reforma administrativa que estabelece a criação das Divisões de Segurança e Informações (DSI) vinculadas aos ministérios civis que colaborariam com a Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional e com o SNI. Posteriormente, através do Decreto nº 67.325, de 2 de outubro de 1970,¹⁴⁸ que aprova o regulamento das DSIs, estas passam a ser responsáveis pelo encaminhamento periódico das chamadas "informações necessárias" ao SNI, seguindo a periodicidade estabelecida no Plano Nacional de Informações (PNI).

No que diz respeito aos órgãos de imprensa, estes eram analisados através do levantamento de "informações necessárias" nas categorias de "subversão" e

¹⁴⁶ IPPDH - Mercosur Derechos Humanos: Guía de Archivos e Fondos Documentales. **Serviço Federal de Informações e Contrainformação (SFICI / Sfici) – Subseção de Operações (SSOP)**. Disponível em: <<http://atom.ippdh.mercosur.int/index.php/servico-federal-de-informacoes-e-contrainformacao-sfici-sfici-subsecao-de-operacoes-ssop>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

¹⁴⁷ BRASIL. **Decreto-Lei nº 200**, de 25 de fevereiro de 1967. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0200.htm>. Acesso em: 19 jun. 2016.

¹⁴⁸ BRASIL. **Decreto nº 67.325**, de 2 de outubro de 1970. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextolIntegral.action?id=181195&norma=197638>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

"psicossociais",¹⁴⁹ que compreendiam, em sua totalidade, igrejas, sindicatos, entidades estudantis, movimentos sociais e, finalmente, a imprensa. O discurso que o governo utilizava para os meios comunicacionais da época era de que, além de propagar a informação, deveriam conduzir a sociedade, com a tutela do Estado.

Posteriormente a censura se reconfiguraria, juntamente com as outorgas da Constituição de 1967 e do Ato Institucional nº 5. No mesmo ano em que Castello Branco havia outorgado a nova Constituição, a primeira lei do regime autoritário ligada diretamente à imprensa acabaria sendo criada: a Lei de Imprensa, decretada em 9 de fevereiro de 1967,¹⁵⁰ determinava em seu Artigo 1º que a manifestação do pensamento, o recebimento e a difusão de informações ou ideias por qualquer meio era livre de censura, contanto que cada um, dentro dos termos da lei, respondesse pelos abusos cometidos. Entretanto, o §2º determinava que esse artigo não se aplicava às diversões públicas,¹⁵¹ classificação à qual a imprensa pertencia,

¹⁴⁹ Recentemente disponibilizado pelo *Projeto Brasil Doc.*, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o "Anexo A do Plano Nacional de Informações", de dezembro de 1972, apesar de posterior ao nosso recorte, pode auxiliar na compreensão das atividades do SNI. Em termos gerais, tais informações consistiam no levantamento de dados estratégicos, sendo as de "subversão" focadas na obtenção de dados a respeito de organizações ou atividades subversivas; e as "psicossociais" voltadas para fatores populacionais, trabalhistas, previdenciários, formação moral, opinião pública, saúde pública, saneamento, educação, atividades de grupos religiosos, execução política e desenvolvimento científico e tecnológico. Para maiores detalhes, Cf. BRASIL DOC. **Anexo A do Plano Nacional de Informações - informações internas**. Dez. 1972. p.24. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/brasildoc/temas/2-orgaos-de-informacao-e-repressao-da-ditadura/2-4-sni/#>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

¹⁵⁰ BRASIL. **Lei nº 5.250**, de 9 de fevereiro de 1967. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5250.htm>. Acesso em: 18 mar. 2016.

¹⁵¹ Conforme aponta Marcos Napolitano em *1964: História do Regime Militar Brasileiro*, a censura no campo cultural em geral também sofreu períodos de repressão de menor e maior intensidade, podendo ser classificada em três fases. A primeira, compreendida entre 1964 e 1968 tinha como finalidade a dissolução da aliança entre as chamadas "culturas de esquerda" e as classes populares através dos chamados Inquéritos Policiais-Militares (IPMs) e processos judiciais. A segunda fase, compreendida entre 1969 e 1978 tinha como objetivo reprimir movimentos culturais que mobilizavam ações radicais das classes médias e estudantis: foi nesta fase que o regime criou novas leis, a fim de sistematizar a censura sobre obras teatrais (como foi o caso da Lei de Censura, de novembro de 1968 e o Conselho Superior de Censura, que seria implantado de forma plena e efetiva somente no ano de 1979), além, posteriormente, do Decreto-Lei nº 1.077 em janeiro de 1970, que instaurava a censura prévia sobre materiais impressos, e da reorganização da Polícia Federal a partir de 1972, a fim de aplicar a censura com maior eficácia, através da criação da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) e a ampliação do seu corpo de censores. A terceira fase descrita pelo autor, de 1979 até 1985, teve como objetivo central controlar o processo de dissolução da ordem política e moral em vigência através de limites de conteúdo e linguagem, estando também prevista a implementação do Conselho Superior de Censura, que buscava para o posto de censores representantes da própria sociedade civil, na tentativa de dar um aspecto legítimo, intelectualizado e até democrático ante uma atividade que não era vista de forma positiva por grande parte da sociedade. Para mais informações sobre o impacto do regime na vida cultural do país Cf. NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo:

autorizando o Governo a censurar jornais, periódicos, empresas de radiodifusão e agências de notícias que o infringissem, trazendo limitações consideráveis para os órgãos de imprensa. A Lei de Imprensa permaneceu em vigor durante todo o regime autoritário,¹⁵² coadunando as limitações de liberdade de expressão jornalística que viriam a ocorrer sobretudo no pós AI-5.

O Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968,¹⁵³ instituído no governo Costa e Silva, define em termos gerais o momento mais repressivo do regime autoritário. O Ato suspendia várias garantias constitucionais e limitava liberdades individuais¹⁵⁴ previstas na Constituição Federal de 24 de janeiro de 1967. A respeito da imprensa, o AI-5 reforçava a censura aos meios de comunicação através do Artigo 9º, que concedia poder ao Presidente da República de baixar Atos Complementares, bem como adotar as medidas previstas nas alíneas "d" e "e" do §2º do Artigo 152 da Constituição de 1967, respectivamente a suspensão da liberdade de reunião e de associação e a censura de correspondência, da imprensa, das telecomunicações e diversões públicas.

Beatriz Kushnir reproduz em sua obra *Cães de Guarda: Jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988* os "manuais de comportamento"¹⁵⁵ que

Contexto, 2014a. p.97-118; NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: Utopia e Massificação (1950-1980)**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2014b.

¹⁵² A Lei nº 5.250, de 9 de fevereiro de 1967 (Lei de Imprensa), fora revogada pelo Supremo Tribunal Federal somente em 30 de abril de 2009, sob a acusação de não estar em conformidade com a Constituição vigente (Constituição Federal de 1988).

¹⁵³ BRASIL, **Ato Institucional Nº 5**, de 13 de Dezembro de 1968. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm>. Acesso em: 11 mar. 2016.

¹⁵⁴ Para as garantias constitucionais e liberdades democráticas da Constituição Federal de 1967 (em vigor na época), Cf. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**, de 24 de janeiro de 1967. Arts. 150 e 151. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao67.htm>. Acesso em: 10 mar. 2016.

¹⁵⁵ Segundo Beatriz Kushnir em *Cães de Guarda - jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988*, tais notas foram publicadas pelo jornal *Resistência*, em 21/01/1969, e foram cedidas à autora pelo jornalista Elio Gaspari; no documento original que lhe fora entregue, não havia o item 3. **"Manual distribuído no Rio de Janeiro: 1. Objetivos da censura: a)** obter da imprensa falada, escrita e televisiva o total respeito à Revolução de Março de 1964, que é irreversível e visa à consolidação da democracia; **b)** evitar a divulgação de notícias tendenciosas, vagas ou falsas, que possam vir a trazer a intranquilidade ao povo em geral. **2. Normas: a)** Não deverão ser divulgadas notícias que possam: – propiciar o incitamento à luta de classes; – desmoralizar o governo e as instituições; – veicular críticas aos atos institucionais; – veicular críticas aos atos complementares; – comprometer no exterior a imagem ordeira e econômica no Brasil; – veicular declarações, opiniões ou citações de cassados ou seus porta-vozes; – tumultuar os setores comerciais, financeiro e de produção; – estabelecer desarmonia entre as forças armadas e entre os poderes da República ou opinião pública; – veicular notícias estudantis de natureza política; – veicular atividades subversivas, greves ou movimentos operários. **4. Prescrições diversas: a)** a infração das normas do nº3 implica a aplicação das sanções

foram distribuídos à imprensa carioca e paulista no dia 13 de dezembro de 1968, data em que entrara em vigor o AI-5, demonstrando o recrudescimento das ações censoras diante da imprensa. Completa Ary Soares:

A expansão mais acelerada da ação da Censura teve lugar durante o período mais negro por que o País passou: desde o AI-5, em dezembro de 1968, no governo Costa e Silva, até o fim do governo Garrastazu Médici. Do início da distensão, durante o governo Geisel, até 1976, somente foram controlados alguns aspectos mais gritantes da censura; a partir de 1976, data em que se afirma, o governo Geisel controlou a linha dura, houve uma clara diminuição de suas atividades sem que, não obstante, os seus instrumentos fossem eliminados: o ditador não abriu mão deste instrumento ditatorial. Foi somente no final do governo Geisel e início do governo Figueiredo que a liberdade de imprensa foi restaurada no Brasil.¹⁵⁶

A reestruturação dos aparatos de controle do governo era realizada constantemente com o intuito de impedir qualquer brecha para atos subversivos, como foi o caso do Ministério da Justiça, através da criação da Polícia Federal,¹⁵⁷

previstas em leis; **b)** os espaços censurados deverão ser preenchidos de forma a não modificar a estrutura da publicação ou programa; **c)** as presentes instruções entram em vigor no ato do recebimento, revogando-se as disposições em contrário. Ass.: General de Brigada César Montagna de Souza *** **Manual distribuído em São Paulo: 1)** Manter o respeito à Revolução de 1964; **2)** Não permitir notícias referentes a movimentos de padres e assuntos políticos referentes aos mesmos; **3)** Não comentar problemas estudantis; **4)** Não permitir críticas aos Atos Institucionais, às autoridades e às FFAA; **5)** As notícias devem ser precisas, versando apenas sobre fatos consumados; **6)** Não permitir informações falsas, supostas, dúbias ou vagas; **7)** Não permitir notícias sobre movimentos operários e greves; **8)** Não permitir aos cassados escrever sobre política; **9)** Não publicar o nome dos cassados a fim de não colocá-los em evidência, mesmo quando se trate de reuniões sociais, batizados, banquetes, festas de formatura. A prisão dos cassados poderá ser noticiada, desde que confirmada oficialmente; **10)** Não publicar notícias sobre atos de terrorismo, explosão de bombas, assaltos a bancos, roubos de dinamite, roubos de armas, existência, formação ou preparação de guerrilhas em qualquer ponto do território nacional, ou sobre movimentos subversivos, mesmo quando se trate de fato consumado e provado. Ass.: General Silvio Correia de Andrade." KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda** - jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo Editora, 2012. p.108-109.

¹⁵⁶ SOARES, Gláucio Ary Dillon. A censura Durante o Regime Autoritário. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 4, n.10, p.21-43, jun. 1989. p.21.

¹⁵⁷ Historicamente o DPF (Departamento de Polícia Federal) foi criado em 28 de março de 1944, através do Decreto-Lei nº 6.378 que transforma a Polícia Civil do Distrito Federal em Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP); entretanto, a ampliação de sua atuação e a transferência do Distrito Federal – do Rio de Janeiro para Brasília – fez com que surgisse a necessidade de transferência do departamento, havendo a incorporação do Departamento Regional de Polícia de Brasília (DRPB) assim como da Guarda Civil Especial de Brasília (GEB), esta última responsável em manter a ordem na nova capital federal. Em 1967, com a outorga da Constituição Federal, o nome do órgão é alterado para Departamento da Polícia Federal (DPF) para, finalmente, através do Decreto-Lei nº 64.416, de 28 de abril de 1969, criar a Polícia Federal (PF), cuja atuação seria organizada e mantida em todo o território nacional. **POLÍCIA FEDERAL. Histórico da Polícia Federal**. Disponível em: <<http://www.pf.gov.br/institucional/historia/historico>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

que dentre suas funções deveria, conforme o item V do Artigo 1º do Decreto nº. 64.416, de 28 de abril de 1969:¹⁵⁸

- a) executar os serviços de polícia marítima, aérea e de fronteira;
- b) reprimir o tráfico de entorpecentes, o descaminho e o contrabando;
- c) apurar os ilícitos penais contra a segurança nacional, a ordem política, social e moral, ou que vulnerem bens, serviços e interesses da União;
- d) prevenir e apurar as infrações penais, cuja prática tenha repercussão em mais de um Estado, exigindo, em consequência, tratamento centralizado e uniforme;
- e) executar os serviços de censura de diversões públicas;** [grifo nosso]

A censura no regime autoritário não se deu de maneira uniforme durante seus 21 anos, havendo a atuação de diferentes órgãos do governo e períodos de maior e menor intensidade, assim como a maior seletividade diante de determinados veículos de imprensa, sobretudo os de posicionamento político mais voltados à esquerda, enrijecendo gradativamente nos idos de 1967, 1968 e 1969 através de várias medidas legais e administrativas, até se consolidar integralmente sobre todos os órgãos de imprensa, tendo seu ápice na década de 1970.¹⁵⁹ No tocante ao *Ultima Hora*, entretanto, os relatos são poucos e esparsos, concentrando-se majoritariamente no período posterior ao AI-5.

Moacir Werneck de Castro comenta que com o AI-5 o jornal se submeteu à censura, “feita por capitães e majores que se instalavam na redação desde o primeiro dia e ali se revezavam na tarefa, muito espantados por verem pela primeira vez de perto como funcionava um jornal”.¹⁶⁰ De acordo com Benício Medeiros em *A Rotativa Parou!*, o *Ultima Hora* perpetuaria sua tradição de acolher intelectuais, escritores e políticos acossados pelo golpe. Um deles foi João Pinheiro Neto,¹⁶¹

¹⁵⁸ BRASIL. **Decreto nº 64.416**, de 28 de abril de 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D64416.htm>. Acesso em: 16 mar. 2016.

¹⁵⁹ O Decreto-lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970, que determinava a instauração de uma censura prévia, foi também popularmente conhecido como "Decreto Leila Diniz", após a atriz conceder uma polêmica entrevista ao *O Pasquim*, publicada em 15 de novembro de 1969. A entrevista, repleta de palavrões, foi o estopim para o Decreto-lei nº 1.077, por conter uma linguagem e temática que ia contra a moral e os bons costumes. A gravação da entrevista de Leila ao *O Pasquim* pode ser ouvida na íntegra através do site da *Rádio Batuta*, em: <<http://www.radiobatuta.com.br/Episodes/view/723>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

¹⁶⁰ CASTRO, Moacir Werneck de. Samuel e Lacerda ficaram fascinados um pelo outro. In: BARROS, Antonio Theodoro de Magalhães; CASTRO, Moacir Werneck de; et al. **A Última Hora de Samuel Nos Tempos de Wainer**. Rio de Janeiro: ABI-Copim, 1993. p.79-85. p.84.

¹⁶¹ João Pinheiro da Silva Neto nasceu em Roma no dia 4 de dezembro de 1928, filho de João Pinheiro da Silva Filho e Marina Barbará Pinheiro. Formou-se em Direito na pela Faculdade de Direito

segundo o qual logo após o AI-5 a censura *in loco* no jornal era feita pelo coronel reformado Teles de Menezes que, aliciado por Wainer, passou a ser amigo da redação, quando não saindo até para tomar chope com a equipe.¹⁶² Além disso, convocações de chefes de redação e jornalistas no geral para depor no DOPS ou na 5ª Seção do Exército eram comuns. Ainda que seja posterior ao nosso recorte, uma listagem do DOPS datada em 1971 traz jornalistas que apresentavam "antecedentes comunistas". A relação separa os jornalistas de acordo com o veículo de imprensa em que eles trabalhavam. Do *Ultima Hora* constavam Amado Ribeiro, Ignácio Alencar, João Etcheverry e José Carlos Paulo da Silveira.¹⁶³

Com o enrijecimento do regime, o *copy-desk* passou a ser utilizado com maior frequência, sendo categorizado como uma autocensura no *UH*. Um dos casos descritos por Benício Medeiros é sobre a coluna de Zsu Zsu Vieira (Consuelo Vieira), cuja linguagem demasiadamente liberal para o ponto de vista dos militares fez com que sua coluna "S.O.S. Sentimental" fosse submetida frequentemente ao *copy-desk*.

Onde vinha escrito que a "moça já estava botando peitinho", no estilo desabusado de Zsu Zsu, mudavam para "a moça acabara de ingressar na puberdade". Esses cuidados eram tomados porque a censura estava em pleno vigor e volta e meia um jornalista da *UH* era convidado a prestar esclarecimentos no Dops.¹⁶⁴

de Belo Horizonte em 1951, passando logo após a integrar o gabinete de Juscelino Kubitschek, recém-empossado como governador em Minas Gerais. Com a posse de Juscelino na presidência da República em 1956, foi nomeado oficial do Gabinete Civil do novo governo. Durante o governo de João Goulart, foi Ministro do Trabalho e dirigiu a Superintendência de Política Agrária (SUPRA). Convidado por Wainer, passou a integrar a equipe do *Ultima Hora* como repórter e depois como responsável pela seção financeira entre 1968 e 1971. Fontes: MEDEIROS, Benício. **A Rotativa Parou!** Os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.152-153; KORNIS, Mônica. João Pinheiro Neto. In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro - DHBB**. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC (Verbete). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-pinheiro-neto-2>>. Acesso em: 28 mai. 2016.

¹⁶² Caso semelhante ocorreu nas redações do *O Pasquim* com sua censora, Dona Marina (Marina de Almeida Brum Duarte), que, segundo Jaguar (Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe), gostava de beber e por isso era presenteada com garrafas de uísque, fazendo com que logo na terceira dose cedesse às vontades da redação. KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda** - jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo Editora, 2012. p.196-197.

¹⁶³ QUINTINO, Felipe. "Zueno, Zoany, Zwenir": a vigilância ao jornalista Zuenir Ventura durante a ditadura militar. In: **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Intercom, 2014, Foz do Iguaçu. Comunicação: Guerra & Paz. São Paulo: Intercom, 2014. p.7. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1342-1.pdf>>. Acesso em: 4 Jun. 2016.

¹⁶⁴ MEDEIROS, Benício. **A Rotativa Parou!** Os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.126.

Mesmo durante seu exílio em Paris Wainer soube lidar bem com os militares no poder, ao utilizar manobras e estratégias para conseguir agradá-los e também publicar aquilo que o jornal queria. O *Ultima Hora* mantinha tradicionalmente uma coluna dedicada às Forças Armadas, sendo realizada até os últimos momentos do periódico por Peri Augusto. Em *Minha Razão de Viver*, Wainer conta o episódio sobre o Coronel Viana que, dias após interrogá-lo, anunciou a Samuel que o I Exército havia realizado um concurso para escolher uma poesia que respondesse à música *Pra não dizer que não falei de flores*, de Geraldo Vandré e, que dado o fato que Wainer assegurara a ele que seu jornal era isento de posicionamentos políticos, Viana disse que parecia ser importante publicar o vencedor do concurso na primeira página do jornal, considerando que houve cerca de 8 mil inscritos. O vencedor, o aspirante Bastos, teve seu poema publicado na primeira página.¹⁶⁵

Como Benício Medeiros frisou em sua obra, "[...] os jornais só publicavam o que o governo queria. Era como se vivêssemos entre duas realidades: a que podia vir à tona e uma outra, encoberta, que não chegava ao conhecimento do público".¹⁶⁶

O colapso do jornal em termos financeiros passou a se agravar com o descrédito diante do governo militar,¹⁶⁷ fazendo com que os empresários passassem a ter medo de represálias contra suas empresas ao anunciar seus produtos e serviços no referido periódico.¹⁶⁸ Consequentemente, seus credores pararam de conceder novos empréstimos, o que apenas piorou a situação do jornal.¹⁶⁹ Benício Medeiros relata que João Pinheiro Neto, em uma de suas memórias, recorda que Delfim Neto – sem razões esclarecidas – se prontificou a ajudar de forma extra-

¹⁶⁵ WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988. p.278-279.

¹⁶⁶ MEDEIROS, Benicio. **A Rotativa Parou!** Os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.161-162.

¹⁶⁷ Em *A Ultima Hora (como ela era)*, Pinheiro Júnior parafraseia o repórter Cid de Almeida Kling, de que o Última Hora "entraria na emergência em 1964 e só iria para a UTI em 1968 com o AI-5". Para maiores informações, Cf. PINHEIRO JUNIOR, José Alves. **A Última Hora (como ela era)** - História e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. p.124.

¹⁶⁸ MEDEIROS, Benicio. **A Rotativa Parou!** Os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.152-155.

¹⁶⁹ Deve-se, no entanto, evitar visão de que somente as dívidas causaram o colapso do jornal. O débito dos grandes órgãos de comunicação com o governo, por exemplo, já alcançava valores espantosos em 1953, como pode ser consultado em: LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda x Wainer**: O Corvo e o Bessarabiano. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 1998. p.66.

oficial o jornal de Wainer, assim como outros grandes empresários do Rio. Sem sucesso. O *Última Hora* de Samuel teve sua última edição em 25 de abril de 1971, sendo vendido por 1 milhão e meio de dólares a um grupo de empresários, entre eles Marcelo Nunes de Alencar que anteriormente assumira o controle do *Correio da Manhã*.¹⁷⁰ Em pouco tempo o jornal foi passado para as mãos do empresário Ary de Carvalho, que o conduziu sob o nome de *Zero Hora* até 1987, revendendo-o então para José Nunes Filho. Devido à má administração, a falência do jornal é decretada em 11 de julho 1991, acumulando uma dívida de 450 milhões de cruzeiros.¹⁷¹

Apresentada a história do *Última Hora* bem como os antecedentes cruciais para se compreender a formação do *campo* jornalístico no Brasil, o próximo capítulo dirá respeito à formação e representação dos Esquadrões da Morte, especialmente através das páginas do *Última Hora*, bem como as noções de exterminabilidade e *sujeição criminal*.

¹⁷⁰ Nos baseamos na obra de Benício Medeiros *A Rotativa Parou! Os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer*; no entanto, de acordo com José Alves Pinheiro Júnior, a última edição do jornal sob o comando de Samuel Wainer foi publicada em 22 de abril de 1972. Para maiores informações, Cf. MEDEIROS, Benicio. **A Rotativa Parou!** Os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.208-211; PINHEIRO JUNIOR, José Alves. **A Última Hora (como ela era)** - História e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. p 149.

¹⁷¹ MEDEIROS, Benicio. **A Rotativa Parou!** Os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.215.

CAPÍTULO 2 – ESQUADRÃO DA MORTE: DA NARRATIVA JORNALÍSTICA À NARRATIVA HISTÓRICA

Este segundo capítulo visa ampliar a contextualização histórica e social acerca da representação jornalística dos esquadrões da morte cariocas. Apresentado o contexto histórico em que se deu o surgimento do *Ultima Hora*, faz-se necessário estabelecer uma relação entre a narrativa midiática do Esquadrão da Morte (EM) produzida pelo periódico e a narrativa histórica dos grupos de extermínio. Como aponta José Amaral Argolo em *As Luminárias do Medo: Vida, Paixão e Morte do Jornalismo Policial no eixo Rio de Janeiro - São Paulo*, o Esquadrão da Morte não passa de uma rotulação, um nome construído dentro do discurso jornalístico para denominar os diversos grupos de extermínio que surgiram a partir da década de 1950 com a justificativa de acabar com marginais considerados como irrecuperáveis e promover a segurança e a ordem pública no Rio.¹⁷² Tal definição reforça o conceito de *fantasmagorização*, desenvolvido ao longo deste capítulo, apresentado por David Maciel de Mello Neto¹⁷³ a respeito dos Esquadrões da Morte cariocas em um dado momento histórico.

A bibliografia relacionada ao Esquadrão da Morte é baseada majoritariamente em relatos jornalísticos, resultando inclusive em estudos contemporâneos com base em notícias do período.¹⁷⁴ Até mesmo o relatório final da Comissão Verdade do Rio de Janeiro (CEV-Rio), divulgado em dezembro de 2015, traz em seu *corpus* de fontes notícias de imprensa.¹⁷⁵ Os laudos cadavéricos

¹⁷² ARGOLO, José Amaral. **As luminárias do medo: vida, paixão e morte do jornalismo policial no eixo Rio de Janeiro-São Paulo**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. p.120-121.

¹⁷³ MELLO NETO, David Maciel. **“Esquadrão da Morte”**: genealogia de uma categoria da violência urbana no Rio de Janeiro (1957 – 1987). 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. 175p.

¹⁷⁴ Como exemplo, podemos citar as seguintes obras, que serão utilizadas nesta pesquisa: *As luminárias do medo: vida, paixão e morte do jornalismo policial no eixo Rio de Janeiro-São Paulo*, de José Amaral Argolo; *Esquadrão da Morte - um mal necessário?*, de Adriano Barbosa; *Do Esquadrão ao Mão Branca*, de Adriano Barbosa e José Monteiro; *Esquadrão da Morte*, de Amado Ribeiro e José Alves Pinheiro Júnior; *Barra Pesada*, de Octavio Ribeiro; *The Unpast: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000*, de R. S. Rose; *A maior violência do mundo (Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil)*, de Percival de Souza; e a dissertação de mestrado *“Esquadrão da Morte”: genealogia de uma categoria da violência urbana no Rio de Janeiro (1957 – 1987)*, de David Maciel de Mello Neto.

¹⁷⁵ Especificamente a respeito dos Esquadrões da Morte no Rio de Janeiro, o Relatório Final da Comissão da Verdade - RJ agregou relatos de pessoas que foram submetidas a torturas, parentes

analisados pela CEV-Rio indicam que a maioria das vítimas assassinadas pelos grupos possuíam as mesmas sevícias e causas de morte atribuídas pela imprensa ao EM, e que os policiais "envolvidos na atuação desses grupos contaram com a conivência do Estado e de parte da sociedade civil".¹⁷⁶ Além disso, a escassez de inquéritos ou processos do período que pudessem apontar investigações sobre os grupos de extermínio viabilizou o uso de fontes de imprensa não apenas para o objetivo inicial da pesquisa – analisar a representação do Esquadrão da Morte por meio do jornal carioca *Ultima Hora* – mas também para apontar documentos oficiais e legislação do período. A narrativa histórica do Esquadrão da Morte se mescla à narrativa midiática e, para que possamos compreender a atuação da imprensa ao relatar o perfil das vítimas e execuções do EM, é de grande valia aliar História e Teoria Social.

Este capítulo terá como ponto de partida a apresentação dos conceitos que balizam e compõem as noções de *sujeição criminal* e exterminabilidade, que fundamentam a lógica de extermínio de marginais classificados como irrecuperáveis. Para contextualizar o surgimento dos Esquadrões da Morte até nosso recorte histórico utilizaremos as execuções noticiadas pela imprensa, legislação, revisão bibliográfica em livros e trabalhos acadêmicos e o telegrama da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil sobre os Esquadrões da Morte, recentemente divulgado pelo governo norte-americano às autoridades brasileiras, em julho de 2014 e disponibilizado *on-line* pelo *The Nacional Archive Security*.¹⁷⁷

das vítimas e fontes de jornais sobre o grupo de extermínio desde seu surgimento, em 1958, até seus desdobramentos nas décadas de 1960 e 1970, compreendendo o exemplar do dia 7 de novembro de 1964 do *Correio da Manhã* e a revista *Veja*, de 29 de julho de 1970. Para maiores informações sobre o relatório, Cf. RIO DE JANEIRO. **Relatório Final da Comissão da Verdade do Rio**. Rio de Janeiro: CEV-Rio, 2015. Disponível em: <<http://www.cev-rio.org.br/site/arq/cev-rio-relatorio-final.pdf>>. Acesso em: 3 mai. 2016.

¹⁷⁶ RIO DE JANEIRO. **Relatório Final da Comissão da Verdade do Rio**. Rio de Janeiro: CEV-Rio, 2015. p.366. Disponível em: <<http://www.cev-rio.org.br/site/arq/cev-rio-relatorio-final.pdf>>. Acesso em: 3 mai. 2016.

¹⁷⁷ Todos os documentos (telegramas, memorandos, relatórios e informações privilegiadas sobre a ditadura no Brasil) estão disponíveis em *The Nacional Security Archive - Brazil: torture techniques revealed in declassified U.S. Documents*, podendo ser acessados em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB478/>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

2.1 A emergência dos grupos de extermínio: *sujeição criminal*, exterminabilidade e o Esquadrão da Morte pela imprensa

Ao longo da década de 1950, a cidade do Rio de Janeiro passou por grandes transformações, algumas das quais serão brevemente abordadas neste momento por estarem ligadas ao objeto de pesquisa. Em um curto espaço de tempo – entre 1950 e 1970, aproximadamente – a cidade do Rio de Janeiro triplicou sua população, sobretudo com a grande onda migratória oriunda da região do Nordeste em busca de melhores condições de vida na região Sudeste do país. Atraídos pela ilusão de uma grande oferta de empregos, estes trabalhadores investiam todos os seus recursos para realizarem a viagem rumo ao eixo Rio – São Paulo em precários meios de transportes chamados de "paus de arara"; no entanto, quando chegavam, a disparidade entre a baixa oferta e alta procura de empregos era tão grande que provocou um aumento dos bolsões de pobreza urbana, uma vez que a maioria destes grupos populacionais se fixou em bairros e áreas periféricas da cidade, principalmente na Baixada Fluminense, muitas vezes se sujeitando ao subemprego, banditismo, jogo do bicho e tráfico de entorpecentes.¹⁷⁸

O acúmulo destas populações marginalizadas em espaços urbanos marginalizados e o recurso a meios escusos de ganho de vida abre espaço para a criação de um *fantasma social*, "[...] um inimigo interno específico cujo perigo será representado como tanto maior quanto maior for sua incorporação por membros da sociedade".¹⁷⁹ O conceito de *sujeição criminal* trabalhado pelo sociólogo Michel Misse situa de forma singular esse fenômeno: o bandido enquanto sujeito criminal é marcado por expectativas sociais a respeito de sua irrecuperabilidade. Ou seja: há uma expectativa negativa de que o indivíduo irá cometer algum delito – uma forma de estereotipação sobre este – antes mesmo de ter cometido.

¹⁷⁸ Para maiores informações, Cf. ARGOLO, José Amaral. **As luminárias do medo**: vida, paixão e morte do jornalismo policial no eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Rio de Janeiro: E-papers, 2008; BARBOSA, Adriano; MONTEIRO, José. **Do Esquadrão ao Mão Branca**. Rio de Janeiro: Jaguaribe Gráfica e Editora. 1980; MISSE, Michel. A categoria "bandido" como identidade para o extermínio. Algumas notas sobre sujeição criminal a partir do caso do Rio de Janeiro. In: BARREIRA, Cesar; SÁ, Leonardo; AQUINO, Jânia Perla de. (org.) **Violência e dilemas civilizatórios** - as práticas de punição e extermínio. Campinas: Pontes Editores, 2011. p.31-57; SOUZA, Percival de. **A maior violência do mundo** (Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil). São Paulo: Traço Editora, 1980.

¹⁷⁹ MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. 1999. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia), Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999. p.176.

Indivíduo inicialmente produzido pela interpelação policial, pelas leis penais e pelos julgamentos públicos mediante conduta delituosa, o sujeito criminal troca de forma ao longo da história. O *fantasma social* também se constituirá de diferentes maneiras, se metamorfoseando com o passar do tempo e se adequando às necessidades do meio, sendo capaz de ampliar para grupos inteiros a categoria de sujeito criminal, ainda que em potencial.

De acordo com Misse, podemos sumarizar as categorias de *sujeição criminal*, no que diz respeito à realidade brasileira, sobre as representações urbanas da pobreza inicialmente levantadas por Lícia Valladares em três ciclos: o primeiro ciclo, situado na virada do século, traz as imagens dos vadios, desordeiros ou malandros – sujeitos criminais devido às fraquezas individuais e à baixa adesão destes ao *ethos* trabalhista; o segundo ciclo, cujo recorte compreende nosso objeto de pesquisa (décadas de 1950 e 1960), traz a imagem dos marginais e bandidos ligados ao jogo do bicho e ao tráfico de drogas, tendo como sua principal origem o crescimento urbano e expansão industrial desordenada que provocara o aumento da criminalidade em bairros periféricos e, sobretudo, nas favelas; o terceiro ciclo, situado entre as décadas de 1970 e 1980, traz a imagem dos desempregados, vagabundos e bandidos no geral, (há também o aumento de movimentos sociais urbanos lutando contra as más condições de vida nas periferias, cuja adesão criminal é cada vez maior e reforça a categoria de “bandido”). Misse acrescenta a estas definições de transgressão individual a situação oposta àqueles que sofrem a referida *sujeição criminal*, apresentando também o indivíduo normativo, sendo no primeiro caso a contraposição do trabalhador *versus* malandro, no segundo o trabalhador *versus* marginal e no terceiro a contraposição entre trabalhador *versus* bandido.¹⁸⁰ Desta forma, o *fantasma social* da violência urbana é fruto de uma acumulação cíclica de padrões sociais decorrentes do crescimento urbano desordenado, desigualdade e exclusão social.

¹⁸⁰ Para mais informações, Cf. MISSE, Michel. Pobreza e Crime. *In*: _____. **Malandros, marginais e vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. 1999. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia), Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999. p.175-184.

É o que parece ter ocorrido na representação social de um segmento crescente da população do Rio de Janeiro em meados dos anos 50, bem como um segmento análogo no interior do aparelho policial. O aparecimento, quase simultâneo, de campanhas pela instituição da pena de morte, e de grupos de extermínio formados por policiais e ex-policiais, no Rio de Janeiro e em sua periferia, nos anos cinquenta, é apenas a ponta mais cruel e visível de uma demanda difusa e violenta de incriminação que percorre transversalmente os diferentes segmentos e classes da população da cidade, pelo menos até então.¹⁸¹

Na década de 1950 surge o *marginal* (no sentido criminal) como *fantasma social*, que insiste em ganhar a vida por meios escusos, como os assaltos a mão armada. Os antigos bandos, de origem rural, dão espaço às quadrilhas ou gangues, passando a receber, a partir da década de 1960, maior destaque na imprensa. Esta, por sua vez, passa a enaltecer a imagem da polícia como uma espécie de "salvação contra o crime". Segundo o autor, esse fenômeno ocorre quando há percepção de impunidade alta no aparelho judicial, onde "a demanda de incriminação aumenta condensando a demanda de maior volume de incriminação com a de maior e mais grave punibilidade, legal ou ilegal".¹⁸²

Neste contexto, surge no Brasil uma forma em particular de "resolução de problemas", conhecida como esquadrão da morte. Misse situa o início da violência urbana brasileira no mesmo período em que surgem os primeiros esquadrões da morte.¹⁸³

¹⁸¹ MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. 1999. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia), Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999. p.173.

¹⁸² MISSE, Michel. A categoria "bandido" como identidade para o extermínio. Algumas notas sobre sujeição criminal a partir do caso do Rio de Janeiro. In: BARREIRA, Cesar; SÁ, Leonardo; AQUINO, Jânia Perla de. (org.) **Violência e dilemas civilizatórios** - as práticas de punição e extermínio. Campinas: Pontes Editores, 2011. p.35.

¹⁸³ O que não exclui medidas anteriores de incriminação e punibilidade de categorias urbanas. Para formas anteriores de controle de categorias sociais, Cf. BRAGA, Pedro. Crime, Pena e Sociedade no Brasil Pré-Republicano. In: _____. **Crime e Sociedade**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008. p.117-158.

Não estou, evidentemente, afirmando que o aparecimento dos esquadrões da morte é a causa do aumento da violência urbana. **O seu surgimento indica o início de um processo de acumulação social da violência no Rio de Janeiro que, depois, espalhou-se para todas as grandes cidades brasileiras.** O fato de ter se espalhado não significa também que o Rio de Janeiro fosse o único lugar irradiador desse processo, ainda que seja importante lembrar que o Rio de Janeiro sediava, como sedia ainda hoje, grande parte da mídia que atinge o país como um todo, principalmente a mídia televisiva. Não é descartável o efeito demonstração do que essa mídia informava para todo o país, mas os fatores principais da acumulação social da violência no Rio de Janeiro também já estavam presentes em todas essas cidades, o que explica que havia espaço para a recepção do que acontecia no Rio como acontece com as profecias que autocumprem. [grifo nosso]¹⁸⁴

A assertiva do sociólogo traça o processo de emergência dos esquadrões da morte e, ao mesmo tempo, aponta o papel da imprensa neste processo.

A origem dos grupos de extermínio denominados Esquadrões da Morte no Rio de Janeiro remonta a períodos anteriores ao recorte desta pesquisa. Sendo assim, nosso ponto de partida será o final da década de 1950, quando o então general do exército Amaury Kruel é nomeado Chefe do Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP),¹⁸⁵ em 13 de maio de 1957.¹⁸⁶ Há pouco mais de um mês de sua posse, o *Ultima Hora* enfatiza os ideais e alguns feitos de Kruel, que priorizava, como o próprio título dizia, "[...] SANEAR A POLÍCIA E CRIAR XADREZES PERMANENTES PARA VAGABUNDOS E DESORDEIROS!", bem como descreve sua rotina de trabalho através de textos e fotografias ocupando quase toda a folha da seção Policial, reforçando a necessidade latente da polícia exterminar e prender marginais a todo custo (Figura 13).

¹⁸⁴ MISSE, Michel. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 8, n. 3, p.371-385, jan. 2009. p.375. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/4865>>. Acesso em: 24 Jul. 2016.

¹⁸⁵ O Decreto-Lei 6.387 de 28 de março de 1944 converteu a Polícia Civil do Distrito Federal em DFSP. Fonte: BRASIL. **Decreto-Lei nº 6.378**, de 28 de março de 1944. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6378-28-marco-1944-389489-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 25 fev. 2016.

¹⁸⁶ ULTIMA HORA. Assegurar a ordem e garantir as instituições democráticas. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 14 mai. 1957. p.7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=38669>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Dez Comissões de Inquérito em um Mês de Administração

PROGRAMA DE KRUEL:

SANEAR A POLÍCIA E CRIAR XADREZES PERMANENTES PARA VAGABUNDOS E DESORDEIROS!

Polícia Não é "Bico": A "Fortaleza" da DCD é Repressão ao Crime! A "Fortaleza" da DCD Vai Ser Desmontada!

Dez Horas em Conselho Com o Responsável Pela Segurança Dos Cartões — Não é Fácil Nem Fácil Ser Chefe da Polícia — Casa Funciona o Melhor do DFSP — Carrer Sem Sigla só Para Delinqüentes Significa — Funcionário Delinqüente Não Tem Direitos Adquiridos — (Reportagem de BATETA DE PAULA — Fotos de ESTRELA, Exclusivas de ÚLTIMA HORA)




Com o estabelecimento de maior liberdade, o primeiro passo de Kruel é desmontar a "Fortaleza" da DCD, a estrutura de segurança do DFSP, de modo a permitir a liberdade de ação dos policiais e a melhoria da administração.

Ultima Hora

ANO VII - Rio de Janeiro, 25-6-57 - Nº. 2.144

Lapis Vermelho: Arma de Kruel Para Fazer a Polícia Funcionar!

Cidade Aberta
Quando a Honra é Uma Mercadoria Barata

SOCORRER A VÍTIMA
... (text continues) ...

COMO NA PRACA PARIS
... (text continues) ...

MOBRES GUERRO
... (text continues) ...

ADROPÊLHAS PELO AGRICULTOR
... (text continues) ...

RESISTÊNCIA DO MOTORISTA DIRTO DO PROPRIO CARRO
... (text continues) ...

VITIMA DA EMPREGA
... (text continues) ...

BUFFETIM DE BOLAIS DAS TORCERDORAS
... (text continues) ...

O FOGO DESTRUÍO O BARRACÃO COM DEAS CHANÇAS DESTRUÍO
... (text continues) ...

Figura 13 - Última Hora, 25 de junho de 1957, p.9 - Um mês após a posse de Kruel como chefe do DFSP, o jornal enfatiza positivamente sua postura, relatando seu cotidiano e mostrando seus feitos no cargo. Fonte: Biblioteca Nacional Digital - Brasil.¹⁸⁷

¹⁸⁷ ÚLTIMA HORA. Sanear a Polícia e Criar Xadrezes Permanentes para Vagabundos e Desordeiros. Última Hora, Rio de Janeiro, 25 jun. 1957. p.9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/386030/39745>. Acesso em: 2 ago. 2016.

O Regulamento Geral do DFSP, aprovado pelo Decreto nº 37.008, de 8 de março de 1955, previa através do Artigo 9º, item IV, a Seção de Diligências Especiais.¹⁸⁸ Em agosto do mesmo ano de sua posse, Kruehl cria a Turma Volante de Repressão aos Assaltos a Mão Armada (TVRAMA), transferindo sete policiais para a Seção de Diligências Especiais e nomeando o investigador e policial Eurípedes Malta de Sá como líder do grupo através de ato reservado.¹⁸⁹ O principal motivo da criação deste grupo era combater a crescente onda de criminalidade que se espalhara rapidamente na cidade do Rio de Janeiro. Sob o comando de Eurípedes Malta de Sá, em 1957, o grupo passa ter "carta branca" para exterminar criminosos. De acordo com Robert Sterling Rose:

A unidade tinha autorização para eliminar todo marginal que circulasse pela cidade. Não haveria nenhum questionamento, nenhuma papelada e nenhum preso pego com vida. Quando resolviam ir atrás de um determinado suspeito, a morte do indivíduo já estava decidida. [...] Muitas vezes, os corpos eram jogados sem cerimônia na periferia, na comunidade da classe trabalhadora, ao Norte da cidade, a Baixada Fluminense. De vez em quando, os repórteres eram informados sobre o que aconteceria e, às vezes, até acompanhavam Eurípedes e seus homens. No dia seguinte, os jornais do Rio anunciavam que mais um bandido estava fora de circulação.¹⁹⁰

Em 28 de agosto de 1957, pouco tempo após sua criação, o *Ultima Hora*¹⁹¹ se referiria ao grupo como “comandos suicidas” e “os suicidas”. Em 9 de outubro do

¹⁸⁸ O Regimento Geral do Departamento Federal de Segurança Pública também especificava que: "Art. 14. A Seção de Diligências Especiais, dirigida por um auxiliar do Gabinete, compete, isolada ou em colaboração com outros órgãos do D.F.S.P., **realizar as missões que lhe forem atribuídas pela Chefia**. Contará permanentemente com um número reduzido de funcionários, mas **receberá reforço de acordo com as necessidades**; Art.15. O Serviço de Relações Públicas e a Seção de Diligências Especiais devem **manter a mais estreita ligação possível com a Central de Direção, Coodenação e Contrôlo da Polícia**" [grifos nossos]. Fonte: BRASIL. **Decreto nº 37.008**, de 8 de março de 1955. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextolntegral.action?id=83729>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

¹⁸⁹ Buscas pelo termo "Seção de Diligências Especiais" na Biblioteca Nacional Digital (Hemeroteca) retornam resultados anteriores a agosto de 1957, mas sem qualquer vínculo aos casos do TVRAMA. Os policiais transferidos eram: Malta, Luiz Araújo, Portela, Rosa, Oliveira, Dornelas e Barbosa. Para mais informações, Cf. ULTIMA HORA. Multiplicam-se as quadrilhas de bandidos num desafio audacioso à ação da polícia! **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 28 ago. 1957. p.6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=41398>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

¹⁹⁰ ROSE, R. S. **The Unpast**: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000. trad. Richard Boike. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editoria Massangana, 2010. p.294.

¹⁹¹ ULTIMA HORA. Multiplicam-se as quadrilhas de bandidos num desafio audacioso à ação da polícia! **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 28 ago. 1957. p.6. Disponível em:

mesmo ano, o *Jornal do Brasil*¹⁹² o noticia como “turma suicida”. A imprensa do período também utilizaria os termos Grupo de Diligências Especiais (GDE) e Serviço de Diligências Especiais (SDE) para se referir à Seção de Diligências Especiais e ao TVRAMA. Apesar de sua brevidade, o TVRAMA durou tempo suficiente para implantar uma mentalidade de ação policial violenta, propícia para a atuação desmedida dos esquadrões da morte nas décadas seguintes, especialmente nas de 1960 e 1970. De acordo com David Maciel de Mello Neto:

A categoria de “Esquadrão da Morte” aparece pela primeira vez no contexto carioca no jornal *O Globo*, em 20 de janeiro de 1958. A segunda ocorrência se dá no *Correio da Manhã*, em 08 de abril do mesmo ano e a terceira, no *Última Hora*, cerca de um ano depois, em 12 de março de 1959. Todas, implícita ou explicitamente, têm o mesmo referente: a Turma Volante de Repressão aos Assaltos à Mão-Armada (TVRAMA).¹⁹³

O grupo TVRAMA passou a ser duramente criticado pela imprensa após a morte acidental de um funcionário da TV Tupi, o motorista Edgar Faria de Oliveira, durante uma ação realizada pelo grupo em 25 de fevereiro de 1958.¹⁹⁴ Aproveitando-se da ocasião, o jornal *Última Hora* apresentou no dia seguinte (26 de fevereiro de 1958) uma pequena chamada de capa para a reportagem contida na 6ª página do caderno,¹⁹⁵ com a foto do motorista morto e os seguintes dizeres: "METRALHADO PELA POLÍCIA O MOTORISTA DA TV-TUPI!" (Figura 14). No verso da fotografia (ICO_UH_1035_086 - Figura 15), publicada na capa do jornal e disponível para consulta no acervo iconográfico do AESP, o grupo é descrito como

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=41398>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

¹⁹² JORNAL DO BRASIL. Autor de um crime de morte e de assalto recente. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 out. 1957. p.12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&PagFis=79618>. Acesso em: 25 fev. 2016 (material protegido por direitos autorais).

¹⁹³ MELLO NETO, David Maciel. “**Esquadrão da Morte**”: genealogia de uma categoria da violência urbana no Rio de Janeiro (1957 – 1987). 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p.110.

¹⁹⁴ ROSE, R. S. **The Unpast**: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000. trad. Richard Boike. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editoria Massangana, 2010. p.294.

¹⁹⁵ ULTIMA HORA. Crime brutal em Cachambi: METRALHADO PELA POLÍCIA O MOTORISTA DA TV-TUPI! **Última Hora**, Rio de Janeiro, 26 fev. 1958. p.6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/386030/45824>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

"[...] um grupo de policiais denominado '**Batalhão da Morte**'" [grifo nosso]. A fotografia foi cortada para a publicação na capa do jornal, havendo uma redução de aproximadamente 1/3 da fotografia original, enfatizando o morto, a esposa e o perito à direita, de casaco e calça branca (Figura 15).

CRIME BRUTAL EM CACHAMBI

METRALHADO PELA POLÍCIA O MOTORISTA DA TV-TUPI!

O Homicídio Ocorreu Antes da Meia-Noite, Porém o Comissário do 19.º D.P. e a R.P. só Tiveram Conhecimento às 4.30 Horas — Encontradas no Local do Crime 4 Cápsulas de Calibre 45 e 4 de 7,65 — O Companheiro da Vítima, Com Mêdo de Depor Contra os Policiais Assassinos, Fugiu Levando a Espôsa — A Companheira do Morto Está em Adiantado Estado de Gestação, Esperando o Quarto Filho — (Leia na Sexta Página)

☆

Junto ao cadáver do companheiro, Alina presta declarações ao comissário Rebouças, da Delegacia do 19.º Distrito Policial. Entre soluços, desabaja: "Ele era tão bom para mim e para os nossos filhos. Não merecia morrer desta maneira".

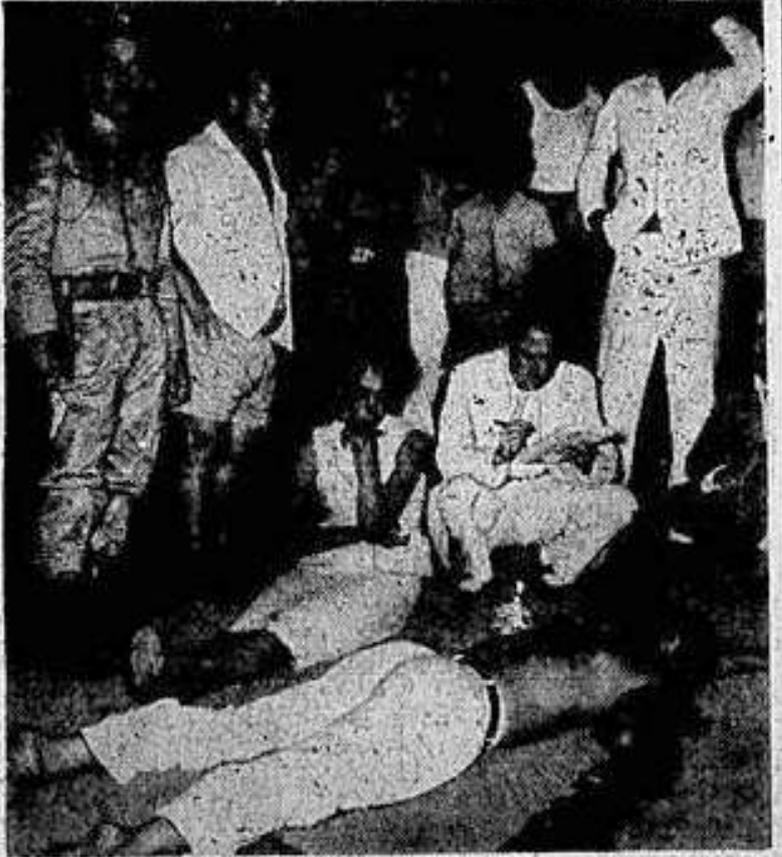


Figura 14 - Pequena chamada na capa do jornal *Ultima Hora*, edição de 26 de fevereiro de 1958, sobre a morte de Edgar Faria de Oliveira, motorista da TV Tupi. Fonte: Biblioteca Nacional Digital - Brasil.¹⁹⁶

¹⁹⁶ ULTIMA HORA. METRALHADO PELA POLÍCIA O MOTORISTA DA TV-TUPI! *Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 26 fev. 1958. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/386030/45819>>. Acesso em: 2 ago. 2016.



Figura 15 - Fotografia (ICO_UH_1035_086) publicada na capa do *Ultima Hora*, de 26 de fevereiro de 1958 sobre a morte de Edgar de Oliveira, motorista da TV Tupi. Ruídos nos cantos inferior e superior esquerdos em função das mãos da pesquisadora e reflexo de iluminação externa durante a reprodução no AESP. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo / Setor iconográfico (reprodução).

Nas reportagens seguintes sobre o caso, o jornal se concentrou na imagem da esposa e dos filhos do motorista, que haviam perdido de forma injusta e prematura o pai, esposo e trabalhador. Como exemplo, citamos a reportagem do dia 11 de abril de 1959, em que há uma notícia de alta saliência ocupando quase toda a folha policial. Nela, a viúva de Edgar, Aline da Silva Corrêa, diz com profunda tristeza que seu marido não era um bandido e foi "Morto pelas Costas Como um Cachorro", como é mencionado no texto e no subtítulo da notícia.¹⁹⁷

Devido à repercussão negativa, a atuação do grupo diminuiu rapidamente após o incidente, vindo a desaparecer totalmente em 1959. Após um longo

¹⁹⁷ ULTIMA HORA. Espôsa do motorista da TV: "ESQUADRÃO DA MORTE MATOU MEU MARIDO PELAS COSTAS!". *Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 11 abr. 1959. p.6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/386030/54557>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

juízo do caso,¹⁹⁸ o líder do grupo Eurípedes Malta de Sá e os demais integrantes que conduziram a ação foram absolvidos.¹⁹⁹ Em todas as reportagens o jornal atribui a autoria do crime à polícia/grupo, mas não descreve quem são todos os seus integrantes (esporadicamente o jornal cita alguns nomes, especialmente o de Malta, mas sem muito desenvolvimento).

A fotografia originalmente capturada na cena do crime nos permite ver como o fator de corte da fotografia publicada elimina várias pessoas do campo de visão, provavelmente porque possuíam pouca ou nenhuma ligação com o motorista. Outra possibilidade seria a própria limitação de espaço na capa, resultando num recorte que prioriza apenas o assunto principal – o corpo da vítima com uma mancha de sangue escorrendo abaixo de seu abdômen e sua esposa sentada ao lado, prestando depoimento ao comissário Rebouças, do 19º Distrito Policial, como consta na legenda, além de uma vela acesa ao morto.

Após a dissolução do TVRAMA, a ênfase jornalística sobre o Esquadrão da Morte diminuiu drasticamente até a ideia de um grupo para caçar marginais irrecuperáveis e danosos à sociedade ser novamente reacendida em 1960, com a formação de uma equipe liderada por Milton Le Cocq, mais conhecido como O *Gringo*. Milton Le Cocq de Oliveira iniciou sua carreira policial²⁰⁰ como membro da Polícia Militar, sendo posteriormente transferido para o destacamento de motocicleta da Polícia Especial, a Esquadra Montada (E.M.).²⁰¹ Le Cocq e sua equipe²⁰²

¹⁹⁸ Para mais informações sobre o caso e o processo de julgamento, Cf. MELLO NETO, David Maciel. O assassinato do motorista da TV-Tupi pelo “Esquadrão da Morte”. In: _____. **“Esquadrão da Morte”**: genealogia de uma categoria da violência urbana no Rio de Janeiro (1957 – 1987). 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. 175p. p.116-145.

¹⁹⁹ “Os policiais Malta, Itagiba, Salvador e João de Deus foram recolhidos ao xadrez do DOPS e somente três anos depois da última diligência atribuída ao grupo, no dia 28 de maio de 1961, o I Tribunal do Juri, sob a presidência do juiz Roberto Talavera Bruce, absolvía Salvador e João de Deus, na negativa de autoria. No dia 29, Malta e Itagiba têm a mesma sentença dos jurados, pela mesma razão da defesa.” BARBOSA, Adriano; MONTEIRO, José. **Do Esquadrão ao Mão Branca**. Rio de Janeiro: Jaguaribe Gráfica e Editora. 1980. p.87.

²⁰⁰ Para confirmação dos cargos ocupados por Amaury Krueel e Milton Le Cocq de Oliveira, consultar o Anexo III do Decreto nº 42.484, de 16 de outubro de 1957: DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Diário Oficial da União**, 29 out. 1957, p.24717 e p.24720. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/1957/10/29>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

²⁰¹ O nome da Esquadra Montada (E.M.) contribuiu para a denominação do grupo de extermínio Esquadrão da Morte pela imprensa, já que as iniciais do grupo de motocicletas da polícia eram idênticas às do Esquadrão. ROSE, R. S. **The Unpast**: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000. trad. Richard Boike. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editoria Massangana, 2010. p.295.

retornam com a ideia do grupo, realizando inúmeras prisões e mortes no início da década de 1960. Entretanto, o episódio da perseguição de Le Cocq ao bandido Manoel Moreira, conhecido como Cara-de-cavalo, resultaria na morte do detetive em 27 de agosto de 1964,²⁰³ desencadeando um sentimento de revolta geral sobre a classe policial. Novamente, o jornal *Ultima Hora* dedica um considerável espaço por dias sobre o caso, enfatizando de forma sensacionalista e mórbida o assassinato de Le Cocq e, depois, a caçada policial a Cara-de-cavalo.

No dia seguinte à morte do detetive, a edição vespertina traz em sua capa a chamada de alta saliência "Tôda Polícia Mobilizada Para Vingar Le Cocq: FUZILADO UM LÍDER DO ESQUADRÃO DA MORTE", havendo logo abaixo uma foto de Le Cocq morto sobre uma maca de necrotério, uma fotografia do *Volkswagen* usado para perseguir o bandido com o vidro traseiro perfurado por balas e mais outras três fotografias, mostrando os policiais Hélio Vígio, Cartola e Jacaré (Figura 16). A reportagem de alta saliência sob o título "TÔDA POLÍCIA EM PÉ DE GUERRA: BANDIDOS FUZILARAM LE COCQ" traz toda a perseguição de Le Cocq a Cara-de-cavalo e o seu desfecho, descrevendo que o detetive, visto como o "terror dos facínoras", estava morto e que toda a polícia naquele momento estava mobilizada para vingá-lo de "qualquer forma". Junto à reportagem há mais três fotografias: um retrato-falado do rosto de Manoel Moreira, uma fotografia de rosto do motorista que conduzia o carro em que o bandido estava e outra de Milton Le Cocq (Figura 17).

²⁰² Milton Le Cocq convocou pessoas que ele conhecia da Polícia Especial para fazer parte da equipe. Entre eles: José Guilherme Godinho Ferreira ("Sivuca"), Hélio Guaíba Nunes, Euclides Nascimento, Jaime de Lima, Hermegenildo de Souza Cavalcanti Filho, Lincoln Monteiro, Ivo Americano Alves de Brito, José Nunes Curvello, Espencer Manga e, às vezes (quando convocado por Le Cocq), Aníbal Beckman dos Santos, o "Cartola". ROSE, R. S. **The Unpast: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000.** trad. Richard Boike. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editoria Massangana, 2010. p. 295.

²⁰³ Há duas versões para o assassinato de Milton Le Cocq de Oliveira. Rose sugere que a morte de Le Cocq teria ocorrido através do disparo acidental do policial novato Hélio Vígio, que acompanhava o detetive e sua equipe durante a perseguição de Manoel Moreira; esta versão nunca foi investigada em sua totalidade. O autor sugere – após levantamento de dados em jornais do período – que "a subsequente execução de 'Cara-de-cavalo' foi um teatro para encobrir um acidente ou uma briga entre os próprios policiais". Iremos considerar, portanto, a versão mais conhecida, em que Cara-de-cavalo é o responsável pela morte de Milton Le Cocq. ROSE, R. S. **The Unpast: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000.** trad. Richard Boike. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editoria Massangana, 2010. p. 304.

**Governo do Uruguai Cede a Pressões e Adverte Jango;
Supremo Tribunal Ameaça Punir Cel. do IV Exército;
Ministro da Justiça Também Não Sabe Onde Está Dória**

LEIA NA PÁG. 2 O "CONGRESSO EM RESUMO", NA PÁG. 6

**Tôda Polícia Mobilizada Para Vingar Le Cocq:
FUZILADO UM LÍDER DO
'ESQUADRÃO DA MORTE'**

ANO XIV — Rio de Janeiro, Sexta-Feira, 28 de Agosto de 1964 — N.º 4.545

Ultima Hora 50 CRUZEIROS

Vasco Quer Vencer Mengo na Justiça

CÓLERA ATACA JAPÃO

LEIA EM "TELEJORNAL", NA PÁG. 6

FRANÇA: Artista se Sente em Casa

"Carta Aberta" da Mais 500 Mil

PRONTO SOBERO NA TIJUCA
Operações - Faltam NDA CONDE DE BONFIM, 149
Casa de Saúde Santa Teresinha S. A. INSTITUIÇÃO N.º 14.584-0/64
RUA MARIA ESTER, 81 — TEL.: 38.888
Divulgação Tijuca: Sr. Armando Amaral

Herói de Guerra Vai Completar 3 Meses na Prisão
DOPS Deixa Família Sem Chefe

1 - PAPA PODE INTERVIR NA CRISE DE CHIPRE
2 - CABEÇAS JÁ ESTÃO ROLANDO NO VIETNAME

LEIA NA PÁG. 6

Figura 16 - Capa do *Ultima Hora*, de 28 de agosto de 1964, sobre a morte do detetive Milton de Oliveira Le Cocq. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo - Fundo *Ultima Hora* (Hemeroteca).²⁰⁴

²⁰⁴ ULTIMA HORA. Tôda Polícia Mobilizada Para Vingar Le Cocq: FUZILADO UM LÍDER DO ESQUADRÃO DA MORTE. *Ultima Hora* (Vespertino), Rio de Janeiro, 28 ago. 1964. p.1. Disponível em:

<http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=28&mes=8&ano=1964&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 2 ago. 2016.

fotográfica, partindo da vontade deliberada pela redação de como apresentar o assunto ao leitor.



Figura 18 - Fotografia (ICO_UH_1038_047) publicada na capa do *Última Hora*, de 28 de agosto de 1964, sobre a morte do detetive Milton Le Cocq. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo / Setor iconográfico (reprodução).

Na edição de 29 de agosto de 1964 a ênfase midiática se concentra no velório e enterro de Le Cocq, e a capa da edição vespertina apresenta uma fotografia do detetive sendo velado em seu caixão. Ao lado direito da fotografia, a chamada "Polícia de Luto Faz Juramento de Honra no Túmulo do Detetive; MORTE DE LE COCQ VAI CUSTAR 10 BANDIDOS"²⁰⁶ e outra fotografia com uma multidão de civis e policiais conduzindo seu caixão num cortejo fúnebre. No interior do caderno, a página 7 relata toda a mobilização da polícia para capturar Cara-de-

²⁰⁶ ULTIMA HORA. Polícia de Luto Faz Juramento de Honra no Túmulo do Detetive; MORTE DE LE COCQ VAI CUSTAR 10 BANDIDOS. **Última Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 29 ago. 1964. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=30&mes=8&ano=1964&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 2 ago. 2016.

cavalo²⁰⁷ e faz uma cobertura completa da morte de Milton Le Cocq. Na página 10, a notícia de alta saliência ocupa toda a folha, contendo 6 fotografias com destaque para a mãe de Le Cocq, que "[...] envolve-o de lágrimas no último carinho". Além das fotografias, que pungem o leitor, a chamada da notícia "CHACINA PARA VINGAR ASSASSINATO DE LE COCQ; DEZ BANDIDOS POR UM POLICIAL MORTO" também é digna de nota: junto a ela, há uma carta assinada por "João Ninguém", que escreve diretamente a Le Cocq, jurando vingança por sua morte e que, a partir de então, para cada policial morto, dez bandidos morreriam. Este lema tornou-se a tônica das décadas de 1960, 1970 e 1980 pelos esquadrões da morte, que visavam combater o crime e o banditismo a qualquer custo (Figura 19).

Pode-se perceber que a carta foi redigida por um policial – ou que se intentava atribuir sua autoria a um policial – no momento em que se menciona: "Trabalhamos no anonimato enquanto a cidade dorme, trabalhamos sem cobertura de televisão, sem entrevista, sem demagogia". Ao final, há uma despedida a Le Cocq, seguida da assinatura de "João Ninguém".

Após o juramento e o enterro do detetive, policiais iniciaram as buscas a Cara-de-cavalo, executando também outros bandidos.²⁰⁸ Durante o mês de setembro, as edições do jornal passam a relatar quase que diariamente as buscas sem sucesso por Cara-de-cavalo. A caçada se encerra apenas em 3 de outubro de 1964, quando Manoel Moreira foi apanhado e morto durante uma perseguição, esta visceralmente – e dramaticamente – descrita pelo *UH*.

²⁰⁷ Na chamada da notícia, o *UH* traz que "Um contingente policial de cujo vulto não se tem notícia no registro policial da cidade, está mobilizado para uma única missão: a caçada de um só homem, o bandido Cara-de-cavalo, matador do Detetive Milton Le Cocq. A empresa reúne policiais lotados nos distritos e delegacias especializadas, choques da Polícia Militar e da Polícia de Vigilância. Nada menos de três centenas de policiais que estão cortando todos os caminhos de fuga do facinoroso." Fonte: ULTIMA HORA. Cortada a fuga de Cara-de-cavalo. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 29 ago. 1964. p.7. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=30&mes=8&ano=1964&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 2 ago. 2016.

²⁰⁸ ULTIMA HORA. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 31 ago. 1964. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=31&mes=8&ano=1964&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 2 ago. 2016.

CHACINA PARA VINGAR ASSASSINATO DE LE COCQ DEZ BANDIDOS POR UM POLICIAL MORTO

★ REVOLTA E EMOCÃO NO VELÓRIO DO LIDER DO ESQUADRAO DA MORTE



Quando não o corpo do filho, Milton Araújo, filho de Le Cocq, amador em assuntos de polícia, assiste ao velório de seu pai. O filho do policial morto, Milton Araújo, assiste ao velório de seu pai. O filho do policial morto, Milton Araújo, assiste ao velório de seu pai.

★ CARTOLA VIVO POR UM TRIZ MARCOU A VIDA DE CARA-DE-CAVALO



★ CARTA E TAMBEM LIBELO CONTRA CORTE DE VANTAGENS ★ ESTADO DO VOLKS EXIBE A DISPOSICÃO DO CRIMINOSO

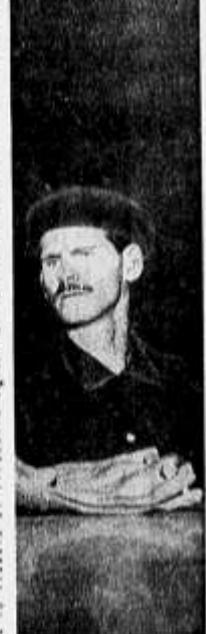


A carta assinada pelo filho do morto, Milton Araújo, que pede que o Estado do Rio de Janeiro não se esqueça de Milton Araújo, que pede que o Estado do Rio de Janeiro não se esqueça de Milton Araújo.



O Estado do Rio de Janeiro, que pede que o Estado do Rio de Janeiro não se esqueça de Milton Araújo, que pede que o Estado do Rio de Janeiro não se esqueça de Milton Araújo.

★ Terror Dos Fuzileiros



Dizem que o filho do morto, Milton Araújo, que pede que o Estado do Rio de Janeiro não se esqueça de Milton Araújo, que pede que o Estado do Rio de Janeiro não se esqueça de Milton Araújo.

Quando não o corpo do filho, Milton Araújo, filho de Le Cocq, amador em assuntos de polícia, assiste ao velório de seu pai. O filho do policial morto, Milton Araújo, assiste ao velório de seu pai.

Cobertura Completa da Morte do Detetive na Página 7

Figura 19 - *Ultima Hora*, de 29 de agosto de 1964 (p.10): reportagem sobre a morte de Milton Le Cocq; na coluna estreita (lado direito), entre a foto de sua mãe no velório e a foto do detetive, a carta assinada por "João Ninguém". Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo - Fundo *Ultima Hora* (Hemeroteca).²⁰⁹

²⁰⁹ ULTIMA HORA. Chacina para vingar assassinato de Le Cocq; DEZ BANDIDOS POR UM POLICIAL MORTO. *Ultima Hora* (Vespertino), Rio de Janeiro, 29 ago. 1964. p.10. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=30&mes=8&ano=1964&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 2 ago. 2016.

Existem duas versões sobre a morte de Cara-de-cavalo. A primeira, de Amado Ribeiro – chefe da seção policial do *Ultima Hora* –, que testemunhara a perseguição e a descrevera ao *Ultima Hora* em 5 de outubro de 1964, reafirmando-a em entrevista à revista *Fatos e Fotos* do dia 17 de outubro de 1964, relata que os policiais iniciaram os disparos e que Cara-de-cavalo respondeu trocando tiros e jurando que morreria, mas levaria consigo outro policial; logo depois o bandido tenta fugir pela janela e, acuado por rajadas de metralhadora, usa seu Colt 45 contra os policiais, sendo então atingido pela primeira das várias balas que o matariam. Já a segunda versão, dada por Sivuca – José Guilherme Godinho Ferreira, policial civil e integrante da Scuderie Le Cocq – 13 anos depois do ocorrido, é substancialmente diferente: segundo o policial, ele próprio teria se disfarçado de médico para entrar na favela do Jacarezinho e convencido o irmão de Manoel Moreira de que um carro atropelara sua irmã; o irmão é levado até Cabo Frio, onde livremente ofereceria informações para a polícia. Apesar de parecerem complementares, a versão de Sivuca traz elementos conflitantes com a versão de Amado Ribeiro.²¹⁰

A edição de 5 de outubro de 1964 traz uma chamada de capa em alta saliência: "UH VIU A EXECUÇÃO DE CARA-DE-CAVALO; ÊLE MORREU INSULTANDO OS POLICIAIS" (Figura 20). Ao lado da chamada há uma fotografia em close-up de Cara-de-cavalo morto, dentro de um caixão, com o rosto rodeado de flores. Outras quatro fotografias acompanham a capa desta edição, sendo duas da equipe policial que matou o criminoso, situadas na lateral esquerda da chamada (uma delas com o repórter Amado Ribeiro), uma fotografia com o rosto de Joel, delator de Cara-de-cavalo, e uma do jornal *Ultima Hora* que Cara-de-cavalo levava consigo antes de ser executado pelos policiais. Entre as fotografias há alguns dizeres que, segundo a reportagem, o próprio Cara-de-cavalo e os policiais envolvidos teriam proferido durante a perseguição.

²¹⁰ ULTIMA HORA. CARA-DE-CAVALO MORREU ATIRANDO: -LEVO UM COMIGO PRO INFERNO **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 5 out. 1964. p.9. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=5&mes=10&ano=1964&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 7 jun. 2016. Para outras informações, Cf. ROSE, R. S. **The Unpast**: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000. trad. Richard Boike. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editoria Massangana, 2010. p.306; SOUZA, Percival de. **A maior violência do mundo** (Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil). São Paulo: Traço Editora, 1980. p.118-121.

Minas: Deputados Lançam Manifesto em Defesa do Poder Civil

AND XIV - Rio de Janeiro, Segundo-Feira, 5 de Outubro de 1964 - N.º 1.296

FLORA POLITICA NACIONAL NA PAGINA 4

Tenório Escapa de Esganação
LEIA NOTICIARIO NA PAGINA 12

Ultima Hora 80 CENTAVOS 1.ª EDIÇÃO

Frei Disposto a Reatar Com Cuba
LEIA TELEGRAMAS DA FACSIMA 8

UH VIU EXECUÇÃO DE CARA-DE-CAVALO

★ O Último Cerco da Vingança

★ Rota do Ajuste Sangrento

MADUREIRA ENDURECE E PÕE FLA NA LIDERANÇA

★ UH Vai Até o Fim

ESTUDANTES DA GB DENUNCIAM VIOLÊNCIAS DA "REVOLUÇÃO"

PRONTO SOCORRO DA TIJUCA
Doveres - Hospício RUA CONDE DE BONFIM, 149
Casa de Saúde Santa Theresita S. A. Rua da Mouraria, 100 - TEL. 21.000
Oxigenação Tardada Dr. Alexandre Amaral



Tenório Escapa de Esganação

Ultima Hora 80 CENTAVOS

Frei Disposto a Reatar Com Cuba



UH VIU EXECUÇÃO DE CARA-DE-CAVALO

★ O Último Cerco da Vingança



222 Situação vista na linha de fogo do grupo no bandido morto, e outros...

★ Rota do Ajuste Sangrento



223 Filmando as cenas e repetindo movimentos e gestos instruídos...

COMO uma foto amarelada, vindo pela janela escuras e o pelo traidor buca e mais bocas de latir e maldade...

MAS não leoa. Mesmo sa, o corpo lavado por 52 litros de leite...

o silado acorregu florendo na ladeira cobrada por Saco de Fato...

ÊLE MORREU INSULTANDO OS POLICIAIS



CARA-DE-CAVALO com a amarelada de se jogar. Fraciso, relata...

★ Este Foi o Delator



224 Este homem, José, irmão do original Casado, sempre...

★ UH Vai Até o Fim



225 Exemplar do UH, que o bandido levou consigo...

MADUREIRA ENDURECE E PÕE FLA NA LIDERANÇA



226 Um jogador da Fla tenta a finalização, na foto, e o atacante do Botafogo...

ESTUDANTES DA GB DENUNCIAM VIOLÊNCIAS DA "REVOLUÇÃO"

Figura 20 - Ultima Hora, de 5 de outubro de 1964 (p.1): manchete sobre a morte de Manoel Moreira, o Cara-de-cavalo. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo - Fundo Ultima Hora (Hemeroteca).211

211 ULTIMA HORA. UH VIU A EXECUÇÃO DE CARA-DE-CAVALO. Ultima Hora, Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1964. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=5&mes=10&ano=1964&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 7 jun. 2016.

ULTIMA HORA Segunda-Feira, 1 de Outubro de 1964 PAGINA 9

CARA-DE-CAVALO MORREU ATIRANDO: -LEVO UM COMIGO PARA O INFERNO

Exclusivo: "UH" Viu Execução do Facinora

5 HORAS de manhã do sábado. Um vento forte sopra e o céu está azul. O delegado Sérgio Apolinário recebe no barbeiro, sob um toldo de madeira, o delegado Sérgio Apolinário, chefe do Departamento de Polícia, para falar sobre o caso. Ambos os delegados estão vestidos de civil. Todos os detalhes são contados, desde os primeiros passos, até a execução final. O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime. O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime.

... e não ficou em silêncio. O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime. O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime.

A Marcha da Vingança



No distrito de Búzios, no município de Maricá, a marcha de vingança da população após a morte de Manoel Moreira em Búzios. À esquerda, o delegado Sérgio Apolinário e, à direita, o delegado Sérgio Apolinário.

Caçada Final: Da Caixa Postal em Juiz de Fora ao Reduto de Búzios

Uma caçada por um tempo a Polícia a buscar a facinora Manoel Moreira. O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime.

... e não ficou em silêncio. O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime.

Matador de Le Cocq Correu Três Estados na Fuga Desesperada



Matador de Le Cocq Correu Três Estados na Fuga Desesperada. Primeiro Cêco, Último Cêco, Falso Juramento.

Encardecidos - O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime.

Em Caxias - O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime.

Em Maré - O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime.

No Cavé - O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime.

Os Vingadores - O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime.

O Roteiro - O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime.

Fun do Mado - O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime.

Em Maré - O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime.

No Cavé - O delegado Sérgio Apolinário conta que, ao sair do barbeiro, foi acompanhado pelo delegado Sérgio Apolinário até o local onde ocorreu o crime.

Figura 21 - Última Hora, de 5 de outubro de 1964 (p.9): reportagem sobre a morte de Manoel Moreira, o Cara-de-cavalo. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo - Fundo Última Hora (Hemeroteca).²¹²

²¹² ULTIMA HORA. CARA-DE-CAVALO MORREU ATIRANDO: -LEVO UM COMIGO PRO INFERNO Última Hora (Matutino), Rio de Janeiro, 5 out. 1964. p.9. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=5&mes=10&ano=1964&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 7 jun.2016.

Na folha da reportagem há a chamada "CARA-DE-CAVALO MORREU ATIRANDO: –LEVO UM COMIGO PARA O INFERNO",²¹³ e logo abaixo o título "Exclusivo: 'UH' Viu Execução do Facínora". A reportagem ocupa a página toda e é conduzida tal como um romance policial, reproduzindo falas e descrevendo a perseguição de forma detalhada. Além do título principal, há mais dois subtítulos: o primeiro subtítulo ("Matador de Le Cocq Correu Três Estados na Fuga Desesperada") encontra-se dentro de um quadro com 3 fotos da perseguição e contém as seções: "Primeiro Cêrco", "Falso Julgamento" e "Último cêrco"; o segundo ("Caçada Final: Da Caixa Postal em Juiz de Fora ao Reduto de Búzios") apresenta os lugares onde Cara-de-cavalo esteve para fugir da polícia. A maior foto da matéria, contida no canto superior direito da folha, apresenta o repórter Amado Ribeiro e os policiais que perseguiram o criminoso, todos andando sobre a Estrada de Búzios, em uma "marcha para a vingança", conforme a legenda (Figura 21).

Ainda sobre a execução de Cara-de-cavalo, o ex-repórter do *UH* Anderson Campos comenta que o jornal encarregou-se de ampliar a imagem – notadamente negativa – do bandido com a finalidade de elevar suas vendas. De acordo com o repórter, os jornalistas que participaram da perseguição a Cara-de-cavalo teriam atirado no bandido, revoltando seu colega de redação, Maurício Azêdo, que acusou a equipe e o jornal como assassinos, covardes e bandidos.²¹⁴ Em setembro de 1993, Anderson Campos procurou novamente alguns dos jornalistas que participaram da caçada ao bandido, como Maurício Azêdo, Oscar Cardoso, Carlos Chicarino e Amado Ribeiro, a fim de rememorá-los sobre o fato. Maurício Azêdo confirmou sua indignação com o ocorrido, mas disse não se lembrar das palavras empregadas, por fazer muito tempo e estar emocionado; Oscar Cardoso negou que a equipe tenha atirado em Cara-de-cavalo, embora fosse muito comum que repórteres portassem revólveres em coberturas perigosas; Carlos Chicarino, o fotógrafo da equipe que acompanhou a caçada, afirmou que os repórteres estavam armados e atiraram em

²¹³ ULTIMA HORA. CARA-DE-CAVALO MORREU ATIRANDO: -LEVO UM COMIGO PRO INFERNO **Última Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 5 out. 1964. p.9. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=5&mes=10&ano=1964&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 7 jun. 2016.

²¹⁴ "Jornal assassino! Jornal de Bandidos! Mercenários! Vocês são mais bandidos do que Cara-de-cavalo e os policiais juntos. E, o que é pior, são covardes. Fuzilaram um homem desarmado. Vocês não merecem afagar a cabeça de seus filhos quando saem de casa porque têm as mãos tintas de sangue. Este jornal só tem covardes...". AZÊDO, Maurício apud CAMPOS, Anderson. Fora o PCB, nossa tarefa era vibrar com o Flamengo. In: CASTRO, Moacir Werneck de; et al. **A Última Hora de Samuel Nos Tempos de Wainer**. Rio de Janeiro: ABI-Copim, 1993. p.103-117. p.110.

Cara-de-cavalo. O chefe da seção, Amado Ribeiro, faleceu em fevereiro de 1992, não podendo ter sua versão relatada para Anderson. Entretanto, em situação semelhante, durante uma entrevista ao *O Pasquim* em 1983 quando o repórter foi provocado pela equipe como uma espécie de relações-públicas do Esquadrão, Amado se defendeu: "Quêisso, [sic] malandro! Eu hein! Deixa pra lá... a impressão de vocês está toda distorcida. Sou empregado de empresas jornalísticas, que querem vender jornal. Se o Esquadrão vende jornal, tô lá. Se não, não tô."²¹⁵ A resposta de Amado Ribeiro evidencia o apelo mercadológico do jornal. A falta de consenso sobre o ocorrido por parte dos demais jornalistas parece atestar a inventiva ou os segredos da redação, conforme apontado por Edgar Moura, também ex-fotógrafo do *Ultima Hora*: "No limite o repórter era amigo de algum policial e sabia mais do que publicava. Também no texto se inventava tanto quanto na fotografia".²¹⁶

Na celebração do 1º ano da morte de Le Cocq é fundada a *Scuderie Detetive Le Cocq*,²¹⁷ tendo como insígnia um crânio com dois ossos entrecruzados e as iniciais "E.M." (Figura 22). Seus fundadores eram: Euclides Nascimento (que se tornaria presidente do grupo), Hélio Guaíba Nunes, José Guilherme Godinho Ferreira (Sivuca), Luiz Mariano dos Santos, Ivo Americano Alves de Brito, Adaylton Chaves, Manoel Bittencourt da Cruz, Euvaldo Raimundo Nascimento, João dos Santos Cardoso, Luiz Gonzaga de Aguiar Marques, Antônio Lopes dos Santos, Affonso Solano Guimarães de Oliveira e Joel Ferreira Crespo.²¹⁸ A entidade servia, a princípio, como uma forma de angariar fundos para ajudar financeiramente a esposa de Le Cocq; no entanto, a *Scuderie* também passou a eliminar marginais, principalmente os que matavam agentes da polícia. Em pouco tempo de atuação vários outros membros se filiaram à *Scuderie*, que passaria a ter sucursais em outros estados do Brasil, agindo de forma semelhante ao grupo do Rio de Janeiro.

²¹⁵ O PASQUIM. Amado Ribeiro, um correspondente na guerra do crime: "Eu batizei o Esquadrão da Mortel". *O Pasquim*, Rio de Janeiro, nº 722, 28 abr. a 4 mai. 1983. p.11.

²¹⁶ MOURA, Edgar Peixoto de. **Entrevista concedida a Mariana Dias Antonio sobre o jornal Ultima Hora**. 30 out. 2016. Entrevista por e-mail.

²¹⁷ Apesar da formalização da *Scuderie Detetive Le Cocq* ocorrer um ano após a morte do detetive, as primeiras execuções em vingança à Le Cocq ocorreram logo após sua morte, durante as buscas por Cara-de-cavalo, visando cumprir a promessa dos "10x1" (10 bandidos mortos para cada policial morto), já descrita anteriormente neste capítulo.

²¹⁸ ROSE, R. S. **The Unpast**: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000. trad. Richard Boike. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editoria Massangana, 2010. p.308.



Figura 22 - Insígnia da *Scuderie Detetive Le Cocq*. Fonte: reconstrução digital com base na imagem publicada em: O PASQUIM. **O Pasquim**. Rio de Janeiro, nº 367, 9 jul. a 15 jul. 1976. p.1.

De acordo com o telegrama redigido em 1971 pela Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, também baseado em fontes de imprensa:

A "Escuderie Le Cocq" [sic] é uma organização bem aberta, com membros da polícia, que muitas vezes usam seu emblema nos escritórios de delegacia. O *Correio da Manhã* estimou que no governo do presidente Euclides Nascimento e do presidente honorário David Nasser (um jornalista pró-Governo do Rio), a Escuderie [sic] teria no presente momento 4000 membros no Brasil – 1000 na Guanabara, 500 em São Paulo, 250 em Minas Gerais, 200 no Rio Grande do Sul, 50 em Pernambuco e o resto espalhado por todo o interior. Acrescente-se que dos 4000, 50% são a polícia e os restantes são juízes, promotores, advogados, militares e jornalistas. [tradução nossa]²¹⁹

Junto à propagação da *Scuderie* e suas práticas de extermínio por todos os cantos do país, o regime autoritário implantado em 1964 fez com que o conceito de

²¹⁹ Original: "The "Escuderie Le Coq" [sic] is a fairly open organization, with police members often posting its emblem in the precinct offices. The *Correio da Manha* [sic] estimated that under President Euclides Nascimento and Honorary President David Nasser (a pro-Government Rio journalist), the Escuderie [sic] at the present time has 4000 members in Brazil – 1000 in Guanabara, 500 in São Paulo, 250 in Minas Gerais, 200 in Rio Grande do Sul, 50 in Pernambuco, and the rest scattered throughout the interior. It further states that of the 4000, 50% are police and the rest are judges, prosecutors, lawyers, military and journalists." Fonte: A-249 AmEmbassy BRASILIA AmEmbassy RIO DE JANEIRO June 08, 1971. **The National Security Archive**, Disponível em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB478/docs/doc4.pdf>>. Acesso em: 23. fev. 2016.

fantasma social fosse novamente reconfigurado, sendo aplicável também aos grupos de esquerda – compostos majoritariamente por estudantes universitários da classe média, adicionando outro pretexto e classe social para perseguir dentro da categoria de marginais e bandidos. O acirramento das perseguições leva estes grupos a viver na clandestinidade, aderindo à luta armada e fazendo experimentação da vida comum do marginal, como a prisão, tortura e até a morte. Ainda que ofuscado pela imagem dos grupos de esquerda a partir do Estado autoritário deflagrado em 1964, o marginal balizaria a construção de um *fantasma social* específico para as décadas de 1950 e 1960: por definição, um *fantasma social* surge quando o crime sai da esfera individual da incriminação e passa a constituir e construir tipos sociais na representação social dominante, tornando-se mais perigoso para a sociedade conforme aumenta o número de indivíduos que o incorporam. Desta forma, estes grupos podem equivaler-se ao conceito de inimigo, trazido por Eugenio Raúl Zaffaroni: "[e]le só é considerado sob o aspecto de *ente perigoso ou daninho*" [grifo do autor],²²⁰ resultando na possibilidade de extermínio como alternativa legítima, ainda que nem sempre legal: estes indivíduos são matáveis, num sentido próximo ao que Giorgio Agamben confere à figura do *homo sacer*.²²¹

Dado que também a sujeição criminal não se confunde com o estigma, pois não comparece apenas na interação social, mas está estabilizada institucionalmente no Código Penal, nas instituições de controle social e nas práticas mais variadas de contenção desse indivíduo que é tomado como a "subjetivação do crime", é preciso levar a sério o modo como, nesse processo social, constrói-se de fato um sujeito criminoso e como ele se diferencia de uma variedade de indivíduos que podem ser incriminados, mas que não serão considerados "portadores" do crime. Em primeiro lugar, ele se aproxima da descrição clássica que Agamben fez do "Homo Sacer". Ele pode ser morto: mesmo nas reportagens da mídia, sua morte é apresentada em oposição à morte de pessoas "inocentes".²²²

²²⁰ ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **O inimigo no direito penal**. trad. Sérgio Lamarão. 3. ed. 3. reimpr. Rio de Janeiro: Revan, 2015. p.18.

²²¹ O conceito de *homo sacer* traça uma separação entre a vida politicamente tipificada (*bios*) e a vida nua (*zoé*). A perda da condição política do indivíduo significa também a perda de seus direitos, incluindo o direito à vida e à proteção pelo ordenamento jurídico ou pela ordem social. AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**. trad. Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

²²² MISSE, Michel. A categoria "bandido" como identidade para o extermínio. Algumas notas sobre sujeição criminal a partir do caso do Rio de Janeiro. In: BARREIRA, Cesar; SÁ, Leonardo; AQUINO, Jânia Perla de. (org.) **Violência e dilemas civilizatórios** - as práticas de punição e extermínio. Campinas: Pontes Editores, 2011. p.34.

Desta maneira, o Esquadrão da Morte formado no final da década de 1950 encontra nos órgãos de repressão do Estado autoritário condições propícias para a ampliação do grupo e das execuções sumárias. Especificamente no que tange os grupos de extermínio das décadas de 1950 e 1960, veremos que a pena de morte, não autorizada pelo Estado e seus dispositivos legais, passa a ocorrer de forma natural e cada vez mais frequente, assumindo uma forma legal de algo que é ilegal.²²³ A esta condição temos o conceito agambeniano de estado de exceção, que possui dentre suas características a suspensão provisória do ordenamento jurídico, cuja tendência é tornar-se prática duradoura de governo.

A partir de março de 1968 houve o aumento significativo de mortes seguindo uma padronização, um *modus operandi*, que consistia em deixar, próximo às vítimas, uma insígnia caracterizada por um crânio sobre dois ossos entrecruzados e os dizeres "Esquadrão da Morte" ou "EM", semelhante ao símbolo da *Scuderie*, de modo que a imprensa voltou a noticiar maciçamente os grupos em suas páginas policiais. Além disso, houve uma desterritorialização dos grupos de extermínio, surgindo sucursais do Esquadrão em várias cidades.²²⁴ Em entrevista ao *O Pasquim* em 1983, Amado Ribeiro descreve o *modus operandi* dos grupos de extermínio, assim como o indivíduo cuja *sujeição criminal* lhe é imposta:

²²³ O jurista Leandro Ayres França fornece algumas informações complementares para se pensar a passagem das categorias de sujeitos criminais da rejeição social para o ordenamento jurídico. Para o autor, o gerenciamento de riscos impôs reformas às agências de controle e repressão, a partir de meados do século XX, que desenvolveram tecnologias para respostas reativas imediatas, além de atuar mais com a criminalização secundária (seleção de indivíduos por seu enquadramento em determinados estereótipos criminais). O direito penal também tem intervido sobre grupos sociais através da *criminalização do âmbito prévio* (punição do indivíduo não pelo ato consumado, mas pelo risco em potencial), sendo de especial destaque os chamados *tipos penais abertos*, comumente utilizados para a incriminação de opositores políticos ou categorias socialmente indesejáveis. Para maiores informações, Cf. FRANÇA, Leandro Ayres. **Inimigo ou a inconveniência de existir**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2012. §§ 112º e 126º.

²²⁴ Para maiores informações sobre a formação de facções e disseminação dos grupos de extermínios no país, Cf. MELLO NETO, David Maciel. Os referentes do 'Esquadrão da Morte'. In: _____. **"Esquadrão da Morte"**: genealogia de uma categoria da violência urbana no Rio de Janeiro (1957 – 1987). 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. 175p. p.24-34.

AMADO - [...] A violência no Rio é um troço horrível! Venho de execuções do Esquadrão com o sapato cheio de miolo e de tripa de gente. *Rabêlo* - **Mas é só miolo de preto e pobre, né.**

AMADO - **Você conhece algum rico que esteja preso no Brasil? A massa penitenciária tem 75% de pretos e mulatos.** Uma informação curiosa para o leitor: como conhecer uma vítima do Esquadrão? **O cara tá com as unhas sujas, a barba por fazer, e a pele encardida, sem tomar banho. Isso indica que o cara saiu de uma prisão, pra morrer na estrada. Ele tem uma cordinha passada no pescoço: foi estrangulado. Os ferimentos de bala não se fecham, porque foi baleado depois de morto.** O que a polícia faz pra evitar que essa vítima seja identificada? Borra as impressões digitais, as fotografias feitas no local são fora de foco, se pisa em volta de todo o local pra desfazer impressão de carro ou pisadura [sic] de gente. Tudo é feito pela própria polícia, encobertar aquele crime que se pressupõe que tenha sido cometido pelo Esquadrão. [grifos nossos]²²⁵

Outras duas listagens do *modus operandi* dos Esquadrões da Morte são apresentadas por R. S. Rose e no telegrama de 1971 da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, reforçando a forma de atuação dos grupos e as marcas dos crimes atribuídos a eles.

1 - Marcas de tortura, frequentemente resultado de espancamento; 2 - Abrasões salientes no pescoço devido ao estrangulamento por corda (mas não por ser enforcado); 3 - Abrasões nos punhos devido às algemas; 4 - Abrasões nos tornozelos devido a manilhas ou cordas; 5 - Mais de um calibre de bala utilizado; 6 - Balas encontradas que vieram dos mesmo tipos de revólveres utilizados pela polícia; 7 - Um tiro, ou golpe de misericórdia, disparado na cabeça da vítima; 8 - Nenhum esfaqueamento; 9 - Corpo descartado em um lugar remoto ou isolado; 10 - Corpo encontrado com outra(s) vítima(s); 11 - Corpo encontrado em um lugar onde outros corpos foram encontrados no passado; 12 - Corpo descartado em um bairro de classe trabalhadora; 13 - Vítima assassinada em outro lugar, porque pouco sangue foi encontrado junto ao corpo; 14 - Corpo com pouca roupa (geralmente apenas cueca ou roupa de banho nos homens); 15 - Corpo descartado à noite; 16 - Vizinhos da área relataram não ouvir tiros; 17 - Um símbolo ou um aviso de um Esquadrão da Morte deixado no cadáver ou perto dele; 18 - Um porta-voz de 'relações-públicas' de um Esquadrão da Morte anunciou à imprensa o lugar onde alguns corpos foram descartados; 19 - Vizinhos afirmaram ver uma Kombi ou outro tipo de transporte com vários homens na vizinhança na noite antes do(s) corpo(s) ser(em) encontrado(s); 20 - Marcas de pneus encontradas perto do corpo; 21 - Muitos cadáveres não tinham documentos de identificação; 22 - Muitos cadáveres não foram assumidos por parentes; 23 - Vítima de uma subelite que atirou primeiro e fazer [sic] perguntas depois; 24 - Vítima de um processo conhecido como *queima de arquivo*, onde potenciais testemunhas são executadas.²²⁶

²²⁵ O PASQUIM. Amado Ribeiro, um correspondente na guerra do crime: "Eu batizei o Esquadrão da Morte!". **O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 722, 28 abr. a 4 mai. 1983. p.11.

²²⁶ ROSE, R. S. **The Unpast**: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000. trad. Richard Boike. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editoria Massangana, 2010. p.298-299.

Todos os crimes possuíram características em comum: (1) as vítimas eram quase sempre marginais (pequenos criminosos, traficantes de drogas, pessoas à margem da lei); (2) as vítimas eram sempre baleadas várias vezes com armas de grosso calibre, e amarradas com cordas de nylon; (3) os corpos eram deixados em lugares desertos no início da manhã; (4) um aviso com a insígnia EM e frases como "Eu era bandido" são deixadas ao lado do corpo; (5) ligações eram feitas aos jornais dizendo onde o corpo pode ser encontrado; (6) a polícia não interroga qualquer suspeito e o caso é encerrado por falta de evidências. [tradução nossa]²²⁷

Desta forma, bastava que alguns dos elementos supracitados estivessem presentes na cena do crime para que a imprensa atribuisse autoria direta ao Esquadrão. Para David Maciel de Mello Neto, a partir de 1968 – com o aparecimento de uma série de cadáveres semelhantemente "assinados" –, o Esquadrão da Morte se fantasmagoriza.

Todos sabem o que ele é: “um grupo de policias que matam bandidos considerados irrecuperáveis”. Mas quais policiais especificamente, ninguém sabe. Passa-se a acusar a polícia como um todo. A categoria fica mais etérea quando sua própria definição inverte o sujeito “policiais” em “marginais”, conforme alguns relatos. Mais que alguns atores, “Esquadrão da Morte” passa a ser um sujeito espectral a quem se atribui homicídios com determinadas características. A imprensa passa a falar em “crimes do Esquadrão da Morte”.²²⁸

Tal constatação pode ainda ser verificada na obra do jornalista Adriano Barbosa, *Esquadrão da Morte Um mal necessário?*, no trecho em que se comenta o caso do advogado Fernando Oliveira Salazar: em 7 de julho de 1970 o cadáver do contador Roberto Pôrto fora encontrado abandonado na Avenida Brasil dentro de um carro furtado e acompanhado de um cartaz com a caveira e as iniciais do Esquadrão; ao que tudo indicaria posteriormente, o advogado Salazar seria o autor da execução, com base em relatos do porteiro de seu prédio e pedaços de papelão iguais aos utilizados na confecção do cartaz encontrados no interior de seu

²²⁷ "All the crimes have had characteristics in common: (1) the victims are almost always marginais (small-time crooks, drug dealers, people on the fringe of the law); (2) the victims are all shot many times with large caliber weapons, and tied with nylon cords; (3) the bodies are left in deserted places in the early morning; (4) a sign with the EM symbol and phrases such as "I was a bandit" are left with the corpse; (5) calls are made to newspapers saying where the body can be found; (6) the police don't question any suspects and the case is closed for lack of evidence." A-249 AmEmbassy BRASILIA AmEmbassy RIO DE JANEIRO June 08, 1971. **The Nacional Security Archive**, Disponível em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB478/docs/doc4.pdf>>. Acesso em: 23. fev. 2016.

²²⁸ MELLO NETO, David Maciel. “**Esquadrão da Morte**”: genealogia de uma categoria da violência urbana no Rio de Janeiro (1957 – 1987). 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p.39-40.

apartamento (material diferente do usualmente encontrado nos crimes do Esquadrão da Morte); o próprio advogado fizera o reconhecimento do corpo, sendo deixado livre por erro das autoridades e foragindo-se.²²⁹ Barbosa trata, também, do bicheiro Felipe da Silva Pereira, que "[n]as diligências policiais para constatação das acusações foram apreendidos, no escritório do banqueiro de bicho, cordinhas iguais às usadas nos enforcamentos clandestinos e cartolina com o desenho da caveira."²³⁰

O jornal *Diário de Notícias*, de 12 de março de 1970, atesta que, tanto na Guanabara quanto no Rio de Janeiro, "os crimes são também praticados pelos próprios bandidos em nome da 'Caveira', bastando para isso desenhar o símbolo sinistro e deixar ao lado de sua vítima".²³¹ Até mesmo o romance *Esquadrão da Morte*, de Pinheiro Júnior e Amado Ribeiro, trata deste efeito ao mencionar o caso do criminoso Zeca-boi, que forjou marcas de algemas em uma de suas vítimas com um anel de segmento de automóvel para incriminar as autoridades.²³²

A popularização das práticas de extermínio não migraria apenas da Polícia Civil para os criminosos, mas também para outras forças oficiais. Com a federalização das polícias militares através do Decreto-Lei nº 667 de 2 de julho de 1969.²³³

[a]s polícias militares, além de enfrentar as modalidades tradicionais de dissenso, passam a funcionar no dia-a-dia como força eminentemente militar no enfrentamento da guerrilha urbana, poupando às forças armadas a inconveniência de uma presença ostensiva e prolongada nos grandes centros urbanos.²³⁴

²²⁹ BARBOSA, Adriano. **Esquadrão da Morte** - um mal necessário? São Paulo: Mandarino, 1971. p.58-62.

²³⁰ *ibidem*, p.63.

²³¹ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Caveira: 11 da matança sob investigações na Homicídio. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 mar. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_05&PagFis=1460>. Acesso em: 27 fev. 2016.

²³² PINHEIRO JUNIOR, José Alves; RIBEIRO, Amado. **Esquadrão da Morte**. Brasília: Editôra de Brasília, 1969. p.47-48.

²³³ BRASIL. **Decreto-Lei nº 667**, de 2 de julho de 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0667.htm>. Acesso em: 27 fev. 2016.

²³⁴ PINHEIRO, Paulo Sérgio. Polícia e Crise Política: o caso das polícias militares. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio *et.al.* **A violência brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p.59.

Esta mesma popularização pode ser evidenciada na análise de dados fornecida por R. S. Rose que mostra um aumento significativo dos casos de extermínio a partir da década de 1970.²³⁵ Juntamente com a perenização de tais práticas, o termo "Esquadrão da Morte" foi progressivamente substituído por "grupos de extermínio", tanto pela imprensa quanto por núcleos de pesquisa sobre violência urbana, como apresentado na dissertação de David Maciel de Mello Neto.²³⁶

2.2 Quando a exceção vira regra: as práticas de extermínio e as brechas jurídicas do estado de exceção

É indispensável apresentarmos alguns conceitos legais que balizam tanto as práticas jornalísticas quanto as que tangem a segurança pública, como é o caso das autoridades policiais do Rio de Janeiro. Assim, este subcapítulo tratará brevemente de três destes dispositivos, para então, no último subcapítulo, retomarmos a análise textual e visual de algumas reportagens do *Ultima Hora* sobre o Esquadrão da Morte compreendidas em 1968 e 1969. Entre os dispositivos que irão auxiliar e permitir o recrudescimento do governo e de suas medidas autoritárias no Brasil, contribuindo para a disseminação das práticas de execução sumária dos Esquadrões da Morte, temos o Ato Institucional nº 5 e a Ordem de Serviço nº 803 sobre os autos de resistência.

Considerado do ponto de vista de vários estudiosos como um "golpe dentro do golpe",²³⁷ o Ato Institucional nº 5, baixado em 13 de dezembro de 1968²³⁸ pelo então presidente general Arthur da Costa e Silva, teve entre suas medidas elementos que reforçaram a imposição da autoridade policial em prol da segurança

²³⁵ Cf. ROSE, R. S. **The Unpast**: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000. trad. Richard Boike. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editoria Massangana, 2010. p.334-364.

²³⁶ Cf. MELLO NETO, David Maciel. **"Esquadrão da Morte"**: genealogia de uma categoria da violência urbana no Rio de Janeiro (1957 – 1987). 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. p.40-48.

²³⁷ Cf. NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014a. p.215; FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. p.480.

²³⁸ BRASIL, **Ato Institucional Nº 5**, de 13 de Dezembro de 1968. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm>. Acesso em: 10 mai. 2016.

pública, enquadrando sob a mesma Lei de Segurança de Nacional²³⁹ os marginais e os grupos de esquerda – o que Michel Misse denomina de "fantasma condensado da repressão".²⁴⁰ De modo geral, o AI-5 visava assegurar, com base em princípios políticos e jurídicos, uma "autêntica ordem democrática".²⁴¹ A princípio, a Constituição Federal de 1967 permaneceria em vigor juntamente com as disposições estabelecidas pelo Ato Institucional. O presidente detinha o poder de decretar recesso no Congresso Nacional, Assembleias Legislativas e Câmaras de Vereadores, bem como intervir através de decretos nos Estados e Municípios sem qualquer limitação estabelecida pela Constituição. O Ato permitia também que o presidente suspendesse, a qualquer momento, os direitos políticos de qualquer cidadão por até dez anos – entre eles o direito de foro privilegiado e os direitos de voto e manifestação sobre assuntos políticos – e a aplicação de medidas de segurança que iam desde a liberdade vigiada, proibição de frequentar determinados lugares, até a determinação de domicílio. Além disso, o Ato dava ao presidente o poder de decretar o confisco de bens ilícitos, cassar mandatos parlamentares e suspender a garantia do habeas-corpus. Em seu preâmbulo, as prerrogativas do Ato Institucional nº 5 se apoiavam na necessidade de assegurar a "autêntica" ordem democrática, baseadas na criação de um discurso que alude a valores universais como liberdade, respeito à dignidade da pessoa humana, combate à subversão e às ideologias contrárias às tradições da população, bem como a luta contra a corrupção, buscando colaborar e reforçar os pressupostos da "Revolução Brasileira de 31 de março de 1964", o que incluía controlar os meios de imprensa. A outorga deste Ato visava assegurar o Estado autoritário implantado em 1964, permitindo que as autoridades tomassem "[...] as providências necessárias, que evitem sua destruição". Desta forma, o Estado se articula de modo a eliminar qualquer *fantasma social* atentatório à ordem e ao regime vigentes.

²³⁹ BRASIL. **Decreto-lei nº 314**, de 13 de março de 1967. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-314-13-marco-1967-366980-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

²⁴⁰ [grifo do autor]. MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. 1999. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia), Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999. p.187.

²⁴¹ Conforme consta no preâmbulo do Ato Institucional nº 5.

O pouco citado Ato Institucional nº 14, de 5 de setembro de 1969, modifica o §11 do Artigo 150 da Constituição Federal de 1967,²⁴² permitindo a pena de morte nos casos de guerra externa, psicológica adversa, revolucionária ou subversiva, como forma de legalizar e justificar as perseguições ocorridas no país em nome da segurança nacional. A redação se dá na seguinte forma:

Art. 150 -
 § 11 - Não haverá pena de morte, de prisão perpétua, de banimento, ou confisco, **salvo nos casos de guerra externa psicológica adversa, ou revolucionária ou subversiva nos termos que a lei determinar.**²⁴³

Ainda que a morte e tortura de grupos de esquerda e subversivos já fosse uma realidade camuflada e o extermínio sumário de marginais algo amplamente noticiado, o Ato Institucional nº 14 legaliza a pena de morte a partir de então. A ênfase para a criação deste Ato foi dedicada, sobretudo, para os grupos da esquerda armada, que aumentaram consideravelmente após o AI-5. Não existem registros de penas de morte julgadas e executadas com base neste dispositivo legal;²⁴⁴ entretanto, é importante enfatizar a criação de tal dispositivo como uma prova do enrijecimento do Estado autoritário após o ano de 1968.

Para os marginais das áreas urbanas surgem os chamados autos de resistência. Perto de completar um ano de vigência do AI-5, a Ordem de Serviço nº 803, de 2 de outubro de 1969, regulamentada pela Superintendência da Polícia Judiciária do antigo estado da Guanabara, cria um dispositivo legal em caso de morte provocada pelo policial durante uma perseguição: o auto de resistência.²⁴⁵

²⁴² Conforme o Art. 150 § 11 da Constituição Federal de 1967: "Não haverá pena de morte, de prisão perpétua, de banimento nem de confisco. Quanto à pena de morte, fica ressalvada a legislação militar aplicável em caso de guerra externa. A lei disporá sobre o perdimento de bens por danos causados ao erário ou no caso de enriquecimento ilícito no exercício de função pública". BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**, de 24 de janeiro de 1967. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao67.htm>. Acesso em: 10 mar. 2016.

²⁴³ BRASIL, **Ato Institucional Nº 14**, de 5 de Setembro de 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-14-69.htm>. Acesso em: 2 mai. 2016.

²⁴⁴ De acordo com uma reportagem publicada no *site* do Senado Federal, a última execução legalmente autorizada pelo Estado ocorreu em 28 de abril de 1876, em Pilar, na época província de Alagoas, resultando na morte do escravo Francisco, por ter matado seu senhor de forma violenta. Para maiores informações sobre o caso, Cf. WESTIN, Ricardo. Há 140 anos, a última pena de morte do Brasil. **Senado Federal**, Brasília, 4 abr. 2016. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/04/04/ha-140-anos-a-ultima-pena-de-morte-do-brasil>>. Acesso em: 2 mai. 2016.

²⁴⁵ Os autos de resistência consistem em tornar legalmente aceitável a morte provocada por um agente policial em serviço, com a premissa de que este o fez no "estrito cumprimento do dever",

Ainda que tal prática já fosse uma realidade nas ações e diligências policiais, o auto de resistência facilitou o uso excessivo da força policial ao dispensar a lavratura em casos de prisão em flagrante, a instauração de inquéritos policiais e permitir todos os meios necessários para “vencer a resistência”, incluindo a execução sumária, ainda que camuflada sob o aspecto legal dos autos. O policial passa então a ter maiores facilidades de justificar a eliminação sumária de *fantasmas sociais*. O jornal *Ultima Hora*, de 15 de novembro de 1969, noticia a primeira execução enquadrada como auto de resistência, lavrado com base na Ordem de Serviço nº 803, trazendo a manchete: "Esquadrão da vida também sabe matar. FOI TIRO E QUEDA". Segundo a reportagem:

Com o auto de resistência lavrado na 15ª DP, ficou caracterizado que o agente Mariel Moryscotte, um dos Onze Homens de Ouro da Polícia, agiu no estrito cumprimento do dever quando, ontem de madrugada, na Lagoa Rodrigo de Freitas, matou a tiros o delinquente Arlindo Rodrigues Coelho, que assaltara e alvejara o motorista de praça Alberto Antunes Barroso [...] Foi esta a primeira execução levada a cabo pelos Onze Homens de Ouro que integram o Esquadrão da Vida, grupo policial criado pelo Secretário de Segurança para combater a criminalidade na Guanabara, dando, especialmente, garantias aos profissionais do volante que trabalham à noite. Além de Mariel, fazem parte do grupo os detetives Euclides Nascimento, Humberto de Matos Hélio Guaíba, Sivuca, Jayme de Lima, Kaufmann, Néelson Duarte, Cartola, Vigmar e Lincoln Monteiro. Têm ordens para não abandonar o local em que tombar um marginal, apresentando-se em seguida à delegacia da jurisdição.²⁴⁶

Este dispositivo legal permaneceu em vigor após a abertura democrática e os termos "auto de resistência" ou "resistência seguida de morte" foram extintos somente em 4 de janeiro de 2016, mediante resolução conjunta do Conselho Superior de Polícia, da Polícia Federal e do Conselho Nacional de Chefes da Polícia Civil: a Resolução Conjunta nº 2, de 14 de outubro de 2015.²⁴⁷ Nesta, determina-se que, a partir da data de publicação no Diário Oficial da União (4 de janeiro de 2016), todas as ocorrências desta natureza sejam registradas como "lesão corporal

sendo aceitas como testemunhas os próprios policiais. Seu procedimento foi publicado no Boletim de Serviço em 21 de novembro de 1969. Para mais informações, Cf. VERANI, Sérgio. **Assassinatos em nome da lei**. Uma prática ideológica do Direito Penal. Rio de Janeiro: Aldebarã, 1996. p.33-34.

²⁴⁶ ULTIMA HORA apud VERANI, Sérgio. **Assassinatos em nome da lei**. Uma prática ideológica do Direito Penal. Rio de Janeiro: Aldebarã, 1996. p.43-44.

²⁴⁷ DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL; CONSELHO SUPERIOR DE POLÍCIA. Resolução Conjunta nº 2, de 13 de outubro de 2015. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 jan. 2016. Seção 1, p.8. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=8&data=04/01/2016>>. Acesso em: 11 mai. 2016.

decorrente de oposição à intervenção policial" ou "homicídio decorrente de oposição à ação policial", havendo abertura de inquérito e investigação a fim de apurar se o uso da força policial foi compatível com a ação necessária ou se houveram abusos por parte do agente de segurança pública. Para alguns especialistas,²⁴⁸ apesar da resolução indicar um avanço no que diz respeito aos Direitos Humanos no Brasil, a mudança foi mais cosmética do que prática, restando ainda a necessidade de modificar o modelo militarizado da polícia.

Ainda que de forma sintetizada, estes três casos apresentam como o estado de exceção, concebido inicialmente como provisório e com a finalidade de restaurar a ordem, tornou-se regra. Criados com a intenção de perseguir os *fantasmas sociais* – comunistas (grupos de esquerda) e marginais (ladrões, assaltantes à mão armada) –, tais dispositivos criaram terreno profícuo para a disseminação dos grupos de extermínio que a imprensa denominou como Esquadrão da Morte.

2.3 A seção policial do *Ultima Hora* e o Esquadrão da Morte

Conforme aponta o jornalista Pinheiro Junior em *A Ultima Hora (como ela era)*, Wainer sabia do valor de sua seção policial para se chegar às altas tiragens. Para ele, a emoção dos crimes era um dos principais motivos para o sucesso de vendas dos jornais no geral, já que todos eles tinham que pungir o leitor, fazê-lo parar nas bancas e comprar um exemplar. No caso do *Ultima Hora*, a diagramação atraente somada às fotografias e às narrativas viscerais reforçava esta estratégia do apelo sensacionalista. O jornalista Maurício Azêdo rememora que na Seção de Polícia os repórteres Rossini Rossi, José Ramaciotti, Francisco Duarte, Silva Júnior, Milton Matos, Milton Passarinho, César Donadel realizavam plantões durante as madrugadas, alternando frequentemente o turno com repórteres mais experientes, como é o caso de Amado Ribeiro – considerado a principal figura da reportagem – e Octavio Ribeiro, o Pena Branca, que localizou e entrevistou com exclusividade o

²⁴⁸ Foram ouvidos na reportagem realizada pelo Deutsche Welle o delegado Orlando Zaccone D'Elia Filho da Polícia Civil do Rio de Janeiro, autor da tese de doutoramento em Ciência Política "Indignos de vida: a forma jurídica da política de extermínio de inimigos na cidade do Rio de Janeiro", a socióloga e ex-diretora do sistema penitenciário do Rio de Janeiro Julita Leumbrugger e a advogada do programa *Justiça da Conectas* Vivian Calderoni. Para mais informações, Cf. STRUCK, Jean-Philip. Fim do "auto de resistência" é mudança cosmética, dizem especialistas. **Deutsche Welle**, Brasil, 10 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/fim-do-auto-de-resist%C3%A2ncia-%C3%A9mudan%C3%A7acosm%C3%A9tica-dizem-especialistas/a-18969151>>. Acesso em: 11 mai. 2016.

bandido Mineirinho, um dos criminosos mais procurados pela polícia carioca na década de 1960.²⁴⁹

Amado Ribeiro iniciou sua carreira aos 18 anos quando morava em Belo Horizonte, escrevendo para jornais da cidade na condição de freelancer. Trabalhou como funcionário contratado no jornal *A Noite*, tendo como primeiro registro de sua autoria neste jornal uma reportagem em 11 de fevereiro de 1957. Com o declínio do jornal *A Noite*, que levaria ao seu fechamento em idos de 1959, Amado passou a trabalhar no jornal de Samuel Wainer. A primeira reportagem de sua autoria no *UH* foi publicada em 6 de novembro de 1957. Segundo relatos trazidos por Benício Medeiros em *A Rotativa Parou!*, Amado Ribeiro era uma pessoa agradável, de personalidade interessante, de bons trabalhos e bons anos no *Ultima Hora*. Wainer e os policiais o respeitavam muito. Medeiros descreve o repórter policial como um "[c]aboclo nordestino, com o chapeuzinho estilo Nat King Cole que usava quando saía à rua e uma aparência satisfeita, Amado devia encarnar uma vocação frustrada de policial". Do ponto de vista do autor, Amado Ribeiro encarnava a visão equivocada e maniqueísta de que o policial era sempre bom, e o ladrão, mau. Equívocos à parte, Amado Ribeiro era uma figura-chave na redação do *Ultima Hora*: dado seu respeito ante os policiais, o jornal era recebido sem maiores problemas por eles, que contavam os fatos sem muitas restrições. Amado Ribeiro encerrou sua carreira no jornal *O povo na rua*, como diretor de redação, vindo a falecer em 1º de fevereiro de 1992, no Rio de Janeiro, ainda exercendo sua profissão.²⁵⁰

Algumas das reportagens sobre a morte de Milton de Oliveira Le Cocq e Manoel Moreira (Cara-de-cavalo) abordadas anteriormente foram realizadas por Amado Ribeiro, que acompanhava o grupo de Le Cocq durante as diligências,

²⁴⁹ AZÊDO, Maurício. "Nem JK, Nem CL, Nem 65", manchete genial de Flávio. In: BARROS, Antonio Theodoro de Magalhães; CASTRO, Moacir Werneck de; et al. **A Última Hora de Samuel Nos Tempos de Wainer**. Rio de Janeiro: ABI-Copim, 1993. p.79-85. p.139.

²⁵⁰ RIBEIRO, Amado. Foi Tenório quem atirou. **A Noite**, Rio de Janeiro, 11. fev. 1957. p.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_05&PagFis=40821>. Acesso em: 5 jun. 2016; FERREIRA, Marieta de Moraes. **A Noite. Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC, 2013 (Verbete). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/noite-a>>. Acesso em: 5 jun. 2016; RIBEIRO, Amado. Chuva, relâmpagos e trovões como cenário para o brutal assassinio. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 6. nov. 1957. p.7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=43197>>. Acesso em: 5 jun. 2016; MEDEIROS, Benicio. **A Rotativa Parou! Os últimos dias da Última Hora de Samuel Wainer**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.190; DA SILVA, Sandra Amado Braga Ribeiro. **Entrevista concedida a Mariana Dias Antonio sobre dados pessoais de Amado Ribeiro**. Três Rios, 31 mai. 2016. Entrevista por e-mail.

conseguindo identificar e integrar nas reportagens aspectos físicos e psicológicos dos envolvidos com riqueza de detalhes, indispensável para um jornal de teor sensacionalista. A nível de exemplo, a reportagem da edição vespertina de 29 de agosto de 1964, dois dias após a morte de Le Cocq, menciona num de seus trechos que "[c]ontra êle [Cara-de-cavalo] está tôda uma máquina policial traumatizada e, dentro de sua exaltação, disposta a um banho de sangue. [...] Seu cadáver é uma questão de honra para os que vingam Le Cocq."²⁵¹ Na edição matutina de 31 de agosto de 1964, Amado Ribeiro escreve sobre o detetive. Sob o título "AMADO RIBEIRO ESCREVE SÔBRE MILTON LE COCQ: 'CARA DE CAVALO MATOU COM MEDO DE MORRER'", o repórter, que se diz velho conhecedor da atuação e do trabalho policial, vem fazer uma homenagem ao detetive e salienta que:

O policial morto pretendia entrar de férias a partir de amanhã e posteriormente solicitar aposentadoria, confessando-se desencantado ante a falta do estímulo e da segurança que jamais foram dispensados aos agentes da Lei no combate aos mais perigosos facínoras da crônica policial da cidade.²⁵²

A reportagem sobre a morte de Cara-de-cavalo, em 5 de outubro de 1964, apresenta elementos físicos do bandido e do cenário, descrições da sequência de eventos e um forte apelo dramático:

O bandido tem a pistola na mão direita e um nôvo carregador na outra. Alveja Paulista, uma, duas, três vezes. A metralhadora canta e apanha o bandido de alto a baixo. Cara-de-Cavalo, mortalmente ferido, cai de quatro e se arrasta para um canto da sala. Na parede, quadros de santos assistem o momento dramático. Outros policiais invadem a casa e executam o facinora que sómente larga a arma quando já está crivado de balas. Um pedaço de seu umbigo é deslocado e gruda-se na bainha da calça. O dedo mínimo da mão direita havia sido arrancado pela rajada inicial. Ao pé da janela, da qual atirava, viam-se dezenas de capsulas deflagradas. No mesmo local, um embrulho com cerca de 400 gr. de maconha e um cigarro da erva maldita com a brasa ainda acesa.²⁵³

²⁵¹ ULTIMA HORA. Chacina para vingar assassinato de Le Cocq; DEZ BANDIDOS POR UM POLICIAL MORTO. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 29 ago. 1964. p.10. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=30&mes=8&ano=1964&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 2 ago. 2016.

²⁵² RIBEIRO, Amado. AMADO RIBEIRO ESCREVE SÔBRE MILTON LE COCQ: "CARA DE CAVALO MATOU COM MEDO DE MORRER". **Ultima Hora** (Matutino), 31 ago. 1964, p.9. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=31&mes=8&ano=1964&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jan. 2017.

²⁵³ ULTIMA HORA. CARA-DE-CAVALO MORREU ATIRANDO: -LEVO UM COMIGO PRO INFERNO **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 5 out. 1964. p.9. Disponível em:

O romance *Esquadrão da Morte*, escrito por Amado Ribeiro e Pinheiro Júnior em 1969, também apresenta uma descrição minuciosa de características físicas (indumentária, traços físicos, entre outros) misturadas com elementos comportamentais e psicológicos dos personagens. O trecho abaixo, extraído dessa obra, descreve o detetive Milton de Oliveira Le Cocq:

Magro, curvado, de pele queimada pelo sol e pelo sereno de muitas madrugadas, trocava pernas metido em um macacão frouxo, desbotado. Seus cabelos avermelhados eram revoltos, mal cuidados. A barba por fazer cobria suas poderosas mandíbulas, em cujo centro estava plantado o nariz fino e recurvo de ave de rapina. A bôca era um simples traçado horizontal, de lábios gretados e apertados. O pomo-de-adão era pontudo, como se quisesse a todo instante furar a pele. Tudo era simples, naquele homem simples. A exceção dos olhos, e quem os encarasse jamais os esqueceria, pois estaria encarando a própria morte.²⁵⁴

Outro elemento nitidamente presente no romance é a narrativa disposta em numerosos capítulos e pequenas seções. A disposição da obra assemelha-se à dos jornais da época,²⁵⁵ de modo a prender o leitor e permitir uma melhor fluidez da leitura mesmo que esta seja interrompida a qualquer momento.

O romance deixa bem claro, desde o começo, que os personagens ali descritos são reais, com exceção do protagonista Minuano, uma fusão de vários bandidos que de fato existiram. De acordo com a narrativa, este personagem foge do Presídio da Marinha, localizado na Ilha das Cobras, estado da Guanabara na época. Os membros do Esquadrão são descritos como policiais corajosos e honestos, que buscavam apenas defender a sociedade da violência e do crime, matando apenas quando necessário, e os marginais são descritos como maníacos irrecuperáveis. O romance parece confirmar certa visão maniqueísta por parte de Amado Ribeiro, como apontado anteriormente por Benício Medeiros.

<http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=5&mes=10&ano=1964&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 7 jun. 2016.

²⁵⁴ PINHEIRO JUNIOR, José Alves; RIBEIRO, Amado. **Esquadrão da Morte**. Brasília: Coordenada Editôra de Brasília, 1969. p.9.

²⁵⁵ Conforme pudemos observar nos demais periódicos da época, os jornais *Ultima Hora*, *Correio da Manhã*, *Diário da Noite*, *Diário da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *O Globo* apresentam a mesma disposição de notícias, através de seções curtas, sendo uma característica da época. Os materiais consultados estão disponíveis no site da *Biblioteca Nacional*, disponível em: <<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> e no *Acervo Digital Jornal O Globo*, disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 6 jun. 2016.

O apego aos detalhes e descrições encontrado no romance parece ser resultado de uma forma de fazer jornalístico. Conforme aponta Silvana Louzada, a seção policial, que se apropriava do sensacionalismo no estilo "espreme que sai sangue", apresenta uma narrativa diferente das demais seções, através da exploração dos detalhes, seja no teor da escrita, rica em descrições e adjetivações, seja nas fotografias, que causam empatia ou curiosidade no leitor.²⁵⁶ Considerando que esta seção era uma das que mais chamava a atenção do público leitor e nela se encontra nosso objeto de análise e pesquisa, nos concentraremos em apresentar alguns exemplos sobre a estética textual e visual da seção (fotografias, ilustrações, metáforas, opiniões próprias tecidas pelo repórter, *pseudoambientação*, omissão, hiperbolização, entre outros) a partir de 10 reportagens sobre o Esquadrão da Morte, compreendidas entre os anos de 1968 e 1969, cotejadas por meio da sistematização das fontes dispostas na Tabela 1.

Antes de analisarmos algumas das reportagens sobre o Esquadrão da Morte, apresentadas na referida tabela, é essencial estabelecermos alguns critérios e observações para que seja possível investigar a estética e o fazer jornalístico da folha policial no *Ultima Hora*. A princípio, procuraremos descrever todas as fontes utilizadas (páginas dos jornais). Em alguns casos, a edição vespertina possuía apenas a capa e a matutina todos os cadernos, ou vice-versa. Entretanto, esta ausência (de edições ou folhas) não ocasionou problemas para a análise, considerando que as tiragens matutinas e vespertinas frequentemente divergiam apenas em tamanho dos caracteres, fator de corte das fotografias e disposições gráficas, adicionando-se apenas algumas notícias novas que surgiam no decorrer do dia. A distinção entre as edições vespertinas e matutinas sob guarda do Arquivo Público do Estado de São Paulo (AESP) é realizada através de carimbos indicativos na primeira folha do jornal (capa). Em alguns casos, a omissão da descrição de alguma tiragem – vespertina ou matutina – ocorrerá, indicando que a mesma está indisponível em sua totalidade (capa e conteúdo) para consulta e análise. Em termos de estrutura e conteúdo, os cadernos não obedecem a um critério fixo, sendo passíveis de adição ou exclusão conforme a quantidade de notícias do dia (caderno 1, caderno 2, caderno extra, podendo haver todos ou, em alguns casos, apenas um). A transcrição das notícias e/ou termos presentes nestas obedecerão a forma que

²⁵⁶ LOUZADA, Silvana. "Se espremer sai sangue". In: _____. **Prata da Casa**: fotógrafos e fotografia no Rio de Janeiro (1950/1960). Niterói: Editora da UFF, 2013. p.176-188.

elas estão publicadas; assim, trechos que apresentem caixa alta serão transcritos da mesma maneira e assim por diante, havendo também a transcrição de erros ortográficos tal como a reportagem apresenta, com a adição do advérbio de origem latina [sic] como indicativo ao leitor.

A tabela foi elaborada mediante levantamento de fotografias e das respectivas edições em que estas foram publicadas. As fotografias encontram-se disponíveis para consulta no acervo iconográfico, fundo *Ultima Hora*, do AESP. Os jornais podem ser consultados na hemeroteca do AESP. Algumas fotografias e jornais encontram-se disponíveis na internet através do endereço <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/>>.

Para facilitar a leitura da tabela, a primeira coluna traz a data de publicação da reportagem no jornal *Ultima Hora*; a segunda coluna informa os repórteres envolvidos na cobertura jornalística segundo dados constantes no verso das fotografias presentes no setor iconográfico; a terceira coluna informa os fotógrafos envolvidos na cobertura jornalística segundo o mesmo critério; a quarta coluna informa o número de fotografias disponíveis no setor iconográfico (nem sempre publicadas); a quinta coluna indica o número de fotografias publicadas na reportagem; e a sexta coluna indica o número de fotografias disponíveis para a análise comparativa que será feita no terceiro capítulo (fotografia capturada durante a cobertura da reportagem e fotografia publicada junto à reportagem).

Por não se tratar da análise central da pesquisa, mas sim de uma contextualização acerca da representação jornalística sobre o grupo de extermínio por parte da seção policial, analisaremos as seguintes reportagens, conforme a Tabela 1: 28 de junho de 1968, 2 de outubro de 1968, 8 de outubro de 1968, 15 de outubro de 1968, 7 de novembro de 1968, 8 de novembro de 1968, 25 de novembro de 1968, 10 de janeiro de 1969, 10 de março de 1969 e 15 de maio de 1969 (destacadas em negrito). A escolha destas reportagens se deve à participação direta ou indireta do chefe da seção policial Amado Ribeiro na sua confecção. As análises serão sucintas, não pretendendo esgotar o conteúdo noticiado e representado nas edições utilizadas, mas servindo apenas para a extração de características gerais de um fazer jornalístico historicamente situado acerca de um assunto específico.

(continua)

Data da reportagem	Repórter(es) envolvido(s) conforme consta no verso das fotografias	Fotógrafo(s) envolvido(s) conforme consta no verso das fotografias	Número de fotografias disponíveis no setor iconográfico	Número de fotografias presentes na reportagem	Número de fotografias disponíveis tanto no setor iconográfico quanto na reportagem
28/06/1968	Amado Ribeiro	Diniz	2	4	1
01/07/1968	Tarcísio	ilegível	2	1	1
02/07/1968	Amado Ribeiro	Diniz	2	1	1
22/07/1968	não cita	não cita	2	5	1
28/09/1968	Gilberto Lívio	Joel Maia	3	5	1
02/10/1968	Amado Ribeiro	Ferreira	3	4	2
03/10/1968	Amado Ribeiro	Ferreira	4	6	3
07/10/1968	C. Alberto	Ferreira	2	5	2
08/10/1968	Amado Ribeiro	Adir Mera/ ilegível	2	6	2
09/10/1968	Amado Ribeiro	não cita	1	4	1
10/10/1968	Gilberto Lívio	Joel Maia	1	7	0
11/10/1968	Amado Ribeiro/ Reinaldo	Diniz/ Ferreira	4	2	1
14/10/1968	Amado Ribeiro	Joaquim Ribeiro	6	5	5
15/10/1968	Amado Ribeiro	Joel Maia	4	4	1
19/10/1968	não cita	não cita	1	1	1
07/11/1968	Amado Ribeiro	Joel Maia	3	6	1
08/11/1968	Amado Ribeiro	Joel Maia	1	2	1
21/11/1968	Alberto	Ferreira	2	2	1
25/11/1968	Amado Ribeiro	Joaquim Ribeiro	2	2	0
10/01/1969	Amado Ribeiro	Edgar Moura	1	Vespertino em falta	0
15/01/1969	Dilson	Alaor/ Diniz	3	2	1
22/02/1969	Amado Ribeiro	Ferreira	2	3	2
03/03/1969	Ferreira	Adir Mera/ Joaquim Ribeiro	3	3	3
10/03/1969	Amado Ribeiro	Joaquim Ribeiro	3	2	0
12/04/1969	ilegível	Ferreira	1	0	0

(conclusão)					
17/04/1969	Gilberto Lívio	Adalberto	2	2	2
19/04/1969	Dilson	Alaor Barreto	3	1	1
09/05/1969	não cita	Alaor Barreto	2	1	1
15/05/1969	Gilberto Lívio/ Amado Ribeiro	Joaquim Ribeiro/ Joel Maia	4	3	1
08/07/1969	não cita	não cita	4	4	4
11/07/1969	não cita	não cita	3	3	2
23/07/1969	Gilberto Lívio	Ferreira	3	2	2
01/08/1969	Zsu Zsu Vieira	Joel Maia	1	1	1
04/08/1969	Dilson	Almeida	1	1	1
21/08/1969	ilegível	Ferreira	2	2	1
23/08/1969	Gilberto Lívio	Joel Maia	2	3	2
01/10/1969	Gilberto Lívio	Joaquim Ribeiro	2	4	2
22/10/1969	Gilberto Lívio	Ferreira	1	0	0
05/12/1969	não cita	Joaquim Ribeiro	2	5	1
06/12/1969	não cita	Joaquim Ribeiro	4	4	3
08/12/1969	Gilberto Lívio	Joaquim Ribeiro	1	1	1
13/12/1969	ilegível	Joel Maia	1	3	1

Tabela 1 - Relação de fotografias (AESP - Setor iconográfico - fundo *Ultima Hora*) e jornais (AESP - Setor Hemeroteca - fundo *Ultima Hora*) com as respectivas matérias. Fonte: Fotografias consultadas no acervo iconográfico do AESP - Fundo *Ultima Hora* (Pastas ICO-UH-1558 e ICO-UH-1559); Jornais consultados na Hemeroteca do AESP - Fundo *Ultima Hora*.

A edição vespertina de 28 de junho de 1968²⁵⁷ apresenta a fotografia do cadáver na capa do jornal (Figura 23), trazendo a chamada "Banho de sangue é a vingança", em alusão à vindita motivada pela morte do detetive Portela, "um dos mais famosos caçadores de marginais",²⁵⁸ conforme consta na chamada de capa da edição matutina (sem fotografias). A notícia de alta saliência contida na página 10 do 2º caderno matutino, intitulada "ESQUADRÃO DA MORTE FUZILA DOIS BANDIDOS"²⁵⁹ (Figura 24), apresenta já em seu título a *sujeição criminal*, ao usar o termo "BANDIDOS", descrições detalhadas sobre os corpos, indumentária e aspectos do local, de forma a reforçar a construção de um *pseudoambiente* por parte do leitor. Há também relatos dos moradores, que alegaram ter ouvido barulhos de tiros e carros. Não há cartaz com as insígnias do grupo, mas após a descrição de cada vítima na notícia há a menção de que tais circunstâncias (os sinais encontrados nos corpos) revelam a marca do Esquadrão da Morte.

A edição Matutina de 2 de outubro de 1968 apresenta uma fotografia com o corpo de Ulisses Pereira Padrão, o "Morcêgo", um cartaz do EM e a manchete "Esquadrão: 200 + 1 mortos" na capa do 1º caderno²⁶⁰ (apenas a capa desta edição consta na hemeroteca do AESP). A edição vespertina traz a chamada de capa "200+1 identificado"²⁶¹ e uma reportagem de alta saliência no 2º caderno (página 6) com o título "VÍTIMA 200+1 DO EM", dizendo que a

²⁵⁷ ULTIMA HORA. Banho de sangue é a vingança. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 28 jun. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=28&mes=6&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

²⁵⁸ ULTIMA HORA. Esquadrão vinga em mais dois. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 28 jun. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=28&mes=6&ano=1968&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

²⁵⁹ ULTIMA HORA. "ESQUADRÃO DA MORTE" FUZILA DOIS BANDIDOS. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 28 jun. 1968. p.10. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=28&mes=6&ano=1968&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

²⁶⁰ ULTIMA HORA. Esquadrão: 200 + 1 mortos. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 2 out. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=2&mes=10&ano=1968&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

²⁶¹ ULTIMA HORA. 200+1 identificado. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 2 out. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=2&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

polícia é quem aplica diretamente a pena de morte (Figura 25). A reportagem se inicia com um dado que nada acrescenta ao leitor, ao mencionar que a vítima tinha o hábito de roer as unhas, e se desenvolve por meio de várias seções, com detalhamento dos eventos e inferências do repórter, ao descrever a forma com que as letras "E" e "M" ("EM") foram cuidadosamente desenhadas, "[...] com o máximo de capricho desta vez [...]", por exemplo. As seções da reportagem incluem: "Requinte", "Cartaz", "Corda", "São Jorge" e "Segundo", nas quais cada temática é desenvolvida.

Novamente sobre o caso "Morcêgo", a edição de 3 de outubro de 1968²⁶² apresenta em sua edição vespertina a fotografia da esposa de Ulisses, Marta Maria, com a chamada "Polícia fuzila regenerado" na capa do 1º caderno. No 2º caderno (página 6) há a notícia de alta saliência com o título: "EM FUZILA QUEM SABE DEMAIS", havendo também a chamada: "FAMÍLIA, NOIVA E ADVOGADO AFIRMAM: –POLÍCIA MATOU UM REGENERADO".²⁶³ O caso é apresentado em seções, havendo descrição de elementos pessoais e psicológicos da vítima, obtidos mediante entrevista com a noiva de Ulisses. Entre as seções, temos: "A execução", "Quem era", "Sabia demais", "Vai morrer", "Amor de Marta Maria era mais forte que o crime". Não há fotos do crime ou da vítima executada; apenas uma foto estilo "boneco" da vítima, outra de Claudinho, marginal também marcado para morrer, e no final da página uma fotografia da noiva de Ulisses sendo abraçada por outra pessoa. O discurso desta edição ironiza o papel do grupo de extermínio, deixando evidente a violência desmedida e questionando as reais motivações do grupo, sem, no entanto, eliminar a *sujeição criminal* dos indivíduos marginalizados: este não seria mais exterminável apenas por se tratar de um regenerado.

²⁶² ULTIMA HORA. Polícia fuzila regenerado. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 3 out. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=3&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

²⁶³ ULTIMA HORA. EM FUZILA QUEM SABE DEMAIS. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 3 out. 1968. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=3&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 8 jun. 2016.

Dinarte Mariz: "Chegou a hora do Governo ir ao encontro do povo"

Professôres levarão a todo País a reforma da educação



Um grupo de professores, integrado, entre outros, pelos Padres Vicente Adams e Angala, Drs. Henriette Amado e Ilda Lichner, percorrerá o Brasil de porta a porta pregando a reforma da educação. A decisão foi tomada ontem à noite, em assembleia realizada no Colégio Santa Inês, que contou com a presença de dezenas de educadores. O grupo preparará, ainda, a assembleia geral de todos os escolas brasileiras, programada para o período de 18 a 22 de julho, no Rio de Janeiro.

Páginas 6, 7, 8



Misses têm amanhã o seu grande dia

Não, as 28 candidatas a "Miss Brasil-68" fazem os seus últimos retoques — pelo menos em hoje — e amanhã, de manhã cedo, vão para o salão de festas do Maracanã, apresentando-se ao público e aos jurados. Apesar de tempo abafado, todas vão se apresentar com as manifestações de dança e de música e participação de jovens de todo o País. Na foto, Maria de Glória Cavalli, "Miss Quatro-choço 68", indicada por Ana Cláudia Riça, de Bauri, e Maria Lúcia Castro, de Antonópolis. (2.ª Caderneta)

Ultima Hora

Ano XVIII — 1.4.ª-feira, 28/6/1968 — ME\$ 6,30

Exército investiga o terror em S. Paulo

As autoridades militares acionaram, nesta, uma operação de segurança para investigar o terror em São Paulo. O Exército está realizando uma operação de segurança em São Paulo, envolvendo a 1.ª Brigada de Infantaria e o 1.º Batalhão de Carabineiros. A operação tem como objetivo investigar o terror em São Paulo, envolvendo a 1.ª Brigada de Infantaria e o 1.º Batalhão de Carabineiros. A operação tem como objetivo investigar o terror em São Paulo, envolvendo a 1.ª Brigada de Infantaria e o 1.º Batalhão de Carabineiros.



A escalada de Rockefeller

Nelson Rockefeller, o governador-estadista de Nova York, vem aumentando sua popularidade entre os eleitores, a par de sua esposa, a primeira-dama da Nova York, a Duquesa. Rockefeller, governador de Nova York, vem aumentando sua popularidade entre os eleitores, a par de sua esposa, a primeira-dama da Nova York, a Duquesa.



Banho de sangue é a vingança



Dois homens, sem identificação, foram encontrados mortos em Bauri, cidade de São Paulo. Os corpos foram encontrados em um campo de futebol. Os corpos foram encontrados em um campo de futebol.

Aimoré encontra caminho e Pelé na seleção de 70

A seleção brasileira, que se prepara para a Copa de 70, encontrou um caminho, segundo apontam os jogadores brasileiros. O jogador Aimoré encontrou um caminho para a seleção de 70. O jogador Aimoré encontrou um caminho para a seleção de 70.

Frente EUA-USS contra poder atômico

Figura 23 - Ultima Hora, 28 de junho de 1968 (p.1). Chamada de capa com o corpo da vítima. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo - Fundo Ultima Hora (Hemeroteca).

Plantão policial

Facada no coração

Empunhando faca e armado com uma revólver a 35...

Arreste Antonio Augusto de 18 anos, tomados faca...

Em 18 anos, Jardim cobria uma parte do nome...

Em 18 anos, Jardim cobria uma parte do nome...

Apanhou e matou

Depois de ser preso imediatamente, Mano de Lázaro...

Desde vítima de uma volta que levou a garrafa...

Trôco em balas

Primeiro levou refém ao estudante Carlos Tadeu...

Mano de Lázaro, com uma faca, e um revólver...

Fuga espetacular

O chefe João Augusto de Albuquerque, seu amante...

Cidade de SP está no ar de pólvora e a unidade...

Quando João se foi, deixou a mão esquerda que...

Lei dos homens

MARIO AUGUSTO

Reformado para não ir esmolar

Deu uma volta atrás? Como deve para beber aquilo...

MATOU O MARIDO

Acusado de ter assassinado Ellen Viana Reis, ex-mulher...

PRESIDENTE DA OAB

Um ex-sociólogo de Professor Roberto Nogueira é...

SUSPEIÇÃO NA PANHA

No Ar Voto Certo, o Diretor de Polícia, Sr. Antônio...

Banho de sangue rega vingança policial:



“ESQUADRÃO DA MORTE” FUZILA DOIS BANDIDOS

Malos dois mortos — um ferido e um preso — momento à...

afirma, indicando que foi agredido antes de morrer e sangue...



O outro

Esse homem pagou com a vida seu passivo por...

O Detetive Euclides Nascimento, que acabou de...

Como sempre, os mandados de fiança foram feitos...

MAIS PRISÕES

Dois vingadores



Os detetives Euclides Nascimento e Jaime de Lima...

A MARCA DO ESQUADRÃO Os dois homens estavam...

OS LADROES Euclides Nascimento, Gabriel...

Os músicos



Os irmãos de coral, nos horas vagas, eram músicos de 18-18.

A vítima



Ana Maria, de Bahía, quem ficou com a sua coroa.

Polícia não achou Miguelzinho



A Polícia traçou as buscas pela captação dos bandidos.

A população de Campo Grande está aguardando uma resposta para o assassinato...

Figura 24 - Última Hora, 28 de junho de 1968 (p.10). Notícia de alta saliência enfatizando as duas vítimas. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo - Fundo Última Hora (Hemeroteca).

POLÍCIA NÃO PÁRA DE MATAR DEIXANDO PISTAS À VONTADE JUNTO AO HOMEM QUE ROÍA AS UNHAS



VÍTIMA 200+1 DO "EM"

As vítimas desse espantoso e impune Esquadrão da Morte foram calculadas, na última sexta-feira, em número de 200. Pois agora surge o cadáver n.º 200-1-1. E as pistas são tantas, tão minuciosas, tão requintadas, que as altas autoridades policiais só deixarão de punir os criminosos se estiverem, de fato, com êles acumplicadas. Então, fere-mos reconhecida, como um fato absurdo, a mais incrível e sumária das formas de castigo sem precedentes no resto do mundo: a pena de morte aplicada direta e imediatamente pela Polícia.



Oito tiros nas costas do prêso algemado

Os homens que foram a bordo de uma aeronave para libertar um prisioneiro de morte, executaram, seis horas depois, a execução. O corpo foi encontrado na Estação do Catumbé, favela do bairro, e o prisioneiro foi levado para o Hospital de São João, onde morreu. Durante um período de seis dias, em que não havia notícias, os familiares procuraram, em vão, o corpo do morto.

Em 20 de setembro, uma foto revelou o local de execução. Uma pessoa foi vista no qual se encontrava um cadáver de prisioneiro. A foto foi enviada para o jornal, onde foi publicada. O cadáver foi encontrado na Estação do Catumbé, favela do bairro, e o prisioneiro foi levado para o Hospital de São João, onde morreu. Durante um período de seis dias, em que não havia notícias, os familiares procuraram, em vão, o corpo do morto.

Cartaz

O cartaz que desfilava às execuções do Esquadrão da Morte foi encontrado e entregue ao chefe de polícia. O cartaz era escrito em uma folha de papel amarelado, com a seguinte mensagem: "Este é o cadáver de um prisioneiro que morreu em decorrência das torturas praticadas pelo Esquadrão da Morte. O corpo foi encontrado na Estação do Catumbé, favela do bairro, e o prisioneiro foi levado para o Hospital de São João, onde morreu. Durante um período de seis dias, em que não havia notícias, os familiares procuraram, em vão, o corpo do morto."

São Jorge

O cadáver encontrado em São Jorge, no bairro do Catumbé, foi levado para o Hospital de São João, onde morreu. Durante um período de seis dias, em que não havia notícias, os familiares procuraram, em vão, o corpo do morto.

Romance Policial

O padre e o gato

Os irmãos de um sacerdote e o jovem Paulo Amador, de nome popular de padre, foram encontrados mortos em um apartamento no bairro do Catumbé. O crime ocorreu durante a noite, e os corpos foram encontrados no chão do apartamento. O caso é considerado um dos mais recentes e chocantes crimes praticados pelo Esquadrão da Morte.



Vigilância no RJ

Os policiais do Esquadrão da Morte estão sendo vigiados por outros policiais em São Jorge, no bairro do Catumbé. O caso é considerado um dos mais recentes e chocantes crimes praticados pelo Esquadrão da Morte.

Figura 25 - Última Hora, de 2 de outubro de 1968 (p.6): notícia de alta saliência sobre a execução de Morcêgo, enfatizando os cartazes e concedendo a autoria diretamente à Polícia. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo - Fundo Última Hora (Hemeroteca).

GOVÊRO RESPONDE AO DESAFIO DA DIREITA: RADICAIS SERÃO PUNIDOS

Figura 2



SABIÁ RECEBE O GALO

Caravala e espetacular vitória alcançada no 33 Festival Internacional do Canção Popular, com o sucesso "Lobos", consagrado pela juri a nível pelo polaco, Chico Burgo de Malinda, Tom Zilim, Cláudio e Cibele receberam, ontem à noite, no Clube Monte Líbano, o "Galo de Ouro", juntamente com os 8.200 dólares e que ficaram por O baile de encerramento do Festival, realizado em 225, realizou-se até este madrugada. O grande sucesso do noite foi Genêzio Vendi, com sua canção "Pra Não Dizer Que Não Falei de Pátria", cantado por todos os presentes. O compositor teve de lidar a música, por exigência dos comitês, que o adaptaram de por Rinaldo da NCB 7 mil pelo repêndio polonês, no tema nacional de cartone. Paul Adá, representante do Canadá, ganhou 2.775 dólares. Fiquem até o 2º Colômbia.



MATANÇA NA GB NÃO PÁRA

Depois de um fim de semana repleto de sangue, com não menos de 5 fusilamentos, a Esquadria da Maré escreveu outro, ontem, na Estrada Rio-Niterói. Falando pela telefonia, novamente, em nome do grupo homicida, "Boia Vermelha", não se antecipou para um a execução como disse um militante.

— A morte é a lei do céu — diz a proclamação da Esquadria da Maré ao povo da Guanabara. O Governador Negrão de Lima, no entanto, afirma que o Secretário de Segurança Luis de França está vigilante na elucidação de milicênias, enquanto no Estado da Rio o Chefe de Polícia abriu um inquérito.

O fuzilado de ontem, encontrado colado de balas e com as mãos amarradas por cordões, foi identificado como Darci da Silva, de Ruy. Entre os mortos da fim de semana, estão Valdeir Andrade da Silva, de 16 anos, Líder Flores Viana e Luis Amalio Pinto Araujo, que cursa no Colégio Pedro II. (P. 4 e 2º Col.)

Ultima Hora

Até 1972 — Rio de Janeiro, FINEP/RE — 1972 — 1972 — 1972

ESTADO VAI PAGAR SERVIDOR COM ANTECIPAÇÃO



O BRASIL NA OPINIÃO DOS GOVERNOS

— Quais os caminhos do desenvolvimento brasileiro? Como os Governos se posicionam — e a autoridade de opinião — interpretam a realidade brasileira, em busca de um desenvolvimento integral, e sob de suas perspectivas econômicas? Com o propósito de lançar o amplo debate desta noite, iniciamos hoje a série de entrevistas "O Brasil na Opinião dos Governos", iniciadas pelo repórter Flávio Machado Cortes, toda a série patrocinada pela Promotora Companhia de Segurança Genêzio e da Realização Nacional Companhia Nacional de Seguros.

O Governador Paulo Ribickson de Paraná, abre a série com o editor, revelando sua experiência de Governo e analisando a realidade do País. O Chefe Haroldo Ribickson expressa no momento presente a sua preocupação de conseguir reformas, através que é de Desempenho de Oportunidade Pública do Regime Sul-2, de Conferência Nacional dos Estados do Brasil e professor da Faculdade de Serviço Social da Universidade de Paraná. Outros depoimentos serão publicados neste e nos próximos dias.



O PAPEL DAS BÓLSAS NO PROGRESSO

De caráter, antes, no Estado de Arte Moderna, e 25 Realidade do Brasil e Movimento do Valério dos Andarins, o Ministério Defesa Nacional, de Fernando, apresenta e apresenta do Governo brasileiro um que o equilíbrio do papel das bolsas econômicas para trazer maiores benefícios ao desenvolvimento econômico dos países latino-americanos. O primeiro passo beneficiar, portanto, será a redução de taxa de juros, redução e queda de inflação. A sua vez, a revista "gestão financeira e integração latino-americana", através de mercado de capitais". (Jornal de Brasília, p. 31)

DISCO VOADOR ILUMINA NOITE NA ZS



MASCATE DO CAFE VAI A ESQUIMOS

O presidente do IBC, Sr. Caio de Alencastro Machado, viajou 12 mil milhas de avião, do Governador ao Polo Norte, para convencer os árticos a aceitar o café brasileiro. É o primeiro passo na expansão do IBC. (Pag. 2)



CANDELARIA REZA MISSAS PELA ALMA DE STANISLAW

Jornalistas, políticos, estudantes, artistas — gente de todos os classes sociais — estiveram ontem, na Candelaria, de féto missas em homenagem ao alferes do Exército Polaco, o coronel Stanislaw Chlapowicz, no dia, quinta-feira, a Candelaria do SR, Samuel Wronka, e a Sister Maria Wronka de Castro, (Linha de Segunda Colômbia).

"UH" no México tem campeão olimpico

A medalha de ouro do Brasil no salto cavalo, Ademar Pereira da Silva, alcançou o primeiro lugar no campeonato de México, em 1968, para o salto cavalo, em Olímpico.

EUA: ELEIÇÃO É ESPERANÇA DE PAZ NO VIETNÃ

Figura 3

Figura 26 - *Ultima Hora*, de 8 de outubro de 1968 (p.1): chamada de capa enfatizando as mãos atadas da vítima. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo - Fundo *Ultima Hora* (Hemeroteca).

Na capa da edição vespertina de 8 de outubro de 1968²⁶⁴ há a chamada "MATANÇA NA GB NÃO PÁRA", acompanhada de duas fotos – do tipo "boneco" – das vítimas e uma maior, apresentando duas mãos atadas com uma corda (Figura 26). Para Edgar Moura, que acompanhara Amado Ribeiro em algumas coberturas, estes detalhes fazem parte de um interesse guiado para se atingir o público:

O que fazia mais sucesso eram os pés e as mãos. Sapatos furados em primeiro plano da foto em grande angular, com o corpo do morto ao fundo. Bota do policial perto da mão do morto. Um pé calçado outro descalço. Uma boneca, ou um crucifixo, na mão do morto. Note que isso não é coisa de "fotógrafo de polícia carioca", este tipo de estetização é universal entre fotógrafos de ação [...]²⁶⁵

Na página 4 do mesmo caderno, na coluna "Zero Hora", há uma notícia intitulada "Esquadrão da Morte espanta até Negrão", governador do Rio na época, que recebeu repórteres e ouviu relatos sobre as atrocidades do grupo. Na página 8 do 2º caderno²⁶⁶ consta a reportagem de alta saliência "OUTRO FUZILADO PELO ESQUADRÃO" (Figura 27), com quatro chamadas enumeradas ("1-Morticínio estarrecedor reúne chefes de polícia"; "2-Uma das vítimas cursava científico no Pedro II"; "3-Assassinos justificam-se em 'manifesto ao povo'"; "4-Psiquiatra analisa a personalidade dos matadores"). A reportagem menciona que Rosa Vermelha, porta-voz do Esquadrão, ligou para as autoridades e jornais avisando que o grupo havia matado outro bandido. Novamente o texto se divide em seções, sendo elas: "Massacre", "Inquérito", "Análise", "Cérebro" e "Identidades". Na seção "Análise", o psiquiatra Jurandir Manfredini se encarrega do tom irônico a respeito dos membros do Esquadrão, ao diagnosticá-los.

²⁶⁴ ULTIMA HORA. MATANÇA NA GB NÃO PÁRA. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 8 out. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=8&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

²⁶⁵ MOURA, Edgar Peixoto de. **Entrevista concedida a Mariana Dias Antonio sobre o jornal Ultima Hora**. 30 out. 2016. Entrevista por e-mail.

²⁶⁶ ULTIMA HORA. OUTRO FUZILADO PELO ESQUADRÃO. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 8 out. 1968. p.8. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=8&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 8 jun. 2016.

Verificando que o porta-voz do grupo se identifica por um apelido feminino – Rosa Vermelha que "adora ver um buraco de bala 45 na carne da vítima, que lembra uma rosa rubra, sangrenta, como a rosa vermelha explodindo do botão da primavera", o excesso de violência, o exagerado número de tiros, disparados inclusive nas nádegas dos homens já mortos, verificando ainda que dois dos cadáveres foram colocados bôca a bôca, num beijo sádico – o psiquiatra admitiu ser perfeitamente possível a homossexualidade entre os misteriosos matadores, "mesmo porque existe dentro da patologia sexual aquilo que chamamos de sádico homicida, que consiste na obtenção de um máximo de gratificação libidinal através da destruição de parceiros desejados".²⁶⁷

Ao final da reportagem há um quadro indicando os repórteres envolvidos (Amado Ribeiro, Carlos Alberto, Mauro Costa, Paulo Murilo, Joaquim Ribeiro e Adir Mera). A respeito dos elementos fotográficos e visuais, estão presentes na matéria duas fotografias da vítima, além da insígnia da Scuderie Le Cocq (como ícone aludindo ao Esquadrão) contida em um quadro com discurso sensacionalista e de exaltação ao grupo: "[o] mais espantoso bando homicida de todos os tempos – o Esquadrão da Morte, que também se intitula Rosa Vermelha – fez outra vítima." Posteriormente, o mesmo quadro adquire tom denunciativo: "[e] é tal a certeza de impunidade dos matadores que eles se dão ao luxo de oferecer detalhes à reportagem e lançar manifesto ao povo da Guanabara".²⁶⁸

Na capa da edição matutina de 15 de outubro de 1968²⁶⁹ há uma chamada de baixa saliência com a foto da vítima, "ESQUADRÃO NÃO PÁRA: FUZILADO ERA BICHEIRO", apresentando o bicheiro morto, Denilson Cláudio Brás, empunhando um revólver. Na edição vespertina,²⁷⁰ a capa apresenta a seguinte manchete: "Bicho na matança". Na página 8 do 2º caderno,²⁷¹ a

²⁶⁷ ibidem.

²⁶⁸ ibidem.

²⁶⁹ No Fundo *Ultima Hora* do Arquivo Público do Estado de São Paulo consta apenas a capa da edição matutina. Cf. ULTIMA HORA. Esquadrão não pára: fuzilado era "bicheiro". *Ultima Hora* (Matutino), Rio de Janeiro, 15 out. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=15&mes=10&ano=1968&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

²⁷⁰ ULTIMA HORA. Bicho na matança. *Ultima Hora* (Vespertino), Rio de Janeiro, 15 out. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=15&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

²⁷¹ ULTIMA HORA. VINGANÇA! –GRITO CONTRA A MATANÇA. *Ultima Hora* (Vespertino), Rio de Janeiro, 15 out. 1968. p.8. Disponível em:

notícia de alta saliência tem como título "VINGANÇA! – GRITO CONTRA A MATANÇA" junto com a chamada na parte superior da folha "Fuzilado o sobrinho de 'Natal da Portela'". A notícia acompanha 4 fotografias, entre as quais 3 são de parentes e conhecidos do bicheiro e 1 da vítima, já morta. A notícia também apresenta seções, sendo: "O último", "O legista", "A investigação" e "A testemunha", esta última com o relato do pai de Ulisses Pereira Padrão, o "Morcego", que afirmara ter visto o bicheiro sendo levado por indivíduos em um carro. Na seção "O legista", o médico que realizou a autópsia do bicheiro afirma que "a matança é salutar pois livra a população de marginais", evidenciando certa aceitação pública do extermínio e a *sujeição criminal* enquanto critério para o extermínio. Interessante notar que a maioria das vítimas possuía ligações entre si, apresentando uma rede de relações por trás do crime organizado. A notícia do corpo seviciado por balas e ferimentos é realizada de forma detalhada, como nos casos anteriores.

Na edição vespertina de 7 de novembro de 1968,²⁷² consta uma chamada de capa os seguintes dizeres: "ESQUADRÃO EM NOVA CHACINA", juntamente com a fotografia de rosto da vítima à esquerda (o assaltante Elvídio da Silva Leonardo, vulgo Vidinha) e, à direita, o delegado que jurou apurar o caso. Na página 8 do caderno 2, quase toda preenchida pela notícia de alta saliência, consta o título "DELEGADO JÁ TEM CAIXÃO", juntamente com a chamada "Carrascos voltaram fuzilando, cremando e mutilando mais 5". Na notícia, também separada por seções ("Selvageria", "Identidade" e "Carbonizados"), a vítima é descrita minuciosamente:

<http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=15&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 8 jun. 2016.

²⁷² ULTIMA HORA. ESQUADRÃO EM NOVA CHACINA. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 7 nov. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=7&mes=11&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

Era um rapaz branco, de sapatos de lona, azuis, calça azul, de naicron, shorte verde e branco, camisa de malha vermelha e azul, com gola olímpica e, por baixo, uma camiseta branca. Os cabelos estavam tosquiados irregularmente e, como se cortados por tesoura por pessoa inexperiente em corte de cabelos. A camisa tinha a etiqueta da loja Quinta Avenida, na Guanabara. Nenhum papel ou documento nos para facilitar a identificação. Os 10 tiros, de 38 e pistola 7,65, estavam distribuídos pela cabeça, face e peito, onde se viam ainda as marcas de quatro facadas profundas. O rapaz tinha o hábito de roer as unhas dos polegares. As demais unhas estavam bem cuidadas.²⁷³

O jornal menciona os integrantes do Esquadrão da Morte por meio dos termos "criminosos", "sádicos", "monstros", "anormais em potencial". Nota-se claramente o apelo sensacionalista e o caráter denunciativo, mas também a defesa de alguns agentes de polícia que repudiavam as mortes atribuídas ao grupo. Amado Ribeiro possuía uma boa relação com a polícia e optava pela diplomacia como forma de garantir o conhecimento em primeira mão dos crimes a serem noticiados. A chamada "DELEGADO JÁ TEM CAIXÃO" tem pouco ou nada a ver com o Esquadrão ou a morte noticiada, uma vez que, de acordo com o jornal, o delegado Saturnino de Oliveira guarda o caixão em sua residência há 20 anos, evidenciando o uso de elementos que possam causar um aumento de noticiabilidade para os casos do Esquadrão da Morte.

Na edição vespertina de 8 de novembro de 1968, não há chamadas de capa. Na página 6 do 2º caderno, a matéria de alta saliência ocupa metade da folha policial, com o título "JUSTIÇADO O MALVADEZA",²⁷⁴ tendo acima a chamada "Puxado morro acima e morto como gostava de matar". De acordo com a notícia, o policial Haroldo da Silva Vidinha era um dos integrantes do grupo "Bando da Lua", um esquadrão da morte cuja missão era perseguir e matar marginais fluminenses, sendo este o motivo de sua execução. Na reportagem é mencionado que o policial fez alguns inimigos com o próprio esquadrão ao "se insurgir contra as selvagerias praticadas nos cadáveres das

²⁷³ A folha policial das edições vespertina e matutina são idênticas no dia 7 de novembro de 1968. ULTIMA HORA. DELEGADO JÁ TEM CAIXÃO. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 7 nov. 1968. p.8. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=7&mes=11&ano=1968&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 8 jun. 2016.

²⁷⁴ ULTIMA HORA. JUSTIÇADO O MALVADEZA. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 8 nov. 1968. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=8&mes=11&ano=1968&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 8 jun. 2016.

vítimas do grupo". O efeito de *fantasmagorização* se evidencia na matéria ao reconhecer um *modus operandi* como sinal de autoria do crime, apesar do discurso não permitir uma conclusão a respeito de qual "Esquadrão" seria o responsável pela morte do policial.

Na edição vespertina de 25 de novembro de 1968 não consta chamada de capa sobre o Esquadrão. A notícia de alta saliência, contida na página 11 do 1º caderno, vem com a chamada de tom irônico "Quem tem medo do Esquadrão da Morte?", seguida do título "4 DELEGADOS SOB SUSPEITA: OUTRO CADÁVER".²⁷⁵ Entre as edições analisadas, esta traz a primeira ocorrência do título "UH Policial", que designa a folha policial, tendo logo abaixo o nome de toda a equipe, incluindo repórteres, fotógrafos e o chefe responsável, Amado Ribeiro. A notícia apresenta detalhes sobre o caso, como a forma em que encontraram o corpo, entre bois e vacas num pasto. Em seguida há duas seções: "Exército", onde são mencionados casos anteriores, como o caso da pistoleira Iracema, conhecida como Maria Bonita; e "Soldado", que não apresenta nenhum vínculo com as execuções do Esquadrão da Morte, tratando do soldado Iguaraci Fernandes Louro, assassinado pelo açougueiro Célio Teixeira.

Não consta na capa da edição matutina de 10 de janeiro de 1969²⁷⁶ chamada sobre o Esquadrão (o jornal vespertino não existe no banco de dados da Biblioteca Nacional, tampouco no Arquivo Público do Estado de São Paulo). A notícia contida na página 8 não possui fotos, havendo apenas uma nota curta sobre o caso em "Matança" e a chamada de alta saliência "1. E.M. VOLTA COM FERRO E FOGO", noticiando brevemente 4 execuções: uma em Belford Roxo, duas em Itaboraí e uma em São João do Meriti. Entre as fontes cotejadas para a presente análise, esta é a primeira sob vigência do AI-5, e serve para exemplificar uma condição que seria mais ou menos constante nesse período: a redução de saliência nas notícias sobre o Esquadrão.

²⁷⁵ ULTIMA HORA. 4 DELEGADOS SOB SUSPEITA: OUTRO CADÁVER. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 25 nov. 1968. p.11. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=25&mes=11&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

²⁷⁶ ULTIMA HORA. E.M. VOLTA COM FERRO E FOGO. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 10 jan. 1969. p.8. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=10&mes=1&ano=1969&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

A capa da edição matutina de 10 de março de 1969²⁷⁷ apresenta a chamada "Fuzilado filho de magnata da contravenção", estando apenas a capa disponível para análise. A edição vespertina²⁷⁸ também apresenta uma chamada de baixa saliência, "Filho morre pelo pai", juntamente com a foto do filho do vereador cassado, Armando de Belo França. Na notícia de média saliência, presente na página 10 do vespertino, há o título "ESQUADRÃO JÁ MATA ALEIJADO", e um texto sobre a morte de Amaro Rodrigues de Sousa, filho do vereador Armando, executado por ter matado a bailarina Martinha em setembro de 1964. Há apenas uma seção, "Promessa cumprida", juntamente com o texto inicial, descrevendo a morte de Amaro. Na reportagem consta apenas uma foto em plano americano da vítima. No acervo iconográfico do *UH*, consultado no Arquivo Público do Estado de São Paulo, há duas fotografias da necropsia de Amaro e uma da vítima na cena do crime que não foram publicadas. É pouco provável que a supressão seja resultado de censura, a assertiva de Edgar Moura talvez seja uma melhor resposta:

[...] mesmo fotografar "presunto" tinha uma estética e uma pretensão artística. Você deve ter notado que nos arquivos da UH não há fotos de rostos mutilados, pedaços de corpos etc. **Até fotografávamos este tipo de coisa, mas só para registrar.**²⁷⁹

A notícia menciona que mais de 10 pessoas assistiram ao crime, mas até agora nenhuma delas "se atreveu" a contar na delegacia o que ocorreu, mostrando o temor da sociedade diante do Esquadrão da Morte e o efeito de *fantasmagorização*, descrito por David Maciel de Mello Neto, novamente ocorrendo, desta vez por omissão e medo dos moradores locais.

Não há chamada de capa na edição vespertina de 15 de maio de 1969. Na página 8 do 2º caderno, há uma pequena nota em uma das seções,

²⁷⁷ ULTIMA HORA. Fuzilado filho de magnata da contravenção. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 10 mar. 1969. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=10&mes=3&ano=1969&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

²⁷⁸ ULTIMA HORA. Filho morre pelo pai. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 10 mar. 1969. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=10&mes=3&ano=1969&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

²⁷⁹ [grifos nossos]. MOURA, Edgar Peixoto de. **Entrevista concedida a Mariana Dias Antonio sobre o jornal Ultima Hora**. 30 out. 2016. Entrevista por e-mail.

intitulada "Estrangulado".²⁸⁰ Há fotografias no setor iconográfico do AESP mas nenhuma foi publicada. O foco da seção policial neste dia é o assassinato misterioso de um homem e uma mulher sem qualquer relação com o grupo de extermínio. Apenas a capa da edição matutina está disponível e digitalizada, mas sem qualquer referência ao crime supracitado.

Apesar dos poucos relatos sobre censura no *Ultima Hora*, uma análise mais atenta dos jornais publicados no período de 1968 e 1969 em que há ocorrência do termo "Esquadrão da Morte" nos apresenta uma redução significativa de saliência antes e depois do AI-5. Através da análise de 121 edições que vão de março de 1968 (não há notícias sobre o EM entre janeiro e março deste ano) a dezembro de 1969 (não existem exemplares de novembro de 1969 para consulta no AESP ou na Biblioteca Nacional Digital) foi possível elaborar a Tabela 2. Para a sistematização dos dados consideramos a presença de qualquer fotografia vinculada à reportagem sobre o Esquadrão, seja do cadáver, suspeito, cartaz, familiar da vítima, autoridade que investigou o caso, local do crime, etc. Quando categorizada como "Fotografia de corpo ou local do crime", consideramos apenas fotografias vinculadas diretamente à *pseudoambientação* do evento, que apresentem a vítima abatida ou o local onde o corpo foi encontrado. A presença do termo "Esquadrão da Morte" em qualquer parte do jornal, seja na edição matutina, na vespertina, ou em ambas, foi suficiente para que a data fosse considerada. A fim de rememorar um termo já definido anteriormente neste trabalho, consideramos saliência como uma série de recursos empregados nos elementos textuais e não textuais da notícia para atrair a atenção do leitor, definindo uma ordem e hierarquização de leitura para a página, podendo envolver elementos como tamanho, perspectiva, contraste, entre outros. A reportagem de alta saliência ocupa parte considerável da folha do jornal, com chamadas de texto e fotografias/imagens grandes. A relação completa dos jornais consultados está disponível no Anexo 3 desta dissertação.

²⁸⁰ ULTIMA HORA. Estrangulado. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 15 mai. 1969. p.8. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=15&mes=5&ano=1969&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 8 jun. 2016.

Tabela 2 - Quadro comparativo com algumas características das notícias sobre o Esquadrão da Morte antes e depois do AI-5.

	Pré AI-5 (50 jornais analisados)		Pós AI-5 (71 jornais analisados)	
Presença de chamada na capa	56,00%	28	25,35%	18
Matérias com alta saliência	74,00%	37	57,75%	41
Presença de fotografia na capa	34,00%	17	8,45%	6
Presença de fotografia na matéria ou capa	76,00%	38	49,30%	35
Fotografia de corpo ou local de crime	44,00%	22	23,94%	17
Matéria em nota curta ou coluna lateral	0,00%	0	38,03%	27
Total de jornais consultados do período	100%	50	100%	71

Fonte: Dados levantados entre março de 1968 a dezembro de 1969 conforme a incidência de reportagens sobre os grupos de extermínio com base nos jornais digitalizados do Fundo *Última Hora* (AESP-Hemeroteca). Total de jornais compreendidos entre 4 de março de 1968 e 12 de dezembro de 1968: 50 exemplares; Total de jornais compreendidos entre 13 de dezembro de 1968 e 13 de dezembro de 1969 (exceto o mês de novembro): 71 exemplares. A contagem dos dados toma por referência a data, não contando duas vezes para repetições entre edições matutina e vespertina. As incidências são contadas mesmo quando presentes em apenas uma das edições.²⁸¹

Imediatamente após a vigência do AI-5 nota-se uma brusca redução nas chamadas de capa sobre o Esquadrão da Morte no jornal *Última Hora*. É também neste período que surgem as reportagens em notas curtas, situadas em trechos periféricos da folha policial. A presença de fotografias nas capas também é significativamente reduzida. Os dados parecem reafirmar, até certo ponto, uma realidade vivida pelo *Notícias Populares* de São Paulo, quando em 10 de março de 1969 a redação recebe uma mensagem assinada por Miranda Jordão.²⁸²

²⁸¹ Uma versão anterior desta tabela pode ser encontrada em: ANTONIO, Mariana Dias. A subversão da imagem e a censura no jornal *Última Hora* - RJ: Sinais e ícones do Esquadrão da Morte (1968-1969). In: VII Congresso Internacional de História / XXXV Encuentro de Geohistoria Regional / XX Semana de História da UEM, 2015, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2015. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/721.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

²⁸² Jorge de Miranda Jordão iniciou sua carreira jornalística em 1953 no *Última Hora* carioca, sendo posteriormente transferido para as sucursais do *UH* de São Paulo e Porto Alegre, mas retornando ao Rio de Janeiro. Com a crise do jornal regressa a São Paulo em 1967 para trabalhar no Grupo Folha da Manhã. O convite de Octávio Frias de Oliveira, então dono do Grupo Folha da Manhã, coloca Miranda Jordão como diretor da *Folha da Tarde* e do recém-fundado Departamento de Informações, Correspondentes e Sucursais (DICS), que posteriormente daria origem à Agência Folha. KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda** - jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo Editora, 2012. p. 239-240.

A Censura avisa aos editores que a expressão "Esquadrão da Morte" não pode figurar nas manchetes dos jornais, na primeira ou última páginas. No texto, pode-se usar aquela expressão. Enfim, resumindo: nos títulos, não, No texto, sim.²⁸³

As notas curtas do *Ultima Hora* traziam simplesmente o termo "Esquadrão" como título, mas, de maneira geral, o termo "Esquadrão da Morte" não precisou ser substituído por outro como ocorrera com o *Notícias Populares*, que adotou o termo "Bando Maldito". Quando questionado sobre a censura no *Ultima Hora*, o ex-fotógrafo Edgar Moura respondeu com: "Censura? No limite o repórter era amigo de algum policial e sabia mais do que publicava."²⁸⁴ Esta aparente contradição parece enfatizar o caráter conciliador anteriormente atribuído a Wainer, mas também notável em Amado Ribeiro, que mantinha relações de "boa vizinhança" com as forças policiais, evidentes tanto em relatos sobre o repórter quanto no aspecto heroico dos personagens policiais de seu romance em coautoria com Pinheiro Júnior (*Esquadrão da Morte*). Aparentemente no *Ultima Hora* a autocensura foi uma forma de convivência ou até de internalização da censura.²⁸⁵

Através desta breve análise com base em 10 notícias, pudemos constatar que a dramatização do discurso diante de um caso serve para reforçar ou facilitar a leitura da notícia, considerando que naquele contexto histórico o jornalismo literário ainda fazia parte do *campo* jornalístico, que pouco a pouco buscava no modelo norte-americano a pretensa imparcialidade e consolidação do referido *campo*. Além disso, pudemos observar o uso da *pseudoambientação* através da descrição minuciosa dos eventos. O detalhamento dos aspectos físicos e indumentária das vítimas, muitas vezes

²⁸³ CAMPOS JUNIOR, Celso de. et. al. **Nada mais que a verdade**: a extraordinária história do jornal Notícias Populares. São Paulo: Summus Editorial, 2011. p.77.

²⁸⁴ MOURA, Edgar Peixoto de. **Entrevista concedida a Mariana Dias Antonio sobre o jornal Ultima Hora**. 30 out. 2016. Entrevista por e-mail.

²⁸⁵ Marialva Barbosa ressalta que posteriormente ao AI-5 havia "[...] muito mais autocensura nos órgãos de imprensa do que censura prévia [...]". De acordo com a autora, mesmo nos poucos periódicos onde havia censura prévia as ações variavam de censor para censor, permitindo que a redação criasse uma relação de amizade ou diplomacia para conseguir publicar determinado assunto. Em oposição a relatos de jornalistas, mencionados anteriormente nesta pesquisa, o *Ultima Hora* não aparece entre os periódicos que sofreram censura prévia listados pela pesquisadora. Para mais informações, Cf. BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1900-2000. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 187-196.

sem identificação, poderia ainda ter o propósito de facilitar o reconhecimento por parte de familiares ou conhecidos da vítima entre o público leitor. Outro elemento que se mostrou bastante recorrente foi o apelo sensacionalista ao trazer fotografias e relatos de familiares ou cônjuges das vítimas para que se faça algo em prol da justiça. Este elemento se apresenta como um reforço para a ideia de "jornal do povo", não apenas relatando os eventos, mas dando voz e visibilidade a parentes e conhecidos da vítima, como um apelo às autoridades. Junto ao apelo sensacionalista, o caráter mercadológico do jornal foi percebido nas notícias, apresentando ou relacionando elementos distintos ao grupo (como por exemplo o caixão do delegado Saturnino de Oliveira, comprado há 20 anos, muito antes dos Esquadrões da Morte), com o intuito de tornar a notícia mais atraente ao leitor. Apesar das denúncias, apelos e do tom irônico por vezes usado contra o EM, a *sujeição criminal* do indivíduo executado costumava ser mantida nas descrições.

CAPÍTULO 3 – SINAIS E ÍCONES DO ESQUADRÃO: DA CAPTURA FOTOGRÁFICA À PUBLICAÇÃO

Uma vez abordada sucintamente a história do fotojornalismo no Brasil, a trajetória do *Ultima Hora*, a questão da exterminabilidade de marginais socialmente vistos como irrecuperáveis e a representação das execuções através do jornal de Samuel Wainer, neste terceiro capítulo analisaremos pontualmente cinco reportagens sobre os Esquadrões da Morte, compreendidas nos anos de 1968 e 1969, sendo:

- **reportagem 1** – "FUZILADO TEVE OS OLHOS ARRANCADOS", *Ultima Hora*, 11 de outubro de 1968;
- **reportagem 2** – "MATADORES CUMPRIRAM A PROMESSA SANGRENTA; ROSA VERMELHA EXECUTOU 3 NO FIM DE SEMANA", *Ultima Hora*, 14 de outubro de 1968;
- **reportagem 3** – "Desmantelada uma sucursal dos assassinos oficiais; ESQUADRÃO DA MORTE: CHEFE ERA UM PERITO", *Ultima Hora*, 22 de fevereiro de 1969;
- **reportagem 4** – "'GANG DA CAVEIRA' MATOU UM HOMEM DE DOIS NOMES", *Ultima Hora*, 23 de julho de 1969;
- **reportagem 5** – "EXECUTADO MAIS UM NA PRAÇA DO CAI-DURO", *Ultima Hora*, 4 de agosto de 1969.

O princípio de escolha para a presente análise obedeceu dois critérios: a disponibilidade de fontes – tanto de imprensa (reportagens contidas na folha policial) quanto fotográficas (fotografias das respectivas reportagens, inicialmente capturadas pelo fotógrafo) – e a maior variabilidade de casos, buscando oferecer ao leitor um panorama geral do método empregado em várias situações distintas.

Na reportagem de 11 de outubro de 1968, de 4 fotografias disponíveis no setor iconográfico do AESP, apenas 1 delas foi publicada, de modo que esta matéria, juntamente com a de 15 de maio de 1969 (analisada no capítulo 2), apresenta o maior número de fotos disponíveis para consulta mas não publicadas na folha policial. A reportagem de 14 de outubro de 1968 apresentou o maior número de fotografias publicadas no jornal e disponíveis para consulta no setor iconográfico, estando disponíveis 6 fotografias no setor

iconográfico do AESP e 5 delas publicadas. Na reportagem de 22 de fevereiro de 1969 observa-se o reaproveitamento duas fotografias, anteriormente publicadas em 11 de outubro de 1968 e em 14 de outubro de 1968, respectivamente, havendo um total de 3 fotografias disponíveis no Iconográfico e 3 fotografias publicadas na folha policial. A reportagem de 23 de julho de 1969 apresentou alterações distintas no fator de corte de uma mesma fotografia nas edições matutina e vespertina do jornal, havendo um total de 3 fotografias disponíveis para consulta no setor iconográfico, 2 delas publicadas. A reportagem de 4 de agosto de 1969 apresenta uma única fotografia, publicada e disponível para consulta, e foi escolhida por apresentar intervenções, como alterações de fator de corte e ângulo, que modificam a percepção da cena do crime, entre as reportagens analisadas esta também se distingue por estar fora da folha policial.

Como uma das referências desta análise temos o ensaio *As máscaras de Barbie: um estudo dos conflitos simbólicos no fotojornalismo do Estadão*, de Bernardo Issler, que buscou analisar as fotografias em sua tríptica ligação – imagem, legenda, manchete/texto – nas representações fotojornalísticas efetuadas pelo jornal *O Estado de São Paulo* entre novembro de 2000 e dezembro de 2001, pautando-se sobre três figuras políticas do período – o presidente da República Fernando Henrique Cardoso, a prefeita de São Paulo Marta Suplicy e o senador Jader Barbalho –, e buscando analisar as diferentes estratégias utilizadas para construir uma imagem pública destes indivíduos no periódico. O autor ressalta que não há uma metodologia única tampouco uma proposta teórica preestabelecida para se efetuar a devida análise, cabendo ao pesquisador adequá-la às fontes disponíveis. Entretanto, o autor ressalta que:

[...] para um trabalho de fôlego em amostragem de maior relevância e precisão, os procedimentos analíticos poderão ser referenciados em bases teóricas mais abrangentes que não foram cogitadas neste estudo, por ser apenas introdutório e ter por objetivo discutir e interessar outros pesquisadores na problemática do fotojornalismo. Mesmo porque **haveria necessidade de acesso aos negativos originais para análise das angulações, das exclusões, do sequenciamento das tomadas e entrevistas com fotógrafos, redatores e editores.**²⁸⁶

²⁸⁶ [grifos nossos]. ISSLER, Bernardo. *As máscaras de Barbie: um estudo dos conflitos simbólicos no fotojornalismo do Estadão*. In: BARROS FILHO, Clóvis (org.) **Comunicação na Pólis** - Ensaio sobre mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.87-108.

No caso desta pesquisa, tivemos acesso a uma vasta bibliografia sobre o periódico analisado – desde obras com relatos de jornalistas que trabalharam no *Última Hora* até trabalhos de cunho científico –, bem como o acesso aos jornais e ao acervo iconográfico com as respectivas fotografias, havendo a possibilidade de analisar as alterações ocorridas desde a captura da fotografia, durante a cobertura das notícias, até sua publicação final. Iniciaremos a discussão deste capítulo apresentando os conceitos teóricos e metodológicos para a análise das cinco supracitadas reportagens, para então analisar pontualmente cada uma delas.

Acerca dos pressupostos teóricos e metodológicos de análise fotográfica, valemo-nos, como eixo central, das obras: *A câmara clara*, de Roland Barthes, bem como as contribuições do autor no ensaio *A mensagem fotográfica*; o ensaio *Diante da dor dos outros*, de Susan Sontag; o capítulo *A análise da imagem: um primeiro plano*, de Johanna W. Smit, presente na obra *A análise documentária: a análise da síntese* e a obra *Teoría de la imagen periodística*, de Lorenzo Vilches. Para a análise textual usaremos o conceito de *pseudoambiente*, de Walter Lippmann em *Opinião Pública*, e as contribuições de Patrick Champagne acerca do valor de noticiabilidade de um evento.

Em *A câmara clara*, Barthes conceitua a existência de dois elementos que operam sobre a imagem: o *studium* e o *punctum*. O *studium* é um interesse guiado de forma consciente, através de uma ordem que englobe características ligadas ao contexto cultural e técnico da imagem – o que o fotógrafo busca retratar. Em outras palavras, trata-se de um estúdio propriamente dito, onde a realidade figurada é codificada e se objetiva na medida em que estes códigos são conhecidos e criam uma relação próxima à de um estúdio de fotografia. O *punctum* dependerá da própria subjetividade: é, portanto, pessoal e intransferível, conferindo ao *spectator* (quem observa a imagem) uma voz, uma pontuação sobre aquilo que lhe é peculiar, proporcionando para cada espectador uma experiência interpretativa única.

Em *A mensagem fotográfica*, Barthes apresenta sucintamente alguns critérios de análise para fotografias de imprensa. O autor trata dos estatutos denotativo (mera reprodução mecânica através da captura da luz) e conotativo (conjunto de significados passíveis de serem atribuídos à imagem) da fotografia, além de apresentar algumas formas utilizadas pelos jornais para

alterar sua conotação. Os conceitos serão devidamente apresentados no subcapítulo seguinte.

Em *Diante da dor dos outros*, Sontag traz uma reflexão, em nove ensaios que perpassam diferentes tempos históricos, sobre a confecção e recepção de imagens passíveis de causar comoção, repulsa ou ódio devido ao seu conteúdo ou sua leitura historicamente situada ou deslocada. Alguns dos aspectos apresentados nestes ensaios serão apresentados no subcapítulo seguinte, de modo a enriquecer os parâmetros e critérios de análise iconográfica e textual.

Em *A análise da imagem: um primeiro plano*, Johanna Smit sugere alguns procedimentos para a catalogação de acervos de imagens e explora a questão da transcodificação, que nos auxiliará na homogeneização dos questionamentos às fontes. Como parte da catalogação, a imagem é transcodificada, ou seja, há a "tradução" de um código visual para um código escrito. A transcodificação de aspectos visuais para o texto por meio da descrição nunca conseguirá ser completa. Isto se deve à pluralidade de elementos e às variações de interpretação que cada indivíduo consegue conferir à imagem, ocorrendo o que os documentalistas chamam de "problemas de transcodificação", que podem incluir perda de precisão, informação seletiva, possibilidade de erro, entre outros.

Em *Teoría de la imagen periodística*, Lorenzo Vilches propõe algumas possibilidades de se analisar fontes de imprensa, considerando que o texto e a imagem fotográfica possuem igual peso no jornal enquanto elementos informativos. A fotografia torna-se também narrativa a partir do momento em que é criado um ponto de vista – no caso o olhar do fotógrafo – responsável pelo enquadramento da foto, narrando, ao mesmo tempo, ações, objetos, eventos e cenários. Para Vilches, "toda fotografia produz uma 'impressão de realidade' que na imprensa se traduz por uma 'impressão de verdade'" [tradução nossa].²⁸⁷ Para o autor, a organização do conteúdo da notícia obedece a alguns parâmetros, entre eles os códigos óticos, códigos de

²⁸⁷ "Toda fotografía produce una 'impresión de realidad' que en el contexto de la prensa se traduce por una 'impresión de verdad'". VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. 3. ed. Barcelona: Paidós Comunicación, 1997. p.19.

tratamento e códigos de compaginação, componentes espaciais, visuais, entre outros.

Considerar a fotografia de imprensa uma forma menos traiçoeira de filtro do mundo seria desprezar todos os meandros que a cercam – legenda da fotografia, manchete, contraste, saturação, tamanho e fator de corte da imagem fotográfica, teor do texto que a acompanha, entre outros – e que podem ser facilmente deslocados de acordo com a intencionalidade daquele que a [re]produz. A fotografia brinca com a escala de mundo, podendo ser reduzida, ampliada, recortada, retocada ou distorcida. Tem o poder de tornar-se icônica ou ser esquecida facilmente após um tempo, dependendo do valor que o meio impõe. Dado o caráter polissêmico que a fotografia evoca sobre cada indivíduo, e dependendo de sua finalidade, disporemos inicialmente os elementos constituintes da fotografia enquanto técnica, para então apresentarmos a fotografia de imprensa que, diferentemente da fotografia artística, tem o propósito de complementar (adicionar informações que as palavras por si só não conseguem exprimir) ou confirmar o texto (como forma de redundância, elipse). O caráter informativo da fotografia de imprensa estará sujeito aos pontos de vista do fotógrafo, do diagramador e do repórter que irá confeccionar a reportagem, adicionando legendas, títulos, textos e chamadas que podem interferir de forma considerável sobre ela.

3.1 Critérios e parâmetros para análise iconográfica e textual

Como forma de evitar condicionamentos e homogeneizar a análise, conceituaremos os critérios e parâmetros que foram utilizados para confrontar e dialogar com as fontes.

No que se refere à análise morfológica da página da notícia, seus aspectos técnicos e interação entre seus elementos, utilizamos os apontamentos de Lorenzo Vilches e Johanna W. Smit para confeccionar uma tabela que atenda aos principais aspectos visados nesta pesquisa. Mesmo que ocorra a ausência de elementos (por exemplo, a ausência de legendas), isto será citado para fins de comparação com as demais fontes.

Smit sugere em sua obra que se faça inicialmente seis perguntas básicas para as fontes: quem (seres vivos), onde (ambiente), quando (tempo),

onde (espaço), o que (ação) e como (técnica).²⁸⁸ Vilches define e divide os componentes visuais da fotografia de imprensa em dois grandes grupos: os componentes cromáticos – contraste, cor, nitidez, luminosidade; e os componentes espaciais – planos, formatos, profundidade, horizontalidade (esquerda/direita, profundo/plano), verticalidade (acima/abaixo). O contraste é a unidade mínima da imagem, equivalendo-se às letras e sílabas de um texto; "sem <<contraste>> não há imagem".²⁸⁹ A cor ou tonalidade é o que se dá entre o branco puro e o negro puro. O volume – ou profundidade – pode ser de dois aspectos: [1] pode se referir à escala de planos, transmitindo informações sobre o tamanho e distância de objetos fotografados (aproximação ou distanciamento da câmera em relação ao objeto fotografado); [2] ou à angulação da fotografia, ao posicionamento da objetiva da câmera. No caso da angulação, os termos usualmente utilizados são: zenital, mergulho, mesma altura do assunto, contra-mergulho, contra-zenital, frontal, plano de 3/4, lateral e plano de 1/4. A coexistência de vários assuntos numa mesma fotografia pode tornar inconclusiva a identificação de uma das angulações (vertical ou horizontal); para estes casos usaremos apenas a mais perceptível. O espaço permite discriminar os objetos segundo um eixo vertical (zona superior ou zona inferior) ou um eixo horizontal (direita ou esquerda), servindo como referência para a inserção de fotografias ou elementos textuais em um determinado espaço da mancha gráfica, bem como a inserção e posicionamento de elementos numa determinada fotografia.

De acordo com Vilches, a organização do conteúdo da notícia obedece a alguns parâmetros, entre eles os códigos óticos, códigos de tratamento e códigos de compaginação. Os códigos óticos são os procedimentos que interferem no momento de registrar a imagem fotográfica, como é o caso da escolha das lentes ou condições de iluminação, por exemplo. Os códigos de tratamento são os procedimentos que buscam adaptar a fotografia da melhor maneira à notícia, como é o caso do fator de corte, retoques para aumentar a nitidez ou inclinação/rotação da imagem. Os códigos de compaginação tratam

²⁸⁸ SMIT, Johanna W. A análise da imagem: um primeiro plano. In: _____. (coord.) **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987. p.109.

²⁸⁹ VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. 3. ed. Barcelona: Paidós Comunicación, 1997. p.40.

da inserção da fotografia na página junto a outros elementos. A fotografia usualmente é inserida em um lugar privilegiado com o intuito de romper a monotonia da escrita e agregar valor informativo, em complementaridade com o texto.²⁹⁰ A relação espacial entre a fotografia e a página junto à totalidade do periódico constitui a superfície fotográfica do jornal como um todo. Para a presente análise, no entanto, nossa atenção se voltou para a relação entre o espaço ocupado pelas fotografias e o espaço total da notícia, assim como o espaço ocupado pelas fotografias e o espaço total da página. Tais medições foram realizadas em valores relativos (fração) de forma a oferecer um modelo genérico e igualmente aplicável a diversos formatos de jornais, mas salientamos também ser possível proceder a mesma análise com valores absolutos (dimensões apresentadas em centímetros ou milímetros). Complementarmente, as relações entre a totalidade da notícia e a página do jornal, ou entre a totalidade da chamada e a primeira página, serão tratadas sob os critérios de alta e baixa saliência, como conjunto de aspectos visuais responsáveis pela hierarquização da informação a fim de direcionar uma ordem de leitura.

Tomando todos estes aspectos como relevantes à pesquisa, elaboramos uma tabela (Tabela 3) que será empregada em todas as análises deste capítulo a fim de facilitar e homogeneizar o diálogo com as fontes. Por se tratar de uma tabela para análises comparativas, apenas fotografias disponíveis tanto no setor iconográfico do AESP quanto nas páginas do *Ultima Hora* serão submetidas a esta etapa. Fotografias não publicadas serão abordadas ao longo das análises de maneira mais sumária; assim como fotografias publicadas, mas não disponíveis para consulta no setor iconográfico.

Em função das condições materiais de conservação das fontes e/ou processo de digitalização, algumas reportagens apresentam baixa nitidez para a leitura, ocorrendo inclusive, em algumas delas, certa "pixelização" do material digitalizado; desta maneira, as cinco reportagens analisadas neste capítulo encontram-se transcritas e disponíveis no Anexo 4 (com exceção das chamadas de capa).

²⁹⁰ VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. 3. ed. Barcelona: Paidós Comunicación, 1997. p.88.

(continua)

Parâmetros gerais da reportagem			
Nome da Reportagem:			
Data e Local:			
		Foto (código)	Total
Tamanho da Fotografia na reportagem	Área da fotografia em relação ao quadro total da matéria (medida em fração)		
Tamanho da Fotografia na página do jornal	Área da fotografia em relação à área da folha de jornal (medida em fração)		
Fotografia acompanha assinatura do fotógrafo	sim; não		
Fotografia acompanha legenda	sim; não		
Uso de Flash	sim; não		
Luminosidade	luz noturna, luz diurna, contraluz		
Tipo de lente	lente normal, grande-angular, <i>fish-eye</i> , etc.		
Alteração do fator de corte	Sim; Não		
Alteração de orientação (rotação)	90°, -90°, 180°, etc		
Enquadramento (Foto original)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)		
Enquadramento (Foto Publicada)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)		
Angulação da lente (Foto Original)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4		
Angulação da lente (Foto Publicada)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4		

(conclusão)

Orientação - Foto original	Horizontal (paisagem), vertical (retrato)		
Orientação - Foto publicada	Horizontal (paisagem), vertical (retrato)		
Informação censurada pelo fator de corte	Área não publicada da fotografia original (medida em fração)		
Interação Texto/Imagem	Texto reforça determinado aspecto da imagem (ainda que de forma irônica): sim; não		

Tabela 3 - Análise dos componentes visuais da notícia (textuais e não textuais).

Outros parâmetros de análise podem ser encontrados em *A mensagem fotográfica*, de Roland Barthes, e *Diante da dor dos outros*, de Susan Sontag.

Em *A mensagem fotográfica* Barthes descreve os aspectos da fotografia de imprensa, sendo esta uma mensagem constituída por uma fonte emissora (redação do jornal), um canal de transmissão (o jornal) e o meio receptor (o público leitor). A fotografia enquanto elemento constituinte do canal de transmissão não é apenas um produto ou um caminho, é também um objeto, não podendo ser analisada isoladamente das demais partes.

A fotografia pode ser vista como um *analogon* do real, ou seja, não é uma reprodução da realidade, mas um ponto de vista, próximo, análogo da realidade. Como objeto, a fotografia é dotada de dois estatutos: o denotativo e o conotativo. Como estatuto denotativo da fotografia, entende-se tudo aquilo que está evidente, explícito, não havendo interpretações distintas para observadores distintos. Já o estatuto conotativo é o que está implícito na fotografia, que se elabora conforme são aplicadas as alterações sobre ela, como enquadramento, angulação de câmera, entre outros, estando situado historicamente e culturalmente. Trata-se, portanto, de uma modificação do próprio real (da mensagem denotada) através de um código cultural.

O estatuto conotativo da imagem pode ser construído de diferentes maneiras, algumas delas apontadas pelo autor podem servir de critério de análise para a presente pesquisa:

- Trucagem: é a intervenção no plano de denotação, por montagem mecânica ou dupla exposição, utilizando-se da credibilidade da fotografia para que a imagem possa ser percebida como denotada

quando na verdade esta é conotada (o conotativo é visto como legítimo por conter traços denotativos);

- Fotogenia - a mensagem conotada reside na própria imagem embelezada por técnicas de iluminação, impressão, ângulo escolhido, entre outros;
- Pose - exploração de atitudes estereotipadas com significação própria, em que "[...] o leitor recebe como uma simples denotação o que de fato é uma estrutura dupla, denotada-conotada."²⁹¹
- Sintaxe - função de uma sequência de imagens em que a estrutura conotativa emerge do seu encadeamento.
- Texto e imagem - "o texto constitui uma mensagem parasita, destinada a conotar a imagem, isto é, a lhe 'insuflar' um ou vários significados segundos."²⁹²

Em *Diante da dor dos outros*, Susan Sontag discorre sobre como reagimos diante do sofrimento alheio transmitido por meio das imagens. A autora defende – em momentos distintos da obra – que o significado da fotografia depende de como a imagem é identificada ou erroneamente identificada pelas palavras que a cercam e que “todas as fotos esperam sua vez de serem deturpadas por suas legendas”,²⁹³ bastando mudá-las para usar e reutilizar tais imagens. Tal observação é consonante com os apontamentos de Barthes sobre o aspecto parasitário do texto. Outra observação da autora também enfatiza o duplo estatuto denotativo e conotativo das fotografias através do uso do enquadramento para direcionar uma mensagem. Uma fotografia “[é] sempre a imagem que alguém escolheu; fotografar é enquadrar, e enquadrar é excluir.”²⁹⁴

Sontag também questiona a perenidade ou fugacidade do choque causado pelas imagens de atrocidades. Teriam elas um prazo de validade? Seria possível se habituar a elas, a ponto de encará-las com indiferença ou

²⁹¹ BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p.360.

²⁹² *ibidem*, p.362.

²⁹³ SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.14.

²⁹⁴ *ibidem*, p.42.

apatia? Para a autora, “[...] a própria noção de atrocidade, de crime de guerra, está associada à expectativa de alguma comprovação fotográfica. Essa comprovação, em geral, é de algo póstumo; os restos mortais, por assim dizer [...]”.²⁹⁵ O relato jornalístico, no entanto, enfatiza a fugacidade de seus componentes, textuais ou fotográficos. Nas palavras de Patrick Champagne:

A informação é, com efeito, um bem cultural com forte componente econômico. É altamente perecível (a data de validade não passa de alguns dias e às vezes até algumas horas) e deve ser imediatamente vendável. Quer dizer que o que chamamos de evento é equivalente a um tipo de oferta promocional, quase cotidiana, que vários meios de comunicação oferecem sobre um mercado da informação para atrair clientes. [tradução nossa]²⁹⁶

Apresentados os parâmetros para a elaboração da tabela e análise dos materiais fotográficos e de imprensa, os subcapítulos seguintes apresentarão as análises ordenadas por data. A ordem de análise obedecerá à ordem de impressão e leitura do jornal (matutino e vespertino, capa e página com a notícia).

3.2 "FUZILADO TEVE OS OLHOS ARRANCADOS", 11 de outubro de 1968

Apenas a capa da edição matutina de 11 de outubro de 1968²⁹⁷ (Figura 28) está disponível para análise, havendo a manchete "ESQUADRÃO LEVA OUTRO AO 'PAREDON' DA MORTE" em destaque na região central da folha, sem fotografia. No *lead* consta que "mais três cadáveres deformados por tiros e pancadas" foram encontrados, mas que apenas a vítima de Belford Roxo foi morta pelo Esquadrão, esta com os olhos arrancados. Por questões de escala,

²⁹⁵ ibidem, p.71.

²⁹⁶ "L'information est, en effet, un bien culturel à forte composante économique. Elle est très périssable (la date de validité ne dépasse pas quelques jours et même, parfois, quelques heures) et doit être immédiatement vendable. C'est dire que ce qu'on appelle événement est l'équivalent d'une sorte d'offre promotionnelle quasi quotidienne que les différents médias proposent sur le marché de l'information pour attirer le client." Fonte: CHAMPAGNE, Patrick. L'événement comme enjeu. **Réseaux**, Paris, v. 18, n. 100, p.403-426, 2000. p.419. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/AsPDF/reso_0751-7971_2000_num_18_100_2231.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2016.

²⁹⁷ ULTIMA HORA. ESQUADRÃO LEVA OUTRO AO "PAREDON" DA MORTE. **Ultima Hora** (Matutino), 11 de outubro de 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=11&mes=10&ano=1968&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 20 nov. 2016.

entre os elementos textuais, bem como pela ordem de leitura ocidental (da esquerda para a direita, de cima para baixo), essa manchete é o segundo elemento de destaque na capa da edição matutina,²⁹⁸ o que indica uma matéria de alta saliência no interior do 2º caderno, como ocorreria na edição vespertina.

Na capa da edição vespertina,²⁹⁹ (Figura 29) as manchetes se alteram, mas a hierarquia se mantém pelos supracitados motivos. A manchete é alterada para "ESQUADRÃO DA MORTE LEVA OUTRO AO 'PAREDON' MUTILANDO CORPO" e acompanha a maior fotografia desta capa: o corpo encontrado em Belford Roxo, estendido em um local ermo, com os braços abertos. Na lateral direita da fotografia é possível ver as pernas de três indivíduos, provavelmente peritos, policiais, repórteres ou mesmo moradores próximos. A escala de planos inferioriza a vítima, apresentando-a em escala reduzida como resultado da perspectiva, efeito reforçado pelo fator de corte, que estende a imagem num plano horizontal, e pelo distanciamento das outras pessoas em relação ao corpo. Esse efeito conotativo também é auxiliado pela manchete, que apresenta a vítima apenas como "outro". O *lead* menciona, como na edição matutina, que houve três vítimas, mas apenas a de Belford Roxo com os olhos arrancados aparenta ser do Esquadrão. A suposição do jornal em relação ao autor do crime se baseia nos sinais encontrados no corpo: marcas de enforcamento e tiros de grosso calibre. As outras duas vítimas, o estivador Hugo Carmélio de Deus e um desconhecido, não foram computadas no saldo de mortes do Esquadrão por não apresentarem os sinais ou ícones característicos do grupo, tampouco aparentarem serem marginais. O *lead* enfatiza a *fantasmagorização* do grupo ao mencionar que a organização ramificou-se por vários estados, transformando as execuções numa "rotina", e que "[...] a matança é tal que as vítimas da Polícia se misturam às dos bandidos num mistério que nenhuma autoridade pensa em resolver porque

²⁹⁸ A manchete de maior destaque é "AMERICANOS RUMO À LUA", estando logo abaixo do logotipo do jornal.

²⁹⁹ ULTIMA HORA. ESQUADRÃO DA MORTE LEVA OUTRO AO 'PAREDON' MUTILANDO CORPO. *Ultima Hora* (Vespertino), Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=11&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

teme envolver-se no próprio inquérito",³⁰⁰ apontando possíveis razões administrativas para o efeito.

No setor iconográfico do Arquivo Público do Estado de São Paulo é possível encontrar uma fotografia do estivador Hugo Carmélio de Deus, encontrado no quilômetro 7 da Rodovia Rio-Magé. Em seu verso, constam como fotógrafo e repórter, respectivamente, Diniz e Reinaldo. A fotografia, capturada em orientação horizontal (paisagem) e com angulação de mergulho, traz a vítima caída sobre um matagal, com as roupas rasgadas, descalça e ironicamente arrumada em posição de repouso (Figura 30). A omissão desta foto pode ser justificada pela brevidade com que o crime é relatado. Em trechos curtos, um deles sob o subtítulo "IDENTIFICADO", o jornal enfatiza certo descaso dos familiares e o fato da vítima ser moradora das redondezas onde foi encontrada, de modo que o crime não seria creditado ao Esquadrão da Morte. O restante das fotografias para esta data, três no total, disponíveis no setor iconográfico, traz a vítima encontrada em Belford Roxo, tendo como repórter e fotógrafo responsáveis, respectivamente, Amado Ribeiro e Ferreira. Todas as fotografias apresentam o desconhecido sendo examinado pelo perito criminal, estando uma delas publicada na edição vespertina do jornal e outras duas não.

³⁰⁰ *ibidem*.

ARENA E MDB UNIDOS REPELEM AS CASSAÇÕES

Delfim: menos impostos com maior arrecadação

Ultima Hora

Negrão: nova legislação vai aliviar contribuintes

AMERICANOS RUMO À LUA

Norma volta e narra novela do seqüestro



Com o "topete" de sua novela televisual, Norma Jeane voltou duas vezes a império da TV em reportagem, que, além de trazer de novo detalhes dos acontecimentos relativos ao seqüestro, narra a história da vida da primeira-dama americana. (Página 4)

A contagem regressiva para o lançamento da cápsula "Apollo 7" prossegue hoje "sem anomalias" em Cabo Canaveral. Após dois anos de preparação, os EUA preparam o lançamento da Lua lançando esta tarde três boosters em massa, os astronautas Don Lutz, Walter Schirra e Michael Collins, que operam na plataforma (SP) 37, no último estágio em que deverão seguir para órbita espacial. No momento, os três estão no vôo de teste com a qual, depois desta experiência, os americanos embarcam à Lua, e a tarefa de 11 dias que se desenvolverá desde o lançamento da Terra a partir do mês. Em agosto, Saturno 1, o lançador a jato, é lançado para o espaço e o lançamento para a órbita espacial. (Página 4)



ESQUADRÃO LEVA OUTRO AO "PAREDON" DA MORTE

Minuto final

Santos dá goleada

Com o gol de ouro de Pelé, os Santos venceram o jogo contra o Flamengo por 4 a 1. Pelé marcou três vezes e Pelé marcou três vezes e Pelé marcou três vezes. (Página 4)

Johnson x Wallace

O presidente Lyndon Johnson levou outro golpe de um candidato à Presidência, quando Wallace venceu o debate de ontem. Wallace venceu o debate de ontem. (Página 4)



As bravas palmeiras caem hoje

Hoje serão derrubadas as palmeiras que decoram o edifício do Departamento de Polícia. (Página 2)



Mais três cadáveres foram encontrados no Rio de Janeiro. (Página 4)

GB é sede de comitê de bolsas

A Inglaterra será sede do comitê de bolsas da América Latina. (Página 4)



ESTUDANTE DESARMA MAJOR COM UMA FLOR

Um estudante desarmou um major da polícia com uma flor. (Página 4)

SHOW É NOITE DE LOUCURA COM HAPPENING DE VELOSO

O show de Carlos, 50, e Marlene contou com uma noite de loucura e com um happening de Veloso. (Página 4)

ESPIONAGEM: SUICIDAM-SE GENERAIS DA OTAN

Figura 28 - Última Hora, 11 de outubro de 1968 (ed. matutina, p.1). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca).

AMERICANOS NO ESPAÇO: LUA DEPOIS DE 11 DIAS



ESQUADRÃO DA MORTE LEVA OUTRO AO "PAREDÓN" MUTILANDO CORPO

Ultima Hora

Av. XV de Novembro, São Paulo, 11/10/1968 - N.º 2.376 - PG. 8 e 9

Dois 3 cadáveres, mutilados por tiros e granadas, foram encontrados ontem no Porto de Fiumorte e em algumas montanhas do Estado de Rio. Pelos investigadores, porém, se a Nacional de Defesa Civil, que tem as câmeras aéreas sob domínio da polícia, e a atividade do Exército de Defesa. Este esquadrão, com a atividade e a história das peças de artilharia de batalhão que opera no 12 e no 81, está no clima quente de 2.º Colômbio. Ainda se sabe que, a partir de 12, quando foi formada a primeira unidade de "EM", a organização confiou-se por vários Estados, especialmente no estado onde operam a maioria de batalhões. Desde os "paredões" pelo Polícia. E a maioria de 4 foi que os crimes de Polícia se relacionam de dois batalhões, não obstante que os militares autorizados para ser usados, porque foram enviados ao próprio destino.



APOLLO VII

De missão, a mais poderosa foguete americana... a Saturn 1 B... está planejando se lançar a bordo Apollo 17, com 3 astronautas a bordo: Gus Grissom, Walter Schirra e Walter Cunningham. Depois desta viagem de 11 dias em torno da Terra, com o motor main, os 1000 quilômetros e a Lua serão até um, numa desceida tentativa de vencer a URSS no espaço. Leia na página 8!



Teatro é protesto na volta de Norma

SUICÍDIO DE 2 GENERAIS REVELA ESPIONAGEM NA DEFESA EUROPEIA

Página 6



SANTOS EM GOLEADA HISTÓRICA

Em noite de Pelé, o Santos jogou uma partida histórica contra o Bahia, vencendo por 9 gols a 2, no Pacaembu. O momento foi registrado pelo fotógrafo, que observou de perto, após ter se, porém, quase não se viu, no "Bola" e "Tribuna Esportiva" e pelo, como no artigo 10.

MENOS IMPOSTOS EM 69

- DELFIM: REDUÇÃO GERAL
- NEGRÃO: ALÍVIO NO FISCO

Página 1 e 2



MENOS UM DOS "18" NA PRISÃO

O Senador Estadual José de Oliveira, acusado de crime dos "18 de setembro", foi interrogado ontem pelo juiz Álvaro Magalhães, do 1.º Foro Criminal. Magalhães interrogou com "Cassero" e o resultado da interrogatório do grupo. O interrogatório ocorreu depois, nas horas 12.00 do momento. 2.º Colômbio.



SHOW É NOITE DE LOUCURA COM HAPPENING DE VELOSO

Com Carlos Pimenta atuando no palco, a música brasileira é o tema... uma banda, no "Show" de 12 e 13 de novembro, no "Teatro". O espetáculo começa na terça-feira de uma noite de loucura e acontece no "Teatro". Foi o "happening" de Carlos Pimenta. Foi o "happening" de Carlos Pimenta. Foi o "happening" de Carlos Pimenta.



Com o "show" de uma banda brasileira, Norma Duarte deu um show de dança no São Paulo em agosto passado, que atraiu um grupo de cerca de 1000 pessoas. Uma das cenas do espetáculo. (Foto do evento passado)

ARENA E MDB UNIDOS REPELEM AS CASSAÇÕES

Página 6

Figura 29 - Última Hora, 11 de outubro de 1968 (ed. vespertina, p.1). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca).



Figura 30 - Fotografia não publicada do estivador Hugo Carmélio de Deus (ICO-UH-1034-097).
Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³⁰¹

Entre as fotografias não publicadas, uma delas (Figura 31) traz a vítima deitada de costas, com os braços e pernas abertas, corpo sujo de areia e pés descalços, sendo possível observar um chinelo próximo ao rosto do cadáver, algumas velas e um pequeno pacote. O perito encontra-se agachado na lateral direita da fotografia, examinando a região próxima ao quadril, provavelmente os bolsos da vítima. A imagem se apresenta numa orientação vertical (retrato) e com uma angulação de câmera em plano frontal. A outra fotografia não publicada (Figura 32) traz o cadáver deitado de lado, com o verso de sua cabeça sendo examinado pelo perito.

³⁰¹ DINIZ. **ICO-UH-1034-097**. TRES DESCONHECIDOS ENCONTRADOS MORTOS A TIROS DE METRALHADORA PELO "ESQUADRÃO DA MORTE", NAS LOCALIDADES DE CAXIAS E BELFORD ROXO. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.



Figura 31 - Fotografia não publicada da vítima de Belford Roxo (ICO-UH-1035-067). Ruídos nas laterais e parte inferior em função das mãos da pesquisadora e reflexo de iluminação externa durante a reprodução no AESP. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³⁰²

³⁰² FERREIRA. **ICO-UH-1035-067**. TRES DESCONHECIDOS MORTOS A TIROS DE METRALHADORA PELO "ESQUADRÃO DA MORTE", NAS LOCALIDADES DE CAXIAS E BELFORD ROXO. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.



Figura 32 - Fotografia não publicada da vítima de Belford Roxo (ICO-UH-1035-089). Ruídos nas laterais e parte inferior em função das mãos da pesquisadora e reflexo de iluminação externa durante a reprodução no AESP. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³⁰³

³⁰³ FERREIRA. **ICO-UH-1035-089**. TRES DESCONHECIDOS MORTOS A TIROS PELO "ESQUADRÃO DA MORTE", NAS LOCALIDADES DE CAXIAS E BELFORD ROXO. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.

A terceira fotografia, referente à vítima de Belford Roxo, foi publicada na página 6 do 2º caderno da edição vespertina em 11 de outubro de 1968, de modo a possibilitar uma análise comparativa entre a fotografia inicialmente capturada pelo repórter e a publicada, e a elaboração da Tabela 4.

(continua)

Parâmetros gerais da reportagem			
Nome da Reportagem:	FUZILADO TEVE OS OLHOS ARRANCADOS		
Data e Local:	Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1968.		
		Foto 1 (ICO-UH- 1035-064)	Total
Tamanho da Fotografia na reportagem	Área da fotografia em relação ao quadro total da matéria (medida em fração)	1/7	1/7
Tamanho da Fotografia na página do jornal	Área da fotografia em relação à área da folha de jornal (medida em fração)	1/9	1/9
Fotografia acompanha assinatura do fotógrafo	sim; não	não	
Fotografia acompanha legenda	sim; não	sim	
Uso de Flash	sim; não	não	
Luminosidade	luz noturna, luz diurna, contraluz	luz diurna	
Tipo de lente	lente normal, grande-angular, <i>fish-eye</i> , etc.	lente normal	
Alteração do fator de corte	Sim; Não	sim	
Alteração de orientação (rotação)	90°, -90°, 180°, etc	não há	
Enquadramento (Foto original)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PI	
Enquadramento (Foto Publicada)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PM	

(conclusão)

Angulação da lente (Foto Original)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	mergulho (<i>plongée</i>)	
Angulação da lente (Foto Publicada)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	mergulho (<i>plongée</i>)	
Orientação - Foto original	Horizontal (paisagem), vertical (retrato)	vertical	
Orientação - Foto publicada	Horizontal (paisagem), vertical (retrato)	horizontal	
Informação censurada pelo fator de corte	Área não publicada da fotografia original (medida em fração)	1/2	
Interação Texto/Imagem	Texto reforça determinado aspecto da imagem (ainda que de forma irônica): sim; não	Sim	

Tabela 4 - Análise dos componentes visuais da notícia - FUZILADO TEVE OS OLHOS ARRANCADOS, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1968.

Esta fotografia (Figura 33) traz a vítima deitada de lado entre as pernas do perito que se encontra em pé, segurando o braço direito da vítima e examinando a palma da mão. Outro indivíduo, provavelmente perito ou repórter, situa-se à frente da vítima com um caderno e caneta, não sendo possível ver seu rosto. A fotografia foi tirada numa orientação vertical (retrato), com angulação de mergulho e luz diurna. As roupas escuras do perito e da vítima produzem um efeito de destaque por contraste tonal com ambiente claro. O distanciamento do rosto da vítima e a presença de ruído sobre a imagem do corpo (perna do perito) tornam esta a menos chocante entre as três fotografias da vítima, o que, somado às necessidades de gestão espacial da mancha gráfica, pode explicar a publicação desta como única fotografia; a captura pelas costas do perito, deixando seu rosto oculto, fornece outra possível explicação. Adicionalmente, podemos nos questionar sobre critérios de pose e fotogenia, uma vez que as duas fotografias não publicadas apresentam o perito agachado, próximo ao corpo, e salientam a sujidade do cadáver.

Ao ser publicada, o fator de corte foi alterado, reduzindo a fotografia à metade (valor aproximado), de modo a eliminar informações como as pernas do cadáver, a cabeça do perito e parte do tronco do terceiro indivíduo, bem como o caderno de anotações, além de modificar a orientação para horizontal (paisagem). Não existem alterações de orientação por rotação ou adição de elementos informativos diretamente na imagem. A legenda "Olhos arrancados, marcas de estrangulamento e a cabeça deformada a tiros de grosso calibre, assim foi encontrado o desconhecido na Estrada Retiro da Imprensa, em Belford Roxo. Os criminosos desapareceram."³⁰⁴ auxilia na construção do *pseudoambiente*, trazendo elementos que não podem ser notados na fotografia, bem como reforçando uma espécie de representação mental sobre o *modus operandi* do Esquadrão da Morte.

Na reportagem de alta saliência (Figura 34), sob o título "FUZILADO TEVE OS OLHOS ARRANCADOS"³⁰⁵ é apresentado um histórico de mortes do Esquadrão desde o Serviço de Diligências Especiais (TVRAMA/SDE), criado em 1958 pelo então chefe de polícia Amaury Krueel, tendo ao centro a supracitada fotografia. No corpo da notícia, sob a chamada "Mais três mutilados por tiros e pancadas", há a menção dos três casos, com foco especial para a vítima que teve os olhos arrancados, assunto da fotografia central da notícia.

Entre as informações trazidas pela reportagem, consta que a Delegacia de Duque de Caxias está sendo investigada sob a acusação de ser um "centro irradiador dos cadáveres que estão aparecendo metralhados e mutilados na área do Grande Rio". O jornal aponta ainda que o delegado Mauro Magalhães motiva a execução de bandidos considerados por ele como "irrecuperáveis", evidenciando a *sujeição criminal* como critério de extermínio perante alguns membros da força policial. Em continuidade, a notícia descreve a indumentária e as condições em que o corpo do desconhecido de Belford Roxo foi encontrado.

³⁰⁴ ULTIMA HORA. FUZILADO TEVE OS OLHOS ARRANCADOS. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1968. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=11&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=2>. Acesso em 8 jun. 2016.

³⁰⁵ *ibidem*.

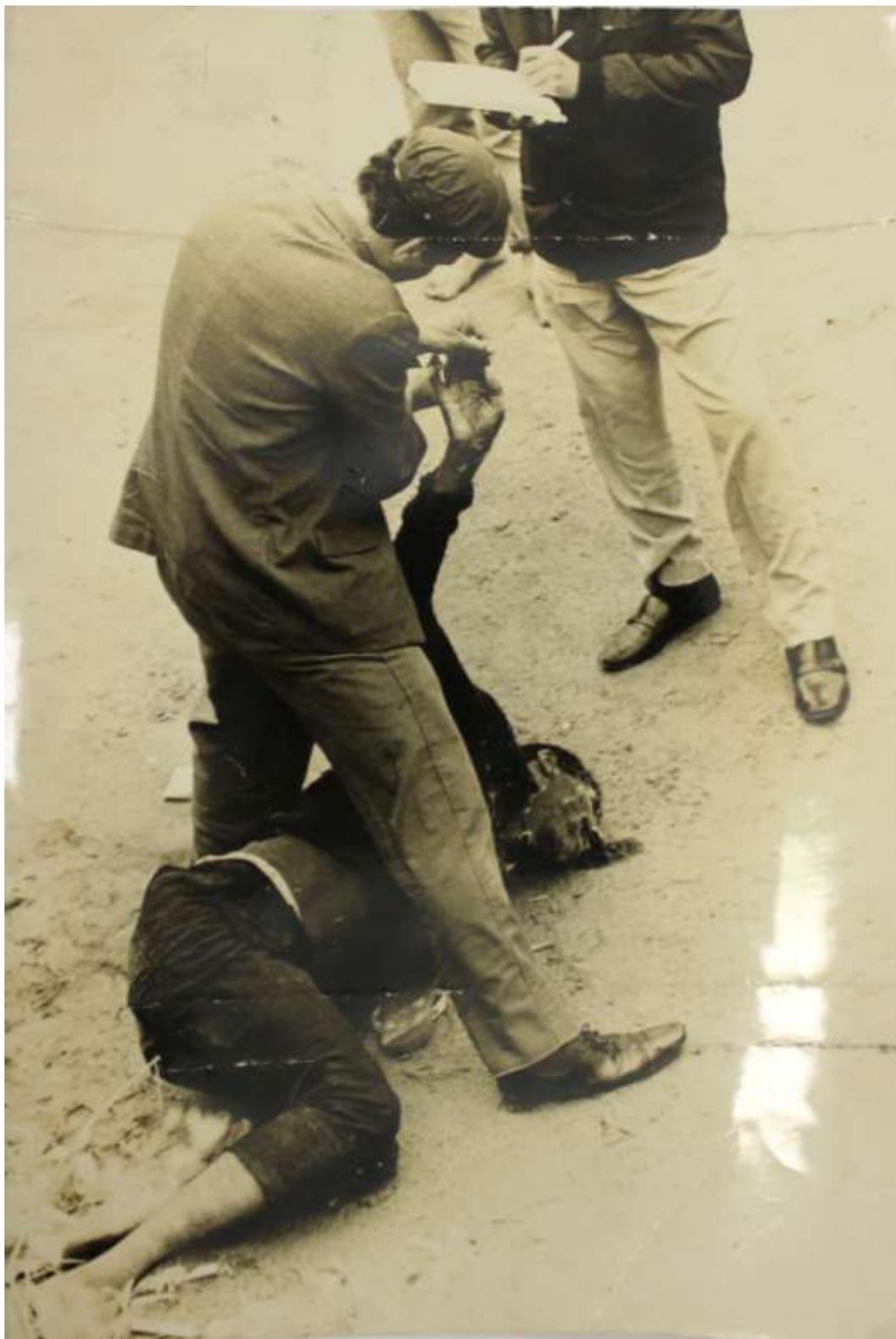


Figura 33 - Fotografia (ICO-UH-1035-064) publicada no *Última Hora*, 11 de outubro de 1968, (ed. vespertina, p.6, 2º caderno). Ruídos nas laterais em função do reflexo de iluminação externa durante a reprodução no AESP. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³⁰⁶

³⁰⁶ FERREIRA. **ICO-UH-1035-064**. TRES DESCONHECIDOS MORTOS A TIROS DE METRALHADORA PELO "ESQUADRÃO DA MORTE", NAS LOCALIDADES DE CAXIAS E BELFORD ROXO. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.

FUZILADO TEVE OS OLHOS ARRANCADOS

Estatística

- 1. Inquiridos mortos, no Estado do Rio de Janeiro, desde o início da revolução de 1938 até o presente. Mas os característicos das vítimas parecem indicar que apenas uma das vítimas pode ser atribuído ao chamado Exército de Deus.
- 2. Inquiridos mortos, no Estado do Rio de Janeiro, desde o início da revolução de 1938 até o presente. Mas os característicos das vítimas parecem indicar que apenas uma das vítimas pode ser atribuído ao chamado Exército de Deus.
- 3. Inquiridos mortos, no Estado do Rio de Janeiro, desde o início da revolução de 1938 até o presente. Mas os característicos das vítimas parecem indicar que apenas uma das vítimas pode ser atribuído ao chamado Exército de Deus.
- 4. Inquiridos mortos, no Estado do Rio de Janeiro, desde o início da revolução de 1938 até o presente. Mas os característicos das vítimas parecem indicar que apenas uma das vítimas pode ser atribuído ao chamado Exército de Deus.
- 5. Inquiridos mortos, no Estado do Rio de Janeiro, desde o início da revolução de 1938 até o presente. Mas os característicos das vítimas parecem indicar que apenas uma das vítimas pode ser atribuído ao chamado Exército de Deus.
- 6. Inquiridos mortos, no Estado do Rio de Janeiro, desde o início da revolução de 1938 até o presente. Mas os característicos das vítimas parecem indicar que apenas uma das vítimas pode ser atribuído ao chamado Exército de Deus.
- 7. Inquiridos mortos, no Estado do Rio de Janeiro, desde o início da revolução de 1938 até o presente. Mas os característicos das vítimas parecem indicar que apenas uma das vítimas pode ser atribuído ao chamado Exército de Deus.
- 8. Inquiridos mortos, no Estado do Rio de Janeiro, desde o início da revolução de 1938 até o presente. Mas os característicos das vítimas parecem indicar que apenas uma das vítimas pode ser atribuído ao chamado Exército de Deus.
- 9. Inquiridos mortos, no Estado do Rio de Janeiro, desde o início da revolução de 1938 até o presente. Mas os característicos das vítimas parecem indicar que apenas uma das vítimas pode ser atribuído ao chamado Exército de Deus.
- 10. Inquiridos mortos, no Estado do Rio de Janeiro, desde o início da revolução de 1938 até o presente. Mas os característicos das vítimas parecem indicar que apenas uma das vítimas pode ser atribuído ao chamado Exército de Deus.



Uma cena durante o assassinato de um dos líderes do Exército de Deus, em 1938. O homem à esquerda é o autor do crime, o homem à direita é o alvo.

História

- 1. No Rio, o Exército de Deus, liderado por Manoel de Jesus, teve um grande sucesso em 1938, quando se apresentou no Teatro Municipal, sob o nome de Exército de Deus. O grupo, formado por cerca de 100 membros, foi recebido com entusiasmo pelo público.
- 2. A ideia surgiu de um grupo de jovens católicos, liderados por Manoel de Jesus, que buscavam uma forma de expressão religiosa e social. O grupo se reuniu no Teatro Municipal, sob o nome de Exército de Deus.
- 3. Manoel de Jesus, o líder do Exército de Deus, foi assassinado em 1938, em um atentado que resultou na morte de um dos líderes do grupo. O assassinato ocorreu no Teatro Municipal, sob o nome de Exército de Deus.
- 4. O Exército de Deus, liderado por Manoel de Jesus, teve um grande sucesso em 1938, quando se apresentou no Teatro Municipal, sob o nome de Exército de Deus. O grupo, formado por cerca de 100 membros, foi recebido com entusiasmo pelo público.

Mais três mutilados por tiros e pancadas

A polícia de segurança pública está tentando descobrir quem matou o líder do Exército de Deus, Manoel de Jesus, e quem foi o autor do crime. O assassinato ocorreu em 1938, em um atentado que resultou na morte de um dos líderes do grupo. O assassinato ocorreu no Teatro Municipal, sob o nome de Exército de Deus.

IDENTIFICADO

O Exército de Deus, liderado por Manoel de Jesus, teve um grande sucesso em 1938, quando se apresentou no Teatro Municipal, sob o nome de Exército de Deus. O grupo, formado por cerca de 100 membros, foi recebido com entusiasmo pelo público.

DESCONHECIDO

O Exército de Deus, liderado por Manoel de Jesus, teve um grande sucesso em 1938, quando se apresentou no Teatro Municipal, sob o nome de Exército de Deus. O grupo, formado por cerca de 100 membros, foi recebido com entusiasmo pelo público.

NO FLAMENGO

O Exército de Deus, liderado por Manoel de Jesus, teve um grande sucesso em 1938, quando se apresentou no Teatro Municipal, sob o nome de Exército de Deus. O grupo, formado por cerca de 100 membros, foi recebido com entusiasmo pelo público.

DESAPARECIDO

O Exército de Deus, liderado por Manoel de Jesus, teve um grande sucesso em 1938, quando se apresentou no Teatro Municipal, sob o nome de Exército de Deus. O grupo, formado por cerca de 100 membros, foi recebido com entusiasmo pelo público.

FETOPOLIS

O Exército de Deus, liderado por Manoel de Jesus, teve um grande sucesso em 1938, quando se apresentou no Teatro Municipal, sob o nome de Exército de Deus. O grupo, formado por cerca de 100 membros, foi recebido com entusiasmo pelo público.

ALERTA

O Exército de Deus, liderado por Manoel de Jesus, teve um grande sucesso em 1938, quando se apresentou no Teatro Municipal, sob o nome de Exército de Deus. O grupo, formado por cerca de 100 membros, foi recebido com entusiasmo pelo público.

ESTACA SECO

O Exército de Deus, liderado por Manoel de Jesus, teve um grande sucesso em 1938, quando se apresentou no Teatro Municipal, sob o nome de Exército de Deus. O grupo, formado por cerca de 100 membros, foi recebido com entusiasmo pelo público.

UM AMOR

Romance Policial

De J. J. Veira

RP chamando

De J. J. Veira

Lei dos homens

Mário Augusto

OS "18"

Mário Augusto

Figura 34 - Última Hora, 11 de outubro de 1968 (ed. vespertina, p. 6, 2º caderno). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca).

Era um homem prêto, de calça de tergal, pulover, azul de lã e tinha os olhos vazados e 5 tiros de 45 no rosto. No pescoço, a marca registrada do "Esquadrão da Morte", um colar de enforcamento.³⁰⁷

Posteriormente, sob o subtítulo "DESCONHECIDO", o cadáver fotografado é novamente descrito:

Foi removido para o necrotério de Nova Iguaçu o corpo do homem prêto, de 38 anos presumíveis, abatido a tiros de grosso calibre na Estrada Retiro da Imprensa, em Belford Roxo. Os assassinos também usaram uma corda de náilon para estrangulá-lo, furando-lhe os olhos, num espantoso requinte de crueldade. O desconhecido tinha os bolsos revirados, como se os algozes tivessem a preocupação de tirar qualquer objeto ou documento que pudesse identificá-lo.³⁰⁸

Apesar das referências ao Esquadrão na descrição do cadáver e do histórico de mortes causadas pelo grupo trazido ao lado da fotografia, o jornal anuncia no corpo da matéria, em dois momentos, que o porta-voz do Esquadrão, Rosa-Vermelha, comunicou à redação que estas vítimas encontradas nas últimas 48 horas não são de seu grupo e que qualquer atribuição de autoria seria vista como uma provocação.³⁰⁹ As declarações de Rosa-Vermelha, além de enfatizarem a *sujeição criminal* das vítimas, servem como uma confissão de produção do evento noticiável: "O nosso protesto é traduzido por rajadas de metralhadoras nos marginais", uma declaração considerada teatral pela própria redação. "Se o Governo não os quer ver mortos, se não quer ver uma imagem brutal do País traduzida no exterior, que providencie uma penitenciária na selva amazônica para os chamados delinqüentes irrecuperáveis".³¹⁰ Para Patrick Champagne, em seu livro *Formar a Opinião*, a produção dos eventos noticiados se dá de maneira coletiva antes mesmo do evento ser percebido por um jornalista como noticiável: "fabricar um

³⁰⁷ ibidem.

³⁰⁸ ibidem.

³⁰⁹ "Nós somente voltaremos a matar - disse - a partir de meia-noite de hoje (sexta-feira). Antes disso consideraremos provocação qualquer crime que for imputado a nós. Também alertamos à população para que fique tranqüila pois somente mataremos bandidos considerados irrecuperáveis." ULTIMA HORA. FUZILADO TEVE OS OLHOS ARRANCADOS. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1968. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=11&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=2>. Acesso em 8 jun. 2016.

³¹⁰ ibidem.

acontecimento é conseguir, no sentido mais amplo da expressão, 'realizar uma *performance*' diante dos jornalistas [...].³¹¹

A própria matéria se contradiz, por afirmar na manchete de capa a atuação do EM em ao menos um caso e atestar na notícia – por meio do Rosa-Vermelha – a não autoria do grupo em nenhuma das três execuções. Uma das possíveis explicações para "estratégia" do jornal é que as execuções do Esquadrão conferiam maior noticiabilidade entre seu público leitor do que um caso de assassinato qualquer, motivando-os apenas com o título da notícia, chamada e *lead* na capa a adquirir o jornal. Patrick Champagne salienta ainda que os jornalistas detém conhecimento de que a primeira página de um jornal ou semanário possui maior publicidade que o artigo em seu interior,³¹² sendo uma espécie "vitrine" do que o jornal tem de melhor a oferecer,³¹³ podendo ser usada como ferramenta mercadológica. De qualquer forma, com ou sem autoria da execução no Belford Roxo, o Esquadrão conseguiu espaço para divulgar seu "protesto" na página policial desta edição.

3.3 "MATADORES CUMPRIRAM A PROMESSA SANGRENTA; ROSA VERMELHA EXECUTOU 3 NO FIM DE SEMANA", 14 de outubro de 1968

A hemeroteca do AESP possui apenas a capa da edição matutina de 14 de outubro de 1968³¹⁴ (Figura 35), com a manchete "Esquadrão desafia a Lei: Mais 3 mortos", situada na região superior esquerda da página, apresentando baixa saliência entre duas manchetes de alta saliência.³¹⁵ A manchete é acompanhada de uma fotografia, disponível para consulta no setor

³¹¹ CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a Opinião**: o novo jogo político. trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996. p.224.

³¹² *ibidem*. p.229.

³¹³ CHAMPAGNE, Patrick. L'événement comme enjeu. **Réseaux**, Paris, v. 18, n. 100, p.403-426, 2000. Disponível em: <http://www.persee.fr/docAsPDF/reso_0751-7971_2000_num_18_100_2231.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2016.

³¹⁴ ULTIMA HORA. Esquadrão desafia a Lei: Mais 3 mortos. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=14&mes=10&ano=1968&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

³¹⁵ Região superior: "FLU VENCEU COM A MÃO"; região inferior: "Capitão morto é terror anti-EUA".

iconográfico do AESP (Figura 36): capturada em orientação horizontal (paisagem) e angulação frontal, a imagem fotografada registra o corpo da vítima sendo examinado pelo perito, que aparenta estar virando o corpo no momento da captura da imagem. Ao fundo, há cinco indivíduos, que tudo indica serem moradores da região, observando o morto. O *lead* aponta que mais três "pretensos marginais" foram mortos no fim de semana e que "um dos crimes indica a aliança de 'bicheiros' e 'gangsters' com policiais".³¹⁶

A existência da fotografia inicialmente capturada e a chamada de capa com a imagem publicada possibilitou a análise comparativa e a confecção da Tabela 5.

(continua)

Parâmetros gerais da reportagem			
Nome da Reportagem:	Esquadrão desafia a Lei: Mais 3 mortos		
Data e Local:	Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968		
		Foto 1 (ICO-UH-1034-091)	Total
Tamanho da Fotografia na reportagem	Área da fotografia em relação ao quadro total da matéria (medida em fração)	3/4	3/4
Tamanho da Fotografia na página do jornal	Área da fotografia em relação à área da folha de jornal (medida em fração)	~1/13	~1/13
Fotografia acompanha assinatura do fotógrafo	sim; não	não	
Fotografia acompanha legenda	sim; não	não	
Uso de Flash	sim; não	não	
Luminosidade	luz noturna, luz diurna, contraluz	luz diurna	
Tipo de lente	lente normal, grande-angular, <i>fish-eye</i> , etc.	lente normal	
Alteração do fator de corte	sim; não	sim	
Alteração de orientação (rotação)	90°, -90°, 180°, etc	não há	

³¹⁶ ULTIMA HORA. Esquadrão desafia a Lei: Mais 3 mortos. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=14&mes=10&ano=1968&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

(conclusão)

Enquadramento (Foto original)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	plano geral	
Enquadramento (Foto Publicada)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	plano geral	
Angulação da lente (Foto Original)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	mesma altura do assunto	
Angulação da lente (Foto Publicada)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	mesma altura do assunto	
Orientação - Foto original	Horizontal (paisagem), vertical (retrato)	horizontal	
Orientação - Foto publicada	Horizontal (paisagem), vertical (retrato)	horizontal	
Informação censurada pelo fator de corte	Área não publicada da fotografia original (medida em fração)	2/3	
Interação Texto/Imagem	Texto reforça determinado aspecto da imagem (ainda que de forma irônica): sim; não	não	

Tabela 5 - Análise dos componentes visuais da notícia - Esquadrão desafia a Lei: Mais 3 mortos, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968.

FLU VENCEU COM A MÃO



Esquadrão desafia a Lei: Mais 3 mortos

Em outro desfilio de homicídios, o Esquadrão de Morte, que tem prestado serviços desde a criação da Lei de Segurança Nacional, matou três pessoas. (Página 12)



1. Após cobrança em dois gols, mais tentativas de marcar no gol. O goleiro titular Wilson realizou um lançamento de Cláudio, do intermediário, a fechar para o meio, ao mesmo tempo em que o goleiro Marco desfilou para...

Capitão morto é terror anti-EUA



Novo caso de guerra nos matadouros de Curitiba, envolvendo Cláudio Cláudio, a Polícia de São Paulo deve entrar em jogo que levou ao fuzilamento. (Pag. 4)

Ultima Hora

Ano XVII — Rio de Janeiro, Segunda-feira, 14/10/1968 — N.º 2248 — R\$0,50

"GRIPE CÓSMICA" AMEAÇA HOMENS QUE IRÃO À LUA

A gripe que ataca os três tripulantes do novo "Apollo" pode matar um astronauta e um veículo para a lua. O novo veículo, desenvolvido no complexo do Can, já que o atual não permitia para 11 dias, poderá ser encurtado. De volta do "Apollo" depende a continuidade do programa que prevê a envio de um novo tripulante ao satélite natural da Terra, em fins de 1969. Um dos tripulantes do "Apollo" foi resgatado por resgateiro de Comandante Schmitt, que argumenta não poder continuar a perigosa jornada, segundo está sendo diálogo entre os líderes da terra e a administração, que se encontra fora em seu prazo. (Uma reportagem em outra página)



2. Não alcançou a bola, Wilson aproveitou a jogada com um chute potente, só não por falta de precisão. Com o meio, o atacante Wilson, teve a gol e um mês.



3. O lance não foi de valor que depois o goleiro Wilson ficou desconcertado, após outro chute potente de Ademir Marques. Mas o goleiro titular Wilson, que estava para o centro e a vitória continuou a gol. (Linha de Cláudio Espinosa)

Panamá: tiroteio antigolpe

República de Panamá em situação de tensão no Colômbio de Panamá, na qual ocorreu um tiroteio. O Presidente deve assumir o cargo no caso de renúncia de Canal. (P. 8)

Maioria ameaça festivais

Comentários sobre festivais de música em São Paulo, Cláudio Cláudio e outros músicos. (Página 12)



Prisão em massa acordou Congresso da UNE

O Congresso da UNE debateu a prisão em massa de estudantes. (Página 12)

Minuto final

Racismo no Vietnã

O Major negro Lucull Merritt, de 22 anos de idade, foi visto em um filme, distribuído entre os soldados americanos em Saigon. (Página 12)



Os sinos da paixão dobram hoje por Manuel Bandeira

Manuel Bandeira Bandeira, a partir do momento em que se tornou um dos maiores poetas brasileiros. (Página 12)

PEDIDO DE CASSAÇÃO NA CÂMARA ESTA SEMANA

Figura 35 - *Ultima Hora*, 14 de outubro de 1968 (ed. matutina, p.1). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca).



Figura 36 - *Fotografia* (ICO-UH-1034-091) publicada no *Ultima Hora*, 14 de outubro de 1968, (ed. matutina, p.1). Ruídos nos cantos superiores em função das mãos da pesquisadora. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³¹⁷

Ao compararmos a fotografia inicialmente capturada com a fotografia publicada na capa da edição matutina, vemos que elementos como orientação, enquadramento e angulação permaneceram inalterados, havendo apenas a supressão das extremidades superior e inferior da fotografia, com o intuito aproximar e enfatizar a ação do perito no corpo da vítima, reduzindo discretamente o tamanho da fotografia publicada em relação à original. Outra característica que chama a atenção é o contraste tonal da indumentária do perito, predominantemente escura, em comparação à vestimenta dos demais indivíduos na imagem (tons claros e meio-tom). As anotações no verso da fotografia indicam Amado Ribeiro e Joaquim Ribeiro como repórter e fotógrafo, respectivamente.

Na capa da edição vespertina³¹⁸ (Figura 37), a manchete é alterada para "ESQUADRÃO DESAFIA A LEI FUZILANDO MAIS TRÊS", situada na

³¹⁷ RIBEIRO. **ICO-UH-1034-091**. DENILSON CLAUDIO BRÁS, bicheiro, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", na Estrada Rio-São Paulo. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.

³¹⁸ **ULTIMA HORA**. ESQUADRÃO DESAFIA A LEI FUZILANDO MAIS TRÊS. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968. p.1. Disponível em:

extremidade superior da página, sem fotografia ou *lead*, apenas indicação da página policial, onde o tema será desenvolvido. A capa desta edição tem como destaque o assassinato do capitão norte-americano Charles Chandler no Brasil (região central da página, com fotografia e manchete de alta saliência).



Figura 37 - *Ultima Hora*, 14 de outubro de 1968 (ed. vespertina, p.1). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca).

<http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=14&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

Há uma fotografia disponível no AESP e não publicada nesta edição, mas que viria a ser publicada em 22 de fevereiro de 1969, edição também compreendida para análise neste capítulo. A fotografia não publicada apresenta o perito posicionado sobre o corpo da vítima, suspendendo os braços desta pelas mangas, estando ao fundo nove indivíduos, aparentemente transeuntes, exceto dois à direita da imagem – um com uma prancheta e outro com um quepe de polícia – provavelmente acompanhando o perito. O contraste tonal entre as indumentárias do perito, da vítima, e demais elementos que os circundam, ajudam a enfatizar o primeiro plano (Figura 38).



Figura 38 - Fotografia não publicada da vítima (ICO-UH-1035-081). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³¹⁹

Na reportagem de alta saliência, situada na página 6 do 2º caderno vespertino (Figura 39), sob a manchete "MATADORES CUMPRIRAM A PROMESSA SANGRENTA" (extremidade superior da página), estão dispostas quatro fotografias, todas elas disponíveis também no setor iconográfico do AESP, o que possibilitou a análise comparativa e a elaboração da tabela 6. A ordem de identificação e descrição das fotografias seguirá a ordem de leitura ocidental (da esquerda para a direita, de cima para baixo) com base na página do jornal.

³¹⁹ FERREIRA. **ICO-UH-1035-081**. TRES DESCONHECIDOS MORTOS A TIROS DE METRALHADORA PELO "ESQUADRÃO DA MORTE" NAS LOCALIDADES DE CAXIAS E BELFORD ROXO; na foto o perito Paulo Diniz Junqueira, quando examinava um dos cadáveres. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP. Fotografia erroneamente catalogada pelo Arquivo Técnico do Última Hora: uma comparação com as demais fotografias publicadas em 14 de outubro de 1968 nos permite identificá-la como pertencente à mesma série. A suposta autoria da fotografia (Ferreira) encontra-se discordante com o restante da série, provavelmente devido ao mesmo erro de catalogação *a posteriori*.

MATADORES CUMPRIRAM A PROMESSA SANGRENTA



À esquerda: o 2º de Polícia chegou tarde para salvar a vida de uma vítima. À direita: o 2º de Polícia chegou tarde para salvar a vida de uma vítima.

Romance Policial

Só Carolina não viu

Carolina de Almeida morreu no domingo, vítima de um assassinato. O crime aconteceu em São Paulo, no bairro de Vila Rica, às 22h30. O corpo foi encontrado em um apartamento alugado por ela. O crime foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida. O crime foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida. O crime foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.

RP chamando

- O crime de São Paulo, o assassinato de Carolina de Almeida, foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.
- O crime de São Paulo, o assassinato de Carolina de Almeida, foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.
- O crime de São Paulo, o assassinato de Carolina de Almeida, foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.
- O crime de São Paulo, o assassinato de Carolina de Almeida, foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.
- O crime de São Paulo, o assassinato de Carolina de Almeida, foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.
- O crime de São Paulo, o assassinato de Carolina de Almeida, foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.
- O crime de São Paulo, o assassinato de Carolina de Almeida, foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.
- O crime de São Paulo, o assassinato de Carolina de Almeida, foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.
- O crime de São Paulo, o assassinato de Carolina de Almeida, foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.
- O crime de São Paulo, o assassinato de Carolina de Almeida, foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.



Polícia mata assassino.

Assaltos abertamente às autoridades representadas pelo Ministério Público, com Promotor Augusto Assis das Neves e detidos nos últimos dias do Estado de São Paulo, a grupo que se identifica como 'Tropa Vermelha' continua a promover atos de violência, no último sábado, durante mais de 24 horas, matando um magistrado de São Paulo e detendo outros.

ROSA VERMELHA EXECUTOU 3 NO FIM DE SEMANA



Paulo Roberto Pereira, um dos líderes da 'Tropa Vermelha'.

Um grupo armado de latão, identificado como 'Tropa Vermelha', executou três pessoas no fim de semana em São Paulo. O crime aconteceu em São Paulo, no bairro de Vila Rica, às 22h30. O crime foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.

O crime aconteceu em São Paulo, no bairro de Vila Rica, às 22h30. O crime foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida. O crime foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.

O crime aconteceu em São Paulo, no bairro de Vila Rica, às 22h30. O crime foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida. O crime foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.

O crime aconteceu em São Paulo, no bairro de Vila Rica, às 22h30. O crime foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida. O crime foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.

O crime aconteceu em São Paulo, no bairro de Vila Rica, às 22h30. O crime foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida. O crime foi cometido por um casal de amantes, o casal de amantes de Carolina de Almeida.

Figura 39 - Última Hora, 14 de outubro de 1968 (ed. vespertina, p.6, 2º caderno). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca).

(continua)

Parâmetros gerais da reportagem						
Nome da Reportagem:	MATADORES CUMPRIRAM A PROMESSA SANGRENTA; ROSA VERMELHA EXECUTOU 3 NO FIM DE SEMANA					
Data e Local:	Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968					
		Foto 1 (ICO-UH-1034-092)	Foto 2 (ICO-UH-1034-078)	Foto 3 (ICO-UH-1034-090)	Foto 4 (ICO-UH-1034-096)	Total
Tamanho da Fotografia na reportagem	Área da fotografia em relação ao quadro total da matéria (medida em fração)	1/10	1/10	1/40	1/5	17/40
Tamanho da Fotografia na página do jornal	Área da fotografia em relação à área da folha de jornal (medida em fração)	2/27	2/27	1/54	4/27	17/54
Fotografia acompanha assinatura do fotógrafo	sim; não	não	não	não	não	
Fotografia acompanha legenda	sim; não	sim	sim	não	sim	
Uso de Flash	sim; não	não	não	não	não	
Luminosidade	luz noturna, luz diurna, contraluz	diurna	diurna	diurna	diurna	
Tipo de lente	lente normal, grande-angular, <i>fish-eye</i> , etc.	normal	normal	normal	normal	
Alteração do fator de corte	Sim; Não	sim	sim	sim	sim	
Alteração de orientação (rotação)	90°, -90°, 180°, etc	não há	não há	espelhamento horizontal	espelhamento horizontal	
Enquadramento (Foto original)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PM	PM	PP	PP	

(conclusão)

Enquadramento (Foto Publicada)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PM	PM	PD	CL	
Angulação da lente (Foto Original)	mergulho (plongée), contra-mergulho (contre-plongée), mesma altura do assunto, zenital (plongée absoluto), contra-zenital (contre-plongée absoluto), plano frontal, plano lateral (perfil), plano de 1/4 (perfil perdu), plano de 3/4	mergulho (plongée) e plano de 1/4 (perfil perdu)	mesma altura do assunto e plano frontal	mergulho (plongée)	mesma altura do assunto e lateral (perfil)	
Angulação da lente (Foto Publicada)	mergulho (plongée), contra-mergulho (contre-plongée), mesma altura do assunto, zenital (plongée absoluto), contra-zenital (contre-plongée absoluto), plano frontal, plano lateral (perfil), plano de 1/4 (perfil perdu), plano de 3/4	mergulho (plongée) e plano de 1/4 (perfil perdu)	mesma altura do assunto e plano frontal	mergulho (plongée)	mesma altura do assunto e lateral (perfil)	
Orientação - Foto original	Horizontal (paisagem), vertical (retrato)	horizontal	horizontal	horizontal	vertical	
Orientação - Foto publicada	Horizontal (paisagem), vertical (retrato)	horizontal	horizontal	horizontal	vertical	
Informação censurada pelo fator de corte	Área da fotografia original - Área da fotografia publicada (medida em fração)	1/3	1/3	8/9	1/3	
Interação Texto/Imagem	Texto reforça determinado aspecto da imagem (ainda que de forma irônica): sim; não	sim	sim	sim	sim	

Tabela 6 - Análise dos componentes visuais da notícia - MATADORES CUMPRIRAM A PROMESSA SANGRENTA; ROSA VERMELHA EXECUTOU 3 NO FIM DE SEMANA, Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968.

A primeira fotografia, situada na parte superior esquerda da página, traz a vítima caída, aparentemente em um caminho ou estrada de terra, com a mão esquerda apoiada sobre o chão e o cotovelo ligeiramente suspenso, tendo ao redor de sua cabeça uma pequena poça de sangue. A fotografia se apresenta em orientação horizontal (paisagem), angulação da câmera em mergulho e enquadramento de plano médio. Ao compararmos a fotografia inicialmente capturada durante a cobertura da reportagem (Figura 40) com a fotografia publicada, é possível ver o pente de pistola 45 em frente à cabeça da vítima, elemento que seria enfatizado abaixo, na terceira fotografia e no corpo de texto da matéria, ao relatar o ocorrido com a vítima na subseção "TERCEIRO". A redução da área da fotografia com o fator de corte foi de aproximadamente 1/3, suprimindo as regiões inferior e superior da fotografia, eliminando o pente de pistola 45, mas preservando o assunto principal – a cabeça da vítima sobre uma poça de sangue – sem quaisquer alterações de orientação, enquadramento ou adição de elementos informativos diretamente sobre a foto.

A segunda fotografia mostra o corpo sendo examinado pelo perito, agachado à sua frente, e rodeado de outros indivíduos, que parecem ser moradores locais ou transeuntes. Esta fotografia também apresenta orientação horizontal (paisagem), mas com angulação frontal em mesma altura do assunto. Ao ser publicada, a fotografia inicialmente capturada pelo fotógrafo no local do crime também perdeu aproximadamente 1/3 de sua área, de modo a eliminar informações como o rosto de alguns dos indivíduos ao fundo, parte da cabeça do perito e parte do corpo da vítima, mas preservando o assunto principal: a vítima sendo examinada pelo perito (Figura 41). Não existem alterações de orientação ou adição de elementos informativos diretamente na imagem. A legenda é disposta com o propósito de adicionar informações às fotografias supracitadas, perpassando o limite de ambas as imagens dentro da mancha gráfica. De acordo com a legenda, "A vítima nº 3 do fim-de-semana tinha uma tatuagem na coxa direita, com os dizeres 'Amor de Dulcinéia', um lenço branco, com a inicial A, a roupa toda nova, um crucifixo num cordão de ouro e um anel com pedra vermelha"; elementos que auxiliam na construção do *pseudoambiente* detalhado acerca da vítima pelo leitor e enriquecem a narrativa, descrevendo detalhes que não são possíveis de se observar apenas com as fotografias.



Figura 40 - Fotografia (ICO-UH-1034-092) publicada no *Ultima Hora*, 14 de outubro de 1968, (ed. vespertina, p.13, 1º caderno). Ruídos nas partes superior e inferior em função das mãos da pesquisadora. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³²⁰



Figura 41 - Fotografia (ICO-UH-1034-078) publicada no *Ultima Hora*, 14 de outubro de 1968, (ed. vespertina, p.13, 1º caderno). Ruídos nas partes superior e inferior em função das mãos da pesquisadora. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³²¹

³²⁰ RIBEIRO. **ICO-UH-1034-092**. DENILSON CLAUDIO BRÁS, bicheiro, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", na Estrada Rio-São Paulo. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

A terceira fotografia, situada acima da segunda manchete, "ROSA VERMELHA EXECUTOU 3 NO FIM DE SEMANA", destaca o pente de balas de calibre 45 deixado próximo ao corpo. A fotografia antes de ser publicada (Figura 42) apresenta o pente de balas próximo à cabeça do cadáver, cuja lateral da face encontra-se encostada ao chão. A orientação da fotografia é horizontal (paisagem), angulação de lente em mergulho e enquadramento de plano próximo. Com o fator de corte houve a eliminação de 8/9 da área total da fotografia e alteração do enquadramento em plano detalhe, ocorrendo também o espelhamento horizontal da imagem. A alteração do *studium* através do fator de corte resulta, também, numa alteração das possibilidades de *punctum*: a publicação do pente de balas como elemento central, de destaque, dividindo espaço apenas com poucos gravetos e grama, causa a impressão de distanciamento físico significativo entre este e o corpo, impressão reforçada pela censura do mesmo elemento na primeira fotografia, mas que seria quebrada com o texto. A eliminação do rosto da vítima, de pele escura, e da poça de sangue exclui uma possibilidade de *punctum* por contraste tonal.

Conforme descrito na reportagem, o pente de balas carregado foi propositalmente deixado próximo à vítima como um sinal da autoria do Esquadrão da Morte, ao invés do cartaz usualmente colocado com o símbolo de uma caveira e dois ossos entrecruzados.³²² Segundo o jornal, esta informação teria sido adquirida diretamente com o porta-voz do grupo, o Rosa Vermelha, que entrou em contato com a redação na última sexta-feira, 11 de outubro de 1968, quando o periódico noticiou a morte de 3 indivíduos. Entretanto, ao analisarmos novamente a reportagem do dia 11 de outubro, em nenhum momento esta informação é descrita. Para Patrick Champagne,³²³ a criação do evento jornalístico exige cautela: a

³²¹ RIBEIRO. **ICO-UH-1034-078**. DENILSON CLAUDIO BRÁS, bicheiro, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", na Estrada Rio-São Paulo. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.

³²² "Ao lado do cadáver foi abandonado um carregador de pistola 45 com quatro balas intactas. O detalhe do carregador era conhecido da reportagem desde sexta-feira, quando o indivíduo, que se identifica por Rosa Vermelha, disse, pelo telefone, que abandonaria o pente em lugar do desenho com a caveira e dois ossos cruzados para que fôsse evitada a confusão que vinha sendo feita com os componentes da 'Scuderie Detetive Milton Le Cocq' uma 'organização pacífica e que usa um emblema com aquelas características'". ULTIMA HORA. ROSA VERMELHA EXECUTOU 3 NO FIM DE SEMANA. **Última Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968. p.13. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=14&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

³²³ CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a Opinião: o novo jogo político**. trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996. p.224.

credibilidade do jornalista pode ser corroída tanto ao ignorar um evento que não poderia deixar de ser relatado quanto ao inventar arbitrariamente parcelas significativas de um evento (ou ele como um todo). A inserção de pequenas informações adicionais parcialmente amparadas nos registros anteriores parece ser a estratégia escolhida pelo *Ultima Hora* para evitar a corrosão da credibilidade sem deixar de recorrer à inventiva



Figura 42 - Fotografia (ICO-UH-1034-090) publicada no *Ultima Hora*, 14 de outubro de 1968, (ed. vespertina, p. 13, 1º caderno). Ruídos nos cantos em função das mãos da pesquisadora. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³²⁴

A proximidade entre as três fotografias supracitadas na mancha gráfica do jornal cria um efeito que Barthes chamaria, em *A mensagem fotográfica*, de sintaxe: as fotografias em sequência fornecem uma leitura mais detalhada da cena do crime e do ato pericial do que apenas uma fotografia em plano geral para a reportagem. Alguns detalhes tenderiam a desaparecer em função da escala de planos (o pente de balas, por exemplo) ou da sequência de eventos (cena encontrada, cena periciada), não podendo ser apresentados apenas com uma única fotografia.

A quarta fotografia é do pai de Ulisses Pereira Padrão, o "Morcêgo", morto pelo Esquadrão da Morte em outubro de 1968,³²⁵ Raul Pereira Padrão. Na legenda

³²⁴ RIBEIRO. **ICO-UH-1034-090**. DENILSON CLAUDIO BRÁS, bicheiro, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", na Estrada Rio-São Paulo. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.

consta que Raul iria se encontrar com o promotor Rodolfo Avena para apresentar uma testemunha que delataria os policiais responsáveis pelo sequestro e morte de seu filho. Em comparação com a fotografia inicialmente capturada, de orientação vertical (retrato), posição da lente em plano lateral (*perfil*), mesma altura do assunto, e enquadramento de plano próximo (Figura 43), a fotografia publicada foi espelhada e sofreu perda de 1/3 de sua área, dando a impressão de maior proximidade em relação ao assunto (efeito close-up), mantendo a atenção do observador (*punctum*) sobre as mãos e a expressão facial de Raul Pereira Padrão.

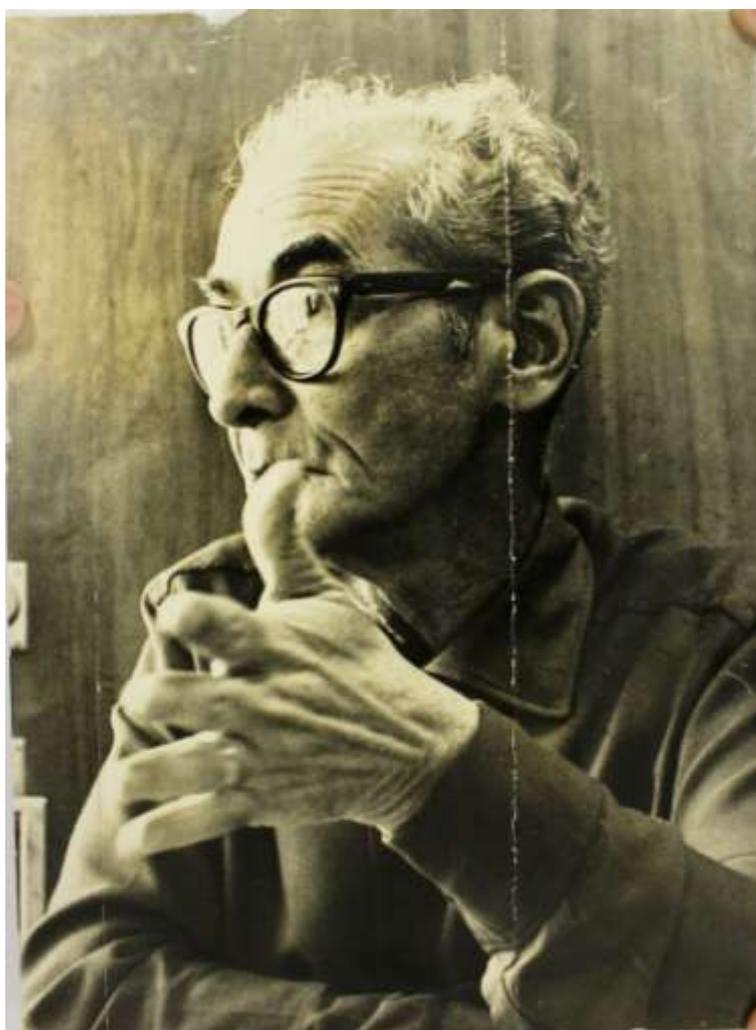


Figura 43 - Fotografia (ICO-UH-1034-096) publicada no *Ultima Hora*, 14 de outubro de 1968, (ed. vespertina, p.13, 1º caderno). Ruídos nas partes lateral esquerda e canto superior direito em função das mãos da pesquisadora. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³²⁶

³²⁵ Cf. p.116, 117 e 120 desta dissertação.

³²⁶ RIBEIRO. **ICO-UH-1034-096**. ULISSES PEREIRA PADRÃO, o "MORCÊGO", ladrão de automóveis, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", em Realengo; Raul Pereira Padrão, pai da vítima. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

O corpo de texto aborda inicialmente a terceira vítima do Esquadrão no fim de semana, caso que possui a maior ênfase na reportagem, tanto textual quanto iconográfica. Segundo a notícia, o corpo foi abandonado de um carro em alta velocidade na altura do quilômetro 52 da antiga rodovia Rio-São Paulo, abatido por tiros de calibre 45 e pistola 7,65mm. O corpo da vítima sem identificação é descrito em várias ocasiões da manchete: no *lead* da notícia, na legenda das duas fotografias e na área da reportagem destinada ao caso, na seção “Terceiro”.

A primeira vítima, identificada como Carlos Alberto Brás, foi morta na Parada de Lucas (Zona Norte do Rio de Janeiro) pela polícia, que desferiu os tiros de dentro de um automóvel preto, atingindo dois tiros na cabeça, dois nas costas e outro no braço esquerdo da vítima. A indumentária é brevemente descrita na reportagem, mencionando que a vítima estava bem vestida, com sapatos engraxados e unhas polidas. Entre as três vítimas descritas, este é o caso que possui menor ênfase dentro da reportagem.

A segunda vítima, sem identificação, foi morta a tiros pelo policial Paulo da Portela na Praça Getúlio Vargas, em São João do Meriti. A informação de que o policial seria o assassino foi dada por um indivíduo que se identificou apenas como motorista de táxi. O jornal relata que o policial era apontado como chefe do Esquadrão na supracitada cidade e possuía ligações com o banqueiro de bicho Arlindo Razuck. A vítima é descrita como:

[...] um homem preto que trajava calça escura, blusão azul e capa de nylon cinza, do tipo usado pela PM da Guanabara. O desconhecido tinha sapatos pretos e aparentava 35 anos. Recebeu dois tiros no tórax e um no ouvido esquerdo.³²⁷

O delegado Maron e o perito Gilberto, que estiveram no local do crime, vasculharam as roupas do cadáver, encontrando um bloco de receituário da oftalmologista Margaret Leal de Carvalho com anotações de ponto de macumba e os números 1.224 e 1.223, uma ficha de empresa de ônibus e um bilhete de passes da linha Caxias-Madureira. A oftalmologista entrou em contato com a redação do *UH*,

³²⁷ ULTIMA HORA. ROSA VERMELHA EXECUTOU 3 NO FIM DE SEMANA. *Ultima Hora* (Vespertino), Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968. p.13. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=14&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

declarando que não possuía consultório particular e trabalhava apenas no INPS³²⁸ e no Arsenal da Marinha.

A terceira e última vítima descrita na notícia foi encontrada na altura do quilômetro 52 da estrada Rio-São Paulo e próxima do Cemitério Santa Sofia onde, dez dias antes, outros 3 corpos foram "trucidados pelo grupo da **Rosa Vermelha**, na Reta de Itaguaí."³²⁹ O homem preto, bem trajado é descrito de forma detalhada:

O desconhecido vestia terno verde, de tropical, camisa amarela, de mangas compridas, camiseta tipo "arrastão", tinha um anel de ouro com pedra vermelha no dedo anular da mão esquerda e, no pescoço, uma corrente de ouro com um crucifixo e uma figa. Nos seus bolsos foram encontrados dois lenços, um azul e um branco com a inicial A, o resultado do jôgo-de-bicho de sábado, papel de vale com a importância de NCr\$ 200,00 e um pacotinho de maconha. Tinha a cabeça esfacelada a tiros que também o atingiram no tórax e nas nádegas, como nos demais cadáveres, vítimas do grupo da **Rosa Vermelha**. O pente de pistola 45 foi propositalmente deixado ao lado do corpo. Na perna esquerda, na coxa, onde também se via uma perfuração de bala, foi encontrada uma tatuagem com os dizeres "Amor de Dulcinéia".³³⁰

O emprego do termo "desconhecido" e a presença do nome "Denilson Cláudio Brás" no verso das fotografias disponíveis para consulta no setor iconográfico do AESP impõem um desafio extra para a presente análise, sendo necessário recorrer a fontes externas para uma melhor compreensão desta particularidade. Conforme pesquisado na base de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, para fins comparativos, os periódicos populares *Correio da Manhã*³³¹ e *Diário de Notícias*³³² apresentam descrições concordantes da vítima,

³²⁸ Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), foi um órgão previdenciário do governo federal criado através do Decreto nº 72, de 21 de novembro de 1966 e extinto pela Lei nº 8.029, de 12 de abril de 1990, que criou o atual Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). ABREU, Alzira Alves de. Instituto Nacional de Previdência Social. In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro** - DHBB. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC (Verbete). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-nacional-de-previdencia-social-inps>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

³²⁹ ULTIMA HORA. ROSA VERMELHA EXECUTOU 3 NO FIM DE SEMANA. **Última Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968. p.13. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=14&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

³³⁰ Ibidem.

³³¹ CORREIO DA MANHÃ. Polícia descobre jôgo e tóxicos nos crimes da Baixada. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1968. p.10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/089842_07/96439>. Acesso em: 25 nov. 2016.

identificada como Denilson Cláudio Brás, tal como consta no verso das fotografias do *Ultima Hora*. É digno de nota que esses dois periódicos relataram o caso sem menção ao pente de balas, tampouco a ligações telefônicas do porta-voz do Esquadrão, Rosa Vermelha. A omissão do nome nas páginas do *Ultima Hora* e sua presença nos versos das fotografias pode ser explicado por uma catalogação a *posteriori*, realizada pelo Arquivo Técnico do jornal (Figura 44).

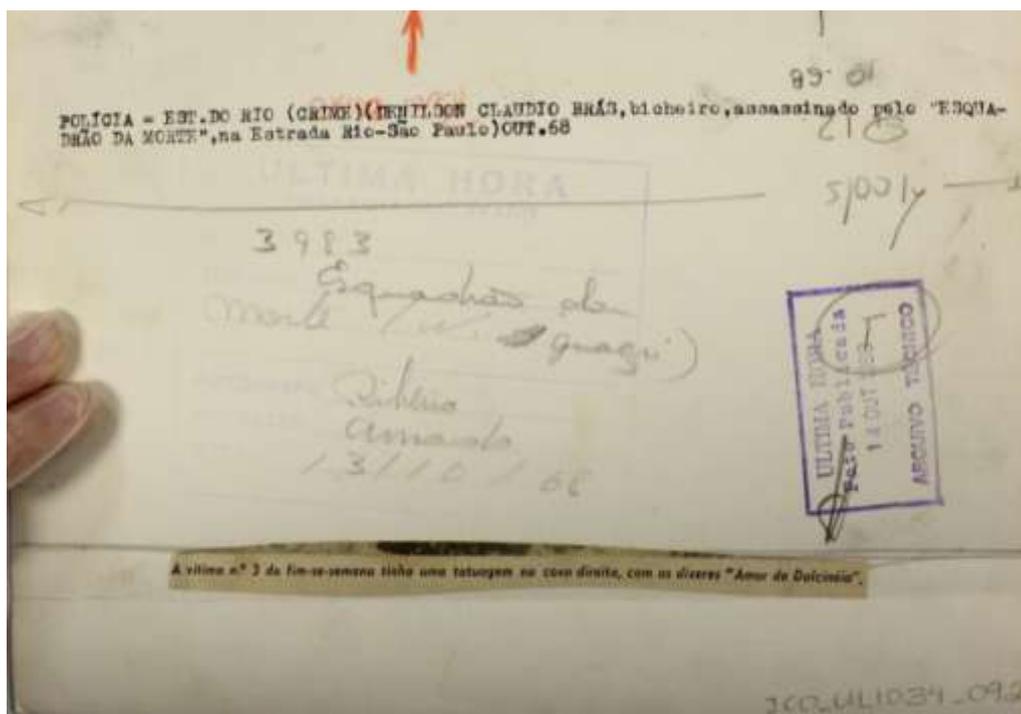


Figura 44 - Verso da fotografia ICO-UH-1034-092 com o registro do Arquivo Técnico do *Ultima Hora* (reprodução). Ruído na lateral esquerda em função das mãos da pesquisadora. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico).³³³

O caso de Denilson não deixa de apresentar algumas incoerências nos relatos do *Ultima Hora*, como o fato de ter sido abandonado "de um carro em alta velocidade" e o pente de pistola calibre 45 ter sido "propositalmente deixado ao lado do corpo". Somando-se esta incoerência ao fato de outros veículos de imprensa terem ignorado a existência de tal pente reforça-se a hipótese acerca da inventiva do jornal em doses moderadas para não corroer sua credibilidade. Outro recurso que

³³² DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Mais 5 executados na volta do "Esquadrão". **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1968. p.11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/093718_04/78238>. Acesso em: 25 nov. 2016.

³³³ RIBEIRO. **ICO-UH-1034-092**. DENILSON CLAUDIO BRÁS, bicheiro, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", na Estrada Rio-São Paulo. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.

resguardaria o jornal, até certo ponto, seria a agilidade em explorar o furo jornalístico, tendo em vista que o *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã* somente comentariam o caso um dia depois, em 15 de outubro de 1968, de forma que a imprecisão poderia ser "perdoada" em função da agilidade.

3.4 "Desmantelada uma sucursal dos assassinos oficiais; ESQUADRÃO DA MORTE: CHEFE ERA UM PERITO", 22 de fevereiro de 1969

Não há edição matutina de 22 de fevereiro de 1969 disponível para consulta no AESP. A edição vespertina (Figura 45) traz, no canto inferior direito de sua capa, a manchete de baixa saliência "ESQUADRÃO DA MORTE: PRÊSA NA BAIXADA A SUCURSAL Nº1",³³⁴ noticiando a prisão do perito Paulo Diniz Junqueira, acusado de chefiar a primeira sucursal do Esquadrão da Morte no Rio de Janeiro junto ao guarda noturno Antônio Carlos de Sousa e o cabo da polícia militar Ubiri Rodrigues Ferreira, que também foram presos. Segundo a manchete, o erro do trio seria deixar escapar com vida a última vítima do grupo, o comerciante Mário Raimundo Campos, que dirigiu-se à Secretaria de Segurança de Niterói para denunciar seus carrascos. O jornal menciona a profissão da vítima, "comerciante", em oposição a termos depreciativos como "bicheiro", "marginal", "bandido", típicos da *sujeição criminal*. É possível que Mário Raimundo Campos de fato não tivesse antecedentes criminais e que o Esquadrão da Morte tenha realizado um equívoco; porém, podemos depreender tal estratégia utilizada pelo periódico visa validar a denúncia sem por em risco sua credibilidade por estar confabulando com possíveis marginais.

Junto ao *lead* há uma fotografia de rosto do perito, examinando uma vítima do Esquadrão. A fotografia publicada na capa foi reaproveitada da edição de 14 de outubro de 1968, (Figura 41), possibilitando a confecção da Tabela 7. Ao compararmos a fotografia inicialmente capturada com a fotografia publicada na capa da edição vespertina, vemos que apenas 1/12 de sua área foi publicada, com o fator de corte alterando sua orientação para a posição vertical (retrato) e mudança de um plano médio para um close-up do rosto do perito. Não houve alteração da orientação por rotação. O fator de corte provocou uma mudança não apenas de

³³⁴ ULTIMA HORA. ESQUADRÃO DA MORTE: PRÊSA NA BAIXADA A SUCURSAL Nº1. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1969. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=22&mes=2&ano=1969&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 26 nov. 2016.

enquadramento, mas de alteração do *punctum* e do *studium*, eliminando qualquer possível ruído à imagem do perito: a publicação do rosto de Paulo Diniz Junqueira destaca o indivíduo como elemento central não apenas da fotografia, mas também da reportagem como um todo, efeito reforçado pelo texto que acompanha a fotografia na chamada: "O Perito Paulo Diniz Junqueira, que aparece na foto examinando uma das vítimas da matança no Estado do Rio, é acusado de chefiar a 1ª sucursal do Esquadrão da Morte."³³⁵

(continua)

Parâmetros gerais da reportagem			
Nome da Reportagem:	ESQUADRÃO DA MORTE: PRÊSA NA BAIXADA A SUCURSAL Nº1		
Data e Local:	Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1969		
		Foto 1 (ICO-UH-1034-078)	Total
Tamanho da Fotografia na reportagem	Área da fotografia em relação ao quadro total da matéria (medida em fração)	~1/4	~1/4
Tamanho da Fotografia na página do jornal	Área da fotografia em relação à área da folha de jornal (medida em fração)	1/54	1/54
Fotografia acompanha assinatura do fotógrafo	sim; não	não	
Fotografia acompanha legenda	sim; não	não	
Uso de Flash	sim; não	não	
Luminosidade	luz noturna, luz diurna, contraluz	luz diurna	
Tipo de lente	lente normal, grande-angular, <i>fish-eye</i> , etc.	lente normal	
Alteração do fator de corte	sim; não	sim	
Alteração de orientação (rotação)	90°, -90°, 180°, etc	não há	
Enquadramento (Foto original)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PM	

³³⁵ ibidem.

(conclusão)			
Enquadramento (Foto Publicada)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	CL	
Angulação da lente (Foto Original)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	mesma altura do assunto e plano frontal	
Angulação da lente (Foto Publicada)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	mesma altura do assunto e plano frontal	
Orientação - Foto original	Horizontal (paisagem), vertical (retrato)	horizontal	
Orientação - Foto publicada	Horizontal (paisagem), vertical (retrato)	vertical	
Informação censurada pelo fator de corte	Área da fotografia original - Área da fotografia publicada (medida em fração)	11/12	
Interação Texto/Imagem	Texto reforça determinado aspecto da imagem (ainda que de forma irônica): sim; não	sim	

Tabela 7 - Análise dos componentes visuais da notícia - ESQUADRÃO DA MORTE: PRÉSA NA BAIXADA A SUCURSAL Nº1, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1969.

Bispos vão a Costa e lançam manifesto hoje

Folha 4

Feras fazem o Festival Mundial



Hoje tem festival de elite no Maracanã. É no final de tarde de espetáculo que serão quase 50 "expos" (selecções) de beleza e arte. (Ler na quarta página)

BARCOS DO BRASIL ATACADOS A TIROS PELOS URUGUAIOS

Folha 3

- 1. Bicampeã Mangueira perde por dois pontos
- 2. Drama da escolha teve 30 feridos a bomba
- 3. Partela conquistou a terceira colocação



SALGUEIRO É A CAMPEÃ DO SAMBA

DASP APRESSA PARIDADE DOS FUNCIONÁRIOS EM TODO PAÍS

A referência é do Professor Brito Siqueira, Diretor de Desenvolvimento, autorizando que seja considerado os instrutores de País. (Ler na quarta página)



A Escola de Samba Acadêmicos de Salgueiro é a campeã absoluta do Carnaval-69. A bicampeã Mangueira obteve a segunda colocação com dois pontos abaixo. Em terceiro lugar veio a Partela. A escolha, a mais dramática de todos os tempos, durou 9 horas ininterruptas. E os conflitos proibiram ao Presidente Vargas, em frente ao IPEG, onde a Partela estava com vantagem, lançar trinta tiros aos salgueiros. Esta reportagem e Salgueiro ainda continuam na vitória. (Ler na quarta página)



A Escola de Samba Acadêmicos de Salgueiro é a campeã absoluta do Carnaval-69. A bicampeã Mangueira obteve a segunda colocação com dois pontos abaixo. Em terceiro lugar veio a Partela. A escolha, a mais dramática de todos os tempos, durou 9 horas ininterruptas. E os conflitos proibiram ao Presidente Vargas, em frente ao IPEG, onde a Partela estava com vantagem, lançar trinta tiros aos salgueiros. Esta reportagem e Salgueiro ainda continuam na vitória. (Ler na quarta página)



LAGOA SEM FAVELA EM MARÇO

Comete o 25 de março o despejo da favela da Praia de Pinheiros. Na foto acima a grande área a ser desocupada está cercada, juntamente com o Mar do Botão, já desocupada, e com o Mar do Botão, onde antigamente e quatro famílias vivem em condições precárias. A Colômbia também está despejada. (Apresente Bê, na terceira página)

Oriente Médio sob o terror dos patibulos

Um atentado a bomba com repercussão de grande escala, em que morreram duas pessoas, feridas mais de 200, ocorreu no dia 17 de fevereiro em Jerusalém. Foi realizado pela FPI, organização de um dos sete grupos terroristas ativos no Oriente Médio. (Ler na página 4)

Produção vai continuar em níveis altos

Os altos níveis de produção atingidos no último trimestre de 1968 deverão ser mantidos em 1969, segundo estimativa feita por SI que cerca dos industriais responsáveis por 90% da produção brasileira. A preocupação é do Fundação Getúlio Vargas. (Ler na página 104)

ESQUADRÃO DA MORTE: PRÊSA NA CAIXADA A SUCURSAL N:1



O Polícia Paulo Costa Junior, que agiu no final de novembro em uma das vitórias do trabalho no Estado de São Paulo, e segundo de ordem a 17ª central de Esquadra de Morte Com o nome preso a Grande Polícia Antônio Carlos de Souza e a Cabo de Polícia Roberto Faria. A polícia de São Paulo foi não fazer ligação ligada e comunicação rádio com o Comandante da Polícia de São Paulo. O subcomandante do Estado de São Paulo é o Subcomandante de Segurança do Estado de São Paulo. (Reprodução de 2ª Cad.)

ALTO COMANDO REÚNE-SE 3ª FEIRA EM PETRÓPOLIS

Folha 4

Figura 45 - Última Hora, 22 de fevereiro de 1969 (ed. vespertina, p.1). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca).

Na reportagem de alta saliência, situada na página 6 do 2º caderno vespertino (Figura 46), sob a manchete "Desmantelada uma sucursal dos assassinos oficiais; ESQUADRÃO DA MORTE: CHEFE ERA UM PERITO"³³⁶ (metade superior da página), estão dispostas 2 fotografias: a primeira situa-se ao lado direito da chamada e foi reaproveitada de uma matéria de 14 de outubro de 1968, mas não publicada nesta data; a segunda, situada abaixo da manchete, foi publicada como fotografia central na reportagem de 11 de outubro de 1968. O nome de Paulo Diniz Junqueira não aparece nas duas matérias anteriormente analisadas, apesar deste se fazer presente nas fotografias periciando os cadáveres. Com a disponibilidade de ambas as fotografias no setor iconográfico do AESP, foi possível elaborar a tabela 8.

A primeira fotografia, reaproveitada da reportagem de 14 de outubro de 1969 (não publicada), apresenta o perito Paulo Diniz Junqueira examinando o corpo, suspendendo os braços pelas mangas. Ao compararmos a fotografia inicialmente capturada (Figura 38) com a fotografia publicada foi possível verificar que ocorreu a eliminação de quase metade de sua área com o fator de corte, provocando não apenas uma reorganização do *studium*, enfatizando o principal assunto da reportagem – o perito –, mas a mudança de orientação da fotografia de horizontal (paisagem) para vertical (retrato) sem que houvesse a necessidade de rotacionar a fotografia.

A segunda fotografia, anteriormente publicada em 11 de outubro de 1968, traz o perito Paulo Diniz Junqueira em pé, sobre a vítima, examinando o braço direito e a palma da mão. Comparando a fotografia inicialmente capturada, de orientação vertical (retrato), posicionamento da lente em mergulho (*plongée*) e enquadramento de plano inteiro (Figura 33), com a fotografia publicada, é possível constatar a censura de 5/12 através do fator de corte, com o objetivo de enfatizar o perito examinando o corpo, reduzindo ruídos que poderiam desviar a atenção do leitor durante a observação da fotografia (as pernas de um homem realizando anotações em um caderno, por exemplo).

³³⁶ ULTIMA HORA. ESQUADRÃO DA MORTE: CHEFE ERA UM PERITO. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1969. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=22&mes=2&ano=1969&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 26 nov. 2016.

(continua)

Parâmetros gerais da reportagem				
Nome da Reportagem:	Desmantelada uma sucursal dos assassinos oficiais; ESQUADRÃO DA MORTE: CHEFE ERA UM PERITO			
Data e Local:	Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1969			
		Foto 1 (ICO-UH-1035-081)	Foto 2 (ICO-UH-1035-064)	Total
Tamanho da Fotografia na reportagem	Área da fotografia em relação ao quadro total da matéria (medida em fração)	1/5	1/5	2/5
Tamanho da Fotografia na página do jornal	Área da fotografia em relação à área da folha de jornal (medida em fração)	1/9	1/9	2/9
Fotografia acompanha assinatura do fotógrafo	sim; não	não	não	
Fotografia acompanha legenda	sim; não	não	não	
Uso de Flash	sim; não	não	não	
Luminosidade	luz noturna, luz diurna, contraluz	luz diurna	luz diurna	
Tipo de lente	lente normal, grande-angular, <i>fish-eye</i> , etc.	lente normal	lente normal	
Alteração do fator de corte	sim; não	sim	sim	
Alteração de orientação (rotação)	90°, -90°, 180°, etc	não há	não há	
Enquadramento (Foto original)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PI	PI	
Enquadramento (Foto Publicada)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PI	PI	
Angulação da lente (Foto Original)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	mesma altura do assunto e plano lateral (<i>profil</i>)	mergulho (<i>plongée</i>)	

(conclusão)

Angulação da lente (Foto Publicada)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	mesma altura do assunto e plano lateral (<i>profil</i>)	mergulho (<i>plongée</i>)	
Orientação - Foto original	Horizontal (paisagem), vertical (retrato)	horizontal	vertical	
Orientação - Foto publicada	Horizontal (paisagem), vertical (retrato)	vertical	vertical	
Informação censurada pelo fator de corte	Área da fotografia original - Área da fotografia publicada (medida em fração)	~1/2	~5/12	
Interação Texto/Imagem	Texto reforça determinado aspecto da imagem (ainda que de forma irônica): sim; não	sim	sim	

Tabela 8 - Análise dos componentes visuais da notícia - Desmantelada uma sucursal dos assassinos oficiais; ESQUADRÃO DA MORTE: CHEFE ERA UM PERITO, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1969.

Ao compararmos os fatores de corte utilizados nesta edição e nas edições anteriores (Figuras 47 e 48), que forneceram material fotográfico para que a redação ilustrasse sua página, nota-se claramente uma troca de intencionalidade na mensagem visada. A ação pericial no capturada no ato, de modo a apresentar a agilidade da equipe jornalística nas edições anteriores, deixa de ser central e abre espaço para o perito, o sujeito de quem o jornal fala, de modo a propiciar a identificação e rememoração por parte dos leitores do jornal. A exclusão de elementos que possam causar ruído sobre a imagem do perito tende a ser máxima dentro das possibilidades oferecidas por recortes retangulares.

uh	Policial		• Polícia não quer reapreciação de Robin Hood • Demarcadas três matanças de "Esquadrão da Morte" • Matão mata muitos com dardo lançado e atirador • Advogado quer mais meios de que lei atual • Conselho prioriza 22 matas de matas de cerca matas.	
	Nome: Adilson Batista	Apelido: Cavalo Feroz, Carlos Alberto, Walmir, Rivaldo, Leão, Nelson, A. L. de S. Silva, Manoel Costa e também Lino		Reportagem: Procurador Roque
	Assunto: Sua vida inteira			

Desmantelada uma sucursal dos assassinos oficiais

ESQUADRÃO DA MORTE: CHEFE ERA UM PERITO



Paulo Junqueira era chamado para periciar as matanças

Paulo Junqueira era chamado para periciar as matanças de Robin Hood, o chefe do Esquadrão da Morte, em São Paulo. O perito era conhecido por sua expertise em identificar corpos e evidências em locais de crime. Ele foi chamado para periciar as matanças de Robin Hood, o chefe do Esquadrão da Morte, em São Paulo. O perito era conhecido por sua expertise em identificar corpos e evidências em locais de crime.



Paulo Junqueira era chamado para periciar as matanças de Robin Hood, o chefe do Esquadrão da Morte, em São Paulo. O perito era conhecido por sua expertise em identificar corpos e evidências em locais de crime. Ele foi chamado para periciar as matanças de Robin Hood, o chefe do Esquadrão da Morte, em São Paulo. O perito era conhecido por sua expertise em identificar corpos e evidências em locais de crime.

Paulo Junqueira era chamado para periciar as matanças de Robin Hood, o chefe do Esquadrão da Morte, em São Paulo. O perito era conhecido por sua expertise em identificar corpos e evidências em locais de crime. Ele foi chamado para periciar as matanças de Robin Hood, o chefe do Esquadrão da Morte, em São Paulo. O perito era conhecido por sua expertise em identificar corpos e evidências em locais de crime.

S. O. SENTIMENTAL

Aviso aos meus navegantes

APRESENTAMOS a propósito do dia 22 de fevereiro de 1969, uma edição especial da revista "S. O. Sentimental" com o tema "Aviso aos meus navegantes". Esta edição contém histórias e poemas que refletem o sentimento humano em situações de crise e dor.

ZSU ZSU VIEIRA

Mãe é que não tem? — Não é a mãe, é o amor. É o amor que nos dá a vida, que nos dá a força para enfrentar a vida. É o amor que nos dá a coragem para lutar por um futuro melhor.

Robín Hood nas trevas

Assim como Robin Hood, o chefe do Esquadrão da Morte, operava nas trevas, muitos outros criminosos também atuam no mundo subterrâneo. Eles são conhecidos como "Robin Hood das trevas" e são responsáveis por muitos crimes graves.

RP chamando

Clúmas

Os clúmas são animais que vivem em grupos e são conhecidos por sua inteligência e capacidade de adaptação. Eles são encontrados em várias regiões do Brasil e são considerados uma espécie ameaçada de extinção.

Traição

Uma história de traição que aconteceu em São Paulo. Um homem que era considerado um amigo fiel acabou se revelando um traidor e ajudou os inimigos a capturarem seu amigo.

Foiçados

Uma história de violência que aconteceu em São Paulo. Um grupo de homens foi forçado a cometer crimes e a viver em condições deploráveis.

Figura 46 - Última Hora, 22 de fevereiro de 1969, (ed. vespertina, p.6, 2º caderno). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca).

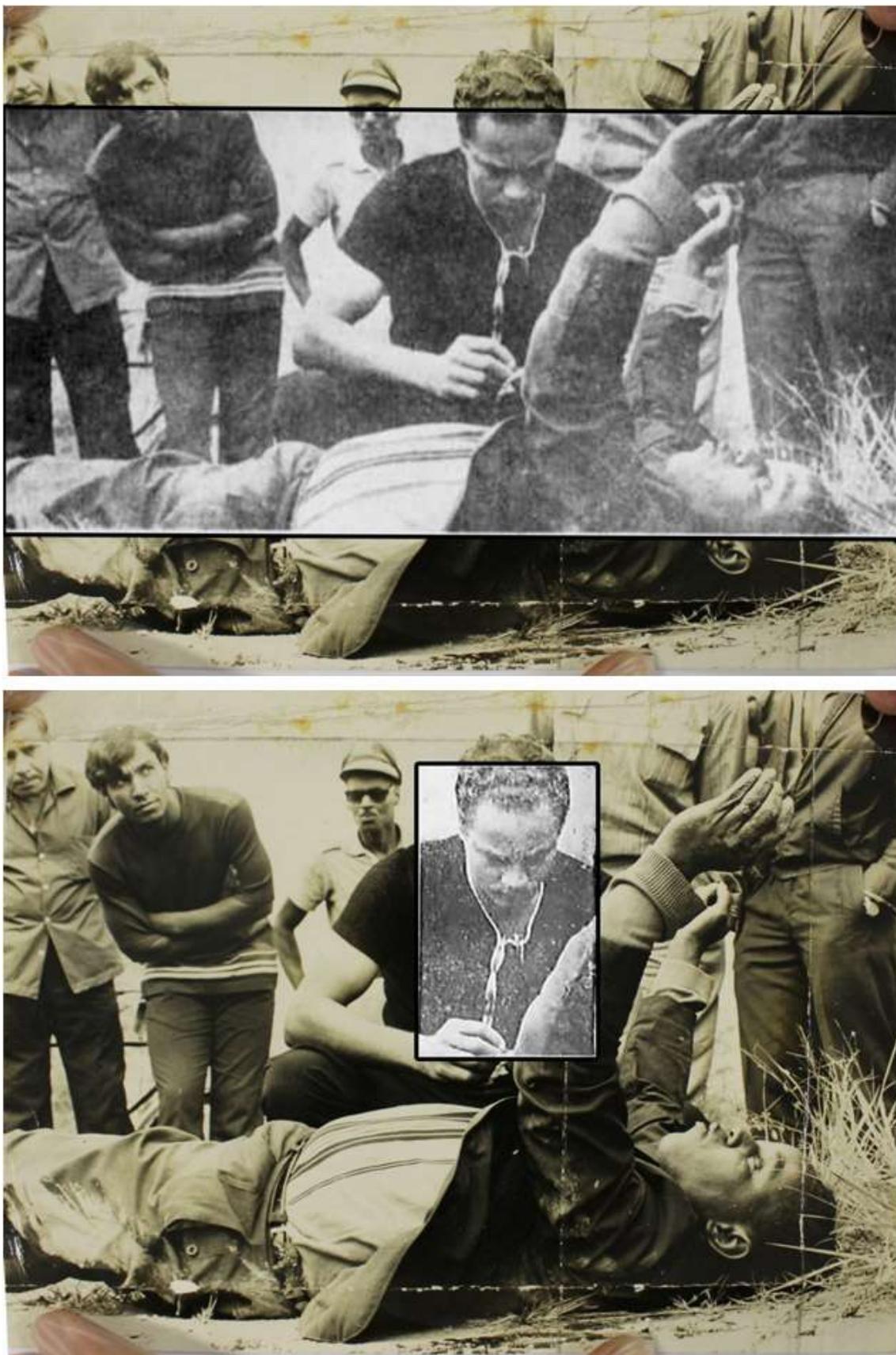


Figura 47 - Sobreposição do fator de corte da fotografia ICO-UH-1034-078 nas edições de 14 de outubro de 1968 (superior) e 22 de fevereiro de 1969 (inferior). Ruídos nas partes inferior e canto superior esquerdo em função das mãos da pesquisadora. Fonte(s): Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca) e Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico).



Figura 48 - Sobreposição do fator de corte da fotografia ICO-UH-1035-064 nas edições de 11 de outubro de 1968 (esquerda) e 22 de fevereiro de 1969 (direita). Ruídos nas laterais em função do reflexo de iluminação externa durante a reprodução no AESP. Fonte(s): Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca) e Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico).

De acordo com a reportagem, a polícia fluminense continua realizando o levantamento das mortes creditadas ao Esquadrão, sobretudo após a denúncia da última vítima do grupo, o comerciante Mário Raimundo Campos, que escapou com vida e delatou a identidade dos integrantes, todos policiais. O jornal relata que o perito, o guarda noturno e o cabo da polícia militar continuam presos no 6º Batalhão de Polícia, em Nova Iguaçu e "[o]s três membros do Esquadrão da Morte, tão valentes por trás do anonimato já começaram a falar como papagaios e fizeram espantosas revelações, contando um rosário de crimes e incriminando inúmeros outros policiais."³³⁷ Na subseção "Principal implicado" menciona-se que o perito Paulo Diniz Junqueira orientou o guarda noturno Antônio Carlos de Sousa e o cabo da polícia militar Ubiri Rodrigues Ferreira no sequestro do comerciante. Em "História de terror" menciona-se brevemente as origens do Esquadrão da Morte no Rio de

³³⁷ ULTIMA HORA. ESQUADRÃO DA MORTE: CHEFE ERA UM PERITO. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1969. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=22&mes=2&ano=1969&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 26 nov. 2016.

Janeiro, "que se auto-encarregou de eliminar marginais pressupostamente irrecuperáveis [...]"³³⁸ e se espalhou por todo o país. O relato do jornal vai de acordo com os apontamentos do sociólogo Michel Misse já tratados no segundo capítulo desta pesquisa, para quem uma percepção social de impunidade no aparelho judicial tende a agravar a demanda de punibilidade, mesmo que ilegal, abrindo espaço para uma espécie de "justiçamento".³³⁹

Posteriormente narra-se o relato do sobrevivente. De acordo com o comerciante, o sequestro ocorreu por volta das 22 horas do domingo na praça Getúlio Vargas, em Belford Roxo. Três elementos que se identificaram como policiais desceram de um carro verde modelo "Buick", dando voz de prisão. No entanto, ao invés de conduzirem o carro até a delegacia, seguiram direção à Rodovia Joaquim da Costa Lima, conhecida como o "novo cemitério do Esquadrão da Morte".³⁴⁰ O relato da vítima prossegue em "O perito do diabo": ao descer do carro, o comerciante entrou em luta corporal com o policial militar, impedindo que os outros dois pudessem desferir tiros contra seu corpo. Logo após, em tentativa de fuga para um matagal, Mário Raimundo foi alvejado por vários tiros e fingiu-se de morto. De volta a Belford Roxo, o comerciante denunciou seus algozes para o delegado Lisis Nogueira. A seção é finalizada com um histórico das perícias em vítimas do Esquadrão da Morte em que Paulo Diniz participou, incluindo os dois casos analisados anteriormente (reportagens de 11 de outubro e 14 de outubro de 1968). De acordo com o jornal popular *Diário de Notícias* de 1º de março de 1969,³⁴¹ o perito conseguiria liberdade por habeas corpus. O jornal *Ultima Hora* não noticiou o caso.

Em "Matança continua" é mencionado que, apesar das três prisões efetuadas contra supostos integrantes do grupo, a "organização maldita" voltou a

³³⁸ ibidem.

³³⁹ MISSE, Michel. A categoria "bandido" como identidade para o extermínio. Algumas notas sobre sujeição criminal a partir do caso do Rio de Janeiro. In: BARREIRA, Cesar; SÁ, Leonardo; AQUINO, Jânia Perla de. (org.) **Violência e dilemas civilizatórios** - as práticas de punição e extermínio. Campinas: Pontes Editores, 2011. p.35.

³⁴⁰ ULTIMA HORA. ESQUADRÃO DA MORTE: CHEFE ERA UM PERITO. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1969. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=22&mes=2&ano=1969&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 26 nov. 2016.

³⁴¹ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Certidão Falsa Soltou Perito do "Esquadrão". **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1 mar. 1969. p.10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/81512>. Acesso em: 26 nov. 2016.

matar no Rio e em São Paulo. A nova vítima, um homem branco em estado avançado de decomposição, foi encontrada na Estrada de Japeri, quilômetro 3, com os pulsos manietados por uma corda de nylon e com várias perfurações de balas. Em São Paulo três corpos não identificados foram encontrados com perfurações de calibre 38 e 43 após os jornais receberem uma ligação informando a localização dos cadáveres.

Dentre as cinco reportagens escolhidas para uma análise mais aprofundada, esta é a única que não enfatiza uma execução do Esquadrão, mas a investigação e acusação de indivíduos que compõem o grupo de extermínio. O efeito de denúncia e o posicionamento do jornal contrário ao grupo é reforçado nesta reportagem, alcunhando Paulo Diniz como o "perito do diabo" e o grupo como "organização maldita". O reaproveitamento de fotografias publicadas em edições anteriores, mas com intervenções distintas, evidencia a condição da fotografia de imprensa enquanto elemento constituinte do canal de transmissão, podendo alterar seu estatuto conotativo em consonância com o texto e intencionalidade da equipe jornalística.

3.5 'GANG DA CAVEIRA' MATOU UM HOMEM DE DOIS NOMES", 23 de julho de 1969

Apenas o 1º caderno da edição matutina de 23 de julho de 1969 está disponível para análise, trazendo a manchete "Caveira mata um de dois nomes"³⁴² em baixa saliência na região inferior esquerda da primeira página (Figura 49), havendo ao lado direito uma fotografia da vítima, caída dentro de um *Volkswagen* com a porta aberta. Junto à fotografia, há apenas uma indicação da reportagem, contida no 2º caderno, página 6. A ênfase da capa nesta edição decai majoritariamente sobre a corrida espacial à Lua, tema que ocupa quase metade da mancha gráfica. A presença da fotografia inicialmente capturada no setor iconográfico do AESP possibilitou a análise comparativa com a fotografia já publicada na capa da edição matutina e a confecção da tabela 9.

³⁴² ULTIMA HORA. Caveira mata um de dois nomes. **Ultima Hora** (Matutina), Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=23&mes=7&ano=1969&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 2 dez. 2016.

*Resgate amanhã:
Apolo-11 regressa
a 40 mil Km/h*

Ultima Hora

TORMENTA É AMEAÇA AOS HERÓIS DA LUA



*O resgate no momento
está a grande vela final para
os astronautas.*

*Depois do resgate virá a
conquista para os heróis que
concluíram no T-10.*

"Jornal da Lua" na página 3

**Negrão faz inauguração
em ritmo de astronauta**

*As inaugurações são realizadas sob o
comando de Negrão de Lima, que atua de
estrela em lugar de destaque, em todos
os eventos locais. (Foto de última página)*

FERAS TREINARAM CIRANDINHA COM PELÉ NO HOSPITAL

Passos de treino e resgate: Armstrong e Aldrin serão imediatamente isolados em resgate especial tão logo saírem de Apollo. (Relembre UPI-10)



O treinamento dos brasileiros tem sido uma convivência em companhia com as crianças. Mas Pelé está com dor e foi para um hospital. (Foto exclusiva na página 6)

PRÊMIO BRASIL ADIADO

Página 5 do 2.º Caderno

Caveira mata um de dois nomes

Página 6 do 2.º Caderno

**Fundo especial
financiar capital
fixo das empresas**

Página 2

Alma tem sua Apolo-11

Foi no dia de primeiro feriado que o senador Calisto Tanzi se apresentou de manhã para assistir ao lançamento da sonda espacial. "Meu espírito, meu coração, meus olhos e minha alma", diz ele, estão participando do Projeto Apollo 11 de uma vez. (Foto na 2.ª página)

Kennedy poderá ser processado

Página 6 Inédito UPI-1011

**Costa e Silva não
abre mão de eleições
diretas nos Estados**

Página 2

Figura 49 - Manchete de capa da edição Matutina - *Ultima Hora*, 23 de julho de 1969, página 1, 1º caderno. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca).

(continua)

Parâmetros gerais da reportagem			
Nome da Reportagem:	Caveira mata um de dois nomes		
Data e Local:	Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969		
		Foto 1 (ICO-UH- 1034-081)	Total
Tamanho da Fotografia na reportagem	Área da fotografia em relação ao quadro total da matéria (medida em fração)	2/3	2/3
Tamanho da Fotografia na página do jornal	Área da fotografia em relação à área da folha de jornal (medida em fração)	1/27	1/27
Fotografia acompanha assinatura do fotógrafo	sim; não	não	
Fotografia acompanha legenda	sim; não	não	
Uso de Flash	sim; não	não	
Luminosidade	luz noturna, luz diurna, contraluz	luz diurna	
Tipo de lente	lente normal, grande-angular, <i>fish-eye</i> , etc.	normal	
Alteração do fator de corte	Sim; Não	sim	
Alteração da orientação	90°, -90°, 180°, etc	não há	
Enquadramento (Foto original)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PM	
Enquadramento (Foto Publicada)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PM	
Angulação da lente (Foto Original)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	plano de 3/4 e mergulho (<i>plongée</i>)	
Angulação da lente (Foto Publicada)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	plano de 3/4 e mergulho (<i>plongée</i>)	

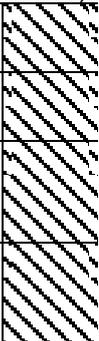
			(conclusão)
Orientação - Foto original	Horizontal, vertical	horizontal	
Orientação - Foto publicada	Horizontal, vertical	vertical	
Informação censurada pelo fator de corte	Área da fotografia original - Área da fotografia publicada (medida em fração)	2/3	
Interação Texto/Imagem	Texto reforça determinado aspecto da imagem (ainda que de forma irônica): sim; não	não	

Tabela 9 - Análise dos componentes visuais da notícia - Caveira mata um de dois nomes, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969.

A fotografia inicialmente capturada (Figura 50) apresenta o cadáver dentro do *Volkswagen*, caído com o tronco sobre o banco do motorista e as pernas sobre o banco do passageiro, havendo pela primeira vez entre as reportagens analisadas neste capítulo a presença concomitante de sinais e ícones do Esquadrão. Enquanto ícone, há um cartaz sobre o abdômen da vítima com um símbolo do Esquadrão da Morte (um crânio com dois ossos entrecruzados e as iniciais "E.M.") e os dizeres "ENTREGUE (R) E (N) OU SERÁS O PRÓXIMO!". A cabeça da vítima encontra-se caída, encostada na soleira e borrachas de vedação da porta do motorista, e o braço apoiado sob o queixo. O posicionamento da lente faz uma angulação em mergulho, com o fotógrafo posicionado próximo à porta aberta do carro, enquadrando o rosto da vítima dentro da janela. Ao compararmos com a fotografia publicada, vemos que a fotografia teve redução de 2/3 de seu tamanho original por meio do fator de corte, eliminando algumas possibilidades de *punctum*, como o indivíduo capturado de perfil, na lateral esquerda da fotografia, e os reflexos na lataria do carro, na lateral direita da fotografia. O fator de corte, enfatizando o corpo da vítima, mudou a orientação da fotografia para vertical (retrato), alterando a percepção por parte do leitor novamente por um interesse guiado do jornal. Não há alteração de orientação por rotação.

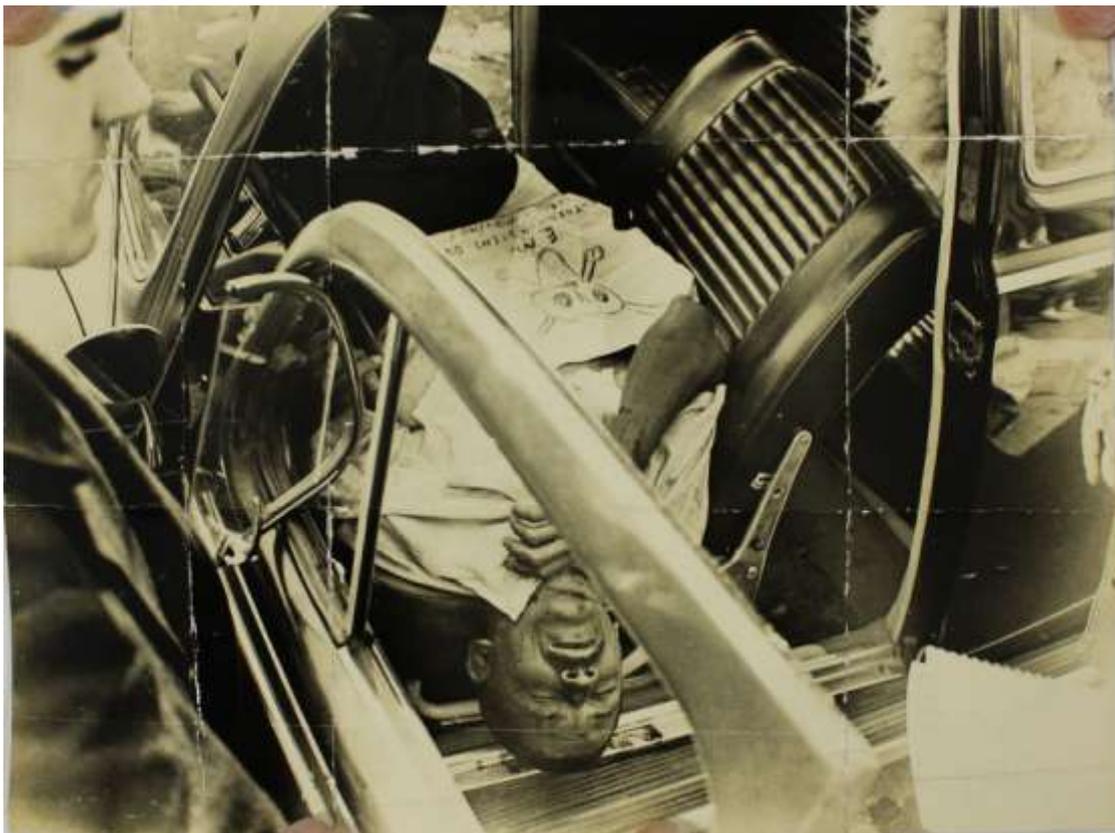


Figura 50 - Fotografia (ICO-UH-1034-081) publicada no *Ultima Hora*, 23 de julho de 1969, (edições matutina e vespertina, ambas na p.1, 1º caderno). Ruídos nos cantos superiores em função das mãos da pesquisadora. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³⁴³

Na capa da edição vespertina³⁴⁴ (Figura 51) a manchete é alterada para "Caveira enforca e fuzila um", acompanhada da seguinte chamada sensacionalista para a notícia na página 6 do 2º caderno:

Tiros e gritos foram ouvidos na escuridão da rua. Depois, Alguém abriu a janela e viu cinco vultos que se moviam nas sombras. Mais tarde, um homem de dois nomes foi encontrado enforcado, seviciado e crivado de balas, em Coelho Neto. (Leia na página 6 do 2º Caderno).³⁴⁵

A fotografia publicada é a mesma utilizada na capa matutina, possibilitando a análise da capa e a elaboração da tabela 10.

³⁴³ FERREIRA. **ICO-UH-1034-081**. OSWALDO ROLEMBERG REIS, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", em Coelho Neto. 1969. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.

³⁴⁴ ULTIMA HORA. Caveira enforca e fuzila um. **Ultima Hora** (Vespertina), Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=23&mes=7&ano=1969&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 2 dez. 2016.

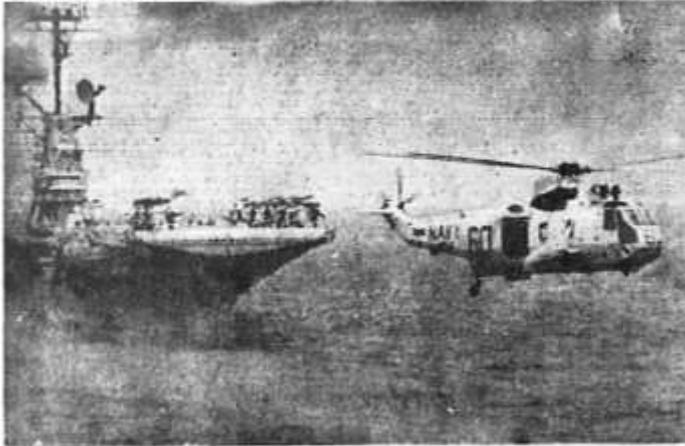
³⁴⁵ *ibidem*.

Barreira aos 3 heróis no céu do Havai



É amanhã o último round da odisséia

HOMENS-LUA VÊM VARANDO TUFÃO



Hoje arrisgam seu embarque no porta-aviões "Hawaii" (base SPB) 31 em maradela na Pacífica para o lançamento de Apolo 11. (Página 1)

Ultima Hora
Ano XIX — Rio de Janeiro, Quarta-feira, 23/7/1969 — N.º 2.822 — HC/S. 2,3

Rei ferido de novo



A Divulga — em meio de sua vida — volta a gerar o "rei" Paul, que se não pôde participar do batismo da criança, acredita agora legitimado. Seu nome, porém, não é mais. (Página 8)

MISS U-69 FOI INJUSTIÇA



Vive a última descepcionada de Miami. Mostra também. (P. 4)

Loteria Esportiva é sem sorteio e o GP Brasil, adiado para 31 de agosto

FATOS E FIGURAS na página 3 e TURFE na página 3 de 2.º Caderno

EDWARD KENNEDY NA MIRA DA LEI



O novo nome de Edward Kennedy (na foto, com a família, no estúdio de Mary) já poderá entrar em processo. (P. 6)



Caveira enforca e fuzila um

Três e quatro foram executados no encarceramento de sua. Depois, alguns outros a justiça e os cinco outros que se mantiveram nos cárceres. Mas hoje, um homem de dois nomes foi enforcado oficialmente, executado e enviado de volta, em Curitiba. (Página 8 de 2.º Caderno)

Uma Apolo em cada alma



O Projeto Apolo de Missa poderá durar até o mês — afirma Luis Edgar de Anchieta, no reportagem 3 de esta. (Página 1 de 2.º Caderno)



Figura 51 - *Ultima Hora*, 23 de julho de 1969, (ed. vespertina, p.1, 1º caderno). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca).

(continua)

Parâmetros gerais da reportagem			
Nome da Reportagem:	Caveira enforca e fuzila um		
Data e Local:	Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969		
		Foto 1 (ICO-UH- 1034-081)	Total
Tamanho da Fotografia na reportagem	Área da fotografia em relação ao quadro total da matéria (medida em fração)	2/3	2/3
Tamanho da Fotografia na página do jornal	Área da fotografia em relação à área da folha de jornal (medida em fração)	2/27	2/27
Fotografia acompanha assinatura do fotógrafo	sim; não	não	
Fotografia acompanha legenda	sim; não	não	
Uso de Flash	sim; não	não	
Luminosidade	luz noturna, luz diurna, contraluz	luz diurna	
Tipo de lente	lente normal, grande-angular, <i>fish-eye</i> , etc.	normal	
Alteração do fator de corte	sim; não	sim	
Alteração da orientação	90°, -90°, 180°, etc	não há	
Enquadramento (Foto original)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PM	
Enquadramento (Foto Publicada)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PM	
Angulação da lente (Foto Original)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	plano de 3/4 e mergulho (<i>plongée</i>)	

			(conclusão)
Angulação da lente (Foto Publicada)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	plano de 3/4 e mergulho (<i>plongée</i>)	
Orientação - Foto original	horizontal, vertical	horizontal	
Orientação - Foto publicada	horizontal, vertical	horizontal	
Informação censurada pelo fator de corte	Área da fotografia original - Área da fotografia publicada (medida em fração)	~1/4	
Interação Texto/Imagem	Texto reforça determinado aspecto da imagem (ainda que de forma irônica): sim; não	sim	

Tabela 10 - Análise dos componentes visuais da notícia - Caveira enforca e fuzila um, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969.

A chamada é disposta no mesmo local que na edição matutina (região inferior esquerda), apresentando baixa saliência e um novo recorte da fotografia, que preserva a orientação horizontal (paisagem). O fator de corte reduz em aproximadamente 1/4 a foto publicada, novamente eliminando o indivíduo na lateral esquerda da fotografia. Esta dupla eliminação pode ser abordada como censura intencional de um elemento sem valor informativo para a notícia. A percepção de enquadramento (planos) não se altera.

Ao comparar os fatores de corte entre as fotografias das capas matutina e vespertina (Figura 52) nota-se que o elemento principal, a vítima, foi priorizado em ambas as fotografias. O recorte da edição matutina, de menor área se comparado ao da edição vespertina, pode ser explicado pela quantidade de notícias de capa: enquanto a edição matutina apresenta 9 notícias de capa, a edição vespertina apresenta apenas 7 notícias. De maneira geral, a capa matutina prioriza uma maior verticalização de elementos, como manchetes divididas em mais de duas linhas (7 das 9 manchetes, contra apenas 2 das 7 manchetes presentes na edição vespertina) e fotografias na orientação de retrato (4 das 6 fotografias, sendo uma das restantes em recorte quadrado, contra 4 das 7 fotografias presentes na edição vespertina).

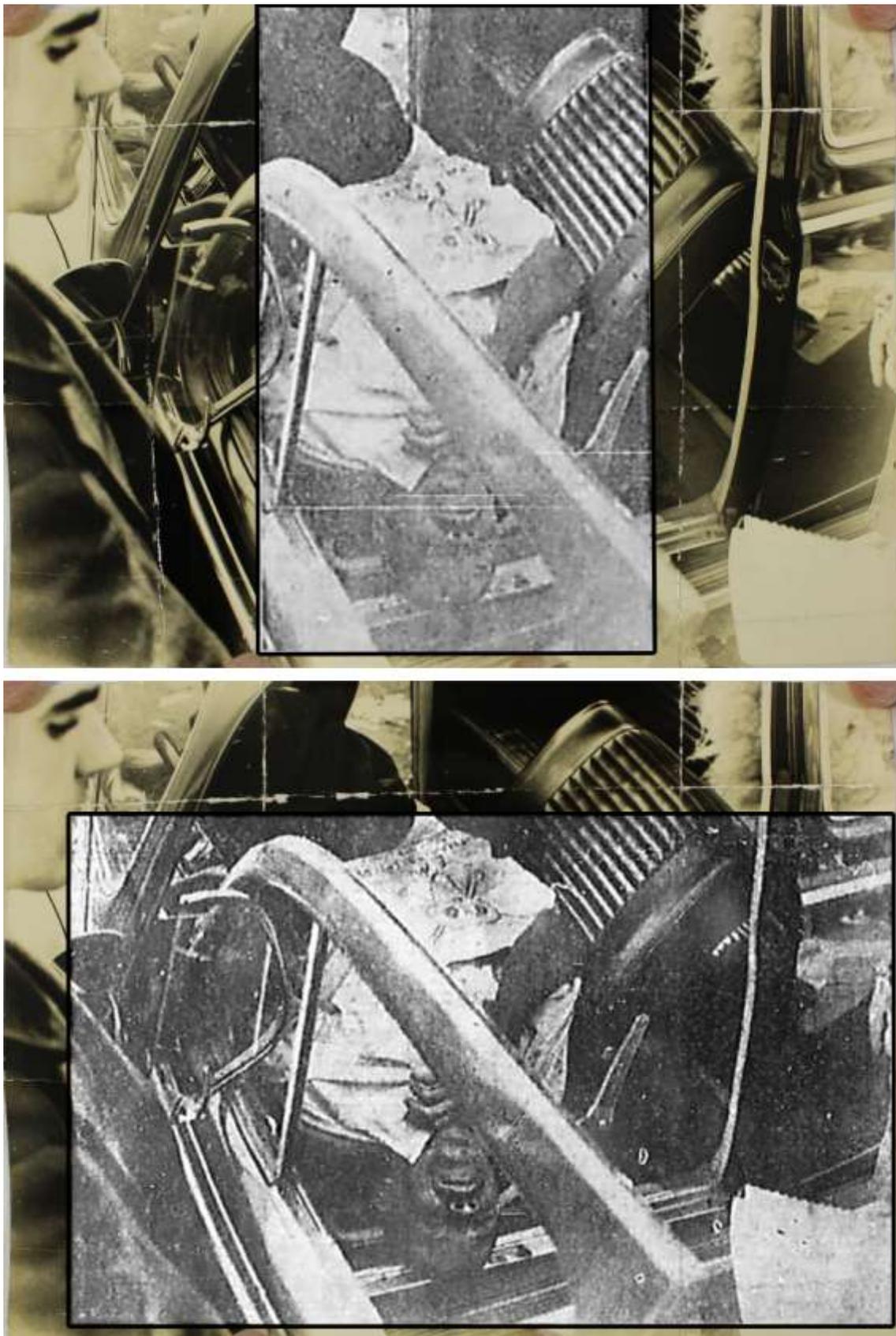


Figura 52 - Sobreposição do fator de corte da fotografia ICO-UH-1034-081 nas edições matutina (superior) e vespertina (inferior) de 23 de julho de 1969. Ruídos nos cantos superiores em função das mãos da pesquisadora. Fonte(s): Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca) e Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico).

A edição vespertina apresenta, na página 6 do segundo caderno, uma matéria de alta saliência (Figura 53) sob o título "'GANG DA CAVEIRA' MATOU UM HOMEM DE DOIS NOMES".³⁴⁶ Nesta encontramos a fotografia da vítima (lado esquerdo) com um enquadramento fechado sobre o corpo e a chamada de teor sensacionalista com notas curtas, centralizadas e sem relação de continuidade entre si:

Virtuoses da morte
Tiros e gritos na escuridão da rua
Um vizinho entreabriu a janela para ouvir a execução
Para a Polícia morto é um dos matadores do guarda
Mas o "bas-fond" denunciou a guerra do bicho
A caçada continua: Renatinho é o próximo
Corpo sem dono no IML³⁴⁷

A disponibilidade da fotografia inicialmente capturada no AESP e da fotografia publicada na reportagem possibilitou a confecção da Tabela 11.

(continua)

Parâmetros gerais da reportagem			
Nome da Reportagem:	"GANG" DA CAVEIRA MATOU UM HOMEM DE DOIS NOMES		
Data e Local:	Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969		
		Foto 1 (ICO-UH- 1034-059)	Total
Tamanho da Fotografia na reportagem	Área da fotografia em relação ao quadro total da matéria (medida em fração)	~1/4	~1/4
Tamanho da Fotografia na página do jornal	Área da fotografia em relação à área da folha de jornal (medida em fração)	~1/7	~1/7
Fotografia acompanha assinatura do fotógrafo	sim; não	não	
Fotografia acompanha legenda	sim; não	não	
Uso de Flash	sim; não	não	
Luminosidade	luz noturna, luz diurna, contraluz	luz diurna	

³⁴⁶ ULTIMA HORA. "GANG DA CAVEIRA" MATOU UM HOMEM DE DOIS NOMES. *Ultima Hora* (Vespertino), Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=23&mes=7&ano=1969&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 4 dez. 2016.

³⁴⁷ ibidem.

(conclusão)

Tipo de lente	lente normal, grande-angular, <i>fish-eye</i> , etc.	normal	
Alteração do fator de corte	sim; não	sim	
Alteração da orientação	90°, -90°, 180°, etc	não há	
Enquadramento (Foto original)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PM	
Enquadramento (Foto Publicada)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PM	
Angulação da lente (Foto Original)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	plano frontal e mergulho (<i>plongée</i>)	
Angulação da lente (Foto Publicada)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (<i>contre-plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (<i>contre-plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	plano frontal e mergulho (<i>plongée</i>)	
Orientação - Foto original	horizontal, vertical	vertical	
Orientação - Foto publicada	horizontal, vertical	vertical	
Informação censurada pelo fator de corte	Área da fotografia original - Área da fotografia publicada (medida em fração)	2/3	
Interação Texto/Imagem	Texto reforça determinado aspecto da imagem (ainda que de forma irônica): sim; não	sim	

Tabela 11 - Análise dos componentes visuais da notícia - "GANG" DA CAVEIRA MATOU UM HOMEM DE DOIS NOMES, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969.

uh **Policial** **FESTIVAL DE DOCUMENTOS**

O Conselho Wilson Roberto, da Direção de Manutenção do DETRAN, grupo que tem em seu poder centenas de documentos — títulos de crédito, identidades, dívidas e Cartões Faltantes — expôs em recente departamento por autoridades e membros. Os interessados poderão procurá-lo no Avenida Ipiranga de 51, 561, 57 andar, no gabinete de direção.

Editor Anacleto Elias
Colaborador José de Jesus
Assessor João Augusto

Equipe Oscar Cardoso, Sérgio Delgado, Arnaldo Moraes, Miroslava Costa, Sérgio Lúcio e Jaime Rios

Assessoria-Administrativa Flaminópolis Braga

"GANG DA CAVEIRA" MATOU UM HOMEM DE DOIS NOMES



Virulosas as mortes
Tiros e gritos na escuridão da rua
Um vizinho entrou na janela para ouvir a execução
Para a Polícia o morto é um dos matadores da guarda
Mas o "bas-fond" denunciou a guerra do bicho
A caçada continua: Renalinho é o próximo
Corpo sem dono no IML

Perícia
Com a chegada do primeiro tiro ao corpo do criminoso, outro homem de dois nomes se tornou o primeiro morto da guerra do bicho. Um rapaz chamado no Velho Santos que em breves momentos se tornou conhecido, como se alguns meses atrás fosse para lá. A morte ocorreu na noite de sábado.

Em uma rua escura, no bairro de Santa Helena, um homem de dois nomes foi morto por um tiro de fuzil. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o Instituto Médico Legal (IML) para ser examinado.

Morte
Pelo relato de Álvaro Martins em São Paulo, ficou sabido que o morto era um dos matadores da guarda. O nome do morto não foi revelado, mas ele é conhecido por dois nomes.

O crime ocorreu na noite de sábado, em uma rua escura do bairro de Santa Helena. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

Identidade
No lado da rua de Santa Helena, um homem de dois nomes foi morto por um tiro de fuzil. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

O crime ocorreu na noite de sábado, em uma rua escura do bairro de Santa Helena. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

Cadáver
Alguns meses de trabalho, no bairro de Santa Helena, um homem de dois nomes foi morto por um tiro de fuzil. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

O crime ocorreu na noite de sábado, em uma rua escura do bairro de Santa Helena. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

Bandido
O criminoso Elton Cardoso chegou ao local e disparou o tiro. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

O crime ocorreu na noite de sábado, em uma rua escura do bairro de Santa Helena. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

RP-CHAMANDO

ASSALTO À CAIXA NEM COMPEISOU O ESFORSO

O assalto de breves duração teve desfecho um pouco diferente, pois o dinheiro não foi levado embora. O assalto ocorreu na noite de sábado, em uma rua escura do bairro de Santa Helena. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

JK dava muita sopa
Foi assim que o antigo chefe do Estado de São Paulo, João de Deus, foi morto por um tiro de fuzil. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

O crime ocorreu na noite de sábado, em uma rua escura do bairro de Santa Helena. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

Alô o posto tudo bem
De tanto que um antigo chefe do Estado de São Paulo, João de Deus, foi morto por um tiro de fuzil. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

O crime ocorreu na noite de sábado, em uma rua escura do bairro de Santa Helena. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

Muro matou operário
Foi assim que o antigo chefe do Estado de São Paulo, João de Deus, foi morto por um tiro de fuzil. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

O crime ocorreu na noite de sábado, em uma rua escura do bairro de Santa Helena. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

Liberraram o vereador
Foi assim que o antigo chefe do Estado de São Paulo, João de Deus, foi morto por um tiro de fuzil. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

O crime ocorreu na noite de sábado, em uma rua escura do bairro de Santa Helena. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

Assalto no elevador
Foi assim que o antigo chefe do Estado de São Paulo, João de Deus, foi morto por um tiro de fuzil. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

O crime ocorreu na noite de sábado, em uma rua escura do bairro de Santa Helena. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

LEI DOS HOMENS
Foi assim que o antigo chefe do Estado de São Paulo, João de Deus, foi morto por um tiro de fuzil. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

O crime ocorreu na noite de sábado, em uma rua escura do bairro de Santa Helena. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

CRIME E CASTIGO

São Paulo ou a Ilha Grande

Como é que os dois têm sido os protagonistas de um crime que se tornou um caso de polícia? São Paulo ou a Ilha Grande? O crime ocorreu na noite de sábado, em uma rua escura do bairro de Santa Helena. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

O crime ocorreu na noite de sábado, em uma rua escura do bairro de Santa Helena. O morto foi encontrado no chão, com uma ferida mortal na cabeça. O corpo foi levado para o IML.

Zsu Zsu Vieira



Figura 53 - Última Hora, 23 de julho de 1969, (ed. vespertina, p.6, 2º caderno). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca).

A fotografia situada na região esquerda da notícia possui orientação vertical (retrato) e angulação da câmera em mergulho, trazendo em primeiro plano o rosto da vítima e segundo plano seu corpo (efeito provocado pelo mergulho da câmera), em um enquadramento de plano médio. Apesar de o rosto estar na região inferior esta área possui grande potencial de pungir o olhar do leitor. Este efeito pode ser explicado pelo contraste tonal entre a região central – predominantemente branca, que enquadra a blusa e o cartaz, sem apresentar muita nitidez entre os elementos – e a região inferior – que apresenta o rosto da vítima e a mão próxima ao queixo, mantendo nítidos os traços e limites de ambos. Ao compararmos a fotografia inicialmente capturada durante a cobertura da reportagem (Figura 54) com a fotografia publicada é possível ver que a redução da área da fotografia com o fator de corte foi de aproximadamente 2/3, suprimindo o volante, o painel do carro e o banco, mas preservando o assunto principal da fotografia – o corpo caído sobre o banco dianteiro – sem alterações de orientação, rotação de imagem ou adição de elementos informativos diretamente sobre a fotografia.

No setor iconográfico do Arquivo Público do Estado de São Paulo é possível encontrar uma fotografia não publicada sobre o caso (Figura 55). Capturada a partir da porta do passageiro, em orientação vertical (retrato) e angulação em mesma altura do assunto, a fotografia traz em primeiro plano os pés da vítima apoiados no banco do passageiro. Ao fundo, do lado de fora do veículo, é possível visualizar três indivíduos: o primeiro (da esquerda para a direita e mais visível) segurando um caderno e realizando anotações, o segundo apenas com os ombros visíveis e o rosto tapado pelo banco, e o terceiro distorcido pelo para-brisa do carro. A exclusão desta fotografia pode ser explicada pelo ângulo escolhido pelo fotógrafo e a disposição dos elementos na cena do crime: a inclinação do banco bloqueia a visão do corpo e deixa à mostra apenas os pés da vítima, não agregando muito valor informativo para a notícia como um todo.



Figura 54 - Fotografia (ICO-UH-1034-059) publicada no *Última Hora*, 23 de julho de 1969, (ed. vespertina, p.6, 2º caderno). Ruídos nas laterais em função das mãos da pesquisadora. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³⁴⁸

³⁴⁸ FERREIRA. **ICO-UH-1034-059** OSWALDO ROLEMBERG REIS, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", em Coelho Neto. 1969. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.

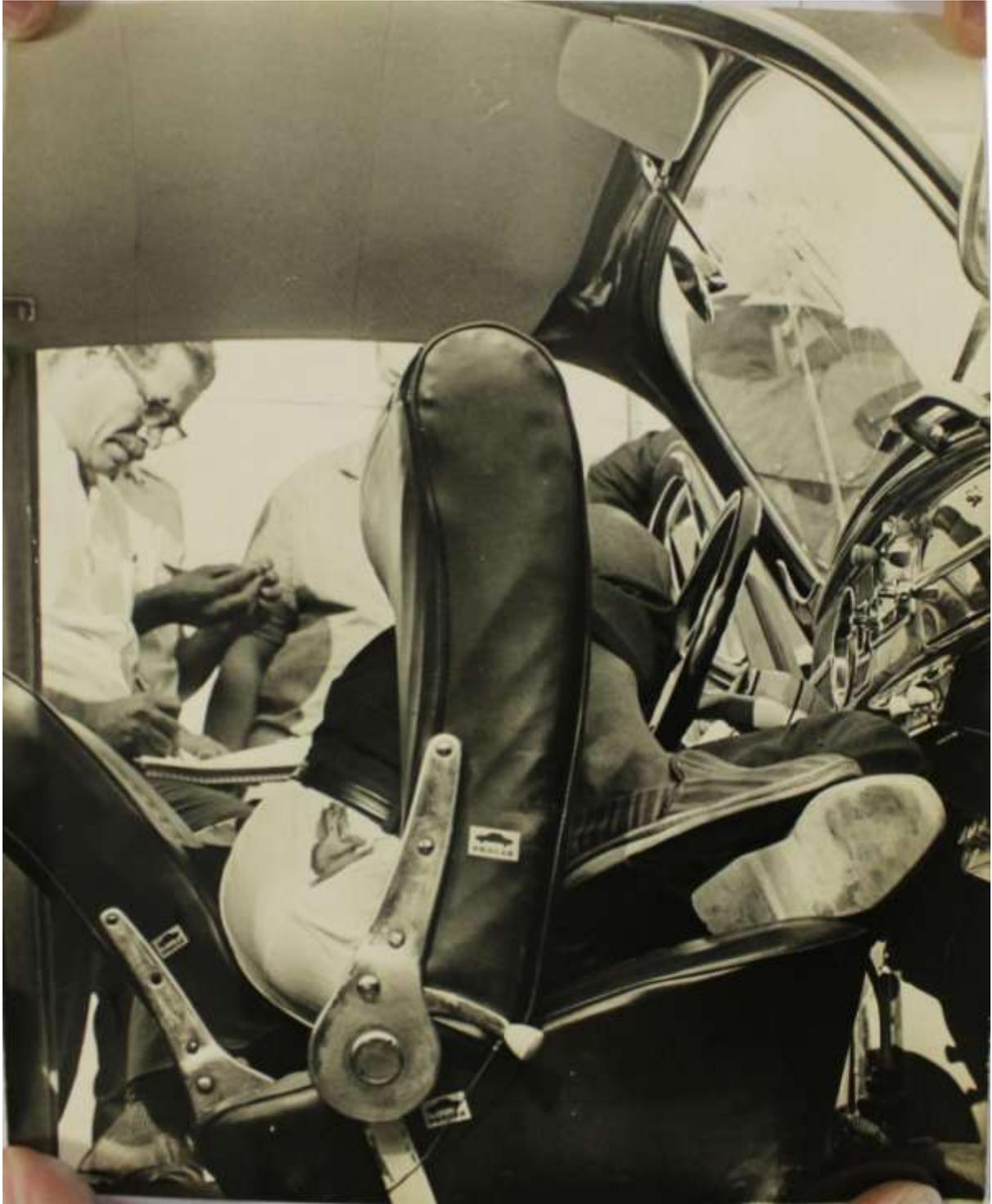


Figura 55 - Fotografia (ICO-UH-1034-040) não publicada - *Última Hora*, 23 de julho de 1969. Ruídos nos cantos em função das mãos da pesquisadora. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³⁴⁹

³⁴⁹ FERREIRA. **ICO-UH-1034-040**. OSWALDO ROLEMBERG REIS, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", em Coelho Neto. 1969. 1 fotografia, p&b, 15x19 cm. Fundo Última Hora - AESP.

Segundo a notícia, a identidade da vítima foi revelada após o comissário da 22ª delegacia policial, César Cavalcanti, retirar o cartaz do rosto. De acordo com os policiais, tratava-se de Neguinho, que junto com Renatinho havia matado o guarda-civil Gilvandro, da 29ª DP, e sua morte tratava-se, portanto, da justiça do Esquadrão da Morte.

Nas subseções "Tiros" e "Cadáver" há o relato do morador Altivo Martins de Andrade, que diz ter visto pela janela de sua casa, no início da madrugada, "[...] vultos que se mexiam nas sombras", ouvindo logo depois cinco disparos. Com medo, o morador esperou amanhecer para então sair à rua e ver o que ocorreu, avistando o *Volkswagen* com a porta do motorista aberta em frente à sua casa. Ao se aproximar do automóvel, Altivo viu um corpo estendido no banco dianteiro, com a cabeça caída para fora, havendo em seu rosto um papel "[...] com uma caveira e duas tíbias desenhadas rudemente, como se o autor estivesse com pressa."³⁵⁰ A testemunha foi até o Posto Policial de Coelho Neto e relatou tudo aos patrulheiros, que voltaram até a cena do crime com Altivo e comunicaram o 22º distrito policial por rádio. Na subseção "Bandido", termo que enfatiza a *sujeição criminal*, a reportagem descreve com mais detalhes o momento em que o comissário César Cavalcanti chegou ao local do crime e apresenta sinais que evidenciam o *modus operandi* do Esquadrão.

O corpo era de um mulato, aparentando 30 anos e que vestia um blusão amarelo, camiseta branca por baixo, calças pretas e, ao contrário do marginal comum, usava cuecas de nylon. Os sapatos eram do tipo tênis, branco e azul. Visível estava a **marca da corda de nylon no pescoço. Na face e nos braços os sinais de sevícias. No queixo um balaço e no peito outra perfuração de bala, ambas de grosso calibre.** Uma rápida vistoria no Volks mostrou que os bancos dianteiros estavam quebrados, como se alguém tivesse feito fôrça para trás. A chave estava na ignição. [grifo nosso]³⁵¹

Com a chegada do perito Fiuza a investigação pôde ser concluída: foram encontradas 5 cápsulas de calibre 45 do lado de fora do veículo; em seu interior, um projétil estava alojado na alavanca de câmbio. Ao virar o cadáver, mais 4 perfurações foram encontradas em seu corpo: uma nas nádegas, uma nas costas e

³⁵⁰ ULTIMA HORA. "GANG DA CAVEIRA" MATOU UM HOMEM DE DOIS NOMES. *Última Hora* (Vespertino), Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=23&mes=7&ano=1969&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 4 dez. 2016.

³⁵¹ *ibidem*.

outra no braço esquerdo, também de calibre 45. Apesar da confirmação por parte dos policiais sobre a identidade da vítima (em dois momentos distintos), a notícia descreve que o perito encontrou uma carteira de identidade com o retrato do morto e o nome Osvaldo Rolemberg Reis no bolso da vítima, levando a crer que Jorge Gomes da Silva, o Neguinho, havia falsificado o documento. Novamente, sinais do Esquadrão e a *sujeição criminal* da vítima são enfatizados.

Na seção "Morte" o relato de Altivo Martins de Andrade é retomado para dar sequência à conclusão da perícia, de que a vítima fora enforcada com extrema violência no banco do motorista – o que explicaria os bancos dianteiros quebrados – e alvejada por outro indivíduo, sentado no banco do passageiro. Apesar de vários policiais terem afirmado que o morto era o bandido Neguinho, o delegado Nélon Madjalane nega que seja esse e afirma que elementos do Esquadrão da Morte não foram vistos na caçada contra Renatinho e Neguinho, ocorrida no dia anterior sob seu comando. Entre as possibilidades levantadas, a vítima poderia ser o banqueiro de bicho Osvaldinho.

Segundo o jornal, policiais "céticos" acreditavam se tratar de um crime praticado por bicheiros e travestido com o *modus operandi* do Esquadrão. A falta de consenso sobre a identidade da vítima e sua aparência – bem trajada e com unhas bem cuidadas, características que não eram vistas em Neguinho – fomentavam essa hipótese. Outro apontamento feito pelos policiais é o fato da área ser "[...] disputada a ferro e fogo pelos bicheiros Nilton da Carlota, Cabrinha e Pirulito."³⁵² No verso das fotografias encontradas no AESP, o Arquivo Técnico do jornal registrou como nome da vítima Osvaldo Rolemberg Reis,³⁵³ além de Ferreira e Gilberto Lívio como fotógrafo e repórter responsáveis, respectivamente.

Os recortes realizados nas fotografias de capa, intencionalmente eliminando ruídos, e a supressão de uma imagem com baixo valor informativo demonstram a preocupação com uma suposta objetividade jornalística. A falta de consenso das

³⁵² *ibidem*.

³⁵³ O registro, na íntegra, encontra-se da seguinte maneira: "POLÍCIA = R.J. (CRIME) (OSWALDO ROLEMBERG REIS, assassinado pelo 'Esquadrão da Morte', em Coelho Neto) JUL. 69." Fonte(s): FERREIRA. **ICO-UH-1034-040**. OSWALDO ROLEMBERG REIS, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", em Coelho Neto. 1969. 1 fotografia, p&b, 15x19 cm. Fundo Última Hora - AESP; FERREIRA. **ICO-UH-1034-059** OSWALDO ROLEMBERG REIS, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", em Coelho Neto. 1969. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP; FERREIRA. **ICO-UH-1034-081**. OSWALDO ROLEMBERG REIS, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", em Coelho Neto. 1969. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.

autoridades sobre a identidade da vítima é explicitada sob o termo "homem de dois nomes" e detalhada no corpo de texto. Dentre as matérias analisadas com maior detalhamento, esta é a primeira em que um cartaz do EM se faz presente, mas já sob um clima de suspeita da autoria ou possibilidade de falsificação, reforçando a *fantasmagorização* do grupo, típica do final dos anos 1960.

O verso da fotografia publicada na capa das edições também nos remete, juntamente com a edição de 22 de fevereiro de 1969, a uma certa perenidade do material fotográfico para a produção jornalística. A anotação "Grande Rio na mira da cosa nostra - Reportagem de Amado Ribeiro em sua coluna 'Blitz' UH - 25.01.71 - pag. 9"³⁵⁴ sinaliza uma republicação posterior do mesmo material com caráter ilustrativo.

3.6 "EXECUTADO MAIS UM NA PRAÇA DO CAI-DURO", 4 de agosto de 1969

A hemeroteca do AESP possui apenas a capa da edição matutina de 4 de agosto de 1969,³⁵⁵ com uma chamada sem fotografia e em baixa saliência "Esquadrão fuzila e marca 2", indicando a página em que a notícia se encontra. A edição vespertina não possui manchete de capa sobre a notícia.

Disposta na parte superior da página 6, 1º caderno, a notícia de alta saliência "EXECUTADO MAIS UM NA PRAÇA DO CAI-DURO"³⁵⁶ (Figura 56) dispõe de 2 colunas abordando textualmente a notícia, e na lateral direita uma fotografia, de orientação vertical (retrato) da vítima com a cabeça levemente inclinada e um cartaz sobre seu peito, com um crânio e 2 ossos entrecruzados e as iniciais "EM". A notícia distingue-se das demais sobre o grupo de extermínio pelo fato de não se apresentar na seção "UH Policial",³⁵⁷ mas sim em "UH de tôda parte", uma coluna destinada a

³⁵⁴ FERREIRA. **ICO-UH-1034-081**. OSWALDO ROLEMBERG REIS, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", em Coelho Neto. 1969. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.

³⁵⁵ ULTIMA HORA. Esquadrão fuzila e marca 2. **Última Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 4.ago. 1969. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=4&mes=8&ano=1969&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 2 dez. 2016.

³⁵⁶ ULTIMA HORA. Executado mais um na Praça do Cai-Duro. **Última Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 4. ago. 1969. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=4&mes=8&ano=1969&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 2 dez. 2016.

³⁵⁷ A seção "UH Policial" desta edição encontra-se na primeira página do 2º Caderno, tendo como destaque o assassinato de Décio Benigno, morto a navalhadas e tendo como principal suspeito seu ex-funcionário, José Carlos de Carvalho. Fonte: ULTIMA HORA. UH Policial. **Última Hora**

notícias de localidades diversas (tanto regionais quanto internacionais). A presença da fotografia inicialmente capturada para consulta no acervo iconográfico do AESP e a fotografia publicada possibilitou a confecção da tabela 12.

ULTIMA ARMA CONTRA O CALOR E A RESISTENCIA DOS VAZOS DE PARIS



De toda parte

PERU RECEBE DEGRADADO

100000 (100.000) - O presidente peruano Enrique Ylagan, irmão de seu pai em uma família, não tem a honra de receber o exilado peruano. Desde que o governo peruano passou a ser de direita.

EXECUTADO MAIS UM NA PRAÇA DO CAI-DURO

Segundo os boatos, o executado seria o filho de um dos membros da família que se suicidou em 1968. O executado seria o filho de um dos membros da família que se suicidou em 1968. O executado seria o filho de um dos membros da família que se suicidou em 1968.

MONTANHA AZUL, NOVO ELDOorado DO BRASIL NA "BOA TERRA"

100000 (100.000) - Uma montanha de 27 mil metros de altura, localizada no Brasil, é considerada a "Boa Terra". A montanha é considerada a "Boa Terra" por ser considerada a "Boa Terra".

CIDADE NUA DOS EUA ELEGUE DIANE A SUA RAINHA NUDISTA

1000 (1000) - A cidade nua dos EUA elegeu Diane a sua rainha nudista. A cidade nua dos EUA elegeu Diane a sua rainha nudista.

ANDREAZZA INAUGURA 67 KM DE ESTRADA ASFALTADA NO PARANA

100000 (100.000) - Andreazza inaugura 67 km de estrada asfaltada no Paraná. Andreazza inaugura 67 km de estrada asfaltada no Paraná.

Bemoreira MANDA PREÇOS, LIQUUN DAIS LIQUUN COMPRE HOJE PARA OUVIR E VER



Auto Rádio ZILMOAO de 16, BAIXOU PARA 11, MENSAL

ABC "Congrito" ABC TRANZASIAL IV de 12, BAIXOU PARA 5, MENSAL

GELOMADO ATLAS de 16, BAIXOU PARA 11, MENSAL

SEMP - TR 300 de 13, BAIXOU PARA 9, MENSAL

SEMP - TR 33 - 3 MENSAL de 12, BAIXOU PARA 8, MENSAL

SEMP AC242 - 2 TUBOS de 150, BAIXOU PARA 99, MENSAL

SEMP - LPT6 - 3 MENSAL de 70, BAIXOU PARA 7, MENSAL

SEMP - SIFR 1000 (10) de 35, BAIXOU PARA 39, MENSAL

Figura 56 - Última Hora, 4 de agosto de 1969, (ed. vespertina, p.6, 1º caderno). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca).

(Vespertino), Rio de Janeiro, 4. ago. 1969. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?%20dia=4&mes=8&ano=1969&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 2 dez. 2016.

(continua)

Parâmetros gerais da reportagem			
Nome da Reportagem:	Executado mais um na praça do Cai-duro		
Data e Local:	Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1969		
		Foto 1 (ICO-UH- 1034-027)	Total
Tamanho da Fotografia na reportagem	Área da fotografia em relação ao quadro total da matéria (medida em fração)	1/3	1/3
Tamanho da Fotografia na página do jornal	Área da fotografia em relação à área da folha de jornal (medida em fração)	1/16	1/16
Fotografia acompanha assinatura do fotógrafo	sim; não	não	
Fotografia acompanha legenda	sim; não	não	
Uso de Flash	sim; não	sim	
Luminosidade	luz noturna, luz diurna, contraluz	luz noturna	
Tipo de lente	lente normal, grande-angular, <i>fish-eye</i> , etc.	normal	
Alteração do fator de corte	sim; não	sim	
Alteração da orientação	90°, -90°, 180°, etc	90°	
Enquadramento (Foto original)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PM	
Enquadramento (Foto Publicada)	plano geral (PG), plano inteiro (PI), plano americano (PAm), plano médio (PM), plano próximo ou primeiro plano (PP), close-up (CL), super close (SC), extreme close-up (EC) ou plano detalhe (PD)	PP	
Angulação da lente (Foto Original)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (contre- <i>plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (contre- <i>plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	plano de 3/4 e mesma altura do assunto	
Angulação da lente (Foto Publicada)	mergulho (<i>plongée</i>), contra-mergulho (contre- <i>plongée</i>), mesma altura do assunto, zenital (<i>plongée</i> absoluto), contra-zenital (contre- <i>plongée</i> absoluto), plano frontal, plano lateral (<i>profil</i>), plano de 1/4 (<i>profil perdu</i>), plano de 3/4	Mergulho (<i>plongée</i>) e plano frontal	

			(conclusão)
Orientação - Foto original	horizontal, vertical	horizontal	
Orientação - Foto publicada	horizontal, vertical	vertical	
Informação censurada pelo fator de corte	Área da fotografia original - Área da fotografia publicada (medida em fração)	2/3	
Interação Texto/Imagem	Texto reforça determinado aspecto da imagem (ainda que de forma irônica): sim; não	sim	

Tabela 12 - Análise dos componentes visuais da notícia - Executado mais um na praça do Cai-duro, Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1969.

Ao compararmos a fotografia inicialmente capturada pelo fotógrafo durante a cobertura da notícia (Figura 57) com a fotografia publicada, vemos que a área da fotografia foi reduzida em 2/3 e rotacionada em 90°. Estes dois fatores provocaram uma alteração de percepção da fotografia: em relação ao enquadramento, houve uma mudança de um plano geral para um plano próximo, reduzindo o *studium* e provocando uma ênfase sobre o assunto da fotografia (a vítima e grande parte do cartaz), podendo induzir o leitor a duas possibilidades de *punctum*: o rosto da vítima ou o cartaz com as insígnias do Esquadrão. Em relação à rotação, esta alterou a orientação, inicialmente horizontal (em paisagem), para vertical (retrato), inferindo ao leitor a impressão de que a vítima está encostada em uma parede, dependurada e numa perspectiva de mergulho (*plongée*). A mudança de orientação pode ter ocorrido para enfatizar o cartaz com a insígnia e os recados do grupo de extermínio, dispondo-os em orientação de leitura, ao passo que a fotografia inicialmente capturada põe em evidência o corpo e local da vítima, não permitindo uma atenção maior sobre o cartaz caso fosse publicada desta forma. Capturada inicialmente em orientação horizontal (paisagem), em enquadramento de plano médio, o fotógrafo posicionou a câmera em um plano de 3/4, na mesma altura do assunto, de modo que pudesse enquadrar ao mesmo tempo a vítima caída sobre o banco e o cartaz com os dizeres: "A caveira está solta"; "E.M."; "Próximos: Flavio Vilar, Mijini Vilar e Fernando C.O.", estando ao centro o desenho de um crânio com dois ossos entrecruzados.



Figura 57 - Fotografia (ICO-UH-1034-027) publicada no *Ultima Hora*, 4 de agosto de 1969, (ed. vespertina, p.6, 1º caderno). Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Iconográfico); reprodução.³⁵⁸

A supressão de 2/3 da fotografia também pode ter ocorrido devido à baixa incidência de luz no local, evidente pela presença de *flash* iluminando apenas o primeiro plano, gerando sombra sobre o chão e, ao fundo, o reflexo nos faróis e na lataria de um automóvel, como mostra o desenho linear evidenciando o jogo de luz e planos (Figura 58).

O desenho linear tomou como base os elementos originais da fotografia, a fim de evidenciar na região em branco o primeiro plano, onde o foco da objetiva adquire maior nitidez, junto à área iluminada pelo *flash* da máquina fotográfica, e na região em cinza o segundo plano, desfocado. As linhas radiais evidenciam a dispersão de luz do *flash* diante do assunto fotografado. À medida em que a luz do *flash* incide sobre o primeiro plano, a luz propagada sobre as regiões periféricas vai perdendo intensidade, esmaecendo as bordas. Considerando as tecnologias e limitações de impressão da época, a equipe do jornal pode ter optado por suprimir

³⁵⁸ ALMEIDA. **ICO-UH-1034-027**. DESCONHECIDO ASSASSINADO PELO "ESQUADRÃO DA MORTE" NO FINAL DA AVENIDA TEXEIRA [sic] DE CASTRO, EM BONSUCESO. 1969. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.

as regiões com pouca propagação de luz, preservando o assunto principal da fotografia: a vítima com o cartaz.

Diferentemente das demais reportagens analisadas neste capítulo, essa não apresenta o texto dividido em subseções, talvez por conta de seu posicionamento externo à folha policial. Além destas diferenças de escrita e posicionamento, o *lead* da reportagem menciona uma distinção na execução do crime: o corpo foi deixado numa praça deserta e sem iluminação conhecida como praça do "Cai-duro", na madrugada de sábado (02 de agosto de 1969), e não em estradas pouco movimentadas como frequentemente ocorria.

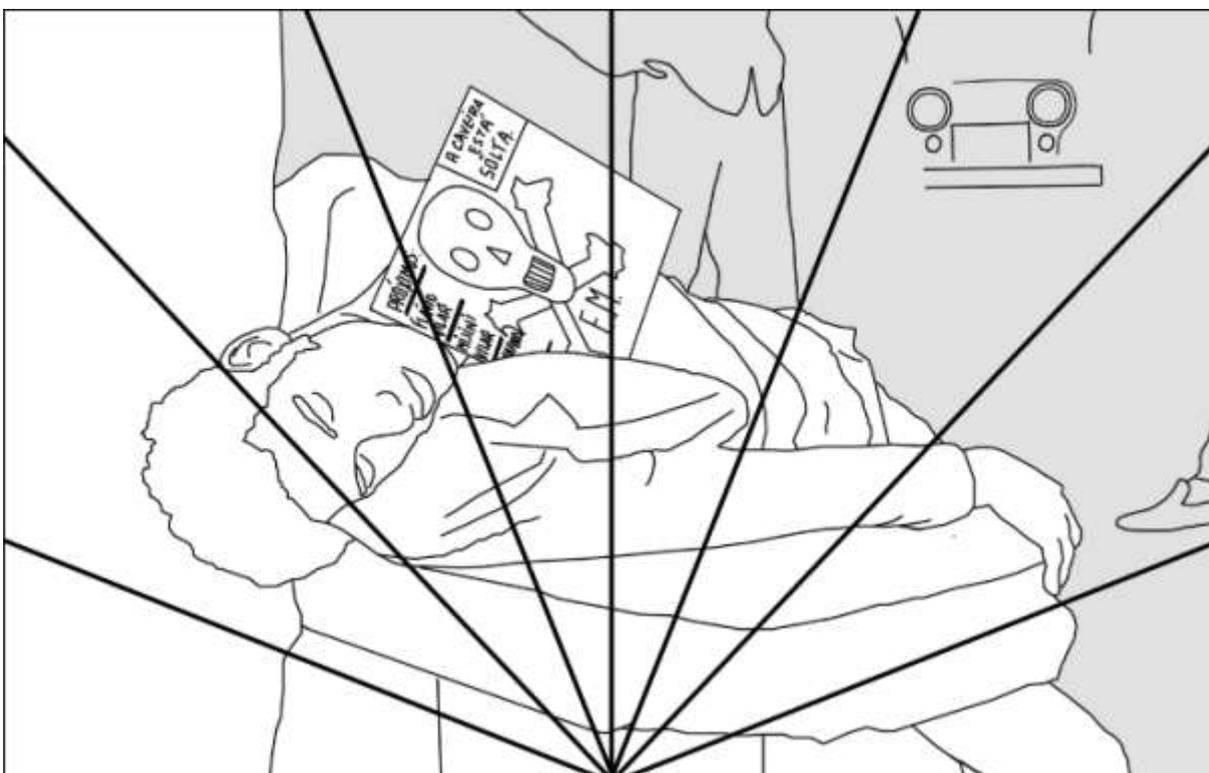


Figura 58: Desenho linear com base na Fotografia ICO-UH-1034-027.

As constatações do perito Gentil, do Instituto de Criminalística, iniciam a notícia: a vítima foi morta com seis tiros de grosso calibre no tórax e um nas costelas, apresentando sinais de enforcamento, marcas de algemas no pulso e a mão quebrada. Estes sinais somados ao cartaz na cena do crime (ícone) indicariam o Esquadrão como autor do assassinato. A descrição do corpo e da indumentária é dada logo em seguida, permitindo ao leitor a construção de um *pseudoambiente* e fornecendo dados para uma possível identificação da vítima:

O morto é um homem pardo, de 26 anos presumíveis, trajando calça "Lee" de veludo cinza, camisa de malha verde, pulôver cinza, paletó marrom sarja, de lã, meias de espuma nylon marrom e um pé de sapato esporte, havana. Tem uma cicatriz no queixo, estava bem barbeado, meio sentado num dos bancos da pracinha, tendo sôbre o corpo um cartaz bem desenhado, com a caveira e os dizeres: "Próximos: - Flávio Vilar, Mijini Vilar e Fernando C.O." ³⁵⁹

Segundo a reportagem, o crime foi anunciado para a redação dos jornais por volta das 5 horas da madrugada do sábado através do relações-públicas do grupo, Rosa Vermelha. Disfarçando a voz, este anunciou que os assassinos eram 3 homens negros que viajavam num Aero Willys de cor branca. A notícia é encerrada mencionando que no bolso da vítima foi encontrada uma carteira, de registro nº 298 do Clube de Ciências Alberto Santos Dumont, em nome de Carlos Alberto dos Santos, e um endereço. O jornal ironiza o descaso das autoridades: "O endereço não existe e ignora-se, até agora, se o nome realmente é do morto".³⁶⁰ Outros termos ao longo da reportagem evocam o anonimato da vítima, como é o caso do próprio título "Executado mais um [...]", "nova vítima", "o morto".

A exceção notada quanto ao posicionamento desta reportagem, fora da seção policial, traz consigo outras consequências. Susan Sontag, em *Diante da dor dos outros*, relembra da vizinhança e concorrência de imagens nas revistas ilustradas no final da década de 1930, quando a fotografia do soldado republicano tirada por Robert Capa dividiu espaço na revista *Life* com um anúncio em página inteira de uma pomada de cabelo masculina, situado na página vizinha.³⁶¹ Para a presente edição do *Ultima Hora*, a notícia da execução divide espaço com um anúncio de alta saliência, ocupando parcialmente duas páginas, da Bemoreira³⁶² (Figura 59). O anúncio traz em caixa alta e com maior escala de fonte o termo "liquidação", que se faria presente em várias notícias sobre execuções do

³⁵⁹ ULTIMA HORA. Executado mais um na Praça do Cai-Duro. *Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 4. ago. 1969. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=4&mes=8&ano=1969&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 6 jan. 2016.

³⁶⁰ ibidem.

³⁶¹ SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.31.

³⁶² Empresa do setor de eletrodomésticos, fundada em 23 de agosto de 1966 e ainda ativa no Rio de Janeiro.

Esquadrão da Morte.³⁶³ A notícia imediatamente ao lado esquerdo também traz, em caixa alta, um jogo de palavras inusitado: "**Última arma contra** o calor e a resistência dos varões de Paris". Intencional ou não, consequência de um interesse guiado dos diagramadores ou de uma indiferença de vizinhança como a salientada por Sontag, a coexistência destes elementos na folha do jornal não deixa de ser digna de nota.



Figura 59 - Folhas 6 e 7 da edição vespertina - *Última Hora*, 4 de agosto de 1969, 1º caderno. Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (Hemeroteca).

Como em casos anteriores, a fotografia seria republicada em 5 de janeiro de 1970, conforme consta nos registros em seu verso. O Arquivo Técnico do jornal registrou Almeida e Dilson como fotógrafo e repórter responsáveis pela cobertura do crime.³⁶⁴

³⁶³ Entre os jornais utilizados para a elaboração da tabela 2, presente no 2º capítulo desta pesquisa, podemos encontrar: "Esquadrão da Morte em ação liquida mais um" (título em 01/07/1968); "Esquadrão liquida mais dois ladrões na Barra" (título em 13/07/1968); "Amaro, filho de Belo França, foi sumariamente liquidado" (legenda de fotografia em 10/03/1969); "DOIS TIROS LIQUIDARAM O PUXADOR" (título em 13/12/1969); de modo a evidenciar a validade da metáfora no contexto de execuções e sua aplicabilidade às vítimas do EM.

³⁶⁴ ALMEIDA. **ICO-UH-1034-027**. DESCONHECIDO ASSASSINADO PELO "ESQUADRÃO DA MORTE" NO FINAL DA AVENIDA TEXEIRA [sic] DE CASTRO, EM BONSUCESO. 1969. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Última Hora - AESP.

3.7 ASPECTOS GERAIS SOBRE AS REPORTAGENS

Direta ou indiretamente elementos como a *sujeição criminal*, o *modus operandi* do grupo, o efeito de *fantasmagorização* e a depreciação das vítimas estiveram presentes nas reportagens. As fotografias publicadas foram obtidas majoritariamente durante atos periciais e buscaram enfatizar o corpo das vítimas, bem como os sinais e ícones do Esquadrão.

Algumas exceções, tanto ao fazer jornalístico quanto ao *modus operandi* do grupo, surgem ao longo da amostra, como a eliminação da *sujeição criminal* em 22 de fevereiro de 1969 (vítima era um “comerciante”), a publicação de uma execução fora da seção policial e o descarte de um corpo em uma local pouco convencional em 4 de agosto de 1969 (uma praça).

Ao observarmos as notícias de 1969 (22 de fevereiro, 23 de julho e 4 de agosto) é notável uma queda de saliência ou até a ausência de fotografias ou chamadas em grande destaque na capa; no entanto, a ênfase textual e até mesmo fotográfica nas notícias ainda apresentava o tema de forma enfática.

O jornal parece estabelecer certo envolvimento entre os casos, seja pela reutilização de fotografias publicadas em edições anteriores, pela seção de espaço aos familiares de vítimas anteriores ou pelos históricos exibidos oportunamente (histórico do Esquadrão em 11 de outubro de 1969, histórico de perícias em 22 de fevereiro de 1969), criando um grande mapa de situações, eventos e elementos que reforça a imagem do grupo no imaginário popular e facilita a produção do efeito de *fantasmagorização* ao ampliar o rol de sinais e ícones característicos do suposto Esquadrão da Morte.

Especificamente no caso noticiado em 11 de outubro de 1968 é perceptível certa fabricação do acontecimento no momento em que a matéria se contradiz, afirmando a atuação do EM na chamada de capa e negando a autoria do crime na folha policial. A reportagem do dia 14 de outubro de 1968 também apresenta algumas contradições, como o corpo abandonado de um carro em alta velocidade e o pente propositalmente deixado ao lado do cadáver, demonstrando novamente certa fabricação do acontecimento, ainda que em doses moderadas para não corroer a credibilidade do jornal.

Outros aspectos que fujam da simples intertextualidade das matérias aqui analisadas serão abordados nas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo contribuir para a produção de conhecimento acerca das representações fotojornalísticas do Esquadrão da Morte e suas execuções sumárias nos anos de 1968 e 1969, bem como com a produção de conhecimento acerca do apelo popular e sensacionalismo nas páginas do jornal carioca *Ultima Hora*. Analisamos os componentes textuais e fotográficos da reportagem – seus códigos óticos, de tratamento e compaginação – com o intuito de verificar elementos que alteram, reorientam, enfatizam ou suavizam um ou mais aspectos sobre o grupo, além de sinais e ícones deixados nas cenas de crime e utilizados no discurso jornalístico para a atribuição de autoria das execuções.

O *Ultima Hora* surge na década de 1950 agregando inovações gestadas naquele período em vários outros veículos de imprensa (*lead*, *copy-desk*, entre outros) e contribuindo com a consolidação de uma nova modalidade jornalística. As constantes referências de "inovador", "revolucionário" e "pioneiro" talvez sejam melhor explicadas pelo grande corpo de obras escritas por ex-jornalistas que ali trabalharam, criando a "mítica da renovação" apontada por Marialva Barbosa.

Pode-se afirmar que a pretensão dos jornais é de atuar tanto politicamente quanto mercadologicamente com seus "leitores-consumidores": conseguir mercado neste contexto significa a conquista do poder propriamente dito.³⁶⁵ O uso de fotografias se torna parte essencial da codificação do meio em busca de um discurso que retrate o mundo e os fatos (*analogon* do real) e auxilie na acumulação de credibilidade: é pelo acúmulo desta credibilidade – como vetor de difusão da realidade – que o jornalista, a agência jornalística e o *campo* jornalístico constroem seu poder simbólico. Desta forma, analisar os meandros do fazer jornalístico consiste em resgatar parte considerável da memória e do binômio imprensa e poder, além de evidenciar as estruturas reificadas (*campo*) numa perspectiva histórica para auxiliar na compreensão da prática jornalística num determinado período.

A escrita utilizada pelo *Ultima Hora* não condizia com os parâmetros de alfabetização e capacidade de leitura das classes menos abastadas da época, entretanto, o uso da imagem fotográfica e uma diagramação mais limpa, em termos de espaçamento e tamanho das tipografias, apresentam-se como facilitadores à

³⁶⁵ BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.153.

leitura do periódico. A conquista das classes populares também era auxiliada pelas colunas diversificadas e voltadas para os problemas cotidianos dessa parcela da população: uma distinção do periódico, sobretudo com os ideais populistas de Vargas e João Goulart.

A seção policial do periódico também é apontada como uma das ferramentas envolvidas na conquista do público, se utilizando da emoção dos crimes para pungir os "leitores de manchetes" e fazê-los adquirir um exemplar nas bancas. Mas uma percepção equivocada dos crimes ou das ondas de crimes pode levar a efeitos socialmente nocivos, como os apontados pelo sociólogo Michel Misse, para quem uma alta percepção de impunidade no aparelho judicial traz consigo um aumento das demandas de punibilidade, ainda que ilegais. A emergência dos grupos de extermínio, assim como a aceitação destes grupos por parte da sociedade, surge como "antídoto" contra determinados *fantasmas sociais* tidos como extermináveis: os sujeitos criminais, no caso das vítimas do Esquadrão da Morte.

Apresentadas e analisadas algumas reportagens com seus respectivos elementos textuais e fotográficos, pudemos verificar algumas consonâncias entre elas. Sinais ou ícones que remetem ao Esquadrão da Morte estiveram presentes em todas as análises, seja diretamente – através de cartazes ou ligações – ou indiretamente – por meio da inferência e suposição do próprio jornal. A presença destes sinais se enriquece, sobretudo, com a descrição de elementos coletados durante a perícia no local do crime. As fotografias são capturadas quase sempre com os corpos sendo periciados, o que pode explicar a predominância de fotografias em mergulho ou mesma altura do assunto fotografado. É notável, também, o destaque dado aos sinais e ícones do EM nas fotografias, como, por exemplo, o pente de balas ou os cartazes. As alterações de fator de corte apresentaram motivações diversas, desde gestão do espaço na mancha gráfica até a ênfase de determinados itens ou supressão de itens indesejados. Com base nas análises realizadas sobre as notícias do Esquadrão da Morte, evidencia-se certa estabilidade no teor sensacionalista das notícias ao longo do tempo, seja através da escrita ou dos elementos visuais (especialmente a fotografia). As escalas de planos, tamanho de fontes, disposição de colunas e escolha dos assuntos fotografados auxiliam na produção deste efeito. Tratando-se da análise de um jornal físico, muitas vezes a não publicação de uma fotografia poderia ocorrer por falta de espaço na mancha gráfica ou por opção da própria equipe policial, caracterizando-se como uma espécie

de autocensura. Pudemos evidenciar este elemento ao confrontarmos as fotografias do setor iconográfico do Fundo *Ultima Hora* (AESP) com os jornais disponíveis na hemeroteca do AESP. Entretanto as notícias apresentam elementos destas fotografias não publicadas (*pseudoambientação* através da descrição).

Certa autocensura também se apresenta através de uma análise de maior vulto comparando as publicações anteriores e posteriores ao AI-5, tendo em vista a censura imposta ao jornal paulista *Notícias Populares* quanto a noticiar o Esquadrão da Morte. Embora o *Ultima Hora* tenha noticiado exaustivamente as execuções e investigações, as notícias se tornaram mais breves, menos salientes e ganharam menos espaço nas capas. O elevado número de notícias produzidas no período contraria hipóteses de perda noticiabilidade, sendo mais provável uma moderação intencional na produção posterior ao Ato Institucional. Elementos que reforçam a *fantasmagorização* do grupo, recorrentes nos anos de 1968 e 1969, também podem ser encarados como estratégia empregada na exploração do valor mercadológico das notícias sobre o Esquadrão.

A estabilidade evidenciada nas notícias, característica de um fazer jornalístico temporalmente situado, parece sustentar a sugestão apresentada por David Maciel de Mello Neto: há uma forma específica e prática de se fazer notícia e de "atrair leitor". Somados às notícias do período, o romance policial *Esquadrão da Morte* (1969) e a entrevista de Amado Ribeiro ao *O Pasquim* (1983) nos ajudam a evidenciar elementos da escrita utilizada pela equipe da folha policial. O romance policial *Esquadrão da Morte* apresenta exatamente o padrão de escrita das notícias, tanto em sua disposição espacial (segmentação em trechos curtos) quanto no tom sensacionalista (hipérboles, descrição detalhada de aspectos físicos e psicológicos, discursos diretos, etc.). A entrevista ao *O Pasquim* reforça a visceralidade das descrições do repórter Amado Ribeiro mesmo fora da redação. A autocensura supracitada não deve ser encarada como contradição à estabilidade de traços sensacionalistas.

Quanto aos elementos textuais das notícias, é comum a presença de elementos que reforçam a *sujeição criminal* das vítimas³⁶⁶ ou que depreciam o

³⁶⁶ "É notório também que o Delegado Mauro Magalhães, tem por norma executar bandidos considerados 'irrecuperáveis' quando assume nova jurisdição no Estado do Rio." (11/10/1968); "O nosso protesto é traduzido por rajadas de metralhadoras nos marginais - afirmou teatralmente." (11/10/1968); "Nos seus bolsos foram encontrados dois lenços, [...] e um pacotinho de maconha." (14/10/1968); "Meu filho foi marginal e estava regenerado." (14/10/1968); "[...] grupo policial punitivo

indivíduo.³⁶⁷ A minúcia descritiva dos relatos e vítimas reforça a *pseudoambientação*, além de facilitar a identificação por parte de familiares ou conhecidos da vítima e de trazer, talvez oportunamente, as informações necessárias para a suposição de autoria do crime. Nas notícias analisadas, o *pseudoambiente* resulta da soma entre a imagem fotográfica e a descrição realizada pelo repórter. É importante lembrar que há uma tríade relação entre a fonte emissora (empresa jornalística), o canal de transmissão (jornal impresso) e o meio receptor (público leitor), que interpreta o conteúdo da notícia a partir de um olhar pré-fabricado: o olhar e a posição da empresa jornalística ante o grupo e suas vítimas.

De forma unânime entre as matérias escolhidas, o Esquadrão era responsabilizado pela morte de vítimas de cor negra, mulata ou parda e do sexo masculino. Uma análise de maior vulto para confirmar a predominância de homens negros e pardos entre as vítimas de extermínio é fornecida por Robert Sterling Rose em *The Unpast: a violência das elites e o controle social no Brasil 1954-2000*, através de um levantamento de execuções por grupos de extermínio na última metade do século XX com base nos jornais populares *O Dia* e *Notícias Populares*.³⁶⁸

A reutilização das fotografias em outras publicações do periódico, como na edição de 22 de fevereiro de 1969, ou com as fotografias ICO-UH-1034-081 (Figura 50) e ICO-UH-1034-027 (Figura 57), republicadas no início da década de 1970 conforme anotações no verso destas, indica a formação de uma iconografia do Esquadrão por parte do jornal,³⁶⁹ motivada possivelmente pelo alto valor mercadológico que estas imagens ofereciam e o grau de popularidade e impacto que elas causavam. A questão da perenidade ou fugacidade do choque, levantada

que se auto-encarregou de eliminar marginais pressupostamente irrecuperáveis" (22/02/1969); "É o Neguinho. Ele e o Renatinho mataram o guarda-civil Gilvandro, o China, do 29º DP, e isso aí é a Justiça do Esquadrão da Morte" (23/07/1969); "No bôlso esquerdo da calça o perito encontrou um dólar de maconha [...]" (23/07/1969); "Partiam do raciocínio de que o morto estava bem trajado e com as unhas bem cuidadas, detalhes que nunca foram observados no bandido [...]" (23/07/1969); "[...] assim como um porta-notas, contendo meio dólar de maconha [...]" (04/08/1969).

³⁶⁷ "Outro fuzilado pelo Esquadrão" (08/10/1968); "Esquadrão da Morte leva outro ao 'paredon' [...]" (11/10/1968); "4 delegados sob suspeita: outro cadáver" (25/11/1968); "Caveira enforca e fuzila um" (23/07/1969); "Executado mais um [...]", "a nova vítima [...]", "o morto [...]" (04/08/1969);

³⁶⁸ ROSE, R. S. *The Unpast: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000*. trad. Richard Boike. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editoria Massangana, 2010. p.334-364.

³⁶⁹ Uma vez que, na presente pesquisa, "ícone" se refere a signos propositalmente criados para aludir ao grupo, a produção de um banco de imagens por parte do jornal para reutilização futura em alusão ao Esquadrão da Morte caracteriza uma espécie de iconografia.

por Susan Sontag e contraposta com um excerto de Patrick Champagne, pode ser remediada com a observação da edição de 22 de fevereiro de 1969, onde as fotografias são reaproveitadas, mas ressignificadas em seu valor informativo: o foco deixa de ser o ato pericial e passa a ser o indivíduo fotografado na cena do crime. Para as outras duas fotos infelizmente não pudemos encontrar as edições posteriores do jornal em 1970 e 1971.

Gostaríamos de ressaltar que nosso exercício de pesquisa procurou pensar as representações fotojornalísticas de um jornal categorizado como popular e como ele, em muitas oportunidades, apresentou o evento com uma carga de sensacionalismo, fazendo uso de descrições minuciosas, se apropriando de relatos de policiais, peritos, parentes das vítimas e opiniões do próprio repórter e/ou equipe do jornal, além de incorporar características do jornalismo literário, recorrente na década de 1920. É digno de nota, também, que o jornal se apresenta inicialmente favorável à criação do grupo TVRAMA no final da década de 1950 e posteriormente alterna entre posturas favoráveis e contrárias a atuações semelhantes, com o crescimento e difusão das práticas de extermínio. Esta instabilidade apresentada pelo periódico diante do suposto Esquadrão da Morte evidencia certa ambivalência do jornal, devidamente explicada pela sua preocupação política e de mercado, alternando entre as boas relações com a polícia e a denúncia das execuções sumárias por parte de familiares das vítimas que buscavam justiça.

Através da presente pesquisa pudemos pensar nas fontes de imprensa como documento histórico para compreender melhor a maneira como estes grupos eram vistos no período. Este exercício historiográfico é de notável importância, considerando que a bibliografia relacionada ao Esquadrão da Morte – de cunho acadêmico ou não – baseia-se majoritariamente em relatos jornalísticos. A análise das fotografias e reportagens nos permitiu revelar vieses, condicionamentos e ruídos do jornal, por questões mercadológicas, técnicas ou ideológicas, enquanto produtor de uma potencial fonte histórica. Dois historiadores citados no início da presente pesquisa podem ser lembrados para o fechamento: para Bloch, “[...] até nos testemunhos mais resolutamente voluntários, o que os textos nos dizem expressamente deixou hoje em dia de ser o objeto predileto de nossa atenção”;³⁷⁰ Le Goff complementa que “[o] documento não é qualquer coisa que fica por conta do

³⁷⁰ BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 78.

passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder.”³⁷¹

³⁷¹ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. vários tradutores. 5. ed. 2. reimpr. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 535-536.

FONTES CONSULTADAS

Acervos consultados

AESP - Arquivo Público do Estado de São Paulo - Setores Iconográfico e Hemeroteca

BN - Biblioteca Nacional - Setor Hemeroteca

BN - Biblioteca Nacional - Brasileira Fotográfica

CPDOC / FGV - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - Fundação Getúlio Vargas.

Entrevistas

DA SILVA, Sandra Amado Braga Ribeiro. **Entrevista concedida a Mariana Dias Antonio sobre dados pessoais de Amado Ribeiro**. Três Rios, 31 mai. 2016. Entrevista por e-mail.

MOURA, Edgar Peixoto de. **Entrevista concedida a Mariana Dias Antonio sobre o jornal Última Hora**. 30 out. 2016. Entrevista por e-mail.

Fontes de Imprensa - Diversas

A NOITE. **A Noite**, Rio de Janeiro, 4 abr. 1937. p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/348970_03/42038>. Acesso em: 21. out. 2016.

CORREIO DA MANHÃ. Polícia descobre jôgo e tóxicos nos crimes da Baixada. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 out. 1968. p.10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/089842_07/96439>. Acesso em: 25 nov. 2016.

COSGROVE, Ben. LIFE's First-Ever Cover Story: Building the Fort Peck Dam, 1936. **TIME**, Estados Unidos, 16 nov. 2012. Disponível em: <<http://time.com/3764198/life-first-ever-cover-story-building-the-fort-peck-dam-1936/>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Mais 5 executados na volta do "Esquadrão". **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 15 out. 1968. p.11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/093718_04/78238>. Acesso em: 25 nov. 2016.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Certidão Falsa Soltou Perito do "Esquadrão". **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1 mar. 1969. p.10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/81512>. Acesso em: 26 nov. 2016.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Caveira: 11 da matança sob investigações na Homicídio. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 mar. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_05&PagFis=1460>. Acesso em: 27 fev. 2016.

JORNAL DO BRASIL. AUTOR DE UM CRIME DE MORTE E DE ASSALTO RECENTE. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 out. 1957. p. 12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_07&PagFis=7961>. Acesso em: 25 fev. 2016 (material protegido por direitos autorais).

JORNAL DO COMMERCIO. Photographia. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 17 jan. 1840. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_03&PagFis=57>. Acesso em: 17 jul. 2016.

JORNAL DO COMMERCIO. O Daguerrotypo. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 20 e 21 jan. 1840. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_03&PagFis=69>. Acesso em: 17 jul. 2016.

LIBRARY AND ARCHIVES CANADA. **Canadian Illustrated News, 1869-1883**. Disponível em: <<http://www.bac-lac.gc.ca/eng/discover/canadian-illustrated-news-1869-1883/Pages/canadian-illustrated-news.aspx>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

O PASQUIM. **O Pasquim**. Rio de Janeiro, nº 367, 9 jul. a 15 jul. 1976.

O PASQUIM. Amado Ribeiro, um correspondente na guerra do crime: "Eu batizei o Esquadrão da Morte!". **O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 722, 28 abr. a 4 mai. 1983.

RIBEIRO, Amado. Foi Tenório quem atirou. **A Noite**, Rio de Janeiro, 11. fev. 1957. p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=348970_05&PagFis=40821>. Acesso em: 5 jun. 2016.

STRUCK, Jean-Philip. Fim do "auto de resistência" é mudança cosmética, dizem especialistas. **Deutsche Welle**, Brasil, 10 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/fim-do-auto-de-resist%C3%A7%C3%A9mudanc%C3%A7acosm%C3%A9tica-dizem-especialistas/a-18969151>>. Acesso em: 11 mai. 2016.

TIME. You Can See the Whole First Issue of TIME Online. Here's How. **TIME**, Estados Unidos, 3 mar. 2017. Disponível em: <<http://time.com/4684747/first-issue-vault/>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

WESTIN, Ricardo. Há 140 anos, a última pena de morte do Brasil. **Senado Federal**, Brasília, 4 abr. 2016. Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/04/04/ha-140-anos-a-ultima-pena-de-morte-do-brasil>>. Acesso em: 2 mai. 2016.

Fontes de Imprensa - *Ultima Hora*

BISPO, Manoel. A Liberdade e o Cérebro Eletrônico. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 23. mai. 1964. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&PagFis=99772>>. Acesso em: 27 mai. 2016.

COSTA, Luis G.M. A Última Noite do Presidente. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 25 ago. 1954. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=20254>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

RIBEIRO, Amado. Chuva, relâmpagos e trovões como cenário para o brutal assassinio. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 6. nov. 1957. p. 7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=43197>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

RIBEIRO, Amado. AMADO RIBEIRO ESCREVE SÔBRE MILTON LE COCQ: "CARA DE CAVALO MATOU COM MEDO DE MORRER". **Ultima Hora** (Matutino), 31 ago. 1964, p.9. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=31&mes=8&ano=1964&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jan. 2017.

ULTIMA HORA. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 12 jun. 1951. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=1>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

ULTIMA HORA. Intercâmbio de 'Ultima Hora'. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 12. jun. 1951. p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=1>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

ULTIMA HORA. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 13 jun. 1951. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=49>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

ULTIMA HORA. Grande recorde obteve o 4x200 do Fluminense. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 23 jul. 1951. p.8. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=983>>. Acesso em: 6 jan. 2016.

ULTIMA HORA. O Côrvo. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 25 mai. 1954. p.3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=18841>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

ULTIMA HORA. Matou-se Vargas! **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 24 ago. 1954. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=20229>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

ULTIMA HORA. O Grande Problema do Alvirrubro - O Mesmo Quadro Contra o 'Glorioso' - Hilton Gosling. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 1 out. 1955. p.16. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=1&mes=10&ano=1955&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 6 jan. 2016.

ULTIMA HORA. Hoje a Noite no Macaranãzinho o Brasil X Rússia (URSS) Oficial. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 4 jul. 1956. p. 8. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=4&mes=7&ano=1956&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 6 jan. 2016.

ULTIMA HORA. Assegurar a ordem e garantir as instituições democráticas. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 14 mai. 1957. p. 7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=38669>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

ULTIMA HORA. Sanear a Polícia e Criar Xadrezes Permanentes para Vagabundos e Desordeiros. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1957. p.9. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/386030/39745>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

ULTIMA HORA. Multiplicam-se as Quadrilhas de Bandidos num Desafio Audacioso à Ação da Polícia! **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 28 ago. 1957. p.6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=41398>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

ULTIMA HORA. METRALHADO PELA POLÍCIA O MOTORISTA DA TV-TUPI! **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 26 fev. 1958. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/386030/45819>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

ULTIMA HORA. Crime brutal em Cachambi: METRALHADO PELA POLÍCIA O MOTORISTA DA TV-TUPI! **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 26 fev. 1958. p.6. Disponível em : <<http://memoria.bn.br/DocReader/386030/45824>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

ULTIMA HORA. Espôsa do motorista da TV: "ESQUADRÃO DA MORTE MATOU MEU MARIDO PELAS COSTAS!". **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 11 abr. 1959. p.6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/386030/54557>>. Acesso em: 2 ago. 2016.

ULTIMA HORA. Deputados decidiram: DEVASSA NAS CÂMARAS DE TORTURA, JÁ. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 21 ago. 1963. p.1 Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/386030/89894>>. Acesso em: 1 mar. 2017.

ULTIMA HORA, Mudanças no padrão "UH". **Ultima Hora**, 16 jan. 1963. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=86383>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

ULTIMA HORA. Editôra ULTIMA HORA S/A. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 17 jan. 1963. p.4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=86414>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

ULTIMA HORA. Vindita Fria. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 2 abr. 1964. p. 1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=2&mes=4&ano=1964&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 05 jan 2016.

ULTIMA HORA. Tôda Polícia Mobilizada Para Vingar Le Cocq: FUZILADO UM LÍDER DO ESQUADRÃO DA MORTE. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 28 ago. 1964. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=28&mes=8&ano=1964&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 2 ago. 2016.

ULTIMA HORA. Polícia de Luto Faz Juramento de Honra no Túmulo do Detetive; MORTE DE LE COCQ VAI CUSTAR 10 BANDIDOS. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 29 ago. 1964. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=30&mes=8&ano=1964&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 2 ago. 2016.

ULTIMA HORA. Cortada a fuga de Cara-de-cavalo. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 29 ago. 1964. p.7. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=30&mes=8&ano=1964&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 2 ago. 2016.

ULTIMA HORA. Chacina para vingar assassinato de Le Cocq; DEZ BANDIDOS POR UM POLICIAL MORTO. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 29 ago. 1964. p.10. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=30&mes=8&ano=1964&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 2 ago. 2016.

ULTIMA HORA. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 31 ago. 1964. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=31&mes=8&ano=1964&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 2 ago. 2016.

ULTIMA HORA. UH viu a execução de Cara-de-cavalo. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 5 out 1964. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=5&mes=10&ano=1964&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 7 jun.2016.

ULTIMA HORA. CARA-DE-CAVALO MORREU ATIRANDO: –LEVO UM COMIGO PARA O INFERNO. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 5 out. 1964. p. 9. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=5&mes=10&ano=1964&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 7 jun.2016.

ULTIMA HORA. Esquadrão vinga em mais dois. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 28 jun. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=28&mes=6&ano=1968&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. "ESQUADRÃO DA MORTE" FUZILA DOIS BANDIDOS. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 28 jun. 1968. p.10. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=28&mes=6&ano=1968&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. Banho de sangue é a vingança. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 28 jun. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=28&mes=6&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun.2016.

ULTIMA HORA. Esquadrão: 200 + 1 mortos. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 2 out. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=2&mes=10&ano=1968&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. 200+1 identificado. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 2 out. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=2&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. Vítima 200+1 do "EM". **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 2 out. 1968. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=2&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=2> Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. Polícia fuzila regenerado. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 3 out. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=3&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. EM FUZILA QUEM SABE DEMAIS. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 3 out. 1968. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=3&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. MATANÇA NA GB NÃO PÁRA. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 8 out. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=8&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. OUTRO FUZILADO PELO ESQUADRÃO. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 8 out. 1968. p.8. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=8&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. ESQUADRÃO LEVA OUTRO AO "PAREDON" DA MORTE. **Ultima Hora** (Matutino), 11 de outubro de 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=11&mes=10&ano=1968&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 20 nov. 2016.

ULTIMA HORA. ESQUADRÃO DA MORTE LEVA OUTRO AO 'PAREDON' MUTILANDO CORPO. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=11&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. FUZILADO TEVE OS OLHOS ARRANCADOS. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1968. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=11&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=2>. Acesso em 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. Esquadrão desafia a Lei: Mais 3 mortos. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=14&mes=10&ano=1968&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. ESQUADRÃO DESAFIA A LEI FUZILANDO MAIS TRÊS. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=14&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. ROSA VERMELHA EXECUTOU 3 NO FIM DE SEMANA. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968. p. 13. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=14&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. Esquadrão não pára: fuzilado era "bicheiro". **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 15 out. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=15&mes=10&ano=1968&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. Bicho na matança. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 15 out. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=15&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. VINGANÇA! –GRITO CONTRA A MATANÇA. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 15 out. 1968. p.8. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=15&mes=10&ano=1968&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. ESQUADRÃO EM NOVA CHACINA. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 7 nov. 1968. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=7&mes=11&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. DELEGADO JÁ TEM CAIXÃO. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 7 nov. 1968. p.8. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=7&mes=11&ano=1968&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. JUSTIÇADO O MALVADEZA. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 8 nov. 1968. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=8&mes=11&ano=1968&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. 4 DELEGADOS SOB SUSPEITA: OUTRO CADÁVER. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 25 nov. 1968. p.11. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=25&mes=11&ano=1968&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. E.M. VOLTA COM FERRO E FOGO. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 10 jan. 1969. p.8. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=10&mes=1&ano=1969&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. ESQUADRÃO DA MORTE: PRÊSA NA BAIXADA A SUCURSAL Nº1. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1969. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=22&mes=2&ano=1969&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 26 nov. 2016.

ULTIMA HORA. ESQUADRÃO DA MORTE: CHEFE ERA UM PERITO. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1969. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=22&mes=2&ano=1969&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 26 nov. 2016.

ULTIMA HORA. Fuzilado filho de magnata da contravenção. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 10 mar. 1969. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=10&mes=3&ano=1969&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. Filho morre pelo pai. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 10 mar. 1969. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=10&mes=3&ano=1969&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. Estrangulado. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 15 mai. 1969. p.8. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=15&mes=5&ano=1969&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 8 jun. 2016.

ULTIMA HORA. Caveira mata um de dois nomes. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=23&mes=7&ano=1969&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 2 dez. 2016.

ULTIMA HORA. Caveira enforca e fuzila um. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=23&mes=7&ano=1969&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 2 dez. 2016.

ULTIMA HORA. "GANG DA CAVEIRA" MATOU UM HOMEM DE DOIS NOMES. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 23 de julho de 1969. p.6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=23&mes=7&ano=1969&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 4 dez. 2016.

ULTIMA HORA. Esquadrão fuzila e marca 2. **Ultima Hora** (Matutino), Rio de Janeiro, 4.ago. 1969. p.1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=4&mes=8&ano=1969&edicao=1&secao=1>. Acesso em: 2 dez. 2016.

ULTIMA HORA. Uh Policial. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 4. ago. 1969. p. 1. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=4&mes=8&ano=1969&edicao=10&secao=2>. Acesso em: 2 dez. 2016.

ULTIMA HORA. Executado mais um na Praça do Cai-Duro. **Ultima Hora** (Vespertino), Rio de Janeiro, 4. ago. 1969. p. 6. Disponível em: <http://200.144.6.120/uhdigital/uhdigital_pdf.php?dia=4&mes=8&ano=1969&edicao=10&secao=1>. Acesso em: 2 dez. 2016.

VARGAS, Getúlio. Coluna de Ultima Hora. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, 12 jun. 1951. p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&PagFis=1>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

Fotografias

ALMEIDA. **ICO-UH-1034-027**. DESCONHECIDO ASSASSINADO PELO "ESQUADRÃO DA MORTE" NO FINAL DA AVENIDA TEXEIRA [sic] DE CASTRO, EM BONSUCESSO. 1969. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

DINIZ. **ICO-UH-1034-097**. TRES DESCONHECIDOS ENCONTRADOS MORTOS A TIROS DE METRALHADORA PELO "ESQUADRÃO DA MORTE", NAS LOCALIDADES DE CAXIAS E BELFORD ROXO. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

FERREIRA. **ICO-UH-1034-040**. OSWALDO ROLEMBERG REIS, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", em Coelho Neto. 1969. 1 fotografia, p&b, 15x19 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

FERREIRA. **ICO-UH-1034-059** OSWALDO ROLEMBERG REIS, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", em Coelho Neto. 1969. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

FERREIRA. **ICO-UH-1034-081**. OSWALDO ROLEMBERG REIS, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", em Coelho Neto. 1969. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

FERREIRA. **ICO-UH-1035-064**. TRES DESCONHECIDOS MORTOS A TIROS DE METRALHADORA PELO "ESQUADRÃO DA MORTE", NAS LOCALIDADES DE CAXIAS E BELFORD ROXO. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

FERREIRA. **ICO-UH-1035-067**. TRES DESCONHECIDOS MORTOS A TIROS DE METRALHADORA PELO "ESQUADRÃO DA MORTE", NAS LOCALIDADES DE CAXIAS E BELFORD ROXO. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

FERREIRA. **ICO-UH-1035-081**. TRES DESCONHECIDOS MORTOS A TIROS DE METRALHADORA PELO "ESQUADRÃO DA MORTE" NAS LOCALIDADES DE CAXIAS E BELFORD ROXO; na foto o perito Paulo Diniz Junqueira, quando examinava um dos cadáveres. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

FERREIRA. **ICO-UH-1035-089**. TRES DESCONHECIDOS MORTOS A TIROS PELO "ESQUADRÃO DA MORTE", NAS LOCALIDADES DE CAXIAS E BELFORD ROXO. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

ilegível. **ICO-UH-1035-005**: João Abib Curi, médico do Abrigo Cristo Redentor. 1963. 1 fotografia, p&b, 18 x 21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

ilegível. **ICO-UH-1035-026**: Martinho José Graciano, o José "Gordinho". 1963. 1 fotografia, p&b, 18 x 21cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

JOEL. **ICO-UH-1038-047**: DETETIVE M. LACOCQ [sic] MORTO A TIROS P/ MARGINAL CARA DE CAVALO. 1964. 1 fotografia, p&b, 12,5 x 12,5 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

RIBEIRO. **ICO-UH-1034-078**. DENILSON CLAUDIO BRÁS, bicheiro, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", na Estrada Rio-São Paulo. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

RIBEIRO. **ICO-UH-1034-090**. DENILSON CLAUDIO BRÁS, bicheiro, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", na Estrada Rio-São Paulo. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

RIBEIRO. **ICO-UH-1034-091**. DENILSON CLAUDIO BRÁS, bicheiro, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", na Estrada Rio-São Paulo. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

RIBEIRO. **ICO-UH-1034-092**. DENILSON CLAUDIO BRÁS, bicheiro, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", na Estrada Rio-São Paulo. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

RIBEIRO. **ICO-UH-1034-096**. ULISSES PEREIRA PADRÃO, o "MORCÊGO", ladrão de automóveis, assassinado pelo "ESQUADRÃO DA MORTE", em Realengo; Raul Pereira Padrão, pai da vítima. 1968. 1 fotografia, p&b, 15x21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

s.n. **ICO-UH-1033- s.n.:** Sacopã Depoimento Tenório. 1959. 1 fotografia, p&b, 15,5 x 21 cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

s.n. **ICO-UH-1035-086:** EDGARD FARIA DE OLIVEIRA METRALHADO PELA POLÍCIA. 1958. 1 fotografia, p&b, 18 x 21cm. Fundo Ultima Hora - AESP.

Legislação e documentos oficiais

A-249 AmEmbassy BRASILIA AmEmbassy RIO DE JANEIRO June 08, 1971. **The Nacional Security Archive**, Disponível em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB478/docs/doc4.pdf>>. Acesso em: 23. fev. 2016.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 1.915**, de 27 de dezembro de 1939. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1915-27-dezembro-1939-411881-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 12 Dez. 2015.

_____. **Decreto-Lei nº 6.378**, de 28 de março de 1944. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6378-28-marco-1944-389489-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

_____. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**, de 18 de setembro de 1946. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao46.htm>. Acesso em: 6 jan. 2016.

_____. **Decreto nº 37.008**, de 8 de março de 1955. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=83729>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

_____. **Lei nº 4.341**, de 13 de junho de 1964. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4341.htm>. Acesso em: 9 mar. 2016.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1967**, de 24 de janeiro de 1967. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao67.htm>. Acesso em: 10 mar. 2016.

_____. **Lei nº 5.250**, de 9 de fevereiro de 1967. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5250.htm>. Acesso em: 18 mar. 2016.

_____. **Decreto-Lei nº 200**, de 25 de fevereiro de 1967. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0200.htm>. Acesso em: 19 jun. 2016.

_____. **Decreto-lei nº 314**, de 13 de março de 1967. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-314-13-marco-1967-366980-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

_____. **Ato Institucional nº 5**, de 13 de dezembro de 1968. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm>. Acesso em: 10 mai. 2016.

_____. **Decreto nº 64.416**, de 28 de abril de 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D64416.htm>. Acesso em: 16 mar. 2016.

_____. **Decreto-Lei nº 667**, de 2 de julho de 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0667.htm>. Acesso em: 27 fev. 2016.

_____. **Ato Institucional Nº 14**, de 5 de setembro de 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-14-69.htm>. Acesso em: 2 mai. 2016.

_____. **Decreto-Lei nº 1077**, de 26 de janeiro de 1970. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1970-1979/decreto-lei-1077-26-janeiro-1970-355732-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

_____. **Decreto nº 67.325**, de 2 de outubro de 1970. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=181195&norma=197638>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

_____. Ministério da Educação. **Mapa do Analfabetismo no Brasil**. Brasília: INEP, 2003. Disponível em: <<http://www.oei.es/quipu/brasil/estadisticas/analfabetismo2003.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2016.

BRASIL DOC. **Anexo A do Plano Nacional de Informações - informações internas**. Dez. 1972. p. 24. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/brasildoc/temas/2-orgaos-de-informacao-e-repressao-da-ditadura/2-4-sni/#>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL; CONSELHO SUPERIOR DE POLÍCIA. Resolução Conjunta nº 2, de 13 de outubro de 2015. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 jan. 2016. Seção 1, p. 8. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=8&data=04/01/2016>>. Acesso em: 11 mai. 2016.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Diário Oficial da União**, 29 out. 1957. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/1957/10/29>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

IPPDH - Mercosur Derechos Humanos: Guía de Archivos e Fondos Documentales. **Serviço Federal de Informações e Contrainformação (SFICI / Sfici) – Subseção de Operações (SSOP)**. Disponível em: <<http://atom.ippdh.mercosur.int/index.php/servico-federal-de-informacoes-e-contrainformacao-sfici-sfici-subsecao-de-operacoes-ssop>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

POLÍCIA FEDERAL. **Histórico da Polícia Federal**. Disponível em: <<http://www.pf.gov.br/institucional/historia/historico>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

RIO DE JANEIRO. **Relatório Final da Comissão da Verdade do Rio**. Rio de Janeiro: CEV-Rio, 2015. Disponível em: <<http://www.cev-rio.org.br/site/arq/cev-rio-relatorio-final.pdf>>. Acesso em: 3 mai. 2016.

Verbetes

ABREU, Alzira Alves de. Instituto Nacional de Previdência Social. In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro** - DHBB. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC (Verbetes). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-nacional-de-previdencia-social-inps>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

ARAÚJO, Rejane. Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro** - DHBB. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC (Verbetes). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>>. Acesso em: 16 dez. 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A Noite. **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC, 2013 (Verbetes). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/noite-a>>. Acesso em: 5 jun. 2016

KORNIS, Mônica. João Pinheiro Neto. In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro** - DHBB. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC (Verbetes). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joao-pinheiro-neto-2>>. Acesso em: 28 mai. 2016.

LEMOS, Renato. Samuel Wainer. In: **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro** - DHBB. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC (Verbetes). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/wainer-samuel>>. Acesso em: 28 mai. 2016.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. trad. Iraci D. Poletti. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2004.
- _____. **Homo Sacer**. trad. Henrique Burigo. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- AMAR, Pierre-Jean. **El fotoperiodismo**. trad. Marina Malfé. Buenos Aires: La Marca Editora, 2005.
- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ANTONIO, Mariana Dias. A subversão da imagem e a censura no jornal *Última Hora* - RJ: Sinais e ícones do Esquadrão da Morte (1968-1969). In: VII Congresso Internacional de História/ XXXV Encuentro de Geohistoria Regional/ XX Semana de História da UEM, 2015, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2015. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/721.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2016.
- AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado autoritário (1968-1978)**: o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999.
- ARGOLO, José Amaral. **As luminárias do medo**: vida, paixão e morte do jornalismo policial no eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.
- AZEVEDO, Sílvia Maria. **Brasil em imagens**: Um estudo da Revista Ilustração Brasileira (1876 - 1878). São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- BARBOSA, Adriano. **Esquadrão da Morte** - um mal necessário? São Paulo: Mandarin, 1971.
- BARBOSA, Adriano; MONTEIRO, José. **Do Esquadrão ao Mão Branca**. Rio de Janeiro: Jaguaribe Gráfica e Editora. 1980.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1900-2000. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARROS, Antonio Theodoro de Magalhães; CASTRO, Moacir Werneck de; et al. **A Última Hora de Samuel Nos Tempos de Wainer**. Rio de Janeiro: ABI-Copim, 1993.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. A mensagem fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

BAURET, Gabriel. **A Fotografia**: história, estilos, tendências, aplicações. trad. J. Espadeiro Martins. Lisboa: Edições 70, 2015.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONI, Paulo César; ACORSI, André Reinaldo. A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo. **Líbero**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 127-137, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/4629/4355>>.

Acesso em 05 nov. 2016

BRAGA, Pedro. Crime, Pena e Sociedade no Brasil Pré-Republicano. In: _____. **Crime e Sociedade**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008. p. 117-158.

BOURDIEU, Pierre. Quelques propriétés des champs. In: _____. **Questions de sociologie**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984. p.113-120.

_____. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. trad. Sergio Miceli. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

_____. **Sobre a televisão** seguido de: A influência dos jornalismo, e, Os Jogos Olímpicos. trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. O campo econômico. **Revista Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 4, n. 6, p.15-57, abr. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1930/1697>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

_____. **O Poder Simbólico**. trad. Fernando Thomaz. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação. trad. Mariza Corrêa. 4. reimpr. São Paulo: Papyrus. 2014.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. trad. Klauss Brandini Gerhardt; Roneide Venâncio Majer. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

_____. **O que é História Cultural?** trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CAMPOS JUNIOR, Celso de. et. al. **Nada mais que a verdade**: a extraordinária história do jornal Notícias Populares. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

- CANDIDO, Antonio. A verdade da repressão. **Revista USP**, n.9, mar/abr/maio 1991, p.27-30. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25544>>. Acesso em: 4 ago. 2016.
- CARTIER-BRESSON, Henri. **O instante decisivo**: 1952. Tradução livre de Paulo Thiago de Melo, Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downs-uteis-o-instante-decisivo.pdf>>. Acesso em: 09 dez. 2015.
- CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião**: o novo jogo político. trad. Guilherme João Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- _____. L'événement comme enjeu. **Réseaux**, Paris, v. 18, n. 100, p. 403-426, 2000. Disponível em: <http://www.persee.fr/docAsPDF/reso_0751-7971_2000_num_18_100_2231.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2016.
- COELHO, Maria Beatriz. **Imagens da Nação**: brasileiros na fotodocumentação de 1940 até o final do século XX. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Edusp, 2012.
- COSTA, Helouise. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: COSACNAIFY, 2004.
- DESILETS, Antoine. **A técnica da fotografia**. trad. Francisco Felipe Serra da Cruz. Sintra: Europa-América, 1971.
- DREIFUSS, René Armand. **1964: A Conquista do Estado** - Ação Política, Poder e Golpe de Classe. 3. ed. vários trad. Petrópolis: Vozes, 1981.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- FERRARI, Danilo Wenseslau. **A atuação de Joel Silveira na imprensa carioca (1937 - 1944)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- FONSECA, Letícia Pedruce. **A Construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX**. 2008. Dissertação (Mestrado em Design), Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 214p.
- FRANÇA, Leandro Ayres. **Inimigo ou a inconveniência de existir**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2012.
- FREUND, Gisèle. **Photography and Society**. Boston: David R. Godine Publisher, 1980.
- _____. **La fotografía como documento social**. trad. Josep Elias. 14. reimpr. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011.

- FUNARTE. **José Medeiros** - 50 anos de fotografia. Rio de Janeiro, 1986.
- FUNDAÇÃO CONRADO WESSEL. **Quem foi Contado Wessel?** Disponível em <<http://www.fcw.org.br/v3/index.asp?pag=noticias&top=2>>. Acesso em 09 dez. 2015.
- GIACOMELLI, Ivan Luiz. **A transição tecnológica do fotojornalismo**: da câmara escura ao digital. Florianópolis: Insular, 2012.
- ISSLER, Bernardo. As máscaras de Barbie: um estudo dos conflitos simbólicos no fotojornalismo do Estadão. In: BARROS FILHO, Clóvis (org.) **Comunicação na Pólis** - Ensaios sobre mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 87-108.
- KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda**- jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo Editora, 2012.
- LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda x Wainer**: O Corvo e o Bessarabiano. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 1998.
- _____. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.179 - 206.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. vários tradutores. 5. ed. 2. reimpr. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. trad. Jacques A. Wainberg. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LOUZADA, Silvana. Última Hora: em cena a modernidade fotográfica. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.5, n.6, p.161-187, jan/ jun 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/wrevojs246/index.php/discursosfotograficos/article/view/2941/2491>>. Acesso em: 06 Dez. 2015.
- _____. **Prata da Casa**: fotógrafos e fotografia no Rio de Janeiro (1950/1960). Niterói: Editora da UFF, 2013.
- MEDEIROS, Benício. **A Rotativa Parou!** Os Últimos Dias da Última Hora de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- MELLO NETO, David Maciel. **“Esquadrão da Morte”**: genealogia de uma categoria da violência urbana no Rio de Janeiro (1957 – 1987). 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. 175p.

MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. 1999. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia), Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999. 413p.

_____. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 8, n. 3, p. 371-385, jan. 2009. p. 375. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/4865>>. Acesso em: 24 Jul. 2016.

_____. A categoria "bandido" como identidade para o extermínio. Algumas notas sobre sujeição criminal a partir do caso do Rio de Janeiro. In: BARREIRA, Cesar; SÁ, Leonardo; AQUINO, Jânia Perla de. (org.) **Violência e dilemas civilizatórios** - as práticas de punição e extermínio. Campinas: Pontes Editores, 2011. p.31-57.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014a.

_____. **Cultura Brasileira: Utopia e Massificação (1950-1980)**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014b.

PERES, Rafaella Lopes Pereira. **Os olhos no outro: estudo da sensibilidade na imagem fotográfica de pessoas de diferentes culturas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2009. 202p.

PEROSA, Lílian. M. F. de Lima; ZANELLI, Maria Lúcia. **Última Hora: uma revolução na imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003. Cadernos da Comunicação. Série: Memória, v.7.

PINHEIRO JUNIOR, José Alves. **A Última Hora (como ela era)** - História e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

PINHEIRO JUNIOR, José Alves; RIBEIRO, Amado. **Esquadrão da Morte**. Brasília: Editôra de Brasília, 1969.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Polícia e Crise Política: o caso das polícias militares. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio *et.al.* **A violência brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

QUINTINO, Felipe. "Zueno, Zoany, Zwenir": a vigilância ao jornalista Zuenir Ventura durante a ditadura militar. In: **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Intercom, 2014, Foz do Iguaçu. Comunicação: Guerra & Paz. São Paulo: Intercom, 2014. p. 7. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1342-1.pdf>>.

Acesso em: 4 Jun. 2016.

_____. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 31, p.147-160, 2003. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2186/1325>>.

Acesso em: 5 fev. 2016.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Clientelismo, corrupção e publicidade: como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?. **C-legend**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 1-15, fev. 2011. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/336>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

RIBEIRO, Octavio. **Barra Pesada**. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].

RIO DE JANEIRO. **Relatório Final da Comissão da Verdade do Rio**. Rio de Janeiro: CEV-Rio, 2015. p. 366. Disponível em: <<http://www.cev-rio.org.br/site/arq/cev-rio-relatorio-final.pdf>>. Acesso em: 3 mai. 2016

RODRIGUES, Nelson. **O reacionário**. Memórias e Confissões. Rio de Janeiro: Record, 1977.

ROSE, R.S. **The Unpast**: a violência das elites e controle social no Brasil de 1954-2000. trad. Richard Boike. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editoria Massangana, 2010.

SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces**, Fortaleza, n. 1, p. 44-56, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2015.

SMIT, Johanna W. A análise da imagem: um primeiro plano. In: _____. (coord.) **Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília: IBICT, 1987.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. A censura Durante o Regime Autoritário. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 4, n.10, p. 21-43, jun. 1989.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

- SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- SOUZA, Percival de. **A maior violência do mundo** (Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil). São Paulo: Traço Editora, 1980.
- THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, n. 40, p. 27-56, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2016.
- VERANI, Sérgio. **Assassinatos em nome da lei**. Uma prática ideológica do Direito Penal. Rio de Janeiro: Aldebarã, 1996.
- VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. 3. ed. Barcelona: Paidós Comunicación, 1997.
- WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **O inimigo no direito penal**. trad. Sérgio Lamarão. 3. ed. 3. reimpr. Rio de Janeiro: Revan, 2015.

ANEXO 1 - ENTREVISTA COM SANDRA AMADO BRAGA RIBEIRO DA SILVA E TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

Entrevista com Sandra Amado realizada em 5 de junho de 2016 via e-mail.

Participantes:

Mariana Dias Antonio (M) - entrevistadora

Sandra Amado (S) - entrevistada

(M) 1. Nome completo de Amado Ribeiro.

(S): Amado Ribeiro (O nome dele era esse mesmo. O meu e de meus irmãos são compostos, pois, ele quis colocar o nome dele em todos os filhos).

(M) 2. Data e local de nascimento.

(S): 30 de junho de 1929. Talvez você (Mariana) ache alguns textos falando que ele nasceu em 1932, mas foi em 1929. Ele nasceu em Paraíba do Sul/RJ.

(M) 3. Data e local do falecimento.

(S): 1º de fevereiro de 1992 (Rio de Janeiro).

(M) 4. Nome da esposa e filhos.

(S): Divorciado. O nome de minha mãe é Hélia Maria Braga e de meus irmãos : Daniel Amado Braga Ribeiro, Paulo Amado Braga Ribeiro, Mariza Amado Braga Ribeiro e Sandra Amado Braga Ribeiro da Silva. (Do mais velho para a mais nova).

(M) 5. Algum filho ou parente seguiu a carreira jornalística? Ou na área policial?

(S): Nenhum filho ou parente. Daniel é técnico judiciário, Paulo trabalha na área de informática, Mariza é pedagoga e eu [Sandra] sou professora.

(M) 6. Ano em que ele iniciou a carreira de jornalista. E em que jornal? Ano em que ele encerrou a carreira/ e em que jornal?

(S): Aos 18 anos ele morava em Belo Horizonte e escrevia para jornais da cidade. Não sei se já eram matérias policiais ou colunas específicas. Encerrou a carreira em 1992, no jornal "O Povo". Ainda não havia se aposentado.

(M) 7. Grau de escolaridade; Amado Ribeiro realizou algum curso específico (técnico ou profissionalizante) para a área jornalística?

(S): Ensino superior incompleto. Ele cursava Direito, mas naquela época já existiam as provas práticas, de acordo com as profissões e no jornalismo havia essa possibilidade. Então, ele fez uma prova no sindicato e se profissionalizou. Também contou o tempo que ele já trabalhava na área.

(M) 8. Quais fotógrafos trabalhavam com Amado Ribeiro quando ele era chefe de redação? Quando Amado saía para cobrir alguma reportagem, ele também fotografava?

(S): No livro "*Última Hora*" [de Pinheiro Junior], quando fala da prisão do Cara-de-cavalo em Búzios, cita o nome de um fotógrafo. Enquanto trabalhou nas ruas, sempre levava uma máquina fotográfica. Tenho uma que foi dele.

**(M): Alguns dos fotógrafos que trabalharam com Amado Ribeiro podem ser consultados na Tabela 1 - Relação de fotografias (AESP - Setor iconográfico - fundo Última Hora) e jornais (AESP - Setor hemeroteca - fundo Última Hora) com as respectivas matérias, presente nas páginas 115 e 116 desta pesquisa.*

(M) 9. Amado Ribeiro chegou a ser interrogado no DEOPS/DOPS ou qualquer repartição ligada ao regime militar?

(Sandra): Sobre o DOPS, vou ver na internet ou ver se localizo o Pinheiro Jr. no *face* [sic], pra saber se ele sabe, já que trabalharam juntos.

**(M): Pinheiro Jr. - José Alves Pinheiro Júnior, ex-repórter do Última Hora.*

(M) 10. Como era a relação de Amado Ribeiro com Samuel Wainer?

(Sandra): Muito boa, tanto profissionalmente quanto pessoalmente. O livro "*Última Hora*" [de Pinheiro Junior] relata algumas passagens, onde o Samuel Wainer é retratado como um chefe muito brincalhão e amigo de todos. Exigente, mas sempre ressaltando a capacidade profissional de todos na redação.

(M) 11. O Beijo no Asfalto causou algum prejuízo para a carreira de Amado Ribeiro?

(Sandra): Não, pelo contrário. Quando ele chegou à redação e contou a Nelson Rodrigues sobre o atropelamento, o Nelson perguntou a ele se poderia escrever uma peça teatral sobre a matéria. Meu pai concordou e 10 dias depois, o Nelson Rodrigues mostrou a meu pai. Meu pai ficou muito feliz, pois, o Nelson não só usou o nome de meu pai, como o fez o personagem principal da peça. O engraçado era que, pessoalmente, nem de longe meu pai era uma pessoa inescrupulosa ou sensacionalista. pelo contrário. Era convidado para todas as montagens e, sempre que podia, arrumava uma desculpa para não ir, pois, não queria aparecer como pessoa. Eu fui com ele uma única vez.

(M) 12. Qual a história mais marcante de sua carreira que ele lhe contou?

(Sandra): A carga horária de trabalho dele era imensa. Tinha hora de chegar, mas não de sair. Faleceu trabalhando. Ainda éramos adolescentes quando ele se tornou chefe de redação. Ele dizia que gostava de ser o "mancheteiro", ou seja, escrever o título das matérias, mas sempre pedia ao repórter que escrevesse as mesmas.

(M) 13. E sobre o caso dos "Mata-mendigos"?

(Sandra): O caso do "Mata-mendigos" aconteceu no governo do Carlos Lacerda. Começaram a aparecer corpos na Baía da Guanabara. Então, meu pai se vestiu de acordo [com eles] e ficou uma semana dormindo nos locais em que eles dormiam. Assim, conseguiu informações e escreveu a matéria.

(M) 14. Algum relato ou curiosidade que queira falar sobre seu pai?

(Sandra): Como profissional, era apaixonado pela profissão. Brilho nos olhos mesmo. Sempre pedíamos para que se aposentasse, mas ele sempre dava uma desculpa. Quando passou a ser chefe de redação, já não saía mais atrás de "presuntos", como dizia. Lia todos os jornais, todos os dias. Não me esqueço de sua cabeceira, sempre cheia de jornais e revistas. Quando estava em casa, podíamos perguntar a escrita e o significado de qualquer palavra, que ele sabia. Isso me enchia de orgulho. Quando eu estava no antigo "primário", gostava de participar dos concursos de redação e ganhava todos. Às vezes era um problema, pois, as mães dos outros alunos falavam que era ele quem escrevia pra mim. Ele morria de rir com

isso. Acabei me tornando uma professora apaixonada por ensinar variados gêneros literários. Ele nunca interferia na escrita dos colegas de profissão. Os respeitava, acima de tudo. Era uma pessoa muito boa de se lidar. Eu gostava muito de ir na redação. Muitas vezes ficava observando como ele lidava com todos. Parece coisa do destino, era "amado" até no nome.

Ele adorava festas e casa cheia. Me lembro de muitas nessa casa, em Guapimirim. Ele adorava a festa de "Folia de Reis". Pedia pra fazer muita comida (era exagerado em tudo). E a "dispersão", por assim dizer, era em nossa casa e só terminava tarde da noite. Até o bode da festa ele colocava na roda. Há uns 2 anos, aqui em Três Rios , um grupo de "Folia de Reis" entrou no ônibus em que eu estava. Eu fiquei paralisada, pois, passou um filme na minha cabeça. Quando cheguei em casa, chorei muito, de saudades dele. Talvez já tenha comentado com você, mas lamentei demais sua perda, pois, estava no final da minha primeira gravidez e sempre sonhei em vê-lo como avô. Nós dois éramos muito apegados.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Sandra Amado Braga Ribeiro da Silva, CPF 887745037-15, RG 06719570-9, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados neste Termo de Autorização de uso de Imagem e Depoimentos, através do presente termo, autorizo a pesquisadora **Mariana Dias Antonio** colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiro a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destes depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Lei que resguarda os direitos do autor da publicação literária, artística ou científica ao conhecimento do público, com o consentimento do autor, ou de qualquer outro titular de direito de autor, por qualquer forma ou processo, prevista na Lei de Direitos Autorais nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Curitiba, 14 de dezembro de 2016



Mariana Dias Antonio

Pesquisadora responsável pelo projeto



Sandra Amado Braga Ribeiro da Silva

Sujeito da pesquisa

ANEXO 2 - ENTREVISTA COM EDGAR PEIXOTO DE MOURA E TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

Entrevista com Edgar Peixoto de Moura realizada em 31 de outubro de 2016 via e-mail.

Participantes:

Mariana Dias Antonio (M) - entrevistadora

Edgar Peixoto Moura (E) - entrevistado

(M) Você era "foca" de quem?

(E) Na realidade, nas redações, ou pelo menos nos Departamentos de Fotografia dos jornais, ninguém usa "foca" para designar um novato. Isso é coisa de romance policial. Acho. Dizíamos e continuamos a chamar o calouro de "estagiário". Eu era estagiário da fotografia na Última Hora. Fotógrafos de jornal não são especialistas de nenhum departamento. Trabalham na "geral". Fazem política e moda. Greves e shows. Polícia e bandido. Os melhores fazem de tudo e sobretudo futebol, que é considerado o assunto mais difícil e o mais importante. O assunto fotografado depende da hora que se está de plantão. O plantão é determinado pelo Chefe da Fotografia. Quem é escalado para a noite quase não faz nada. Nada acontece além dos crimes, que ninguém tem notícia até de manhã, quando encontram o resultado: os corpos. Quem é novato, como eu, é escalado para os horários que ninguém quer fazer, e para fotografar as coisas mais fáceis, sem muito movimento ou chance de abandonar o local. Mortos executados pelos esquadrões da morte, por exemplo...

(M) Havia alguma recomendação específica para vocês fotografarem assassinatos (especialmente sobre o EM) ou o interesse era guiado de acordo com o olhar do próprio fotógrafo?

(E) ...mas mesmo fotografar "presunto" tinha uma estética e uma pretensão artística. Você deve ter notado que nos arquivos da UH não há fotos de rostos mutilados, pedaços de corpos etc. Até fotografávamos este tipo de coisa, mas só para registrar. O que funcionava mesmo era a "arte" e a cada dia aparecia uma novidade. O que fazia mais sucesso eram os pés e as mãos. Sapatos furados em primeiro plano da

foto em grande angular, com o corpo do morto ao fundo. Bota do policial perto da mão do morto. Um pé calçado outro descalço. Uma boneca, ou um crucifixo, na mão do morto. Note que isso não é coisa de "fotógrafo de polícia carioca", este tipo de estetização é universal entre fotógrafos de ação e a foto mais famosa do famoso Don McCullin, no Vietnã, é esta que está no Anexo 1. Uma montagem admitida pelo próprio. Uma cena cuidadosamente arrumada em volta do soldado morto. É o que chamamos de "cascata": a foto montada. Como foram montadas as mais famosas fotos de guerra: Anexos 2, 3 e 4. Cada uma destas fotos tem uma história, que é conhecida e adaptada pelos fotógrafos, segundo a oportunidade e a necessidade. Pois é, guerras e assassinatos não são fotografáveis. Há que se criar.

(M) De volta à redação, você também auxiliava o repórter para a confecção da matéria?

(E) Não, não interferíamos nas matérias, no texto, tanto fazia ser novato ou veterano. Fotógrafo, para quem escreve, não pensa. Não que sejam desprezados pelos repórteres, embora, sim, sejam, um pouco, visto que a função do fotógrafo não é descobrir fatos e sim fazer fotos sobre o assunto que o repórter está apurando. Fotógrafos, como os músicos, são considerados seres mudos, ou pelo menos sem palavra. Éramos amigos dos repórteres, nas idas e vindas para as coberturas, ouvia-se e contava-se as melhores histórias de reportagens e as mais engraçadas. Mas, no dia a dia só o chefe da fotografia frequentava a redação para "vender" a melhor foto sobre o assunto que foi coberto pelo repórter.

(M) Quem era o chefe da redação policial na época e como era a sua relação com a equipe policial?

(E) Dois "Amados" eram as estrelas do "Plantão de Polícia": o Amado Ribeiro e o Octávio Ribeiro, o "Pena Branca". Quando eu dava sorte saía com um dos dois.

(M) Qual era a imagem do Esquadrão entre a equipe do Última Hora (positiva/negativa)? Lembra-se de episódios de censura ou autocensura quanto à publicação de reportagens ou de fotografias do Esquadrão da Morte?

(E) A Última Hora era um "jornal popular"...

"E tem jornal popular que / Nunca se espreme / Porque pode derramar / É um banco de sangue encadernado / Já vem pronto e tabelado, / É somente folhear e usar, / É somente folhear e usar." (Tom Zé)

Censura? No limite o repórter era amigo de algum policial e sabia mais do que publicava. Também no texto se inventava tanto quanto na fotografia. Note que na própria foto que você me mandou tem um pedaço da reportagem falando da "Supergang da Metralha", uma invenção evidente. Nos Anexos 5, 6 e 7 fotos feitas por mim, já nos anos 80, para a Agence Gamma, francesa e que devem aparecer no livro "100 Fotos Cem Palavras".* Muitos anos (68/69) depois de trabalhar para a Última Hora, o Esquadrão da Morte acabou. A "Ronda dos Presuntos" continua.

(M) Observação: Edgar Moura anexou junto ao e-mail um total de 7 fotografias, sendo as 4 primeiras fotografias icônicas de Robert Capa (*The moment of death*), Don McCullin (*Vietnam Soldier*), Joe Rosenthal (*Raising the Flag on Iwo Jima*) e Yevgeny Khaldei (*Reichstag-flag*).

Sobre as minhas fotos, **Anexos 5, 6 e 7...** estas fotos são um praticamente um "remake" das fotos dos anos 60, refeitas por mim nos anos 70. Fotos "para inglês ver", no caso os franceses da Agence Gamma. Estas fotos foram veiculadas como "Repressão ao banditismo" (Anexo 1). Para fazê-las, em 78, voltei à Baixada Fluminense e quase refiz as fotos que fiz em 1969 e que você viu na Última Hora [sic]. Acho que se eu voltar lá hoje, faço tudo igual de novo, embora eu não tenha mais idade nem estômago para tanto.

* As fotografias dos anexos 5, 6 e 7 do 1º e-mail foram gentilmente disponibilizadas por Edgar Moura para nossa pesquisa e estarão disponíveis em sua obra "100 Fotos Cem Palavras", ainda não publicada. Os anexos 1 e 2 do 2º e-mail também tiveram sua reprodução autorizada nesta pesquisa.

Anexo 5:



Anexo 6:



Anexo 7:



E-mail 2:

Já nos anos 70, com a ditadura militar no Brasil, o interesse na Europa, sobre o Brasil, era para a repressão e a tortura. Até fotos da "Guerra de Espadas", tradicional nas festas de São João no interior da Bahia, em Feira de Santana (Anexo 2) foram veiculadas na Europa, pela Gamma, como "Estudantes e Lacrimogênio", em 1977 (Anexo 1). Não que eu não tenha "de volta à redação, auxiliado o repórter para a confecção da matéria" mas... é assim que a coisa funciona.

Anexo 1:

* MANIF. D'ETUDIANTS/SAO-PAULO-14	* HOURS EDGAR SAN * BRE *	SÃO-PAULO	* 00/07/77	* N * 1 *
* MANIF. DES ETUDIANTS A RIO -71	* HOURS EDGAR SAN * BRE *	RIO-DE-JAN	* 18/06/77	* N * 1 *
* LE PRESIDENT ET LE METRO -22	* HOURS EDGAR SAN * BRE *	RIO-DE-JAN	* 00/07/77	* N * 1 *
* ETUDIANTS ET LACRYMOGENES -24	* HOURS EDGAR SAN * BRE *	RIO-DE-JAN	* 00/07/77	* N * 1 *
* RIO/MANIFESTATION D'ETUDIANTS	* HOURS EDGAR SAN * BRE *	RIO-DE-JAN	* 06/07/77	* N * 1 *
* GLEISEL - PORTE-AVIONS US/RIO	* HOURS EDGAR SAN * BRE *	RIO-DE-JAN	* 00/07/77	* N * 1 *
* ATELIERS AIR FORCE BRE -93	* HOURS EDGAR SAN * BRE *		* 00/07/77	* N * 1 *
* E. GEISEL A ECOLE-NAVALE -30	* HOURS EDGAR SAN * BRE *	RIO-DE-JAN	* 00/12/77	* N * 1 *
* E. GEISEL A ECOLE-NAVALE -34	* HOURS EDGAR SAN * BRE *	RIO-DE-JAN	* 00/12/77	* N * 1 *
* RIO/DINER D'INDUSTRIELS	* HOURS EDGAR SAN * BRE *	RIO-DE-JAN	* 14/12/77	* N * 1 *
* E. GEISEL A ECOLE-NAVALE/RIO-38	* HOURS EDGAR SAN * BRE *	RIO-DE-JAN	* 00/12/77	* N * 1 *
* MESSE A LA MEMOIRE DE SALAZAR	* HOURS EDGAR SAN * BRE *	RIO-DE-JAN	* 00/12/77	* N * 1 *
* RIO/BREVE DE LA FAIM	* HOURS EDGAR SAN * BRE *	RIO-DE-JAN	* 04/05/78	* N * 1 *
* RIO/BREVE DE LA FAIM	* HOURS EDGAR SAN * BRE *	RIO-DE-JAN	* 04/05/78	* N * 1 *

LISTE DES CONTACTS					00/06/80	PAGE 2
TITRE	NOM	PHOTOG.	PAISE	VILLE	DATE	N°/PAGES
FETIER BARRICADE/MENACE -55	HOURS EDGAR SAN	BRE	RIO-DE-JAN		00/06/78	N * 1 *
PRESSION DU PARLITREK -56	HOURS EDGAR SAN	BRE	RIO-DE-JAN		00/05/78	N * 1 *
MONSTRATION ARMEE-BRE -62	HOURS EDGAR SAN	BRE	VILA-VELHA		31/05/78	N * 1 *
BRENTES/CANDIDAT PRESIDENCE	HOURS EDGAR SAN	BRE	RIO-DE-JAN		00/08/78	N * 1 *
ANNIVERSAIRE INDEPENDANCE-22	HOURS EDGAR SAN	POZ	HARUTO		00/11/78	N * 1 *
ANNIVERSAIRE INDEPENDANCE	HOURS EDGAR SAN	POZ	HARUTO		00/11/78	N * 1 *
ECTIONS PRESIDENTIELLES -53	HOURS EDGAR SAN	ZAN	MUSAKA		00/12/78	N * 1 *
EVE DES METALLURGISTES	HOURS EDGAR SAN	BRE	SÃO-PAULO		13/05/79	N * 1 *

Anexo 2:



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Edgar Peixoto de Moura, CPF 268788017-53, RG IFP 2178616, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados neste Termo de Autorização de uso de Imagem e Depoimentos, através do presente termo, autorizo a pesquisadora **Mariana Dias Antonio** do projeto de pesquisa intitulado "**O sensacionalismo no jornal *Ultima Hora* - RJ: Sinais e ícones do Esquadrão da Morte (1968-1969)**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

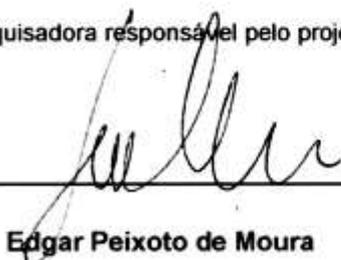
Ao mesmo tempo, libero a publicação destas seis fotos, que constam no anexo desta autorização, e que fazem parte do livro "100 Fotos Cem Palavras" (porém não os seus respectivos negativos) para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), para a utilização pelos pesquisadores, acima especificados, obedecendo ao que está previsto na Lei que resguarda os direitos do autor da publicação literária, artística ou científica ao conhecimento do público, com o consentimento do autor, ou de qualquer outro titular de direito de autor, por qualquer forma ou processo, prevista na Lei de Direitos Autorais nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Curitiba, 31 de outubro de 2016



Mariana Dias Antonio

Pesquisadora responsável pelo projeto



Edgar Peixoto de Moura

Sujeito da pesquisa

RID 31 DE OUTUBRO DE 2016

**ANEXO 3 - LEVANTAMENTO DE DADOS PARA A ELABORAÇÃO DA TABELA 2
(QUADRO COMPARATIVO COM ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DAS NOTÍCIAS
SOBRE O ESQUADRÃO DA MORTE ANTES E DEPOIS DO AI-5)**

**Edições do *Última Hora* com ocorrência do termo “Esquadrão da Morte”
compreendidas entre 04/03/1968 e 12/12/1968**

(Continua)

Data de publicação	Chamada na primeira página	Notícia em nota curta ou coluna lateral	Notícia de alta saliência	Presença de foto junto à notícia	Foto de cadáver ou cena do crime	Presença de foto na primeira página
04/03/1968	x		x	x	x	x
06/03/1968				x	x	
07/03/1968			x	x		
25/03/1968	Referência ao termo “Esquadrão da Morte” fora de contexto					
07/05/1968	x		x	x	x	x
08/05/1968	x		x	x		x
09/05/1968	x		x	x		x
10/05/1968						
30/05/1968				x		
01/06/1968						
03/06/1968						
04/06/1968						
08/06/1968				x		
25/06/1968	x		x	x		
26/06/1968			x	x		
28/06/1968	x		x	x	x	x
01/07/1968	x		x	x	x	
02/07/1968	x	Não há caderno matutino digitalizado junto ao AESP				
06/07/1968						
13/07/1968	x			x	x	x
15/07/1968	x		x	x	x	x
18/07/1968				x	x	
22/07/1968			x	x	x	
28/09/1968			x	x	x	
02/10/1968	x		x	x	x	x
03/10/1968	x		x	x		
04/10/1968			x	x		
07/10/1968	x		x	x	x	x
08/10/1968	x		x	x	x	x
09/10/1968	x		x	x	x	x
10/10/1968	x		x	x	x	x
11/10/1968	x		x	x	x	x

(Conclusão)

12/10/1968	x		x	x		
14/10/1968	x		x	x	x	
15/10/1968	x		x	x	x	
17/10/1968	x		x	x		x
19/10/1968	x			x		x
04/11/1968	x		x			
07/11/1968	x		x	x	x	x
08/11/1968			x	x	x	
11/11/1968			x			
20/11/1968			x			
21/11/1968			x	x		
23/11/1968			x	x	x	
25/11/1968			x	x	x	
07/12/1968	x		x	x		x
09/12/1968	x		x			
10/12/1968			x	x		
11/12/1968	x		x			
12/12/1968	x		x	x		
Total absoluto pré-AI5	28	0	37	38	22	17
Total relativo pré-AI5	56,00%	0,00%	74,00%	76,00%	44,00%	34,00%

50 edições analisadas.

Edições do *Última Hora* com ocorrência do termo “Esquadrão da Morte” compreendidas entre 13/12/1968 e 13/12/1969

(Continua)

Data de publicação	Chamada na primeira página	Notícia em nota curta ou coluna lateral	Notícia de alta saliência	Presença de foto junto à notícia	Foto de cadáver ou cena do crime	Presença de foto na primeira página
13/12/1968			x			
14/12/1968			x			
15/12/1968		x				
18/12/1968		x				
23/12/1968			x			
28/12/1968		x				
10/01/1969			x			
14/01/1969	Referência ao termo “Esquadrão da Morte” fora de contexto					
20/01/1969		x				
03/02/1969		x				
06/02/1969		x				

(Continua)

07/02/1969		X				
10/02/1969		X				
13/02/1969		X				
19/02/1969	X	X				
22/02/1969	X		X	X	X	X
01/03/1969			X	X		
03/03/1969	X		X	X	X	
04/03/1969			X	X		
05/03/1969		X				
06/03/1969	X					
07/03/1969	X		X			
08/03/1969	X		X	X		
10/03/1969			X	X		
11/03/1969			X	X		
12/03/1969			X	X		
13/03/1969			X	X		
14/03/1969			X	X		
20/03/1969		X				
21/03/1969		X				
02/04/1969		X				
11/04/1969		X				
12/04/1969		X				
16/04/1969		X				
17/04/1969	X		X	X	X	X
19/04/1969			X	X	X	
21/04/1969		X				
22/04/1969						
09/05/1969			X	X	X	
10/05/1969		X				
15/05/1969			X	X	X	
16/05/1969		X				
17/05/1969			X	X		
19/05/1969		X				
31/05/1969		X		X		
13/06/1969			X	X		
02/07/1969			X	X	X	
07/07/1969	X		X	X		X
08/07/1969	X		X	X		
09/07/1969	X		X	X		
10/07/1969	X		X	X		
11/07/1969	X		X	X		
15/07/1969		X				
17/07/1969			X	X		
18/07/1969			X			

(Conclusão)

23/07/1969	x		x	x	x	
24/07/1969		x				
28/07/1969		x				
02/08/1969		x				
04/08/1969	x		x	x	x	
19/08/1969			x	x		
20/08/1969			x			
21/08/1969			x	x	x	
23/08/1969			x	x	x	
04/09/1969			x	x	x	
23/09/1969		x				
01/10/1969	x		x	x	x	x
22/10/1969						
05/12/1969	x		x	x	x	
06/12/1969	x		x	x	x	x
08/12/1969	x		x	x	x	x
13/12/1969			x	x	x	
Total absoluto pós-AI5	18	27	41	35	17	6
Total relativo pós-AI5	25,35%	38,03%	57,75%	49,30%	23,94%	8,45%

71 edições analisadas.

ANEXO 4 - TRANSCRIÇÃO DAS REPORTAGENS ANALISADAS NO CAPÍTULO 3

Reportagem 1: "FUZILADO TEVE OS OLHOS ARRANCADOS", 11 de outubro de 1968

Estatística

1 Surgiram ontem, no Estado do Rio e na Guanabara, mais três cadáveres mutilados por tiros e pancadas. Mas as características dos crimes parecem indicar que apenas uma das vítimas pode ser atribuída ao chamada (sic) Esquadrão da Morte.

2 Assim, elevam-se a 133, só neste ano, os executados pelos grupos exterminadores de bandidos na Guanabara e no Rio de Janeiro.

3 Em dez anos de atividades, desde a formação do primeiro núcleo do Esquadrão da Morte - e Serviço de Diligências Especiais da Secretaria de Segurança - o número total de vítimas é calculado em 210.

4 Elementos da própria Polícia do Rio revelam confidencialmente, que os "diversos esquadrões da morte", com sede em várias delegacias da Grande Rio, devem agrupar cerca de 400 policiais.

5 Dentre esses 400, os mais conhecidos são: Euclides Nascimento, Hélio Guaíba, Sivuca, Jacaré, Hélio Vigio, Cartola, Maneco, Adailton, Mont Karp, Sérgio Rodrigues, Mauro Magalhães, Luis Cláudio, Bernardo Ribeiro e Juarez Lisboa.

6 Alguns desses policiais, dentre os quais há delegados e comissários, afirmam que só mataram em defesa legítima e, atualmente, condenam a chacina indiscriminada, atribuindo-a inclusive aos próprio (sic) bandidos que se "entredoravam".

História

1 Em 1958, o General Amauri Kruehl, Chefe de Polícia do antigo Distrito Federal, hoje Guanabara, criou o primeiro grupo de extermínio de bandidos fundando o Serviço de Diligências Especiais, conhecido, com terror, no submundo do crime, pela sigla S.D.E. Chefiou o grupo o Comissário Darci Ribeiro.

2 A ideia vingou e logo outros grupos punitivos surgiram na Polícia, notabilizando-se o que foi chefiado pelo Detetive Eurípedes Malta de Sá. Estava criado o primeiro Esquadrão da Morte. Malta, deu um primeiro e único azar ao matar, sem querer, um

motorista da TV-Tupi numa troca de tiros com bandidos no Jacarézinho. Foi prêso e seu esquadrão desbaratado.

3 Outro homem, o Detetive Milton Le Cocq, surgiu e o substituiu. Mas Le Cocq também cometeu um êrro que lhe custou a vida ao tentar prender o bandido Cara de Cavalo.

4 Daí por diante a idéia da punição definitiva para os criminosos se espalhou por todo o País, recebendo o Esquadrão da Morte as mais variadas denominações até que agora surgiu a Rosa Vermelha, o mais sanguinário e mais e mais fechado de todos os grupos punitivos e que conta, inclusive, com um public-relation que se diz intelectual e telefona para os jornais anunciando com antecedência os fuzilamentos de bandidos.

Legenda da fotografia: Olhos arrancados, marcas de estrangulamento e a cabeça deformada a tiros de grosso calibre, assim foi encontrado o desconhecido na Estrada Retiro da Imprensa, em Belford Roxo. Os criminosos desapareceram.

Mais três mutilados por tiros e pancadas

A Secretaria de Segurança fluminense está investigando uma denúncia que aponta a Delegacia de Duque de Caxias como centro irradiador dos cadáveres que estão aparecendo metralhados e mutilados na área do Grande Rio. Uma coincidência impressionante reforça a acusação: todos os corpos abandonados ultimamente foram encontrados em estradas com acesso a Caxias. É notório também que o Delegado Mauro Magalhães, tem por norma executar bandidos considerados "irrecuperáveis" quando assume nova jurisdição no Estado do Rio.

Ontem pela manhã, mais um corpo crivado de balas foi encontrado em Belford Roxo. Era um homem prêto, de calça de tergal, pullover, azul de lã e tinha os olhos vazados e 5 tiros de 45 no rosto. No pescoço, a marca registrada do "Esquadrão da Morte", um colar de enforcamento.

O corpo de outro desconhecido apareceu nas areias da Praia do Flamengo e, por apresentar sinais de violências, está sendo investigado pela 9ª Delegacia Distrital.

Finalmente um terceiro corpo foi encontrado na estrada de Imbariê, no quilômetro 7 da Rodovia Rio-Magé. Por se tratar de um morador do local, a Polícia não colocou o crime na conta do "Esquadrão da Morte".

"Rosa Vermelha", pseudônimo do homem que se diz porta-voz dos matadores de bandidos, voltou a telefonar para UH, reafirmando que os corpos achados nas últimas 48 horas, no Estado do Rio, não são vítimas de seu grupo:

- Nós somente voltaremos a matar - disse- a partir de meia-noite de hoje (sexta-feira). Antes disso consideraremos provocação qualquer crime que for imputado a nós. Também alertamos à população para que fique tranqüila pois somente mataremos bandidos considerados irrecuperáveis.

"Rosa Vermelha" disse ainda que espera alertar o Govêrno federal para o problema da delinquência no Rio de Janeiro.

IDENTIFICADO

O homem morto em Imbariê era o estivador Hugo Carmélio de Deus, filiado ao Sindicato dos Ensacadores e Carregadores de Café do Rio de Janeiro. Foi abatido a tiros e pauladas, em frente a uma vila de casas, à margem do Rio Imbariê, no quilômetro 7 da Estrada Rio-Magé. O homicídio ocorreu por volta de ? horas da madrugada quando moradores vizinhos ouviram gritos de socorro. Pela manhã, o estivador foi encontrado no matagal. Os irmãos do morto disseram que ele bebia muito e, provavelmente, foi vítima de um assaltante.

DESCONHECIDO

Foi removido para o necrotério de Nova Iguaçu o corpo do homem prêto, de 38 anos presumíveis, abatido a tiros de grosso calibre na Estrada Retiro da Imprensa, em Belford Roxo. Os assassinos também usaram uma corda de nylon para estrangulá-lo, furando-lhe os olhos, num espantoso requinte de crueldade, O desconhecido tinha os bolsos revirados, como se os algozes tivessem a preocupação de tirar qualquer objeto ou documento que pudesse identificá-lo.

NO FLAMENGO

Por volta das 7h30m de ontem o guarda noturno Ademir Pereira da Silva encontrou o corpo de um homem nas areias da Praia do Flamengo, em frente à Rua Almirante Tamandaré. A 9ª DD está investigando, porque o cadáver apresentava sinais de violência, cm a cabeça deformada por pancadas, tudo fazendo crer que tenha sido

atirado ao mar já sem vida. Estava sem as calças e usava uma camisa azul de pano grosseiro e uma camiseta de malha. Foram recolhidas as impressões digitais e o corpo está no IML, aguardando identificação.

DESAPARECIDO

O Corregedor Alexandre Palmeira, da Polícia do Estado do Rio, que por decisão do Secretário de Segurança está apurando os homicídios atribuídos ao Esquadrão da Morte, ouviu ontem a senhora Joselita Silva, cujo espôso, Ivá Ribeiro Campos, foi há uma semana, seqüestrado da residência, na Rua Español, 66, Coelho da Rocha, Meriti, por homens armados de metralhadora. Disse dona Joselita que procurou o marido por diversas Delegacias e teme que êle tenha sido fuzilado. Garantiu que está disposta a identificar os homens que o apanharam e denunciá-los como criminosos se Ivá não aparecer dentro de 48 horas.

PETRÓPOLIS

As investigações sigilosas procedidas pela Chefia de Polícia de Niterói já chegaram à conclusão que o bandido conhecido pelo vulgo Fanhoso (negrito) e que apareceu metralhado em Itaboraí, foi liquidado por policiais de Petrópolis. O marginal esteve prêso em Teresópolis, foi levado para Petrópolis e visto deixando a Delegacia em companhia dos policiais Milosch, Mota e Ari Mão Pelada.

Também já está identificado o policial de japona e boina pretas que matou, em Barra do Pirai, os ex-presidiários da Guanabara Jorge Eleutério Rodrigues Filho e Nilton dos Santos. Numa mesma noite, o criminoso, sôzinho, invadiu as casas de Jorge e Nilton e os matou com tiros de 45, fugindo calmamente.

Uma Delegacia da Zona Norte da Guanabara também está na mira da Polícia fluminense, pois já se sabe que dali saíram os três homens trucidados sábado de madrugada na Reta de Itaguaí. Dois dos assassinos, que deixaram um cartaz com o símbolo da caveira ao lado dos corpos, já estariam identificados.

ALERTA

Rosa Vermelha que se ? public-relations do Equadrão (sic) da Morte, disse que, em sua cruzada - a matança de bandidos - espera sensibilizar o Governo Federal para o problema da onda de crimes na Guanabara e que, enquanto não fôr tomada uma providência, êle e seus amigos continuarão matando.

-O nosso protesto é traduzido por rajadas de metralhadoras nos marginais - afirmou teatralmente. -Se o Governo não os quer ver mortos, se não quer ver uma imagem brutal do País traduzida no exterior, que providencie uma penitenciária na selva amazônica para os chamados delinqüentes irrecuperáveis. Eles continuarão vivos e nos ensarilharemos nossas armas. Até alá [sic], vingará a lei do cão. Será olho por olho, dente por dente, em defesa do povo ordeiro e trabalhador da Guanabara que não pode ficar exposto à sanha dos ladrões e assaltantes, sem confiança numa Polícia que não elucida os crimes - disse Rosa Vermelha que recomendou, ao final da conversa telefônica, muita atenção da reportagem para o fim de semana que prometeu ser mais uma vez regurgitante de sangue.

ESTACA ZERO

O Delegado José Marques, de Homicídios, disse a UH que não recebeu instruções especiais da Secretaria de Segurança para a elucidação dos crimes atribuídos ao Esquadrão da Morte nos últimos dias. Está encarregado apenas de apurar a morte de Sérgio Gordinho, ocorrida em junho passado. Sérgio Gordinho foi deixado numa estrada da Barra da Tijuca com um cartaz pregado nas costas, no qual se via o emblema da caveira e mais os dizeres: "Eu fui ladrão de automóveis". O crime continua na estaca zero.

Reportagem 2: "MATADORES CUMPRIRAM A PROMESSA SANGRENTA; ROSA VERMELHA EXECUTOU 3 NO FIM DE SEMANA", 14 de outubro de 1968

Legenda da fotografia: A vítima nº 3 do fim-de-semana tinha uma tatuagem na coxa direita, com os dizeres "Amor de Dulcinéia", um lenço branco, com a inicial A, a roupa tôda nova, um crucifixo num cordão de ouro e um anel com pedra vermelha.

Lead: Desafiando abertamente as autoridades representadas pelo Ministério Público, cujo Promotor Rodolfo Avena deu início à devassa nos crimes atribuídos ao Esquadrão da Morte, o grupo que se identifica como "Rosa Vermelha" cumpriu a promessa feita à reportagem, na última semana, fuzilando mais 3 "presumíveis marginais" nas madrugadas de sábado e domingo. Em uma das mortes, as primeiras investigações indicam claramente uma ligação entre bicheiros e policiais na execução dos crimes. Assim, juntando-se às evidências de que vários

"esquadrões da morte" estão agindo na Guanabara e no Estado do Rio, surge uma pista de que a Polícia tem aliados entre poderosos bandidos que eliminam seus concorrentes.

Lead II: Um corpo crivado de balas, abandonado ontem, de um carro em alta velocidade na altura do quilômetro 52 da antiga rodovia Rio-São Paulo, elevou para três o número de vítimas do Esquadrão da Morte, no fim de semana.

Era um rapaz prêto, de 30 anos presumíveis, abatido a tiros de 45 e pistola 7,65. Trajava terno completo, verde, nôvo, camisa esporte, amarela, camiseta branca, sapatos marrons, meias azuis e "short" riscado de vermelho, branco e azul. Ao lado do cadáver foi abandonado um carregador de pistola 45 com quatro balas intactas. O detalhe do carregador era conhecido da reportagem desde sexta-feira, quando o indivíduo, que se identifica por Rosa Vermelha, disse, pelo telefone, que abandonaria o pente em lugar do desenho com a caveira e dois ossos cruzados para que fôsse evitada a confusão que vinha sendo feita com os componentes da "Scuderie Detetive Milton Le Cocq" uma "organização pacífica e que usa um emblema com aquelas características".

Os dois outros corpos foram encontrados em São João do Meriti e em Parada de Lucas, ambos igualmente crivados de balas.

Às 1? horas de hoje, o Sr. Raul Pereira Padrão, pai de Ulisses "Morcêgo", o jovem que apareceu há 15 dias na Estrada do Catonho, em Jacarépaguá, com o cartaz da caveira ao lado do corpo, irá se encontrar no I Tribunal do Júri com o Promotor Rodolfo Avena, encarregado de apurar os crimes atribuídos ao Esquadrão da Morte. O Sr. Raul tem uma testemunha que identificará os policiais que sequestraram seu filho nas proximidades da Rua Pereira Franco, na zona boêmia.

PRIMEIRO

O primeiro crime, atribuído à Polícia, ocorreu às 6h30min de sábado, quando de um carro prêto, foram disparadas rajadas que apanharam um homem branco na Rua ?ulhões Marcial na altura do número 751, em Parada de Lucas. Agentes da 22ª DD averiguaram que se tratava de Carlos Alberto Brás, casado, de 29 anos, desempregado e sem residência fixa. Estava bem vestido, sapatos engraxados,

unhas polidas. Recebeu dois tiros na cabeça, dois nas costas e um último no braço esquerdo.

SEGUNDO

Paulo da Portela, policial de São João do Meriti, ligado ao banqueiro de bicho Arlindo Razuck é apontado como o chefe do grupo que naquela cidade, na tarde de sábado, em pleno centro, na Praça Getúlio Vargas, em frente à Padaria e Confeitaria Tisae, matou a tiros um homem prêto que trajava calça escura, blusão azul e capa de nylon cinza, do tipo usado pela PM da Guanabara. O desconhecido tinha sapatos prêtos e aparentava 35 anos. Recebeu dois tiros no tórax e um no ouvido esquerdo. O Delegado Maron e o perito Gilberto estiveram no local e arrecadaram, nas vestes da vítima, duas folhas de papel timbrado do bloco de receituário da oftalmologista Margaret Leal de Carvalho (Rua Djalma Ulrich, 183, apartamento 605), com indicações de pontos de macumba, em vermelho e prêto e os números 1.224 e 1.223. Uma ficha da empresa de ônibus Braso Lisboa Ltda., de cor vermelha e com o número 473, da GB, e um bilhete de passes de ônibus das empresa SOL, da linha Caxias-Madureira, carro nº 22. A informação de que o policial (PM fluminense) Paulo da Portela estaria entre os criminosos foi dada por um elemento que se identificou apenas como motorista de táxi. A Dra. Margaret, ouvida por UH, declarou que não tem consultório particular pois clínica apenas no INPS e no Arsenal da Marinha.

TERCEIRO

O corpo número três, de um homem prêto, bem trajado, foi deixado ontem de madrugada na altura do quilômetro 52 da antiga Rio-São Paulo, próximo à entrada do Cemitério Santa Sofia onde foram sepultados, há dez dias, os corpos dos três rapazes trucidados pelo grupo da **Rosa Vermelha**, na Reta de Itaguaí.

O desconhecido vestia terno verde, de tropical, camisa amarela, de mangas compridas, camiseta tipo "arrastão", tinha um anel de ouro com pedra vermelha no dedo anular da mão esquerda e, no pescoço, uma corrente de ouro com um crucifixo e uma figa. Nos seus bolsos foram encontrados dois lenços, um azul e um branco com a inicial A, o resultado do jogo-de-bicho de sábado, papel de vale com a importância de NCr\$ 200,00 e um pacotinho de maconha. Tinha a cabeça esfacelada a tiros que também o atingiram no tórax e nas nádegas, como nos

demais cadáveres, vítimas do grupo da Rosa Vermelha [em negrito]. O pente de pistola 45 foi propositalmente deixado ao lado do corpo. Na perna esquerda, na coxa, onde também se via uma perfuração de bala, foi encontrada uma tatuagem com os dizeres "Amor de Dulcinéia". O cadáver foi removido para o necrotério de Itagauí [sic], cujo delegado, o Sr. Nilton Calmon, também conhecido por "Mão de Ferro", declarou que tudo fará para colocar os criminosos na cadeia "porque seu município não é terreno baldio em que se despejam cadáveres às toneladas sem que nada aconteça".

VINGADOR

O Sr. Raul Pereira Padrão, pai do puxador de automóveis Ulisses "Morcêgo", cujo corpo foi encontrado metralhado na Estrada do Catonho, em Jacarepaguá, levará hoje ao Promotor Rodolfo Avena uma testemunha que estava com seu filho quando êste foi sequestrado e metido e num Volks vermelho que tinha o emblema da caveira no pára-brisas traseiro. O Sr. Raul está fazendo investigações por conta própria e já tem, inclusive, o número da placa do auto em que foi metido Ulisses, sabendo que o carro estaciona na Rua Domingos Ferreira, 236, em Copacabana.

- Consegui identificar um policial como sendo do grupo que liquidou Ulisses cuja vida sei que não posso restituir mas tudo farei para meter os seus algozes na cadeia. Meu filho foi marginal e estava regenerado. Eles o puniram pelo passado, sem qualquer consideração com o presente ou o futuro. Não temo ameaças pois estou com 61 anos e irei até o fim - declarou ainda o Sr. Raul Pereira Padrão.

Reportagem 3: "Desmantelada uma sucursal dos assassinos oficiais; ESQUADRÃO DA MORTE: CHEFE ERA UM PERITO", 22 de fevereiro de 1969

Lead: Paulo Junqueira era chamado para periciar as matanças

Da mesma maneira que está sendo feita pela Corregedoria de Justiça de São Paulo, a Polícia fluminense continua promovendo um total levantamento das atividades do chamado Esquadrão da Morte, cuja vítima, um comerciante de Belford Roxo logrou escapar vivo, apesar de alvejado e dado como morto, acabando por denunciar ao Delegado Lisis Nogueira as identidades de seus algozes, todos policiais.

Continuam prêsos em Nova Iguaçu, no 6º Batalhão da Polícia Militar de Caxia, em Belford Roxo, o perito ad hoc de Nova Iguaçu Paulo Diniz Junqueira, o cabo da PMRJ Ubira Rodrigues Ferreira e o guarda-noturno, de Duque de Caxias, Antônio Carlos de Sousa. Os três membros do Esquadrão da Morte, tão valentes por trás do anonimato já começaram a falar como papagaios e fizeram espantosas revelações, contando um rosário de crimes e incriminando inúmeros outros policiais.

Principal implicado

Paulo Diniz Junqueira - o Paulinho - é o principal implicado, pois orientou os demais no sequestro do comerciante Mario Raimundo Campos, utilizando para tanto seu próprio carro, que já teria sido empregado em outros homicídios. Paulinho era na Delegacia de Nova Iguaçu o perito que mais se destacava em contínuas corridas para locais de aparecimentos de vítimas do EM. Transpira, agora, que muitos dos assassinados passaram vivos por suas mãos horas antes para posteriormente terem seus cadáveres examinados friamente por êle, como perito, e seu veredicto não poderia ser outro: morte de autoria ignorada.

História de terror

Como não se desconhece, o Esquadrão da Morte, grupo policial punitivo que se auto-encarregou de eliminar marginais pressupostamente irrecuperáveis, foi criado na Guanabara em 1958, no antigo Serviço de Diligências Especiais. Rapidamente, espalhou-se por todo o País, tornando-se mais atuante na Baixada Fluminense, onde, segundo as últimas estatísticas, já matou mais de 300 pessoas. Há um ano, em São Paulo, o Esquadrão da Morte surgiu para vingar a morte de um detetive eliminado por um bandido em tiroteio. Mais de 30 marginais foram, por isso, liquidados.

Por diversas vêzes, os jornais apontaram policiais como autores de tais crimes, mas sempre a dúvida funcionou em favor dos acusados, até que agora, por fatalidade, uma das vítimas sobrevive e conta uma história de horror.

Segundo o comerciante Mário Raimundo Campos, tudo começou na noite do domingo de carnaval. Êle estava, por volta das 22 horas, na Praça Getúlio Vargas, em Belford Roxo, quando parou um carro a seu lado. Era um Buick verde, antigo, e dêle saltaram três elementos, que se identificaram como policiais e deram voz de prisão, embora não apresentassem justificativa para a medida. Certo de que na

delegacia tudo seria esclarecido, e pensando tratar-se de um simples equívoco, Raimundo tomou o carro, mas êste seguiu pela Rodovia Joaquim da Costa Lima, perdendo-se na noite, em direção justamente ao local conhecido como novo cemitério do Esquadrão da Morte. Raimundo confessa que sentiu um medo terrível, mas ao mesmo tempo começou a arquitetar um plano que lhe permitisse sobreviver e denunciar seus algozes.

O perito do diabo

Na altura do Monumento Rodoviário, onde sempre aparecem corpos, o carro parou. Uma arma já estava apontada para Raimundo. O cabo Ubiri empunhava uma faca-peixeira e pulou em cima do comerciante. Chegara o momento de vender caro a vida. Atracou-se com o PM e com êle rolou pelo chão. Impedindo que os dois outros assassinos fizessem uso das armas, Raimundo escapou para um capinzal e foi alvejado vêzes seguidas. Fingiu-se de morto. Ouviu quando alguém ainda gritou:

- Vamos embora que o homem está feito!

O carro arrancou, perdendo-se na noite. Raimundo, trêmulo de mêdo, sujo e rasgado, reuniu forças para fugir pelo meio do mato. Mais adiante, ganhou o asfalto da estrada e pediu uma carona, rumando para Belford Roxo, onde procurou o Delegado Lisis Nogueira a quem relatou os dramáticos momentos que vivera. Logo em seguida, vieram as confissões e prisões, que estarreceram os interrogadores. O que ainda não foi explicado foi o motivo pelo qual pegaram o comerciante, que não tem antecedentes criminais. Supõe-se, apenas que tenha sido para extorsão, seguida de morte.

Paulo Diniz Junqueira participou das seguintes perícias, em vítimas do Esquadrão da Morte: um homem branco, nas proximidades em que foi deixado como morto o comerciante Raimundo, a 27 de junho de 68; três dias depois, na Estrada de Miguel Pereira, o cadáver de um jovem branco: em Belford Roxo, no mesmo dia, o corpo de outro desconhecido, também branco: ainda no dia 30 de junho, no Bairro de Três Corações, em Nova Iguaçu, era chamado para examinar o corpo de um crioulo, crivado de balas 45; no dia 5 de outubro do mesmo ano, era convocado para periciar três corpos de uma só vez, dos marginais Elmar Flôres Viana, Luís Arnaldo Pinto e Valtenir Andrade da Silva, que foram achados metralhados, estrangulados e com o cartaz com o símbolo do Esquadrão da Morte na Reta de Itaguaí: no dia 10 de outubro, examinou o corpo de Dnilson [sic] Cláudio Brás, sobrinho do banqueiro de

bicho Natalino José do Nascimento, abandonado no quilômetro 54 da antiga Estrada Rio-São Paulo. No dia 15 de outubro periciou mais três cadáveres, dois em Caxias e um em Belford Roxo, no chamado Cemitério do Esquadrão da Morte. No dia 24 de novembro, foi convidado a periciar o corpo de um desconhecido no Jardim Marajoara, em Nova Iguaçu. No dia seguinte, estava na Estrada do Retiro Feliz, em Belford Roxo examinando o cadáver de um crioulo não identificado. Em janeiro, no primeiro dia do ano, estêve em Belford Roxo e na antiga Rodovia Rio-São Paulo: periciou mais dois corpos. No mesmo mês, nos dias 16 e 19, examinou mais corpos em Belford Roxo. Sua última tarefa oficial foi no dia 2 último, quando estêve em Belford Roxo, examinando o cadáver de um prêto.

Matança continua

Apesar da séria advertência, ao Esquadrão da Morte, que constituiu a prisão de três de seus integrantes, a organização maldita voltou a atacar. Ontem, apareceu mais um cadáver na Estrada de Japeri, no quilômetro 3. Trata-se de um homem branco, em estado de putrefação. Trajava <short> quadriculado, cheio de perfurações de balas, e tinha as mãos amarradas para trás, com uma corda de nylon.

Também em São Paulo, o EM atacou com a mesma ferocidade de sempre. Três corpos de homens não identificados, foram encontrados desde o carnaval. Uma voz ligou para os jornais dando a localização dos cadáveres. As três vítimas somaram um total de 14 perfurações de balas de calibres 38 e 43.

Reportagem 4: "'GANG DA CAVEIRA' MATOU UM HOMEM DE DOIS NOMES", 23 de julho de 1969

Lead:

Virtuosos da morte

Tiros e gritos na escuridão da rua

Um vizinho entreabriu a janela para ouvir a execução

Para a Polícia morto é um dos matadores do guarda

Mas o "bas-fond" denunciou a guerra do bicho

A caçada continua: Renatinho é o próximo

Corpo sem dono no IML

Uma caveira, duas tíbias cruzadas e a frase "entregue (r) e (n) ou será o próximo. E.M.", formavam o cartaz que cobria o rosto do homem encontrado enforcado, seviciado e crivado de balas, na confluência da Estrada Lima de Campo com a Rua do Morro, em Coelho Neto, as 6h30m de ontem.

Quando o comissário César Cavalcanti, da 22ª Delegacia Distrital, chegou ao local e descobriu o rosto do assassinado, todos os policiais que o acompanhavam gritavam numa só voz:

- É o Neguinho. Ele e o Renatinho mataram o guarda-civil Gilvandro, o China, do 29º DP, e isso aí é a Justiça do Esquadrão da Morte.

Tiros

Por volta dos 40 minutos de ontem, o local foi sacudido por tiros, gritos de dor e carros que partira às pressas, com os motores roncando firme e os pneus cantando no solo. Altivo Martins de Andrade ouviu tudo. Sem acender as luzes de casa chegou até a janela e pôde avistar vultos que se mexiam nas sombras. Logo depois contou cinco disparos.

Os carros saíram em disparada e no longe Altivo ainda pôde ouvir gargalhadas sonoras. Não mais conseguiu conciliar o sono, mas somente às 6h30m, quando o sol já estava de fora, teve coragem para sair à rua e ver o que havia acontecido. Em frente à sua casa estava estacionado o Volkswagen chapa GB 20-08-13, com a porta do lado do motorista aberta.

Cadáver

Altivo Martins de Andrade, um velho de 70 anos, aposentado, reuniu fôrças e foi até lá. Quase desmaiou ao ver um corpo estendido no banco dianteiro do carro, com a cabeça do lado de fora e, sob o rosto um papel, com uma caveira e duas tíbias desenhadas rudemente, como se o autor estivesse com pressa.

Correu o quanto pôde e, quase sem condições de falar, chegou até o Pôsto Policial de Coelho Neto, onde encontrou a RP 8-178. Contou tudo aos patrulheiros que, meio incrédulos, colocaram o velho no carro e rumaram para o local. Pelo rádio o fato foi então comunicado ao 22º Distrito.

Bandido

O comissário César Cavalcanti chegou ao local e levantou o cartaz. O corpo era de um mulato, aparentando 30 anos e que vestia um blusão amarelo, camiseta branca por baixo, calças prêtas e, ao contrário do marginal comum, usava cuecas de nylon. Os sapatos eram do tipo tênis, branco e azul.

Visível estava a marca da corda de nylon no pescoço. Na face e nos braços os sinais de sevícias. No queixo um balaço e no peito outra perfuração de bala, ambas de grosso calibre. Uma rápida vistoria no Volks mostrou que os bancos dianteiros estavam quebrados, como se alguém tivesse feito fôrça para trás. A chave estava na ignição.

Perícia

Com a chegada do perito Fiuza as coisas se esclareceram. Antes mesmo de êle iniciar os trabalhos, já se sabia quem era o morto. Dezenas de policiais lá estavam e a exclamação era sempre a mesma: é o Neguinho, o Esquadrão da Morte vingou o guarda-civil Gilvandro. Agora só falta o Renatinho.

Do lado de fora do carro o perito Fiuza encontrou cinco cápsulas calibre 45. Dentro do veículo, um projétil estava alojado junto à alavanca de câmbio. Virando o cadáver, quatro outros balaços foram localizados. Um nas nádegas, um nas costas e outro no braço esquerdo, todos de automática 45.

Identidade

No bôlso esquerdo da calça o perito encontrou um dólar de maconha, um talão do jôgo do bicho do dia 21, um patuá e uma carteira de identidade com o retrato do morto e o nome de Osvaldo Rolemberg Reis, nascido na Guanabara em 8 de setembro de 1936 e filho de Osvaldo Silva Reis.

Surgiu aí a primeira dúvida quanto à identidade do morto. É que o bandido Neguinho, no dia 11, depois de cerrado tiroteio contra policiais da 29ª e 31ª DDs, ajudado por outro marginal, Renato Fernandes da Silva, matou com dois balaços o guarda-civil Gilvandro Braga da Silva.

O nome de Neguinho, entretanto, para a Polícia é Jorge Gomes da Silva, segundo documentos por êle deixados no local da morte do policial. Para as autoridades da 22ª DD não existem dúvidas de que o morto é o matador do guarda Gilvandro,

podendo ter êle conseguido tirar uma identidade falsa, o que está sendo apurado junto ao Instituto Félix Pacheco.

Em casa

Na Rua do Morro, bem próximo ao local em que Neguinho foi encontrado morto, reside a mãe de Renatinho, caçado para morrer desde que matou o policial e fugiu com sua metralhadora, uma INA. As autoridades da 22ª DD decifram o bilhete assinado pelo Esquadrão da Morte como um aviso: ou Renatinho se entrega ou será morto.

O Volkswagen em que estava o cadáver de Neguinho não está registrado na Delegacia de Furtos de Automóveis como carro roubado. É de côr vinho, do ano de 1965, e está muito bem equipado, com rádio, toca-fitas e o que existe de mais moderno em trancas de segurança, colocadas junto à alavanca de câmbio e no volante.

Morte

Pelo relato Altivo Martins de Andrade, fica-se sabendo que morto e matadores ali chegaram por volta dos 40 minutos de ontem. Ficaram parados por mais de uma hora, conversando em voz alta, quando a testemunha ouviu rumôres de luta, débeis gritos de socorro e logo em seguida cinco disparos.

Já a perícia analisa o crime da seguinte maneira: o morto estava no banco da frente, ao lado do motorista. Por trás, alguém enlaçou seu pescoço com a corda de nylon e puxou com fôrça. O homem se debateu e foi atingido por um balaço no queixo, disparado por quem estava no banco ao seu lado. O elemento que manejava a corda agiu com extrema violência e chegou até a partir os bancos dianteiros.

Depois que o cadáver foi removido para o Instituto Médico Legal e dezenas de policiais terem afirmado ser o morto o bandido Neguinho, o Delegado Néelson Madjalane, da 29ª Distrital que comandou a caçada fracassada, para a captura dos bandidos que haviam matado seu subordinado, passou a negar ser êle o morto.

Várias versões foram ventiladas, inclusive, que o assassinado seria um banqueiro de bicho conhecido por Osvaldinho, que também negociava com maconha. Entretanto, os elementos que compõem o Esquadrão da Morte não foram vistos durante o dia de ontem na caçada movida contra Renatinho e Neguinho.

Dúvidas

Até as últimas horas perduravam dúvidas quanto à verdadeira identidade do morto. Policiais céticos e experimentados acreditavam mais num despiste para envolver o Esquadrão da Morte, outra vez, em crime praticado por bicheiros. Partiam do raciocínio de que o morto estava bem trajado e com as unhas bem cuidadas, detalhes que nunca foram observados no bandido Neginho, um produto típico dos morros da Zona Norte, o chamado "bandido pé inchado". Acreditam os "experts" que se trate, na realidade, de um despistamento bem bolado, dentro da chamada guerra do bicho. A área em que se deu o homicídio é disputada a ferro e fogo pelos bicheiros Nilton da Carlota, Cabrinha e Pirulito.

Reportagem 5 "EXECUTADO MAIS UM NA PRAÇA DO CAI-DURO", 4 de agosto de 1969

Lead: Fugindo do lugar comum de abandonar suas vítimas despidas e nas margens das estradas poucos movimentadas, o grupo da "Caveira" executou outro elemento na madrugada de sábado, deixando o cadáver numa pracinha deserta, sem iluminação, localizada no final da Avenida Teixeira de Castro, Bonsucesso, Rio, em frente ao Parque Santa Luzia, e conhecida pelos populares como a "Praça do Cai-Duro".

A nova vítima foi executada com seis tiros no tórax e um nas costelas, lado direito. Apresentava sinais de enforcamento, marcas de algemas e tinha a mão esquerda quebrada. Seis cápsulas e um projétil calibre 45 foram encontrados pelo perito Gentil, do Instituto de Criminalística. O morto é um homem pardo, de 26 anos presumíveis, trajando calça "Lee" de veludo cinza, camisa de malha verde, pulôver cinza, paletó marrom sarja, de lã, meias de espuma nylon marrom e um pé de sapato esporte, havana. Tem uma cicatriz no queixo, estava bem barbeado, meio sentado num dos bancos da pracinha, tendo sobre o corpo um cartaz bem desenhado, com a caveira e os dizeres: "Próximos: - Flávio Vilar, Mijini Vilar e Fernando C.O."

Por volta das cinco horas da madrugada de sábado, "Rosa Vermelha", o relações públicas do grupo da Caveira, ligou para a redação dos jornais anunciando que

estava novamente em ação. Disfarçando a voz, disse que os matadores eram três homens pretos e viajavam num Aero Willys branco.

Uma carteira, nº 298, do Clube de Ciências Alberto Santos Dumont, em nome de Vicente Abate, de 19 anos, branco foi encontrado a um metro do corpo, assim como um porta-notas, contendo meio dólar de maconha e três fotografias pequenas da vítima, uma das quais, no verso, tinha escrito "Carlos Alberto dos Santos - Rua Paisandu, 184, ap.202, Flamengo". O endereço não existe e ignora-se até agora, se o nome é realmente do morto.